



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

Claudiene Reis dos Santos

POR DEUS, PELA FÉ E PARA A SAÚDE

**Corpo, poder e reflexividade entre membros de uma Igreja Adventista do Sétimo Dia
(Maceió/AL)**

Maceió
2017

CLAUDIENE REIS DOS SANTOS

POR DEUS, PELA FÉ E PARA A SAÚDE

**Corpo, poder e reflexividade entre membros de uma Igreja Adventista do Sétimo Dia
(Maceió/AL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social como exigência para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, da Universidade Federal de Alagoas

Orientador: Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt (PPGAS/UFAL).

Maceió
2017

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

S237p Santos, Claudiene Reis dos.
Por Deus, pela fé e para a saúde : corpo, poder e reflexividade entre membros de uma igreja Adventista do Sétimo Dia (Maceió-AL) / Claudiene Reis dos Santos. – 2017.
165 f. : il.

Orientador: João Batista de Menezes Bittencourt.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 155-163.
Apêndice: f. 164-165.

1. Antropologia social. 2. Etnologia. 3. Igreja Adventista do Sétimo Dia – Maceió (AL). 4. Saúde – Aspectos religiosos – Igreja Adventista. I. Título.

CDU: 39:316.42



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 01 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas.

Em vinte e seis de outubro de dois mil e dezessete, às dez horas, na sala 06 do PPGS, reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado da aluna **CLAUDIENE REIS DOS SANTOS**, intitulada: *Por Deus, Pela Fé e Para a Saúde: corpo, poder e reflexividade entre membros de uma Igreja Adventista do Sétimo Dia (Maceió/AL)*.

A cerimônia de defesa pública, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: João Batista de Menezes Bittencourt - PPGAS/UFAL (orientador), Sílvia Aguiar Carneiro Martins - PPGAS/UFAL (examinadora interna) e Rosamaria Giatti Carneiro - PPGCIS/Universidade de Brasília/UNB (examinadora externa).
Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X): Aprovação com reformulações (); Reprovação ().

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:

Fazer uma revisão textual para entrega posterior.

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, Débora Allebrandt, Vice-coordenadora do PPGAS.

Maceió, 26 de outubro de 2017.

Assinaturas

João Batista de Menezes Bittencourt
Sílvia Aguiar Carneiro Martins
Rosamaria Giatti Carneiro
Débora Allebrandt

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, agradeço pelo cuidado que se dedicaram, não medindo esforços para oferecer as condições necessárias, a fim de que nossa vida pudesse sempre ser melhor.

Aos membros da igreja IASD - Benedito Bentes por permitir a minha presença dentro da congregação, colaborando para que essa pesquisa fosse concretizada. Um especial agradecimento ao Douglas, Natália e César pelas gentilezas, cooperando com sua atenção e conversas.

A todos os participantes dessa pesquisa que voluntariamente decidiram contar suas experiências, contribuindo imensamente para a construção desse trabalho. Agradeço de coração!

Ao meu orientador Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt por ter aceito essa orientação e principalmente pelas suas contribuições acadêmicas. Agradeço por ter me aberto a outras teorias e autores, bem como pela atenção dispensada sempre que preciso. Meu muito obrigada!

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas pelos bons momentos juntos, cujas lembranças quero que jamais sejam esquecidas. Um carinho especial para Regina pela sua amizade. Igualmente para Jessika, pelas horas de conversas ao telefone, pelas confidências e pela confiança. Espero que nossa amizade possa ir além dos muros da academia e se estendam pela vida inteira.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo apoio financeiro ao longo de dois anos de mestrado.

Por fim, agradeço a Deus, autor da minha vida.

DEDICATÓRIA

Para Edilson, meu pai.

“[...] - Ainda assim - disse o Espantalho -, quero um cérebro em vez de um coração; porque um tolo não saberia o que fazer com um coração se tivesse um. - Fico com o coração - respondeu o Homem de Lata. - Porque cérebro não faz ninguém feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo. ”

(Mágico de Oz)

RESUMO

A Mensagem de Saúde Adventista ou Reforma de Saúde, se fundamenta em um conceito de corpo que enfatiza a responsabilidade do indivíduo para com sua saúde de forma racional e equilibrada. Obrigando os fiéis a conter os excessos alimentares por acreditar que isso os levaria a uma vida moralmente desregrada e pouco saudável. Além disso, o conceito de santidade e pureza espiritual do crente adventista também está envolvido com suas ideias de cuidados com o corpo. Seus princípios de saúde são adotados pelos ASDs há mais de 100 (cem) anos e dos quais são extremamente orgulhosos. Entretanto, nos últimos 50 (cinquenta) anos temos observado na sociedade a hegemonia de um discurso de saúde defendido por especialistas da biomedicina, cujas práticas se assemelham bastante a Mensagem iasidiana (defende a adoção de hábitos alimentares mais naturais e de exercícios físicos), porém ambos apresentam fundamentos e objetivos distintos. Já que, o discurso de saúde apresenta um caráter mais individualista e hedonista ao passo que a dieta adventista possui finalidade religiosa. Desse modo, procura-se entender como os fiéis adventistas se adequam e dialogam com esses discursos de saúde e como isso reflete na construção da sua corporeidade. Para tanto, foi realizado um estudo etnográfico entre os meses de dezembro de 2015 até dezembro de 2016, a fim de observar o cotidiano de uma Igreja Adventista na cidade de Maceió. O objetivo é identificar as experiências que tais indivíduos têm construído sobre o corpo e como essas práticas tem atuado na formação de suas identidades, sobretudo diante dos ideais de corpo e saúde modernos. Para fundamentar as discussões dados foi necessário recorrer a Antropologia do Corpo como referencial teórico fundamental, utilizando autores como David Le Breton, Marcel Mauss, Michel Foucault e Anthony Giddens. Também é importante um conhecimento sobre a IASD, isto é, sua origem histórica, os primeiros anos de sua formação, bem como o contexto histórico em que surgiu, de modo que possa compreender os fundamentos de suas principais doutrinas. Igualmente, é vital tratar sobre o conceito de corpo adventista do ponto de vista da Antropologia para compreensão do Estilo de Vida Adventista, assim como da construção da identidade dessa denominação.

Palavras-chave: Corpo. Adventismo. Religião e Saúde

ABSTRACT

The Adventist Health Message or Health Reform is based on a body concept that emphasizes the individual's responsibility to their health in a rational and balanced manner. Forcing the faithful to restrain the excesses of food for believing that this would lead them to a morally unruly and unhealthy life. In addition, the concept of holiness and spiritual purity of the Adventist believer is also involved with his ideas of caring for the body. Their health principles have been adopted by ASDs for more than 100 years and of which they are extremely proud. However, in the last 50 (fifty) years we have observed in society the hegemony of a health discourse advocated by biomedical specialists, whose practices closely resemble the Iasidian Message (advocates the adoption of more natural eating habits and physical exercises), however both have different foundations and objectives. Since, the discourse of body and contemporary health presents a more individualistic and hedonistic character whereas the Adventist diet has religious purpose. In this way, we try to understand how the faithful Adventists adapt and dialogue with these health discourses and how it reflects in the construction of their corporeity. For that, an ethnographic study was carried out between December 2015 and December 2016, in order to observe the daily life of an Adventist Church in the city of Maceió. The goal is to identify the experiences that such individuals have built on the body and how these practices have acted in the formation of their identities, especially in the face of modern body and health ideals. In order to base the discussions, it was necessary to use Body Anthropology as a fundamental theoretical reference, using authors such as David Le Breton, Marcel Mauss, Michel Foucault and Anthony Giddens. Also important is a knowledge about the SDA, that is, its historical origin, the earliest years of its formation, as well as the historical context in which it arose, so that it can understand the foundations of its main doctrines. Equally, it is vital to address the concept of the Adventist body from the standpoint of anthropology to understand the Adventist Lifestyle, as well as the construction of the identity of that denomination.

Keywords: Body. Adventism. Religion and Health

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Guilherme Miller (1772 – 1849).....	27
Imagem 2 - Ellen Hermon White (1827 – 1915)	59
Imagem 3 - Revista Elegância, publicação evangélica voltada ao público feminino	87
Imagem 4 - Revista Vida & Saúde.....	97
Imagem 5 - Revista Vida & Saúde.....	97
Imagem 6 - Publicação da Casa Publicadora Brasileira.....	97
Imagem 7 - Cartaz de divulgação da Feira de Saúde.....	98
Imagem 8 - Cartaz de divulgação do projeto “ Mexa-se Pela vida”	99
Imagem 9 - Cartaz de divulgação do Projeto Zika (2016).....	99
Imagem 10 - Ala interna da IASD do Benedito Bentes	102
Imagem 11 - Bairro Benedito Bentes.....	112
Imagem 12 - Conjunto do Benedito Bentes (1986).....	114
Imagem 13 - Fachada da Igreja Adventista Central do Benedito Bentes.....	115
Imagem 14 - Cartaz do projeto Menos é Mais da IASD do Distrito do Benedito Bentes.....	123
Imagem 15 - Palestra de saúde com a nutricionista.....	124
Imagem 16 - Banquete que faz referência aos alimentos saudáveis que foram indicados na Semana de saúde da Igreja realizada em abril de 2016.....	124
Imagem 17 - Atividades físicas do projeto.....	126
Imagem 18 - Atividades físicas do projeto.....	126
Imagem 19 - Atividades físicas do projeto.....	126
Imagem 20 - Atividades físicas do projeto.....	126

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro - 1 Atribuições de pastores e funcionários da IASD.....	41
Tabela - 1 Ordem cronológica dos principais acontecimentos da história do adventismo no Brasil.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	A inserção de campo e algumas considerações sobre o trabalho etnográfico.....	16
1.2	Construção da metodologia e a estrutura do trabalho.....	22
2	OS PRIMEIROS ANOS: HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DO ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA.....	26
2.1	O Grande Despertamento Adventista: as origens do adventismo no contexto religioso dos Estados Unidos oitocentista.....	26
2.2	O corpo da igreja, a igreja do corpo: o refinamento organizacional de uma igreja mundial.....	36
2.3	As doutrinas iasidianas como expressão de sua identidade denominacional.....	45
1.4	“Os campos estão brancos para a ceifa”: a inserção do adventismo no Brasil e a chegada da IASD em Alagoas.....	49
3	O CAMINHO DA SANTIFICAÇÃO: O ESTILO DE VIDA ADVENTISTA.....	58
3.1	Ellen White, uma senhora vitoriana	58
3.2	O corpo e a alma: a concepção de corpo na obra whiteana.....	65
3.3	O Estilo de Vida Adventista: sobre a relação saúde e corpo.....	72
3.3.1	Vida de santificação.....	80
3.3.2	Crescimento espiritual.....	81
3.3.3	Pureza moral.....	81
3.3.4	Recreação e Mídia.....	83
3.3.5	Vestuário.....	85
3.3.6	Jóias e ornamentos.....	89
2.3.7	Sexualidade Adventista.....	90
4	CORPO, SANTIDADE E REFLEXIVIDADE: O QUE PENSAM OS ADVENTISTAS SOBRE VIDA SAUDÁVEL.....	100
4.1	Celebrando o Santo dia: o culto, o corpo e a disciplina adventista.....	100
4.1.1	Culto do Divino.....	101
4.2.	Do templo à rua: a comida, a saúde e o bairro.....	112
4.2.1	A obra de saúde adventista do sétimo dia.....	123
4.3	Corpo e reflexão: práticas corporais entre os adventistas do sétimo dia.....	132
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICE.....	165

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala na Igreja Adventistas do Sétimo Dia é comum imediatamente associá-la a defesa do vegetarianismo, visto que, constitui aspecto particular dessa confessionalidade. Trata-se da Mensagem de Saúde ou Reforma de Saúde Adventista, concebida como uma obrigação religiosa que envolve a adoção de hábitos alimentares saudáveis para manutenção e purificação do corpo. Dentro do discurso de saúde adventista, o corpo, assume um sentido importante para a ideia de salvação e pureza espiritual. Ele é o “Templo do Espírito Santo”. Logo, deve ser purificado e santificado mediante adoção de práticas adequadas, abstendo-se da ingestão de alimentos imundos conforme as recomendações bíblicas¹.

A Mensagem de Saúde Adventista fundamenta-se em um conceito de corpo, que responsabiliza o indivíduo, reforçando a ideia de santidade do grupo. Não se trata apenas de práticas que objetivam garantir a saúde física, mas também envolvem o aspecto espiritual e moral do indivíduo. Já que, entre os adventistas, entende-se que hábitos alimentares inadequados levam a um desgaste físico, afetando o corpo e a mente, consequentemente, há um enfraquecimento das faculdades mentais e morais do indivíduo, desequilibrando-o emocionalmente e moralmente. Dessa forma, abusos e ações descuidadas contra o corpo passam a ser entendidos como uma “violação da lei de Deus” e tal violação, resultaria em danos para a saúde física e moral do fiel. Para os adventistas, o resultado dos excessos de alimentação, consumo de bebidas alcoólicas e excesso de trabalho físico é o adoecimento e o enfraquecimento moral.²

Portanto, é um discurso de saúde de caráter religioso, formado por práticas e recomendações de saúde que além de tornar o corpo mais saudável visa proporcionar ao fiel maior discernimento moral, contribuindo para o aperfeiçoamento de sua santidade.

A mensagem de saúde ajuda a compor o chamado “estilo de vida adventista”, conforme estabelecido pelo cap. 21, intitulado “Conduta Cristã”, encontrado no documento oficial da IASD chamado “27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia”:

Para que o Espírito recrie em nós o caráter de nosso Senhor, só nos envolvemos naquelas coisas que produzirão em nossa vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo. Isso significa que nossas diversões e entretenimentos devem corresponder aos mais altos padrões do gosto e beleza cristãos. Embora reconheçamos diferenças culturais, nosso vestuário deve ser simples, modesto e de bom gosto, apropriado àquela cuja verdadeira beleza não consiste no adorno exterior, mas no ornamento imperecível de um espírito manso e tranquilo. Significa também que, sendo o nosso

¹ Disponível em < <http://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas/> > Acesso em 10 nov. 2016

² Reflexões desenvolvidas a partir das obras de Ellen White como Conselhos sobre Saúde e Ciência do Bem Viver

corpo o templo do Espírito Santo, devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e abster-nos dos alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que as bebidas alcoólicas, o fumo e o uso irresponsável de medicamentos e narcóticos são prejudiciais a nosso corpo, também devemos abastecer-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo, o qual deseja nossa integridade, alegria e bem-estar. (27 ENSINOS BÍBLICOS DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 366)

Trata-se, portanto, de um conjunto doutrinário em que contém prescrições e restrições alimentares e tais regras encontram-se adequadas às crenças teológicas que organizam o estilo de vida dessa confessionalidade e o seu *ethos* religioso, o qual deve ser conhecido pelo “[...] o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem.” (GEERTZ, 2008, p. 68)

Segundo o documento “27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia” a dieta alimentar ideal para o cristão é a vegetariana, a qual foi estabelecida por Deus aos homens ainda no Jardim do Éden quando, o Senhor, determinou ao primeiro homem (Adão) e a primeira mulher (Eva) consumirem “todas as ervas que produzem semente” e “toda a árvore em que dá fruto que dá semente “Servi-vos para mantimento” (Gn. 1: 29). Assim, o trabalho de ambos era lavrar e guardar a terra, produzindo seus alimentos. Para os adventistas, o consumo de carne veio com a Queda do Homem, conforme descrita em Gênesis.³ Logo, é decorrente da rebeldia humana para com Deus, ou seja, do pecado, e o resultado disso foi a corrupção e a degeneração moral, física e intelectual do homem. No entanto, eles não proíbem o consumo de carne. Recomendam apenas que sejam seguida as prescrições contidas em Levítico 11⁴.

A dieta ordenada por Deus no Jardim do Éden – a dieta vegetariana – é a melhor, mas nem sempre podemos dispor do ideal. Em tais circunstâncias, em qualquer localidade ou situação, aqueles que desejam manter a saúde em ótimo estado utilizarão o melhor alimento de que puderem dispor. (27 ENSINOS BÍBLICOS DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, 2003, p. 375)

Portanto, no adventismo, há um discurso de saúde que valoriza a santidade e pureza corporal, determinando comportamentos, condutas, modos de ser e viver aos conversos. A

³ Conforme descrito no Livro de Genesis (Gn. 3: 1- 24), quando Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden por desobediência às ordens divinas

⁴ No Levítico (Lev. 11 1:47) apresenta uma relação dos animais que são proibidos de serem consumidos e tocados. Na interpretação adventista a exclusão de certos animais como porco, por exemplo teriam sido medidas profiláticas para evitar a contaminação de microrganismo causadores de doenças. Assim na concepção adventista pedir para se afastar de animais tidos por “imundo” seria uma prova de prevenir a contaminação de doenças que podem vir desses. Embora saibam que existem animais considerados limpos que também possuem microrganismos infectocontagiosos, o que difere um do outro, segundo a doutrina adventista, seria o seu potencial de ação. Desse modo, os “impuros” teriam um potencial de infecção bem maior. (REFORMA DE SAÚDE BLOGSPOT, 2011)

Mensagem de Saúde IASD defende a adoção de hábitos mais saudáveis como a realização de exercícios físicos e alimentação saudável. São princípios adotados pelos ASDs há mais de 100 (cem) anos e dos quais são extremamente orgulhosos por seu pioneirismo. Algo que a sociedade contemporânea tem despertado nos últimos 50 (cinquenta) anos, difundindo um ideário de saúde defendido e legitimado por especialistas da biomedicina. Mas embora se assemelhem bastante a Mensagem iasidiana (defende alimentação saudável e atividade física) apresenta fundamentos e objetivos distintos. Já que, possui um caráter mais individualista e hedonista quanto aos seus fins. Tal discurso, ao mesmo tempo que se aproxima, se distancia dos valores adventistas da boa saúde, levando os fiéis a adotarem negociações e estratégias, num diálogo/relação com o discurso contemporâneo de saúde

Tais estratégias e negociações atuam na construção não somente de suas identidades corporais, mas também da identidade religiosa⁵ dos conversos e revelam uma nova forma de viver e experienciar a religiosidade no contemporâneo, a qual tem dado margem a novos itinerários religiosos, para além daqueles tradicionalmente já conhecidos.

Tal fenômeno tem sido bastante recorrente na sociedade contemporânea e evidenciado por diversos estudiosos, dentre os quais a socióloga da religião Danièle Hervieu-Léger em *O Peregrino e o Convertido*. A autora fala que na contemporaneidade, especificamente na sociedade ocidental, o processo de secularização⁶ levou a religião a dois movimentos distintos: a “individualização” e a “subjetividade” (p. 42) da crença, que por sua vez, afetaram ao mesmo

⁵ Entende-se por identidade religiosa como um sentimento de pertencimento a uma instituição e de reconhecimento social. Através dela que o indivíduo se identifica na sociedade, expressando seus valores, comportamentos e cosmovisão religiosa. Conforme aponta Gil Filho (2008, p. 83) “O desenvolvimento da identidade religiosa está condicionado a uma determinada temporalidade e espacialidade e perpassa o reconhecimento institucional da religião. Já a ideia de pertença permite um reconhecimento não necessariamente institucional da opção religiosa. A identidade religiosa refere-se a uma imagem institucional necessária e demonstra a materialidade da religião e a representação pela qual o indivíduo e o grupo se identificam. Todavia, ao destacarmos a identidade religiosa, também estamos diante de uma construção que remete à materialidade histórica, à memória coletiva, à espacialidade da própria revelação religiosa processada em determinada cultura.”

⁶ No âmbito da Sociologia da Religião diversos autores defendem a tese de que o mundo se encontra cada vez mais secularizado e a religião vem perdendo a sua força na sociedade. Em contrapartida há sociólogos como Berger (2001) que argumentam que nas últimas décadas do século XX a sociedade vem vivenciando um processo de dessecularização. Para o autor, o mundo continua tão religioso quanto em outras épocas e que a secularização é uma falsa percepção dos teóricos modernos. Berger (2001) explica que a modernidade embora tenha surtido efeitos secularizantes em algumas sociedades muito mais que em outras, também provocou o surgimento do que ele chama de “movimento de contra-secularização” que se trata de grupos religiosos que acreditam terem perdido espaço no espaço público e, por isso, tem se voltado contra a secularização. Contudo, o autor afirma que a secularização em nível individual obedece outros parâmetros distintos das verificadas no âmbito social, tendo em vista que embora as instituições tenham perdido sua força crenças e práticas religiosas ainda permanecem nas pessoas. Outras vezes é ressignificada em novas formas institucionais, impulsionadas por grande fervor religioso, tal como é o caso de grupos fundamentalistas (BERGER, 2001).

tempo a experiência, a expressão e as sociabilidades religiosas. Isto se refletiu na distorção das crenças e condutas obrigatórias, assim como na diminuição da influência das instituições sobre o comportamento dos fiéis. “Existem, em todas as religiões, os ‘crentes não-praticantes’”. Estes, inclusive, constituem, na Europa a maior parte da população que se declara ‘católica’ ou ‘protestante’. A ruptura entre a crença e a prática, constitui o primeiro índice de enfraquecimento do papel das instituições, guardiãs da regra da fé” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 42). Para a autora, na contemporaneidade, os indivíduos, dão prioridade a sua liberdade de escolha, procurando adotar para si práticas e crenças de sua preferência, dando sentidos e significados que, por vezes se afastam da doutrina tradicional.⁷ Esse “arranjo” ajudou a Hervieu-Léger (2008, p. 42) a elaborar um conceito que denominou de “bricolagem de crenças”.

Segundo a autora essa “bricolagem” que define o arranjo de crenças religiosas na contemporaneidade, encontra-se submetida ao contexto sociocultural no qual o sujeito religioso encontra-se inserido “A bricolagem se diferencia de acordo com as classes, os ambientes sociais, sexo, as gerações.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 47). Para a autora, no mundo contemporâneo a formação das identidades religiosas está submetida aos interesses, disposições e situações que as pessoas vivenciam em seu cotidiano. Hervieu-Léger (2008) afirma que os crentes modernos reivindicam o “direito de recolar”, bem como de “escolher suas crenças” (p. 47). Tal tendência é verificada até mesmo entre os religiosos mais convictos que exigem para si o direito de “buscar sua verdade pessoal”. Assim, “Pois, precisamente, as identidades religiosas não podem mais ser consideradas como identidades herdadas [...]. Os indivíduos constroem sua própria identidade socioreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais ele pode ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados.” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 64).

Outro sociólogo da religião, Lísias Negrão (2008, p. 116), discute a relação entre religião, individualidades e secularização, afirmando que “absolutismos e monopólios religiosos” não são mais compatíveis com a contemporaneidade. Embora os indivíduos ainda guardam tradições e frequentem as instituições, mas de acordo com as suas subjetividades e experiências, sem fidelidade as igrejas, tampouco identidades fixas. O autor defende que na sociedade contemporânea, os sujeitos religiosos dependem cada vez menos da regulação das religiões para dirigir sua vida espiritual, operando eles mesmos a construção dos sentidos e ultrapassando as

⁷ Para este trabalho foi adotado o conceito de religião proposto pelo sociólogo alemão Max Weber, que entende as religiões como um tipo de ação comunitária, orientada pelo sentimento do agente de pertencimento ao todo. Weber entende que a religião enquanto um sistema social com normas, regras e valores que exerce influência na vida prática dos indivíduos, moldando caráter, comportamento e visão de mundo.

normatizações e as crenças religiosas mais delimitadas, “Cada vez mais estes (micro) cosmos - de sínteses ou fragmentos nomizadores não dependem de regulações institucionais e adesões de fé e sentido unívocas e lineares, mesmo que construções independentes de sentido e fé, isto é, de religião, tomem por empréstimo elementos das tradições religiosas já existentes, numa seletiva escolha daquilo que funciona e faz sentido.” (NEGRÃO, 2008, p. 116).

Portanto, a secularização acabou levando os indivíduos religiosos a reorganizarem e adaptarem suas crenças, valores e ideias às novas realidades sociais, o que contribui para a construção de novas e diversas identidades religiosas. Essas novas formas de viver a crença implicam na construção de estratégias, bricolagens, negociações, conciliações e adequações morais. Contudo, em um estudo sobre o pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil, Negrão (2008), assevera que as trajetórias individuais da crença, duplicidades e subjetivações tem sido percebido em quase todos os grupos religiosos brasileiros, salvo os protestantes. Por sua vez, o antropólogo Pierre Sanchis (2002) afirma que todos os grupos religiosos vivem em uma constante negociação de sua identidade e valores, a qual ocorre entre o contexto sócio histórico e suas crenças fundamentais. Neste sentido, partindo de Sanchis (2002) para quem a religião está submetida as mudanças históricas é possível supor que os protestantes também sofrem com o impacto das transformações sociais e culturais experimentadas na contemporaneidade. E mais ainda, que os fiéis absorvem essas convulsões sociais, quer seja dialogando, refletindo, negociando ou as rejeitando em favor de suas crenças mais fundamentais.

Desta feita, partindo dos pressupostos acerca das novas formas de viver a religiosidade no contemporâneo é que se procura entender como grupos cristãos como os adventistas - cujo discurso de saúde está mais preocupado com virtudes religiosas – vivem sua corporeidade cotidiana, relacionando com as visões hedonistas sobre saúde na contemporaneidade. Logo, isso implica considerar como esses discursos de saúde (religioso e secular) dialogam na construção da identidade religiosa desse grupo.

A antropóloga Sonia Maluf em *Corpo e Corporalidade* (2001) afirma que na contemporaneidade os estudos antropológicos sobre o corpo embora estejam tratando de fenômenos sociais dos mais diversos, apresentam um traço em comum que é a “centralidade da experiência corporal”. Nestas novas perspectivas, o corpo/corporalidade não se reduz apenas a um objeto, reprodutor da ação social e cultural, mas sim um agente, que também produz sentidos e significados. Segundo a autora, o corpo vem sendo percebido como autônomo através do qual se produz novas subjetividades e experiências, construindo, enfim, novas identidades e novas formas de corporeidade.

Dentre os autores citados por Maluf (2001) destaca Thomas Csordas como uma das grandes novidades da Antropologia do Corpo por apresentar um novo paradigma teórico e metodológico (*embodiment*). Assim a partir de uma abordagem fenomenológica, Csordas, traz uma nova abordagem metodológica nos estudos culturais em que concebe o corpo não como objeto, mas sim como sujeito, sendo compreendido como “base existencial da cultura” (p. 102). Trata-se de um novo paradigma de corporeidade que descarta as dualidades tão comuns em no âmbito da Antropologia do Corpo como sujeito-objeto e mente-corpo e contribui para pensar sobre os termos da corporeidade. Por suas contribuições é bastante utilizado no campo de estudos que envolve corpo e religião, dentre os quais: rituais de cura, rituais de posseção, etc.⁸

Miguel Valle de Almeida (2008), ao falar sobre os estudos de corpo no contemporâneo, aponta entre seus principais representantes aqueles autores que o estudam enquanto agente. Tal como o sociólogo inglês Anthony Giddens, que defende a tese de que o corpo pode ser construído de maneira que possa exprimir as biografias auto reflexivas do sujeito. Segundo Valle de Almeida (2008), a concepção de Giddens sobre o corpo o define como um “sistema-ação” (p. 9). Uma forma de atuar e interagir na vida diária, essencial para a construção da auto identidade. Valle de Almeida (2008) afirma que em Giddens, o corpo não é apenas matéria física e biológica. Receptáculo e reprodutor do corpus social, mas é também agente, cujas ações e práticas vividas cotidianamente são importantes para a construção das narrativas auto reflexivas. “Em termos de *self* e auto identidade, Giddens presta atenção sobretudo à aparência, posturas, sensualidade e regimes do corpo. Se o corpo era um aspecto da natureza, com a invasão do corpo pelos sistemas abstratos [...], o corpo como *self* torna-se um local de interação, apropriação e reapropriação (VALLE DE ALMEIDA, 2004, p. 9).

Portanto, para Giddens, os sujeitos ocupam um papel central na formação de sua história, corpo e identidade. Para o autor, na contemporaneidade, o processo de elaboração da auto identidade constituem uma prática reflexiva e autônoma elaborada pelos próprios agentes. Tais práticas, somente podem ser produzidas em contextos em que são oferecidas às agentes escolhas possíveis. A sua noção de “reflexividade do eu”⁹ parte do princípio de que as pessoas encontram-se constantemente elaborando e reelaborando suas práticas sociais, segundo as demandas utilitárias.

⁸ Embora reconheçamos sua contribuição para os estudos sobre corpo e religião, Csordas, não será utilizado para este trabalho, visto que, sua metodologia não alcançaria os objetivos delineados para esta pesquisa.

⁹ A reflexividade na teoria giddensiana é entendida como “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 39)

Para o autor, todos os indivíduos de alguma maneira estão conscientes da importância da reflexividade para a vida social, bem como de suas consequências na construção da auto identidade. Giddens (2002), argumenta que na contemporaneidade, o *self*, é resultado de um projeto reflexivo, criado pelos próprios sujeitos. Portanto, os indivíduos não são apenas produtos de forças coercitivas das instituições, reprodutores de convenções sociais, tampouco dependente das tradições e da natureza. O indivíduo é agente fundamental na construção de sua identidade.

Diante desses novos paradigmas sobre sujeito, identidade, religião e corporeidade é que o presente trabalho objetiva estudar como os membros da IASD- Benedito Bentes vivenciam seu sagrado discurso de saúde na contemporaneidade, compreendendo que se vive em uma época em que os ideais de saúde e corpo assumem um caráter mais hedonista e individualista. Um corpo narcísico, centrado em si mesmo, cujo ideal de saúde privilegia a eterna juventude e a boa aparência. Ou seja, investigar como os adventistas conseguem viver seu ideário de saúde em uma sociedade onde as preocupações religiosas e de santidade do corpo já não fazem parte do cotidiano dos indivíduos.

1.1 A inserção de campo e algumas considerações sobre o trabalho etnográfico

Os primeiros contatos com a Igreja Adventista do Sétimo Dia ocorreram há alguns anos quando recebi em minha residência uma senhora que faz parte dessa denominação para um estudo bíblico. O objetivo era me evangelizar e talvez uma possível conversão à IASD. Consistia em “aulas”, realizadas sempre aos sábados à tarde a partir de lições bíblicas editadas em revistas produzidos pelos próprios adventistas, nas quais tratavam sobre aspectos fundamentais de sua doutrina. A proposta era que ao final das “aulas”, eu (caso quisesse), deveria me batizar para ser me tornar membro, conforme rege as normas doutrinárias dessa instituição.

Na época, pelo o menos até o estudo número 7 (sete), não fazia ideia de que se tratava de uma preparação para uma possível conversão. Contudo, a “instrutora” também não sabia que eu já era frequentadora de uma igreja¹⁰, localizada no bairro em que morava. Somente após entender os objetivos desse “método de conversão” que informei a “irmã” que não tinha interesse em fazer parte da sua denominação. Foi ao longo desses estudos, que tive os primeiros conhecimentos

¹⁰ Igreja Batista Independente é um sub-ramos dos Batistas Tradicionais, cujas origens encontram-se atrelada ao Movimento Pentecostal Batista na Suécia. Trata-se de uma igreja de orientação evangélica pentecostal que chegou ao Brasil em 1912 através da ação de missionários.

sobre a importância de uma alimentação saudável e natural para os iasidianos. Também obtive conhecimento sobre como eram interpretadas as prescrições contidas no Levítico 11, que não proíbe o consumo de carne – diga-se de passagem – mas permite somente daqueles animais classificados como “limpos” pelo texto bíblico.

Passados então alguns anos, pude retornar a Igreja Adventista localizada próximo a minha residência. Na época, já sentia o desejo de apresentar um projeto que contemplasse a relação entre corpo e religião à seleção de mestrado de Antropologia Social. Então, no local, assisti a palestra de uma nutricionista sobre a importância de uma alimentação saudável, como parte da vida religiosa para um iasidiano. A partir daí, passei a pensar em um projeto, cujo objeto trataria do discurso de corpo e saúde das igrejas evangélicas. A minha intenção era entender a construção da corporeidade religiosa, considerando as noções de corpo do mundo secular.

A inserção no campo propriamente dita ocorreu precisamente em dezembro de 2015, quando pude participar dos cultos para observação das atividades no local. Confesso que tive uma entrada discreta e poucas pessoas sabiam dos meus objetivos. Somente alguns meses depois pude falar abertamente de minhas intenções. As primeiras inserções no campo foram bastante proveitosas, uma vez que me deixei impressionar com as novidades de uma doutrina sobre a qual tinha pouco conhecimento. Já que, ao longo da minha infância e adolescência frequentei igrejas evangélicas como a Assembleia de Deus e também a Batista Independente, ambas pentecostais. Logo, carrego comigo muito da cultura pentecostal. Minha cabeça e minha visão de mundo eram muito pautadas por essa corrente do protestantismo, que dentre outros dogmas acreditam na interferência direta de Deus na vida dos fiéis. Além das manifestações do Espírito Santo e na Glossolalia¹¹. Contudo, entre os adventistas não há espaço para essas ideias, logo, me impressionei bastante com a pouca expressão emocional dos fiéis - entre os pentecostais chamamos esse fenômeno de “igreja fria”¹² – e também com as práticas e rituais bastante distintos das demais denominações, por conta das particularidades de sua doutrina. Na verdade, entre os adventistas o entendimento do que seja uma “igreja fria” passa bem longe da simples “expressão emocional” e se aproxima mais da falta de conhecimento das Escrituras.

¹¹ Glossolalia trata-se de uma prática de falar em línguas encontrada nos livros de At 2 e I Co 12; 14 que alguns cristãos a consideram um dom do Espírito Santo. É praticado ainda hoje apenas em círculos pentecostais, cujas manifestações do Espírito Santos são aspectos centrais da doutrina (ERICKSON, 2011, p. 87).

¹² “Igreja fria” é uma expressão utilizada no meio pentecostal para se referir a uma igreja sem fogo espiritual, em que os fiéis são poucos afeitos as manifestações espirituais como exorcismos, êxtases, gritos de ‘ glória, aleluia’, etc.

Assim, acreditava que pelo fato de já ter incorporado o *ethos* pentecostal em minha vida e ter intimidade com o meio evangélicos desde criança, tudo me seria bastante familiar. Os relacionamentos e a adequação ao espaço adventista seriam bem mais fáceis. Não acreditava que depois de tantos anos convivendo com pessoas desse grupo algo poderia me impressionar. Doce ilusão! O trabalho de campo me revelou bastante surpresas, que iam desde a minha ignorância com os rituais adventistas e suas doutrinas mais básicas até a própria dinâmica inscrita no cotidiano do grupo.

O primeiro dia em campo ocorreu em um domingo, no chamado “culto da família” em que estavam acontecendo um estudo bíblico sobre o Apocalipse¹³. Neste primeiro dia considerei como um “conhecimento do local”. A minha amiga que poderia me aproximar dos outros membros, infelizmente tinha saído para outra congregação adventista, localizada no conjunto Moacir Andrade. Logo, acabei ficando sozinha, confiando apenas na minha capacidade de interação. Para tanto, foi necessário recorrer a algumas estratégias como participar de todos os cultos e praticar as atividades da igreja junto com os fiéis. O objetivo era conseguir construir vínculos com os membros do grupo.

Durante a pesquisa de campo, especificamente nos primeiros meses, a relação com os interlocutores foi de distância e com muita timidez me aproximava de alguns. O objetivo era levantar informações sobre os cultos, os rituais e as formas de organização da Igreja. Todavia, aos poucos fui me aproximando deles. Embora alguns ainda me olhassem com desconfiança, pois entendiam que estavam sendo observados - o que talvez os deixassem constrangidos - outros me tratavam com absoluta indiferença. Por outro lado, alguns irmãos e irmãs ao tomarem conhecimento de meus objetivos em campo foram muito simpáticos e me apresentaram aos vegetarianos da congregação. Assim, aos poucos fui estabelecendo minha rede de contatos e melhorando as minhas relações com os fiéis.

Ao longo do tempo passei a entender que o trabalho de campo não somente exige do pesquisador conhecimento e “técnicas” específicas, mas também determinadas habilidades que certamente irão ser fundamentais para a reflexão antropológica. Tais habilidades, são impossíveis de serem apreendidas no livros, artigos, textos e aulas, mas sim no próprio campo. São as situações vivenciadas pelo antropólogo no decorrer da pesquisa que o desafiam a saber como se deve ver, o que se deve conhecer e como se deve olhar. Lhe informando qual o caminho lhe trará melhores frutos para o desenvolvimento da pesquisa.

¹³ Apocalipse é o último de livro da Bíblia e contém profecias relacionadas a respeito do juízo final, bem como de novos céus e de nova terra. (LAHAYE, 2010)

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2007) escreve que o olhar, ouvir e escrever são ações que fazem parte do trabalho do antropólogo. Trata-se de faculdades que apresentam características precisas quando bem executadas na Antropologia. Assim, o escrever passa também pelo olhar e ouvir, ou seja, nossa percepção sobre a realidade pesquisada. Portanto, o “fazer antropológico” o pensar e o escrever são práticas associadas, comprometidas como diz Cardoso de Oliveira (2007) e juntos formam um só ato cognitivo. O trabalho do ver, ouvir e escrever não é uma tarefa que o antropólogo se faz sozinho. Ela implica na relação de comunicação com os seus interlocutores, nos seus deslocamentos dentro do espaço e na proximidade que o pesquisador pode ter com os sujeitos da pesquisa. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2007).

Portanto, o trabalho de campo não é uma experiência solitária, tampouco racional e puramente objetiva. Ela implica na construção de vínculos com os seus interlocutores, bem como na experiência subjetiva do pesquisador no espaço. Já que, a etnografia engloba a presença e participação do pesquisador no campo de forma ativa e interativa. Ou seja, suas posições, atitudes e relações com os seus interlocutores, pois não se trata de uma leitura neutra acerca dos fatos, mas que envolve a postura e visão do mundo de todos envolvidos neste processo. Portanto, a Antropologia é uma disciplina, cujo trabalho envolve emoções, percepções, valores, dúvidas e também o entendimento subjetivo do etnógrafo sobre o campo.

Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998, p. 1) em um artigo que trata sobre a interioridade do antropólogo na produção etnográfica afirma que a etnografia é um método que aponta para uma “ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização [...]”. Segundo as autoras, existem toda uma geração de antropólogos que enfatizam a importância do ponto de vista de outro que deve ser compreendido a partir da interação do observador com seus interlocutores no trabalho de campo, que é a observação participante.

Dentro da etnografia o método da observação participante aparece como instrumento fundamental desde Bronislaw Malinowski, passando por Marcel Mauss e Franz Boas. Através do qual o pesquisador deve ir até à campo conviver com seus interlocutores. Imergindo cotidianamente em sua cultura, de modo a captar suas particularidades e suas práticas de vida. Uma das grandes características desse método é justamente facilitar o contato com os interlocutores.

Sobre a observação participante, Loic Wacquant (2002), em *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, afirma que uma virtude desse método é conseguir buscar informações dentro do “habitat natural” dos seus pesquisados. Já que, as atitudes expressas pelos

mesmos são mais espontâneas nesses momentos/espços do que em situações artificiais, nas quais já esperamos determinadas atitudes. O autor, vivenciou uma experiência pessoal como pugilista em guetos no bairro negro da cidade de Chicago, apreendendo as técnicas corporais dos boxeadores e submetendo-se a todos os treinamentos com rigor. Ao invés de realizar sua etnografia apenas como observador externo, Wacquant (2002), mergulhou no seu campo de pesquisa. Um tipo de observação participante que ele denominou de “participação observante”.

Wacquant (2002) desenvolveu uma experiência com o campo tão particular que o seu trabalho é uma das grandes referências da etnografia dentro das Ciências Sociais. Possibilita aos pesquisadores pensar sua ação dentro do campo. Seu envolvimento com os interlocutores, a interferência de sua prática sobre o cotidiano do grupo pesquisado, muitas vezes com visões de mundo distintas daquelas trazidas pelo pesquisador em campo

A experiência profunda em campo através da observação participante e a descrição das experiências vivenciadas no espaço são posições defendidas pela maioria dos antropólogos. Tal como Clifford Geertz, para quem a compreensão da Antropologia enquanto ciência implica em conhecer a sua prática profissional, que é a etnografia:

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa", tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Na metodologia geertziana, a etnografia é a atividade mais importante do trabalho do antropólogo, mediante ela é possível realizar a análise antropológica. É através dela que o pesquisador irá compreender uma determinada cultura. Não somente partindo de uma simples coleta de dados, mas de uma descrição profunda do fenômeno investigado. “O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. ” (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para Geertz (2008) a etnografia é uma “descrição densa” (p. 4) que consiste em um conhecimento profundo sobre um dado fenômeno, alcançando sua complexidade, a ponto de

conhecer o sentido que uma piscadela tem para determinado grupo social. Contudo, não se trata de uma prática somente observadora e descritiva. Já que, a densidade desse tipo de etnografia exige que o antropólogo faça uma interpretação do que foi observado. No entanto, Geertz (2008) explica que na Antropologia Interpretativa a análise antropológica pode soar parecida com a tarefa de um “decifrador de códigos” (p.7). Contudo, tal atividade se aproxima mais com a de um crítico literário.

Segundo o autor, na etnografia, o pesquisador deve se inserir dentro do campo, conversar com os “nativos”, de modo a conhecer o universo dos mesmos. Abrindo espaço para compreensão de sua cultura, bem como os significados, sentidos que são compartilhados entre eles. Assim, a prática da etnografia, implica em procurar manter relações com os interlocutores. Conhecer sua rotina, seus paradigmas, sua visão pessoal sobre os fenômenos e também sobre as particularidades de sua cultura.

Embora autores apontem caminhos para a realização da etnografia, Mariza Peirano, em *A Favor da Etnografia* afirma que não há como ensinar a fazer pesquisa de campo. Não há como ensinar a fazer uma etnografia, tal como são ensinados métodos em outras Ciências. Segundo Peirano (1995), a etnografia é um tipo de trabalho que depende da biografia do pesquisador e das opções teóricas que estão disponíveis. Além de ser importante considerar as situações de campo, que possivelmente irão ocorrer. Outra característica da Antropologia, segundo a autora, é que a relação teoria-pesquisa se encontra sujeita a pesquisa de campo:

[...] a despeito da confiança na excelência de sua aparelhagem conceitual, no seu método de pesquisa de campo e na sua tradição disciplinar, a antropologia não se reproduz como uma ciência normal de paradigmas estabelecidos, mas por uma determinada maneira de vincular teoria-e-pesquisa, de modo a favorecer novas descobertas. Estas ficam sujeitas à possibilidade de que a pesquisa de campo possa revelar, não ao pesquisador, mas no pesquisador, aquele resíduo incompreensível, mas potencialmente revelador, que existe entre as categorias nativas apresentadas pelos informantes e a observação do etnógrafo, inexperiente na cultura estudada e apenas familiarizado com a literatura teórico-etnográfica (PEIRANO, 1995, p. 08)

É lugar comum dizer trabalho de campo é importante dentro da Antropologia. Ainda assim, é fundamental falar de sua necessidade e sobre o quanto a experiência etnográfica é enriquecedora para a reflexão antropológica. Contudo, se reconhece que ao mesmo tempo que demonstra ser bastante enriquecedor pode ser árduo e difícil no seu desenvolvimento. A minha inserção de campo, minha familiaridade com o meio e relações com o grupo foram ações que, embora de grande valor, exigiram bastante de minha pessoa.

1.2 Construção da metodologia e a estrutura do trabalho

Os adventistas adotam um discurso sobre corpo e saúde que se encontra relacionado com a ideia de santidade e moralidade. Trata-se de uma condição fundamental para o crescimento da vida espiritual e preparação para a salvação. Por outro lado, os indivíduos na sociedade contemporânea investem em uma ideia de saúde mais individualista, hedonista, científica e secular que se aproxima ao mesmo tempo que se afasta dos princípios iasidianos de saúde. Dessa forma, procura-se questionar como os adventistas vivem seus ideais de vida saudável em meio aos discursos biomédicos que valorizam uma saúde e corpo perfeito. Ou ainda, de que forma estes discursos tem contribuído para a construção de sua identidade religiosa e construção/ressignificação de suas crenças? Como os conversos tem procurado adaptar-se as demandas utilitárias do seu cotidiano sem que isso venham atentar contra seus princípios morais e religiosos?

Para responder a esses e outros questionamentos a presente pesquisa tem por objetivo principal identificar estratégias, discursos e práticas¹⁴ corporais produzidos por membros de uma IASD em sua vida cotidiana diante do discurso de saúde secular. A intenção é verificar como esses mecanismos têm influenciado na formação/ ressignificação da corporeidade dos agentes. Trata-se, portanto, de um estudo de caráter descritivo-qualitativo que pretende compreender as percepções dos membros da IASD de um bairro de Maceió sobre saúde e corpo corporais. Para tanto, é importante verificar esse diálogo/confronto dos discursos de saúde adventista com o discurso contemporâneo de corpo.

Busca-se compreender o universo adventista e suas noções de corpo e saúde a partir de um estudo etnográfico, realizado mediante visitas a comunidade e observação participante dos cultos. Além de participar de outras atividades promovidas pela instituição. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 15 (quinze) pessoas de ambos os sexos, com idade entre 21 a 60 anos. Sendo 5 (cinco) vegetarianos e 10 (dez) não-vegetarianos. Para ampliar o universo de informações também foram elaboradas notas etnográficas de atividades recreativas junto com os membros da igreja. Ou seja, passeios, festas, encontros, bate-papos, etc. Além de análise documental de publicações denominacionais, fascículos, material literário da congregação, sites, artigos de revistas, perfis em rede social, blogs, cartazes, palestras sobre

¹⁴ Importa salientar que ao buscar identificar estratégias, discursos e práticas corporais do adventista, referimos especificamente do ponto de vista metodológico. Essa menção é importante, pois ao longo do trabalho serão apresentados autores que não estabelecem diferenciação entre discurso e prática. Tal como é o caso de Michel Foucault. Contudo, esse trabalho se aproxima mais da visão de David Le Breton, para quem discursos e práticas sobre o corpo são aspectos distintos que envolvem a corporeidade humana.

saúde, vídeos e produções cinematográficas. Portanto, todo tipo de material que se relacionasse ao universo IASD. A metodologia adotada é de fundamental importância para que, a partir da fala dos atores, se consiga identificar as práticas e produções corporais desenvolvidas pelos crentes iasidianos.

Além disso também foram utilizadas imagens que retratam o cotidiano da igreja observada, como uma espécie de extensão do texto de maneira a colaborar na construção da etnografia e na descrição da rotina da membresia. Também envolve o uso de desenhos, cartazes de projetos de saúde da IASD, capas de revista e figuras para ajudar ilustrar o texto, descrevendo ideias que as palavras não conseguem alcançar. O uso da imagem é um recurso utilizado pela Antropologia, o qual colabora imensamente para a descrição visual do grupo estudado, podendo até ser mais eficiente que as palavras

A Antropologia do Corpo a partir de autores como David Le Breton, Marcel Mauss, Michel Foucault e Anthony Giddens, será fundamental para a construção do referencial bibliográfico, tendo em vista que o seu campo de estudos são os símbolos, sentidos, valores e práticas corporais produzidos pelos grupos sociais. O marco teórico consiste em um diálogo entre as análises foucaultianas sobre poder, controle e normatização dos corpos com as ideias de Giddens sobre reflexividade, ação e auto-gestão das identidades. A intenção é entender como os adventistas vivem a relação entre norma, controle, exercido pelo discurso religioso sobre o corpo e a sua agência - entendida como uma ação individual - para pensar sobre suas escolhas e atuar conforme suas demandas utilitárias, construindo e reconstruindo suas identidades, conforme afirma a teoria giddensiana. Já para tratar sobre os adventistas (história, organização administrativa e doutrina) recorreremos a livros editados pela própria denominação, visto que publicações seculares relacionadas a esse tema são extremamente escassas. Além das obras de Ellen White¹⁵, sobretudo aqueles que tratam sobre alimentação e corpo. Também foram utilizadas pesquisas acadêmicas realizadas sobre os adventistas (teses e dissertações) como as do antropólogo Ismael Fuckner (2015) e Sandra Pacheco (2001), bem como artigos publicados por teólogo adventistas como os de Fábio Darius (2014) e Isaac Malheiros (2010); estudos do sociólogo Jose Jeremias Oliveira Filho (2004) e de Haller Elinar Stach Schunemann, especialista em história social da IASD. Todos desenvolveram trabalhos sobre o adventismo, considerados referências sobre o tema.

¹⁵ Ellen White (1827- 1915), foi uma escritora norte-americana e uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Além de ser a responsável pela elaboração e propagação da Mensagem de Saúde Adventista. Falaremos mais sobre a autora no segundo capítulo deste trabalho

A pesquisa etnográfica foi realizada em uma igreja Adventista do Sétimo Dia, localizada no Bairro do Benedito Bentes, com a intenção de descrever os rituais, cultos, palestras, projetos de saúde realizadas no local, além das práticas e posturas corporais adotadas pelos membros nesse espaço. Conforme dito anteriormente, foi utilizada como técnica de coleta de dados entrevistas do tipo semiestruturadas, por acreditar ser um instrumento/técnica que melhor se adequa aos objetivos do trabalho. As perguntas foram do tipo “abertas”, posto que, o objetivo é proporcionar ao entrevistado um ambiente que o permitisse falar abertamente de suas experiências e visões de mundo. Para identificação dos participantes foram utilizados nomes fictícios, em conformidade com as normas de ética na pesquisa que determina a preservação da identidade dos participantes, de modo a evitar que sofram algum prejuízo por conta do conteúdo da entrevista. Os locais para realização das entrevistas foram escolhidos pelos próprios entrevistados, porém, algumas vezes, foi feita na igreja. As conversas tiveram entre 20 (vinte) a 40 (quarenta) minutos e foram realizadas entre os meses de outubro de 2016 a fevereiro de 2017. Para coleta de dados de campo foi utilizado um diário, no qual foram anotadas informações referentes a descrição de rituais, contato com os membros da igreja, participação em atividades, palestras e atividades recreativas preparadas pela membresia. Além disso, foram aproveitados como fontes de pesquisas páginas da igreja IASD do Benedito Bentes, disponíveis na Web, bem como fotografias de eventos, cultos e exposições publicadas pela instituição em redes sociais.

A última etapa da pesquisa consiste na descrição de análise dados levantados durante o trabalho de campo para compreensão dos fenômenos verificados, assim como sobre discursos e práticas corporais adotados pelos adventistas em relação ao ideal de saúde secular. A intenção foi observar como tais práticas influem na construção das suas subjetividades e como os indivíduos religiosos procuram se adaptar aos discursos modernos de saúde. Desse modo, os marcadores gênero e idade serviram para classificação, recrutamento e análise da pesquisa. Também é considerado o marcador “classe social”, tendo em vista que se trata de um grupo localizado em um bairro formado por indivíduos pertencentes as classes menos abastadas da cidade. Logo, entende-se que “o fator classe social” pode incidir sobre as análises das práticas corporais adotados pelos entrevistados, bem como sobre as dietas alimentares.

A dissertação encontra-se estruturada da seguinte maneira: O primeiro capítulo consiste na discussão sobre a origem histórica e fundação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde a gênese do Movimento Millerita e seus principais personagens, ressaltando o contexto sócio religioso da sociedade dezenovista. Dando ênfase em um dos fenômenos religiosos mais importantes da época: “Grande Despertamento Adventista”, bem como no projeto missionário

dos protestantes americanos na América Latina. Além disso, também foram abordados os principais aspectos que envolve a política administrativa da IASD e as doutrinas iasidianas, que caracterizam sua identidade denominacional. Contempla também a chegada da IASD no Brasil, a qual ocorre inicialmente entre os imigrantes alemães que vivam nas regiões Sul-Sudeste do Brasil, época em que os protestantes missionários americanos estavam chegando na América Latina. As práticas de evangelização dos missionários incluíam dentre outras, a educação, pois a evangelização ocorria através da publicação de livros, revistas e bíblias. Do mesmo modo, seguiam os adventistas que aportaram em Alagoas em 1908 e utilizaram a oferta de livros e bíblias para propagação de sua mensagem no Estado.

No segundo capítulo, serão abordadas questões referentes a Mensagem de Saúde e o estilo de vida adventista, enquanto representação da identidade dessa confessionalidade e de seu ideal de santidade. Também serão contempladas discussões sobre o conceito de corpo apresentado na obra de Ellen White, destacando o protagonismo da autora para a construção das bases doutrinárias iasidianas.

No Terceiro Capítulo, a etnografia alcança maior substância com a descrição da IASD do Benedito Bentes, bem como os cultos, atividades congregacionais e cotidianas de alguns membros. Procurou-se demonstrar os hábitos alimentares do grupo, situando-os socioeconomicamente e fundamentando as discussões a partir de estudos desenvolvidos no âmbito da Antropologia da Alimentação (Henrique Carneiro e Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky). Será também apresentada a análise das entrevistas com os participantes da pesquisa, visando identificar as estratégias, discursos e práticas corporais adotadas pelos membros IASD para se adequar ao discurso de saúde da sua denominação.

As considerações finais fazem um resumo geral dos principais pontos discutidos no trabalho, e resalta as dificuldades e limitações com as quais o presente estudo se deparou. Sugere também a importância de desenvolverem mais trabalhos relacionados a área da Antropologia do Corpo entre os diversos grupos protestantes existentes nesse Estado.

2 OS PRIMEIROS ANOS: HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

O primeiro capítulo será de apresentação da Igreja Adventista, descrevendo a sua história e organização administrativa, desde os fundamentos e seus primeiros e principais personagens imersos no contexto religioso dos EUA dezenovista. Uma época de convulsões sociais e econômicas que marcaram este século e também contribuíram para o desenvolvimento de grandes reformas religiosas, das quais provém a IASD. Faço isso fazendo um paralelo com a chegada dos protestantes norte-americanos ao Brasil no século XIX, em meio aos quais estavam os adventistas que primeiro alcançaram o sul do país nas colônias alemães e através do trabalho dos missionários se expandiu para todo o território nacional até chegar em Alagoas no ano de 1908.

2.1 O grande despertar adventista: as origens do adventismo no contexto religioso dos Estados Unidos oitocentista

A origem da Igreja Adventista do Sétimo Dia encontra-se relacionada ao surgimento de um movimento religioso denominado “Movimento Millerita”, formado nos Estados Unidos durante o século XIX. Tratava-se de um grupo de religiosos composto por membros de diversas denominações protestantes que juntos aguardavam a “Segunda Volta de Cristo”. O movimento era liderado por um fazendeiro e pregador batista nascido na cidade de Nova York chamado Guilherme Miller (1772 – 1849), que durante anos se dedicou aos estudos das Escrituras. Especificamente das profecias bíblicas do Livro de Daniel. Segundo Knight (2015) no ano de 1818, Miller, consegue desenvolver uma interpretação particular de que Jesus Cristo retornaria à Terra de forma “pessoal e visível” (p. 17) para estabelecer seu Reino Eterno. Tal “Retorno”, segundo o pregador, ocorreria precisamente em 22 de outubro de 1844. Essa conclusão, levou Miller a compreender que deveria levar suas ideias ao conhecimento de toda sociedade, divulgando-as nas igrejas. (KNIGHT, 2015).

Imagem 1 - Guilherme Miller (1772 – 1849)



Fonte: Adventistas.org

Miller não era único que depositava sua confiança em um “reino milenial”. Tratava-se de uma expectativa presente entre os cristãos-protestantes nos Estado Unidos das primeiras décadas do século XIX. Segundo Douglas Knight (2015), historiador norte-americano, nesta época cristã das mais diversas denominações acreditavam no retorno de Jesus à Terra. Uma certeza que deu origem a um grande reavivamento religioso chamado de “O Grande Despertamento Adventista¹⁶”, considerado o maior da história dos EUA.

Os historiadores Richard Schwarz e Floyd Greenleaf (2009) afirmam que o grande “despertamento adventista”, tem suas origens ainda na Igreja Primitiva, quando os primeiros cristãos depositavam sua esperança no eminente retorno de Cristo. Segundo os autores, para alguns historiadores embora a crença no breve retorno de Jesus tenha contribuído imensamente para o crescimento do Cristianismo na Idade Antiga aos poucos foi sendo deixada de lado. Contudo, séculos mais tarde, especificamente no século V d.C., uma nova interpretação do “advento” feita por Agostinho de Hipona afirmava que o retorno de Cristo já teria ocorrido e seu reinado começou com a fundação da Igreja¹⁷. Todavia, surge então a Reforma Protestante

¹⁶ O Despertamento Adventista ou Grande Despertamento Adventista foi um grande reavivamento religioso ocorrido entre os cristãos-protestantes norte-americanos do século XIX e referia-se a esperança da Segunda Volta de Cristo à Terra. Em razão dessa certeza passaram a interpretar os grandes acontecimentos históricos da época como “sinais” do retorno de Cristo, tais como: o terremoto de Lisboa em 1755; os eventos da Revolução Francesa e outros (KNIGHT, 2015).

¹⁷ A fundação da Igreja para os católicos tem como base a passagem em Mateus 16:18 “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”, segundo o qual acreditam que Jesus elege o Apostolo Pedro como primeiro papa.

através da qual cresce a confiança no Segundo Advento que se desenvolve em larga escala até os nossos dias.¹⁸

Knight (2015), explica que as revoltas sociais e políticas ocorridas nesse período eram interpretadas pelos cristãos da época à luz das descrições bíblicas do “tempo do fim”¹⁹, especificamente as profecias contidas nos Livros de Daniel e Apocalipse. As crenças em relação ao cumprimento desses eventos levaram os estudantes da Bíblia até as predições reveladas em Daniel 8:14, em que diz *Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado*. De acordo com as interpretações os “2.300 tardes e manhãs”, na verdade, se referia a anos. Assim, os eruditos da época, interessados nessas profecias começaram a calcular os tais “2.300 dias” tendo por base o ano de 453 a.C, concluindo que esses se completariam em 1847²⁰. (KNIGHT, 2015; SCHWARZ e GREENLEAF, 2009).

Schwarz e Greenleaf (2009) afirmam que o interesse pelo Segundo Advento nas proporções ocorridas na primeira metade do século XIX remontam aos episódios históricos sucedidos em 1798, quando o General Louis Berthier do exército de Napoleão marchou em direção a Roma e destronou o papa Pio VI. Tal evento, fez deste dia o ponto essencial que relacionava a história secular com os acontecimentos descritos nas profecias bíblicas de Daniel 8:14²¹. “ Usando o princípio de que em profecia um dia equivale a um ano, eles interpretaram o aprisionamento do papa como a ‘ ferida mortal’ de Apocalipse 13:3, e o cumprimento da profecia dos 1.260 dias/anos de Daniel 7:25, Apocalipse 12:6; 14 e 13:5” (KNIGHT, 2015, p. 16).

¹⁸ A Esperança da Segunda volta de Cristo na Igreja Primitiva teria base para alguns na passagem contida no Livro de Atos (1:11) no qual o anjo promete o retorno de Cristo, contudo nos evangelhos de Mateus (24: 36-39) Jesus já havia anunciado a sua volta. Segundo Schwarz e Greenleaf (2009) o “ retorno de Cristo” é mencionado mais de 300 vezes pelos escritores do Novo Testamento. Mas é no Livro de Apocalipse, cuja autoria é atribuída a João que se vislumbra uma terceira vinda, mil anos depois da segunda, quando então haveria o juízo final

¹⁹ “ Tempo do fim” é uma expressão adventista utilizada para se referir ao início do preparo para a vinda do Messias e do “final dos tempos”

²⁰ Segundo Schwarz e Greenleaf (2009, p. 24) ” a datação dos 2.300 anos foi provida em 1788 por Johann Partir, pastor calvinista alemão. Evidentemente, foi Petri o primeiro a constatar a relação íntima entre a profecia messiânica das 70 semanas de Daniel 9 e os 2.300 dias de Daniel 8. Ele iniciava ambos os períodos de tempo em 453 a.C, concluindo assim, que os 2.300 dias/anos terminariam em 1847.”

²¹ Muitos protestantes da época acreditavam que os 1.260 dias se referia a 1.260 anos de supremacia papal, a qual teria terminado no século XVIII, precisamente em 1790 quando o exército napoleônico tomou Roma e destrona o Papa Pio VI, fundando a República Romana. Os religiosos dessa época tomam esse evento como marco do arrefecimento do poder da Igreja Católica e da influência do catolicismo sobre a população. (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009)

Knight (2015), afirma que as profecias de Daniel 8:14 teria despertado o interesse de estudiosos da Bíblia do mundo inteiro havendo, portanto, consenso em relação a interpretação da predição nesta época. Guilherme Miller, foi apenas mais um dos estudantes das Escrituras interessados nas predições dos 2.300 anos, o que os distanciava dos demais eram suas ideias em relação ao “ santuário” e a “ purificação” do templo. Miller, através de estudos profundos, compreendeu que as únicas coisas que poderiam representar o “santuário” seria a Igreja ou a Terra e que a “ purificação” ocorreria através do retorno de Jesus Cristo.

Assim, motivado pelas suas descobertas, Miller, passa então a propagar suas ideias, organizando o chamado Movimento Millerita, que aglutinou pessoas de diversas denominações religiosas. Tais como os batistas, metodistas, episcopais e tantos outros que acreditavam na interpretação milleritas. Schwarz e Greenleaf (2009), afirmam que em suas pregações e conferências tornou possível que o millerismo alcançasse expressão nacional, sendo conhecido em todo o país. De acordo com os autores, pessoas de toda a parte dos EUA se juntavam ao movimento, se reunindo e formando grandes acampamentos ao ar livre à espera do retorno de Cristo.

Até 1840, Miller estava praticamente sozinho, como orador público, no tema do iminente advento de Cristo. Naquele ano, repentinamente, centenas se uniram a ele na proclamação da mensagem. O que produziu essa grande mudança será mencionado no próximo capítulo. No inverno de 1839-1840, Miller pregou uma série de sermões em Exeter, New Hampshire. Ali conheceu o irmão Joshua V. Himes, que aceitou a fé naquela ocasião. A partir de então, permaneceu lado a lado com o irmão Miller como editor e ardente pregador da grande mensagem do segundo advento (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 91).

Contudo, a data prevista para o Segundo Advento passa e Cristo não retorna, o que faz muitos seguidores de Miller se decepcionarem e abandonarem o movimento. Momento este que ficou conhecido como o “Grande Desapontamento” (KNIGHT, 2015; SCHWARZ e GREENLEAF, 2009). O Grande Desapontamento foi um momento marcantes para os milleritas que se decepcionaram quando as profecias não se cumpriram. Isso levou ao abandono do movimento por diversas pessoas, restando apenas uns poucos que ainda acreditavam nas previsões de Miller. Contudo, segundo Schwarz e Greenleaf (2009), passado o período de emoções negativas o grupo (os membros que restaram) gradativamente passaram a se reorganizarem novamente e prepararam um congresso dos “ conferencistas do segundo advento, e irmãos que ainda aderem a fé original do advento” (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 82). O objetivo era se reunir na cidade de Albany em Nova York para decidir os rumos do movimento.

Esses homens acreditavam que os cálculos das profecias estavam certos, porém passaram a entender que apenas tinham compreendido mal o que deveria ocorrer na data prevista. A partir daí começaram a desenvolver novas interpretações sobre o que seria a “purificação do santuário”, descrita em Daniel 8:14. Desse modo, foram elaboradas novas releituras, mas a principal delas foi formada por um fazendeiro metodista chamado de Hiram Edson²² que após receber uma visão (segundo ele vinda dos céus) juntamente com a leitura de Hebreus 8 e 9²³, passou a compreender que o santuário a ser purificado não era a Terra, tampouco a Igreja, mas o “templo celestial”. Assim, essas novas convicções foram as bases iniciais que fomentaram a criação da IASD.

O sociólogo José Jeremias Oliveira Filho (2004) afirma que aqueles membros que ainda acreditavam nas predições de Miller permaneceram firmes. Assim, juntos, construíram os pontos fundamentais do que viria a ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os “remanescentes” do adventismo millerista passaram a concentrar suas atenções na doutrina do santuário, a explicação para “o grande desapontamento de 1844”. O santuário da profecia figura-se como idêntico ao tabernáculo construído por Moisés quando o povo de Israel vagava pelo deserto: um pátio exterior, os ofícios sendo realizados nos dois compartimentos, o “santo” e o “santíssimo”. O segundo destes compartimentos era um local todo especial, pois ali, após officiar no “santo”, penetrava uma vez ao ano o Sumo Sacerdote e efetuava “uma obra especial de expiação”. O santuário celestial equivale, agora, à existência do “novo concerto”, e, em 1844, Cristo ultrapassa as cortinas do primeiro para o segundo compartimento, o dia da expiação, iniciando um período denominado de “tempo do fim”, quando ocorre o início do preparo da vinda do Messias. Neste período, equivalente à última Igreja das profecias, a de Laodicéia, ao último cavalo, trombeta e selo, dá-se o início do “juízo investigativo”, inicialmente dos mortos; a vinda do Messias ocorrendo quando do término do “juízo dos vivos” e da divulgação da mensagem de sua vinda, no que urge a missão tornar-se comissionada, transforma-se em atividade de proselitismo com o concurso e a responsabilidade dos adeptos, a “obra” (OLIVEIRA FILHO, 2004, p. 162)

Miller e seus seguidores testemunharam uma época de grandes convulsões sociais nos EUA, tais como; o avanço da industrialização e os reavivamentos religiosos. Dentre eles, destaca-se o Grande Despertamento Adventista, considerado fundamental para formatar a identidade dos EUA enquanto uma nação cristã. Tendo em vista, que os diversos grupos

²² Hiram Edson (1806 – 1882) foi fazendeiro e membro do movimento millerista que após o Grande Desapontamento em outubro de 1844, apresentou uma melhor interpretação da profecia do Santuário e da purificação, a qual foi fundamental para a construção das bases doutrinárias da IASD, assim como da fundação da Igreja enquanto instituição. (CENTRO WHITE DE PESQUISAS, 2016)

²³ A Epístola aos Hebreus é um dos 27 livros que compõe o Novo Testamento, precisamente o de número 14. É uma carta de defesa do Cristianismo de Jesus Cristo enquanto Filho de Deus. As passagens que Hiram Edson utiliza para fundamentar novas interpretação sobre a “purificação do Santuário” refere-se aos capítulos 8 e 9 em que trata de Jesus como Sumo Sacerdote do Santuário Celestial.

religiosos desse período foram extremamente atuantes não somente na construção da cultura americana, mas também na política e na economia.

A “Era dos Grandes Avivamentos” como é chamada por historiadores como Antônio Gouvêa Mendonça (2008), é compreendida como uma resposta da religião às condições sociais da América dezoenovista. É nessa época que se populariza entre os protestantes norte-americanos a doutrina milenarista²⁴ que assentavam sua esperança em um reinado de mil anos de Jesus na Terra. Instaurando uma época de paz e bem-aventuranças. Um fervor religioso fora impulsionado pelas especulações escatológicas desse tempo, dando margem a criação de diversos grupos religiosos. Eram movimentos pacíficos, espalhados por todos os EUA, formando grandes acampamentos de pessoas que abandonavam suas vidas e suas igrejas para esperar a Segunda Volta de Cristo. A expectativa do retorno de Jesus marcou a história dos EUA na primeira metade do século XIX e foi chamada por Knight (2015) de “espírito do milênio”.

O “espírito do milênio” ou Milenarismo tomou a vida dos americanos de tal forma que abarcou não somente a vida religiosa, mas também política. Segundo Delumeau (2000), no sentido real “milenarismo” pode ser compreendido como um termo que remete a esperança de reencontrar no futuro um paraíso perdido. Trata-se de uma crença baseada na ideia de que entre tempos tenebrosos com guerras, fome pestes, até o juízo final haverá um período intermediário de mil anos de paz e bonança em que Cristo reinará.

Segundo Knight (2015), embora muitas denominações protestantes dividissem a crença sobre a Segunda Volta de Cristo e seu reino milenar haviam divergências quanto a como

²⁴ Milenarismo é uma doutrina religiosa fundada nas passagens do Apocalipse 20: 1-10 e que acredita no retorno de Cristo a Terra para um reinado de mil anos. Embora muitas denominações protestantes dividam a crença sobre a Segunda volta de Cristo e seu reino milenar há divergências relacionadas a como ocorreria a implantação desse “reinado” (ERICKSON, 2001). Lopes (2013) afirma que embora as origens do Milenarismo remontam a Igreja Primitiva, a qual mantinham uma compreensão literal e real de que Cristo voltaria para inaugurar um reinado de mil anos (portanto, pré-milenaristas). Contudo, com a conversão do Imperador Constantino e a transformação do Cristianismo como Religião oficial do Império Romano, a interpretação amilenarista de Ap. (20: 1-10) construída pelo bispo Agostinho de Hipona (354-430) passou a ser mais difundida. O que não significa afirmar que a concepção pré-milenarista tenha sido abandonada completamente, posto que, embora a interpretação amilenarista tenha perdurado durante toda a Idade Média como corrente oficial da Igreja durante esse tempo muito grupos que não estavam alinhados as ideias oficiais da Igreja Católica defenderam o pré-milenarismo. Tanto que no ano 1000 alguns líderes cristãos carismáticos chegaram a afirmar que seria o ano em que o Anticristo iria ser solto e Cristo voltaria, ocorrendo o juízo final. (LOPES, 2013). No entanto, Schwarz e Greenleaf (2009), afirmam que foi somente com a Reforma Protestante que a esperança de um reinado de mil anos de Cristo passou a ser mais difundido. No entanto, Cristo ainda não tinha vindo e os estudiosos da Bíblia nessa época começaram a pensar em outra opinião sobre o Segundo Retorno e o Milênio. Entretanto, em meados do século XVIII um clérigo inglês que tinha por nome Daniel Whitby falou sobre uma “segunda vinda” espiritual a ser seguida por mil anos, durante os quais primeiramente protestante, seguidamente por católicos, judeus e muçulmanos renunciaram ao pecado e se converteriam a Cristo e no final desse milênio Jesus voltaria de forma literal. As ideias de Whitby sobre um advento pós-milenial foi abraçada com bastante entusiasmo pelos evangélicos, dominando totalmente a escatologia protestante tanto na Inglaterra quanto nos EUA durante todo o século XIX.

ocorrerá esse “reinado”. Alguns acreditam que Cristo voltaria antes de iniciar os mil anos e tal reinado seria real e literal. Esses seriam os chamados “pré-milenaristas”, nos quais se encontrava o Movimento Millerita. Havia também os amilenaristas, que segundo Erickson, (2001) tinha uma interpretação simbólica da profecia dos mil anos. Para esses, “não haverá um período de reinado terrestre de Cristo, nem antes nem depois de sua segunda vinda. Os mil anos de Apocalipse 20:1-7 são considerados simbólicos, seja da completude do reinado de Cristo, seja da bênção do cristão no céu.” (ERICKSON, 2001, p. 13).

Além desses, havia ainda os pós-milenaristas, os quais acreditavam “[...] no retorno de Cristo após o reinado de mil anos, o qual reinará sem estar presente.” (ERICKSON, 2001, p. 155). Contudo, a doutrina mais disseminada entre os americanos era a pós-milenarista, cuja crença se firmava na ideia de que o Reino de Deus não era algo ser introduzido a partir de um apocalipse no futuro. Segundo Knight (2015), para esses, o reino, na verdade trata-se uma realidade presente. Ou seja, não se referia a um império ou domínio a partir do qual Jesus irá reinar. Mas sim, o governo de Cristo no coração dos homens.

A escatologia pós-milenarista que se difundiu entre os norte-americanos do século XIX defendia que o Reino de Deus seria construído a partir dos esforços humanos, os quais deveriam se concentrar na construção de uma sociedade mais desenvolvida e harmônica. Segundo Mendonça (2008), embora existissem diversas denominações protestantes nessa época todas se uniram em prol desse objetivo, mantendo suas características e formas que lhe eram particulares²⁵. Assim, por meio de ações sociais e evangelísticas procuraram cooperar pela reforma do mundo. Knight (2015) afirma que imbuídos desse espírito pós-milenarista, líderes sociais e religiosos, se uniram com seus recursos a fim de colaborar na construção de uma sociedade justa e próspera. Segundo o autor, embora fossem os religiosos mais ativos através de ações de filantropia, entidade, sociedade bíblicas, missionárias, mas também escolas e associações buscavam realizar a reforma. Tal reforma, era fundada na perspectiva de uma sociedade constituída por uma “população religiosa, livre, letrada, industriosa, honesta e obediente às leis” (MENDONÇA, 2008, p. 92).

A percepção de que o homem seria o agente moral e transformador para a construção dessa sociedade, segundo Mendonça (2008), provinha das próprias condições históricas e sociais dos EUA. De acordo com o autor, a teologia protestante da época, foi capaz de elaborar explicações para entender as necessidades da sociedade americana desse período. Criou uma escatologia, caracterizada por um otimismo em relação ao desenvolvimento social e

²⁵ Essa “teologia comum” tinha sido produto das convulsões religiosas da época, produto do reavivamentos religiosos e do metodismo. (MENDONÇA, 2008, p. 92)

tecnológico e pela crença de que tal desenvolvimento conduziria a sociedade para uma era de prosperidade e paz. Resultando em um contexto propício para fundação do Reino de Cristo.

Assim, o protestantismo americano do século XIX orientou-se no sentido de conduzir o pensamento cristãos a uma unidade orgânica com o ponto de vista evolucionista, com os movimentos de reconstrução social e com as esperanças de “um mundo melhor”, pensamento dominante, então, na mente humana em geral. (MENDONÇA, 2008, p. 89)

As ideias pós-milenaristas mesmo que contribuíssem bastante para o trabalho religioso, todavia, não se restringiu apenas a ela, se estendendo para a esfera política. De acordo com Delumeau (2000), na sociedade americana das primeiras décadas do século XIX, as ideologias milenaristas laicas, contribuíram imensamente para a construção da identidade americana. Igualmente nessa época, começou a surgir entre os americanos a certeza de que os EUA se tratava da nação cristã-modelo escolhida para disseminar paz, justiça e prosperidade às outras partes do mundo. Na verdade, tratava-se de uma ideia que remontava a chegada dos “pais peregrinos” no século XVII, fortemente influenciada pela teologia calvinista, mas que ganha real substância após a proclamação da Independência Americana. Segundo Mendonça (2008, p. 93) é “Durante todo o século XIX imperava a ideia de que religião e civilização estavam unidas na visão da América Cristã, e que Deus tem sempre agido através de povos escolhidos. Os de língua inglesa mais do que quaisquer outros, são obrigados a propagar as ideias cristãs e a civilização cristã”

É baseado neste pensamento que a ideia dos EUA como “Nação Redentora” (KNIGHT, 2015, p. 18) surge no contexto dezenovista:

Essa perspectiva era grandemente exaltada pela Revolução americana e por seu resultante ‘experimento’ democrático. Até mesmo americanos sem nenhum interesse religioso passaram a ter um sentido milenar no século 19 ao se vertem como parte do ‘Novo Israel de Deus’ e de uma ‘Nação Redentora’. Portanto, é nesse sentido que Ernest Tiveson pode fazer um de ‘milenarismo secular’. Apoiando essas concepções estavam as avaliações extremamente positiva da natureza humana e um conceito de perfeição infinita da humanidade que o século 19 herdou do Iluminismo.

Era uma preparação para a chegada do Milênio, que durante as primeiras décadas do século XIX alimentou as esperanças dos religiosos sobre o Segundo Advento. Para eles, o Retorno de Cristo seria precedido pelo aperfeiçoamento e avanços da sociedade organizada e pelos esforços humanos. Tal ideal de sociedade, segundo os americanos, deveria ser conduzido pelos EUA, a quem caberia a função de liderar a construção de uma civilização cristã perfeita.

Deve-se compreender o espírito do ideal de civilização cristã. Os americanos não afirmavam ter realizados ou estar prestes a realizar o Reino de Deus na Terra, mas que tinham, a duras penas, encontrado o caminho. Para muitos pensadores e pregadores, a civilização cristã apontava para o milênio [...]. O avanço da civilização, nos

princípios do progressismo, norteava-se pela vinda do Reino de Deus, aperfeiçoamento e coroação dessa civilização. A expectativa milenarista no século XIX na América era intensa e externa, embora variassem os detalhes teológicos. (MENDONÇA, 2008, p. 90-91)

Portanto, a partir da perspectiva de que o mundo deve ser cristianizado para aguardar a segunda volta de Cristo, foi constituído um empreendimento missionário criado pelos protestante norte-americanos para os continentes da América Latina, Ásia e África. O objetivo era evangelizar os “nativos”. Tal empreendimento, foi bastante estimulado pelo sentimento nacionalista dos EUA que acreditavam ser a “nação escolhida” para liderar a reforma no mundo, a partir de uma evangelização mundial. É claro que juntamente com esse interesse de “cristianizar o mundo” vinha acompanhado pelos grupos laicos de um desejo de expansão política e econômica dos americanos. Desse modo, a “empresa educacional e religiosa” (MENDONÇA, 2008, p. 95) de várias denominações protestantes foi o condutor ideal para que viabilizasse o projeto expansionista político-econômico norte-americano nos demais países do continente americano. Todavia, Mendonça (2008) afirma que no âmbito religioso os esforços dos seus empreendedores não alcançaram o êxito esperado. Por outro lado, no âmbito da educação cultura, política e economia a influência norte-americana tem sido sentida até hoje.²⁶

Delumeau (2000) afirma que ao longo do século XIX mesmo o milenarismo secular coexistiu junto com o milenarismo religioso. O qual foi difundido pela sociedade americana, sendo responsável por fundamentar a doutrina de grupos e denominações protestantes que surgiram na época. Tais como: os mórmons, as testemunhas de jeová e sobretudo os adventistas. No caso desses últimos, apresenta uma visão particular do milenarismo, a partir da qual entendiam que após a sua Segunda Vinda, os justos, reinarão com Cristo no céu que descerá à terra ao findar dos mil anos.

Karen Armstrong, em uma de suas obras intitulada *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo* (2001) afirma que diferentemente dos diversos grupos de cristãos liberais que acreditavam no pós-milenarismo, os pré-milenaristas, tinham uma visão pessimista do mundo moderno. Acreditavam que esse caminhava para a destruição. Segundo a autora, diferentemente dos pós-milenaristas, para eles a humanidade iria se tornar cada vez mais depravada e cruel e que diante de tanto sofrimento, Deus, seria obrigado a intervir, impondo terríveis maldições aos homens. No entanto, aqueles

²⁶ A discussão sobre a empresa missionária protestante e sua ação na América Latina será melhor abordada no tópico 1.3 deste capítulo, cujo tema central é a chegada do adventismo no Brasil

que permanecessem justos e fiéis seriam salvos da Grande Tribulação²⁷ e viveriam com Cristo em seu Reino implantado na Terra.

Segundo Armstrong (2001, p. 161) na escatologia pré-milenarista tanto o Arrebatamento²⁸, quanto a Tribulação eram eventos literais e reais, cujos detalhes dos acontecimentos, os pré-milenaristas, já acreditavam que conheciam.

Os pré-milenaristas imaginam o Arrebatamento em detalhes concretos e prosaicos. Estão convencidos de que aviões, carros e trens se espatifarão de repente e pilotos, motoristas e maquinistas renascerão e serão carregados pelos ares. Bolsas de valores e governo cairão. Os que ficarem compreenderão que estão condenados e que os verdadeiros crentes sempre estiveram certos

Todas essas visões foram extremamente importantes para definir o contexto religioso e sociocultural, bem como a mentalidade dos homens dos EUA nos princípios do século XIX. Um homem que assentava sua confiança no desenvolvimento social e na racionalidade para a formação de uma sociedade justa, próspera, industrializada e culta, que levaria a humanidade para uma era de bem-aventuranças. Um homem que via na mensagem cristã um instrumento eficaz para alcançar esses objetivos. Portanto, nada mais razoável, segundo eles, que tal mensagem devesse ser levada para aqueles que necessitassem. Os quais seriam as populações pobres de países da África, Ásia, e América Latina, a fim de livrá-los da exploração e da miséria, as quais estavam submetidos.

É importante salientar que os pós-milenaristas em sua maioria eram formados por cristãos liberais, pertencentes as classes médias e altas. Eram pessoas, cujas condições socioeconômicas facilitavam o acesso aos benefícios que a modernidade produzira. Diversamente dos pré-milenaristas que pertenciam a classe mais pauperizadas e formadas por pessoas de pouca educação formal. Logo, não dispunham recursos para usufruir das benesses sociais. Daí, talvez, alguns historiadores e teólogos defendam a tese de que o pré-milenarismo, na verdade, seria uma visão pessimista dos protestantes sobre a Modernidade.

O pré-milenarismo foi fundamental para fornecer as bases da doutrina adventista sobre o Segundo Advento, bem como por desconfiar da ideia de aperfeiçoamento humano a partir do

²⁷ A Grande Tribulação refere-se a uma doutrina cristã mencionada em Mateus 24:21 que trata de um período sem paralelo de grande angústia e inquietação que a humanidade sofrerá após a Segunda Volta de Cristo. (ERICKSON, 2001)

²⁸ Arrebatamento é uma doutrina cristã que passou a ser grandemente difundida durante o Grande Despertar Adventista nos EUA do século 19 entre os pré-milenaristas e se fundamenta na crença de que Cristo voltará antes dos mil anos e levará a igreja para estar com ele, enquanto aqueles que ficarem sofrerão os horrores da Grande Tribulação. De acordo com a visão mais difundida, Cristo, removerá a igreja do mundo para que os eleitos sejam poupados da Tribulação que há de vir (ERICKSON, 2001).

desenvolvimento social. Para os adventistas, todas as notícias de guerras e tragédias não evidenciam uma evolução humana, mas sim a sua depravação moral. Fruto da Queda do Homem desde o Éden e cuja solução estaria nas mãos de Deus. Precisamente na sua Segunda Volta. É essa visão pessimista sobre o homem e o futuro da humanidade que alimenta a escatologia e a expansão missionária do adventismo do sétimo dia pela América Latina e todo o mundo.

2.2 O corpo da igreja, a igreja do corpo: o refinamento organizacional de uma igreja mundial

A organização denominacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia somente começou a ocorrer em maio de 1863 nos Estados Unidos, com a inauguração da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia²⁹. Tendo como personagens centrais para a definição de sua identidade três importantes personalidades: Ellen White, James White e Joseph Bates. Embora a organização formal da IASD somente tivesse ocorrido em 1863 Schunemann (2003), informa que já nesta época a doutrina adventista estava basicamente constituída.

A ênfase da IASD foi dada para àquelas doutrinas consideradas como distintivas do adventismo do sétimo dia, que confirmariam o surgimento da IASD como um movimento profetizado para o surgimento no tempo do fim. As doutrinas que a IASD aprecia destacar como suas marcas distintivas são: o juízo investigativo (começado por Jesus Cristo em 1844 que termina um pouco antes da volta de Cristo à Terra), o milênio (um período em que a Terra fica desolada), o sábado (como sinal da adoração verdadeira a Deus), o estado de inconsciência dos mortos e Ellen White (como profetiza da Igreja Remanescente, o Espírito de Profecia) (SCHUNEMANN, 2003, p. 28).

Segundo Oliveira Filho (2004) a organização burocrática da IASD somente ocorreu por volta de 1901, tendo a Sra. Ellen White como uma das principais personalidades adventista a frente de sua instituição. White, foi responsável por fornecer as bases para a formação político-administrativa da IASD, que segue o modelo de “associação comissionada”. Tal modelo, se caracteriza pela centralização do poder e autoridade em uma sede mundial, sob a qual todas as igrejas locais encontram-se submetidas.

²⁹ Informações apresentadas no site Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Disponível em: < <http://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>> Acesso em 11 nov. 2016

É durante esse processo que surgiu o nome “Adventista do Sétimo Dia”, cujas palavras carregam implicitamente as crenças dessa confessionalidade. Logo, na palavra “adventista” remeteria ao advento, isto é, a segunda vinda de Cristo à terra. Já “sétimo dia” por sua vez, é uma referência ao sábado que, conforme determinado Dez Mandamentos, é um dia de descanso concedido por Deus ao homem. Desse modo, os dois termos refletem a missão e a identidade da denominação que é anunciar a Segunda Volta de Cristo.³⁰

Segundo informações disponibilizadas no Site Oficial da instituição foi em outubro de 1860 em Battle Creek, cidade do Estado de Michigan, EUA, onde os primeiros adventistas foram forçados pelas circunstâncias em que viviam a escolher um nome.³¹ Desde o início de sua formação a IASD sempre foi obrigada a se preocupar com a sua organização burocrática e sua estrutura administrativa.

E foi assim que 25 delegados se reuniram num dia de outono em uma cidade próspera de Michigan, para abordar a questão da adoção de um nome. Depois de uns dias de discussão — tendo abandonado outras denominações, os delegados estavam hesitantes de formar outra organização — o nome Adventista do Sétimo Dia foi sugerido por um homem chamado David Hewitt, conhecido como o “homem mais honesto” em Battle Creek. Seguiu-se uma longa discussão, mas o nome foi votado favoravelmente 24-1 (ADVENTISTAS. ORG, 2016, p. 1).

Em relação a organização político-administrativa, o Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2010) afirma que a IASD adota uma forma de governo representativa em que os membros individuais elegem os representantes. Tais eleições, ocorreriam em cada nível da organização

Assim, a organização da IASD atualmente encontra-se estabelecida dessa forma³²:

1. Igreja local - é um conjunto de membros individuais em uma localidade específica, tal como um bairro.
2. Distrito - é um grupo de igrejas em uma região geográfica específica, cujas organizações são dirigidas por um único pastor. O bairro do Benedito

³⁰ “Sobre o nome”. Disponível em: < <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/sobre-o-nome/> > Acesso em 11 nov. 2016.

³¹ “Sobre o nome”. Disponível em: < <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/sobre-o-nome/> > Acesso em 11 nov. 2016.

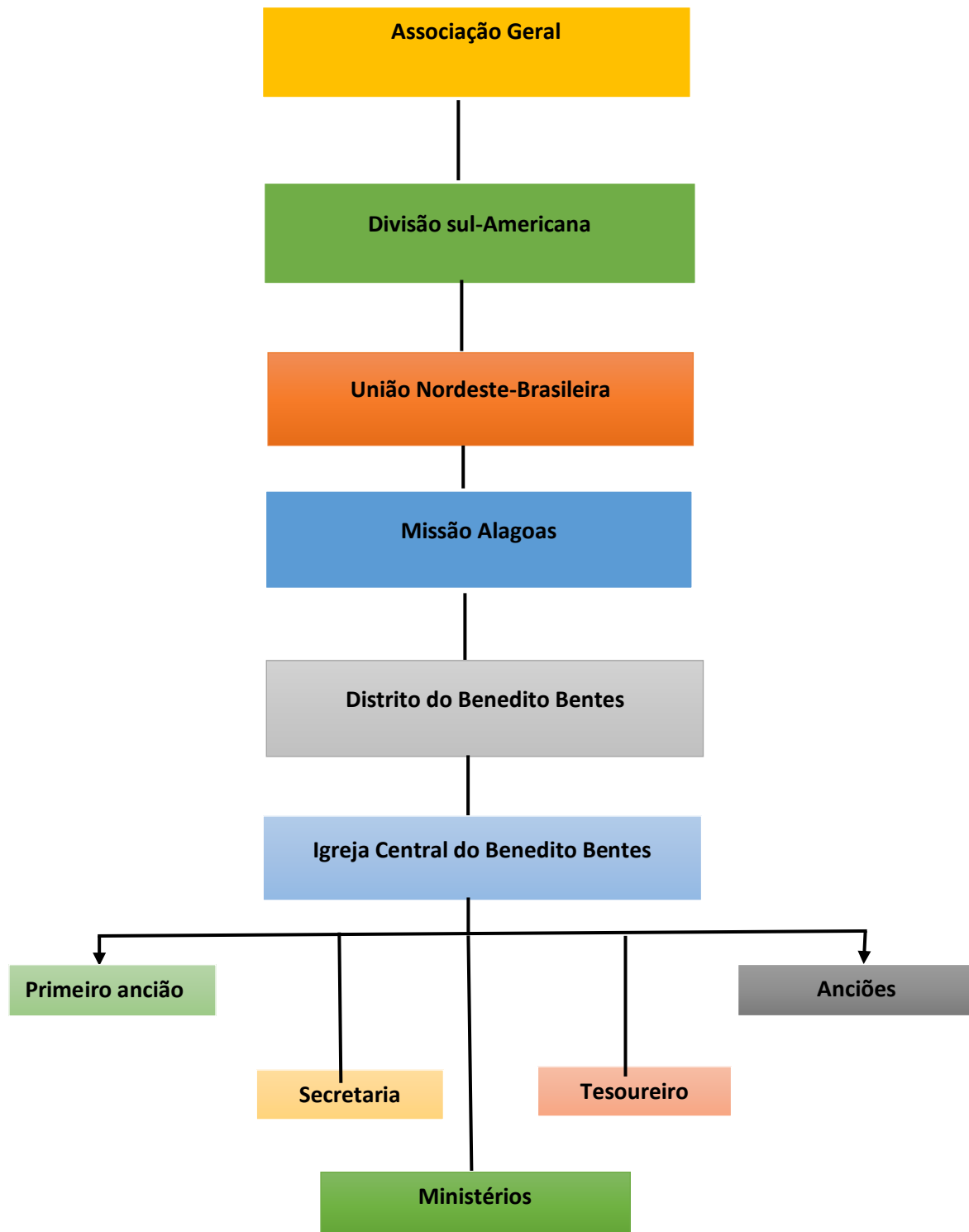
³² Informações retiradas do Manual da IASD (2010)

Bentes³³ é um distrito formado por 14 igrejas adventistas e composto por cerca de 1000 membros, cuja direção está sob a direção de um único ministro.

3. Missão Local – a missão refere-se a um grupo de igrejas locais e/ou distritos localizadas em uma determinada área de maior abrangência. Aqui no Brasil a divisão das missões ficou estabelecida em estados. Assim há a Missão Alagoas, Missão Pernambuco, Missão São Paulo e assim sucessivamente.
4. União das Igrejas – é um corpo de associações, missões ou campo responsável por atuar em uma área geográfica de maior abrangência em relação as missões. Aqui no Brasil elas se encontram divididas em regiões, agrupando os estados e municípios como: a União Noroeste Brasileira, União Norte Brasileira, União Nordeste Brasileira, União Leste Brasileira, União Sudeste Brasileira, União Centro-Oeste Brasileira, União Central Brasileira e União Sul Brasileira.
5. Divisão – refere-se as sessões formadas pelas Uniões que possuem responsabilidades administrativas sobre as mesmas. Apresentam maior abrangência geográfica em relação as uniões, missões e distritos, pois tem caráter continental
6. Associação Geral - é a sede geral da IASD que representa a autoridade mundial da denominação, cuja sede fica localizada na cidade de Silver Springs, Maryland, EUA, sob a direção do Pastor Ted Wilson. É preciso salientar que de acordo com o Manual IASD sua autoridade não implica liderança teológica, mas administrativa.

³³ Falaremos melhor sobre o bairro Benedito Bentes no capítulo III dessa pesquisa

Para melhor representar seu sistema de organização, apresentamos abaixo o organograma da IASD³⁴



³⁴ Este organograma foi baseado no modelo disponível em: <<http://cantinhodaunidade.com.br/organograma-para-a-classe-de-guia/>> Acesso em 23 fev. 2017.

Os adventistas afirmam que a organização da igreja, bem como suas normas e práticas estão fundamentadas em princípios da Bíblia. Reconhecida como a Palavra de Deus e única autoridade de fé e prática. Também está submetida ao “Espírito de Profecia”, sob a pessoa de Ellen G. White e sua autoridade profética. O *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (2010) compara a organização da igreja com o corpo que para continuar vivo depende que suas partes funcionem adequadamente. Neste sentido, na percepção adventista, um corpo espiritual saudável é aquele funcionando todas as partes devem cumprir as suas obrigações que foram atribuídas por Deus. E para o desenvolvimento desse “corpo saudável” é importante que sua função de levar o evangelho para todo mundo seja cumprida. Os adventistas acreditam que o crescimento de sua igreja depende bastante da união desse corpo (MANUAL IASD, 2010).

No Cristianismo, a igreja, é entendida como um corpo em que cada membro desempenha uma função necessária para manutenção da mesma. É uma ideia que remonta os tempos da Igreja Primitiva, quando as primeiras comunidades cristãs passaram a ser formadas. Na verdade, tal relação foi cunhada pelo Apóstolo Paulo nas Cartas aos Coríntios (12: 12-27)³⁵ em que fala da importância dos discípulos, seus dons e talentos para o trabalho da igreja.

Explicando melhor a metáfora do corpo das cartas paulinas, Dunn (2009, p.200), afirma que:

O corpo de Cristo era para Paulo uma comunidade carismática. As funções do corpo são precisamente os carismata do Espírito (Rm. 12:4). Os membros do corpo são precisamente os crentes individuais como carismáticos, isto é, funcionando com os membros do corpo, manifestando dons espirituais particulares, falando alguma palavra ou ocupados em alguma atividade que expressa o Espírito da Comunidade e serve à sua vida cotidiana (Rm. 12: 4-8); 1Cor. 12: 4-7; 14-26). [...] Cada um é membro do corpo somente na medida em que o Espírito se consolida dentro da comunidade corpórea pela manifestação da graça por meio dele.

A forma de organização da IASD, portanto, remonta ao modelo neotestamentário, logo não significa apenas garantir que o evangelho seja pregado, mas também garantir o cuidado de todos aqueles que aceitam a mensagem e também se sintam à vontade na comunidade. (MANUAL, IASD, 2010). Portanto, isso exige uma organização da Igreja de acordo com as suas necessidades, pois “assim como os Apóstolos que com a expansão do Cristianismo pela Ásia necessitou constituir um conselho, bem como um corpo de diáconos (Atos 6:2-4; 8:14) e a disseminação da obra pelo Império Romano (Gal.1:2), a Igreja Adventista, afirma que precisou se organizar para levar adiante sua missão evangelizadora.” (MANUAL DA IASD, 2010, p. 29).

³⁵ Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. [...] Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.

Segundo o Manual da IASD (2010), foi diante do grande crescimento da Igreja por todo o mundo, se fez necessária o desenvolvimento de uma estrutura administrativa que contemplasse as necessidades da denominação. De forma a evitar que a missão da instituição de levar o evangelho pudesse ser alcançada com êxito. “A organização era indispensável para prover a manutenção do ministério, para levar a obra a novos campos, para proteger dos membros indignos tanto as igrejas como o ministério, para a conservação das propriedades da Igreja, para a publicação da verdade pela imprensa e para muitos outros fins. ” – *Testemunhos para Ministros*, p.26 (apud MANUAL DA IASD, 2010, p. 29).

Atualmente, Igreja Adventista Mundial possui cerca de 18.000.000,00 milhões de membros e atua em vários segmentos sociais. Tais como o campo educacional (cerca de 7.804 mil) espalhadas pelo o mundo inteiro, compreendendo escolas primárias, secundárias e até universidades. Também conta com pelo o menos 61 editoras gráficas, 790 hospitais, clínicas e orfanatos; 18 indústrias de alimentos; 65 centros de produção de mídia. Além disso, possui projetos sociais em diversas regiões do mundo que recebem recursos da Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, órgão pertencente a IASD mundial.³⁶

Para o cuidado das obras da Igreja são designados pastores e outros funcionários que os adventistas acreditam serem preparados por Deus. Devem aplicar seus dons e talentos para a disseminação do evangelho que é a missão principal da IASD, os quais devem estar em constante aperfeiçoamento, a fim de que a “obra do Senhor” prospere e que a salvação possa chegar a todos.

Abaixo a Tabela 1 apresenta as principais atribuições dos pastores e outros funcionários da Igreja:

Quadro 1 - Atribuições de pastores e funcionários da IASD

Cargo	Atribuições
Presidente da associação	Deve possuir boa experiência e reputação. É o primeiro ancião de todas as igrejas e suas atribuições consistem em supervisionar todas as igrejas. Também tem acesso a todas as igrejas, seus registros, serviços. Deve participar de reuniões administrativas e conselhos. Pode presidir qualquer reunião da igreja
Diretores departamentais da associação	São responsáveis pelo trabalho desenvolvido pela IASD. Está submetido ao Pastor da Associação e ao Conselho da Associação. Para desenvolverem seu trabalho de forma eficiente devem ter acesso direito as igrejas. Não possuem autoridade administrativa ou executiva, pois seu trabalho é consultivo
Pastores ordenados	São nomeados pelo Conselho da Associação para atuarem como dirigentes distritais. Não possuem poderes administrativos, tal como o presidente, mas devem cooperar com ele, executando planos e suas ordenações.

³⁶ Informações disponibilizadas no site Adventistas.org

	Está qualificado para dirigir ritos e cerimônias. Deve ser o dirigente e conselheiros espiritual da congregação. Deve instruir os oficiais nos seus deveres e fazer planos e atividades para toda a igreja
Ministros Licenciados	Tem autorização para pregar, envolverem-se no trabalho de evangelismo, missionário, bem como colaborar nas atividades da igreja
Instrutores bíblicos	Atua em trabalhos evangelísticos ou em congregações locais sob a direção do evangelista ou do pastor
Anciões	São dirigentes religiosas da igreja local cuja investidura do cargo exige boa reputação na igreja e na comunidade, que atuam na ausência do Pastor. Também devem saber dirigir os serviços religiosos e podem ministrar a palavra, quando o pastor estiver ausente. Para atuar no cargo é preciso que sejam eleitos pelos membros da igreja.
Primeiro ancião	Em igrejas que sejam escolhido mais de um ancião é importante que sejam escolhidos aquele que será o “primeiro ancião”, que é o responsável pela igreja na ausência do Pastor
Diretores da igreja	Em caso de não haver ninguém para servir como ancião, a igreja, deverá escolher um membro para atuar no cargo de “diretor da igreja”. Será o responsável pelos serviços da igreja, bem como de reuniões administrativas. Contudo, não poderá dirigir determinados ritos da instituição como batismo, Santa Ceia, casamento e nem presidir reuniões administrativas
Diáconos	A investidura do cargo ocorre a partir de nomeação e não de eleição. Atua para realizar serviços da igreja dando suporte ao trabalho do pastor e dos anciãos.
Diaconisas	São escolhidas pela congregação e tem diversas atribuições dentro da igreja como saudar os visitantes, ajudar nos batismos, fazer orações, recolher ofertas, cuidado dos doentes e dos pobres; cuidado e manutenção do patrimônio da igreja.
Secretario	Tem a responsabilidade pelos registros da igreja, documentação dos membros e elaboração de atas e relatórios das reuniões.
Tesoureiro	Responsável pelas finanças da igreja e pelo patrimônio

Fonte: Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2010, p. 77- 122)

Segundo Schunemann (2001), enquanto organização religiosa, a IASD exerce um controle rigoroso sobre símbolos e ideias relacionados a sua imagem. A estrutura administrativa da IASD é bastante centralizadora, hierárquica, departamentalizada e de dominância majoritariamente masculina. Encontra-se distribuídas em igrejas a partir de regiões distritais. Aqui no Brasil as mulheres não podem ocupar cargos oficiais como de pastor e de anciões, contudo, podem ser evangelistas e missionárias. Além disso, podem atuar como dirigentes de ministérios, pregadoras, professoras e nos trabalhos sociais realizados pela igreja na comunidade. Porém, há divisões (outros países e continentes) que mantêm mulheres como dirigentes e também ordenam pastoras como é o caso da Divisão Norte-Americana.³⁷

³⁷ A divisão norte-americana apesar de ter aprovado a ordenação de pastoras, bem como ter eleito para presidente da Associação da Califórnia uma mulher chamada Sandra Roberts, tal ordenação não é reconhecida pela Sede

A respeito da ordenação de pastoras em igrejas evangélicas, a antropóloga Maria das Dores Machado (2005), em uma pesquisa realizada sobre representações e relações de gênero no ambiente pentecostal afirma que a ordenança de mulheres, geralmente ocorrem por competição religiosa e reduzido número de homens dentro das igrejas. Ou ainda, os laços matrimoniais. Isto é, quando as pastoras são casadas com homens que ocupam cargos hierárquicos superiores, mas dificilmente tem sido motivada por pressões femininas.

Contudo, a partir de uma pesquisa realizada no acervo da Revista Adventista, identificamos que as discussões relacionadas a ordenanças de mulheres para os cargos de liderança oficial, somente aparecem entre os adventistas por volta da década de 80³⁸. Na edição de março de 1987, um editorial que contempla tais discussões teria sido motivado pelas pressões das próprias adventistas sobre o tema. O que, claro, foi veementemente condenada pelo autor do texto, conforme suas próprias palavras “Dessa maneira, erroneamente, as mulheres estão sendo levadas a pretender a ordenação sacerdotal, porque nenhuma outra forma de ministério significativo lhes parece aceitável. Essa situação repreensível deve ser corrigida, não por favorecer a ordenação de mulheres, mas, ao contrário, por reaver a visão bíblica da Igreja” (REVISTA ADVENTISTA, 1987, p.7). Todavia, no ano de 2015 foi realizada uma convenção geral das IASDs para discutir sobre a ordenação de pastoras que manteve a posição tal como está. Porém, conforme dito anteriormente há IASDs pelo mundo que tem ordenado pastoras. No Brasil, permanece a tradição de ordenar apenas homens para cargos oficiais.

Questionando os adventistas sobre o lugar da mulher dentro da igreja, algumas delas, apresentaram objeções em relação a representação feminina em cargos oficiais:

Eu acho correto. Eu não concordo com uma mulher ser pastora ou anciã. Eu não acho correto porque Deus deu... Eu não sei dizer a palavra correta... Deus deixou para eles (os homens) esse sacerdócio. O homem é para casa, manter a casa, organizar a casa. É o esteio da casa. Está entendendo? Então eu acho correto o homem ficar à frente disso, entendeu? Acho que homem é quem tem que liderar. Mulher pode fazer outros tipos de... como é que diz (pausa) cargos, de liderança. Mas isso aí (ser pastor ou ancião) é do homem. ” (SUZANA, 41 anos)³⁹

Mundial da IASD, sob a pessoa do Pastor Ted Wilson, afirmando que a Califórnia não tem autoridade para isso. Informações disponibilizadas pelo site <http://www.adventistas.ws/>

³⁸ Coincidentemente esta pressão das adventistas para serem ordenadas pastoras ocorre numa época em que a luta pelos direitos civis de grupos como feministas e negros estavam a toda força nos EUA. Provavelmente as manifestações das iasidianas teriam sido reflexo desse contexto social de lutas políticas. Sarti (1998) afirma desde os anos 50 e 60 o movimento feminista vinha ganhando bastante expressividade no âmbito internacional, embora somente venha eclodir no Brasil na década de 70 durante a ditadura militar. O Movimento Feminista que eclodiu na Europa e EUA, gerou fortes repercussões, contribuiu para questionar os padrões tradicionais de homem e mulher, bem como valores familiares patriarcais. Tudo isso somado ao avanço da presença feminina no mercado de trabalho e no sistema educacional, lhe permitiu maiores oportunidades sociais para as mulheres.

³⁹ SUZANA, tem 41 anos de idade. É adventista desde os 15 anos

Contudo, as opiniões mais radicais foram observadas em pessoas com idade mais avançada, ao passo que os mais jovens se mostraram mais abertos à presença de mulheres no cargo de pastoras:

É mais assim. (Respira fundo) é com relação a pastor e ancião. Eu não vejo problema nenhum. Até porque hoje em dia as mulheres são mais independentes, mas o papel fundamental da mulher é cuidar do lar. Né?!” (GEISY, 21 anos)⁴⁰

De acordo com o que eu vejo na Bíblia só vejo os homens no cargo de maior liderança, mas também existia mulher na Bíblia que profetiza, que liderava o culto. Debora, por exemplo, sabe Debora? [...] ela era profetiza. Ela era que mandava o povo ir para a guerra. Eu não vejo nada demais, mas a mulher tem papel fundamental na Igreja. A gente não pode esquecer isso. Não tem problema a mulher ser pastora, mas também tem oportunidade na igreja. (JOSIMAR, 26 anos)⁴¹

Talvez, o fato dos jovens serem mais tolerantes a presença de mulheres em cargos de liderança dentro das igrejas seja um reflexo do próprio contexto histórico em que estamos vivendo. Já que, se trata de uma geração formada numa época em que as mulheres têm ocupado maiores espaços de poder na sociedade. Portanto, tem convivido abertamente com essas mudanças. Talvez, por isso, apresentem menos resistência do que as gerações anteriores. Embora ainda considerem que o papel fundamental da mulher é no cuidado do lar e na criação dos filhos. O que revela que eles fazem concessões em relação a essas questões ao mesmo tempo que não deixa de privilegiar a visão da instituição sobre a função da mulher dentro da família.

Portanto, a situação imposta às mulheres no interior das igrejas demonstra ser bastante imprecisa, na medida em que são comprovadamente relevantes na execução dos trabalhos eclesiais e muitas vezes, até reconhecidas por seu desempenho em ministérios, mas sua atuação é limitada pela autoridade masculina. Valeria Vilhena (2016), teóloga feminista em sua tese de doutoramento, intitulada *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940)* afirma que a posição feminina nas igrejas evangélicas é de subalternidade, por não ter acesso aos cargos da alta hierarquia evangélica. No entanto, o poder e autoridade nem sempre pode ser representada em funções ou cargos, entidade ou pessoa, mas está em toda a parte.

O sociólogo Roberto Dutra (2016) em um ensaio para o Jornal *El País*, sob o título *A esquerda e os evangélicos: o que aprender com a vitória de Crivella*, publicado em dezembro de 2016, sugere aos etnógrafos que se voltem as igrejas evangélicas com “disposição afetiva e

⁴⁰ GEISY, tem 21 anos de idade. É adventista desde os 5 anos de idade (Ver Capítulo 3)

⁴¹ JOSIMAR tem 26 anos e é adventista já faz três anos. (Ver Capítulo 3)

cognitiva”. O objetivo seria buscar compreender os espaços de poder das mulheres dentro dessas congregações. Para o autor, é fundamental compreender tais atuações a partir da visão delas. Para Dutra (2016), é preciso que antes os antropólogos e feministas revisem o significado da expressão “empoderamento feminino”. De acordo com o autor, as igrejas são percebidas pelas mulheres como espaço de poder e ação em que elas podem exercer seu protagonismo individual. Embora não lhes seja permitida atuar no pastorado ou presbitério, o trabalho delas como ministras, dirigentes, professoras e líderes podem significar, sobretudo, às mulheres de classes pobres, reconhecimento social na sua comunidade e até “empoderamento” individual.

Portanto, as igrejas podem oferecer as mulheres espaços de poder a partir da atuação das mesmas em ministérios, na educação. Ou ainda, alguma forma de liderança sem necessariamente ocuparem cargos de comando oficial. São espaços que expandem as possibilidades de ação das mulheres dentro de suas comunidades, onde tem a oportunidade de exercer suas capacidades e habilidades, obtendo reconhecimento por isso. É uma espécie de “empoderamento” para além da imagem de piedosa religiosa que marcaram a imagem da mulher no âmbito das igrejas.

2. 3 As doutrinas iasidianas como expressão de sua identidade denominacional

Isaac Malheiros (2016) afirma ser possível considerar a IASD teologicamente conservadora, pré-milenarista e diferentemente do que tem sido comum pensar, os adventistas, não podem ser considerados fundamentalistas em seu sentido estrito⁴². Segundo o autor, embora a IASD tenha se desenvolvido enquanto instituição na mesma época em que o Fundamentalismo Histórico surgiu enquanto doutrina. Se identifica com o mesmo apenas no que tange ao receio do avanço do liberalismo moderno, ou ainda, na medida em que exalta as Escrituras e condena o liberalismo teológico.

É importante salientar que a IASD diferentemente dos fundamentalistas não acredita em na Inerrância das Escrituras⁴³. Trata-se de um conceito essencial para o Fundamentalismo

⁴² Entende-se por Fundamentalismo um movimento doutrinal cristão surgido no início do século XX, enquanto uma reação a Teologia Liberal. O liberalismo teológico não acreditava na inspiração divina da Bíblia, tampouco nas intervenções sobrenaturais de Deus, mas aceitava somente as explicações racionais e científicas dos escritos bíblicos.

⁴³ Segundo Erickson (2001) “inerrância” pode ser entendido como “nenhum erro”, ou seja, a infalibilidade das Escrituras, que significa que ela não deixará de realizar aquilo que se propõe a fazer. Contudo, alguns costumam utilizar o termo “inerrância das Escrituras” somente para se referir a exatidão da Bíblia no que tange as questões de prática e fé. A Inerrância das Escrituras é entendida entre os especialistas, segundo o autor, como o ponto fundamental do Fundamentalismo Histórico

Histórico. Na verdade, isso ocorre porque, segundo Malheiros (2016), a doutrina adventista aceita o conceito de “inspiração de pensamento”⁴⁴ e não de “inspiração verbal”, os quais são bastante distintos um do outro. Porém, conforme dito em outros parágrafos, os IASDs, tem a Bíblia como regra de prática e de fé, aceitando a literalidade das Escrituras e os pontos fundamentais do Cristianismo.

As doutrinas básicas da Igreja Adventista do Sétimo Dia foram constituídas ainda no século XIX, quando o grupo estava se compondo em uma congregação burocraticamente organizada. Essas, por sua vez, são entendidas como expressão da identidade da igreja, visto que, são bastante particulares dessa denominação, diferenciando-as dos demais grupos. Segundo Schwarz e Greenlaff (2009), são doutrinas fundamentais da congregação, consideradas as colunas de fé dessa confessionalidade, as quais estão sempre sob intenso estudo pelos membros e lideranças teológicas.⁴⁵

A doutrina da expiação é um dos mais importantes pilares da constituição das doutrinas adventista, sendo formulada pelos primeiros iasidianos, os quais desde o início reconheceram que a expiação dos pecados não tinha sido realizada na cruz, mas no santuário celestial. Segundo Schwarz e Greenlaff (2009), coube então a J. H. Waggoner e Uriah Smith a partir de estudos, construir argumentos que negavam a expiação da cruz. Vendo na crucificação de Cristo “[...] uma ação que satisfazia as demandas de uma lei transgredida, mas não a expiação dos pecados.” (p. 162). Para os adventistas, a expiação passou a ocorrer quando os pecadores aceitavam o sacrifício de Cristo e mudavam de vida, obedecendo as ordenações divinas. Contudo, acrescentam que isso somente pode ocorrer quando Cristo mudou para o Santuário Celestial.

O Santuário Celestial é uma das doutrinas fundamentais da teologia adventista e também um de seus elementos teológicos distintivos. Foi construída a partir de uma reinterpretação das profecias de Daniel 8:14, após o 22 de outubro de 1844. Depois de intensas discussões

⁴⁴ O Documento Oficial Adventista que contém os 27 Ensino Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia intitulado “Nisto Cremos” (2003, p. 19) aponta a diferença entre “inspiração verbal” e “inspiração de pensamento” ao afirmar que “Deus ‘inspirou’ a verdade nas mentes dos homens, os quais expressaram estas mesmas verdades em suas próprias palavras, [...]”. Também afirma que os homens é que escreveram os textos bíblicos de acordo com a linguagem humana, com suas “limitações e imperfeições” (p. 20), mas isso não rejeita a ideia de que Deus é o autor da Bíblia. Portanto, para os Adventistas foram os homens inspirados e não as suas palavras, o que descarta a crença na inerrância das Escrituras, já explicado na nota anterior e confirma a ideia de “inspiração de pensamento”, afastando-os do Fundamentalismo Histórico

⁴⁵ É importante esclarecer também que a IASD é criacionista, contra o aborto, desamamentista e pacifista, contraria ao uso e legalização das drogas, defende o casamento heterossexual como união vitalícia e sagrada; condena o sexo antes do casamento e é contra a violência doméstica (MALHEIROS, 2016)

resultantes do Grande Desapontamento. Para os adventistas existe um Santuário no céu, em que Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote, responsável por expiação dos pecados. A Enciclopédia IASD (2010) informa que para compreensão do sentido desta doutrina é importante conhecer o real significado e funções do Tabernáculo. Trata-se de um espaço de adoração pública entre os antigos hebreus. Nele eram realizados sacrifícios de animais para purificação dos pecados. Portanto, o santuário hebreu, nada mais seria que uma “figura e sombra” (p. 1347) daquele que se localizava nas regiões celestiais e de seus vários rituais na terra. Corresponderia ao ministério sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial. “Cada sacrifício tipificava o infinito sacrifício de Cristo no Calvário, e o sacerdote que o oferecia representava o sacerdócio de Cristo no Céu. Neles e de si mesmos, os sacrifícios não poderiam remir os pecados” (ENCICLOPÉDIA IASD, 2010, p.1347).

O sábado é uma crença fundamental da doutrina adventista, além de ser um elemento que constitui sua identidade denominacional pela qual os membros desse grupo são reconhecidos. É o quarto mandamento e cuja violação era considerada pelos adventistas pioneiros como grave transgressão da Lei Divina, ao mesmo tempo que era ” [...] o mais flagrantemente violado, mesmo por cristãos professos. ” (SCHWARZ; GREENLAFF, 2009, p. 164). Assim, os fundadores, acreditavam ter a missão de chamar atenção para a observância do sábado, compreendendo-o como um dia santo e de descanso. Os iasidianos acreditam que a guarda do sábado faz parte de uma das Três Mensagens Angélicas, principalmente a terceira (Ap. 14:12) em que trata sobre os eleitos, os salvos para o céu. Aqueles que guardaram todos os mandamentos e esperando o Retorno de Cristo.

Sobre as três mensagens angélicas é importante mencionar que se trata de uma doutrina iasidiana, que tem origem no Livro de Apocalipse, (14: 6-11). Ou seja, são mensagens proféticas proclamadas por anjos que falam sobre os últimos dias. A Enciclopédia IASD (2010) ensina que tais mensagens apelam ao mundo para que aceite a “salvação em Cristo”, bem como a sua Segunda Volta de Cristo. Simbolicamente, tais mensagens referem-se “(1) a proximidade do segundo advento, (2) a apostasia das igrejas cristãs ‘nominais’, (3) a necessidade de guardar todos os mandamentos de Deus”. (SCHWARZ e GREENLAFF, 2009, p. 165). Referem-se a preparação para o Retorno de Cristo e a fundação de seu reinado milenial. É uma das doutrinas basilares adventistas e também está relacionada aos princípios fundacionais da igreja.

O Milênio é outra doutrina particular adventistas, embora saibamos que outras igrejas protestantes e pentecostais compartilhem da ideia de um reinado milenial. No entanto, os adventistas, divergem bastante das demais denominações cristãs apresentando particularidades em relação a esse tema. Schwarz e Greenlaff (2009) afirma que a IASD desde os tempos do

millarismo, são pré-milenaristas, mas compartilham a crença de que os justos passariam mil anos no Céu com Cristo “julgando o mundo e os anjos caídos” (p. 170). Assim, segundo a crença adventista durante o Milênio, Satanás, estaria preso na Terra. Ao final dos mil anos, os justos, desceriam a Terra com a Nova Jerusalém. Assim, os ímpios ressuscitados seriam condenados e “novos céus e uma nova terra” (Ap. 21: 1-2) seriam formados. Livrando a Terra de toda maldade.

Outra doutrina distintiva é o chamado “Espírito de Profecia” que, segundo Schwarz e Greenlaff (2009) é um ministério que os adventistas souberam muito bem se apropriar dele para a construção de seu universo simbólico. Especialmente através da atuação de Ellen White, que é considerada a “profetisa adventista”. Segundo os autores, Espírito de Profecia, surge expresso no texto de Apocalipse (19:10) em que diz “Testemunho de Jesus é o espírito de profecia”. No entanto, segundo a Enciclopédia IASD (2010) a interpretação adventista dessa passagem identifica que esse dom simbolicamente seria um sinal específico da “igreja remanescente”⁴⁶. Ou seja, da própria IASD. O que os adventistas inovam em relação a esse ministério é aplicarem o “espírito de profecia” na operação do “Dom de Profecia” conforme definição apresentada em (I Cor. 12:4). Entendem que Ellen White seria a depositária desse dom. Isto é, uma “[...] porta voz de Deus devidamente creditado e autorizado” (ENCICLOPÉDIA IASD, 2010, p. 508). Sua função nos “últimos dias” era de levar maior compreensão acerca da palavra de Deus, o que para os adventistas era exatamente o que a Sra. White fazia através de seus escritos, visões e pregações. Os pioneiros IASDs já observavam a importância do ministério de Ellen White, visto que, para eles suas visões e profecias estavam em perfeita harmonia com as Escrituras.

Outra doutrina que caracteriza o adventismo em relação as demais denominações é a crença na imortalidade condicional da alma. Para os IASDs, a alma não é imortal, tal como creem a maioria dos cristãos, mas mortal. Segundo eles, apenas Deus é imortal. Homem, criação divina à sua imagem e semelhança teria também sido formado com o dom da imortalidade. No entanto, sua desobediência no Éden, levou-o ao pecado, acabando por fazer com que perdesse sua imortalidade. Portanto, para os iasidianos, após a morte tudo se finda. O homem perde totalmente seu estado de consciência, sendo levado a um estado de sono profundo.

⁴⁶ Igreja remanescente para os adventistas é aquela que tem a missão de proclamar ao mundo a última mensagem da Graça de Deus, sendo por Deus divinamente escolhidos. Os iasidianos acreditam que são os remanescentes a quem foi incumbido de pregar a mensagem da final dos tempos a essa última geração. Contudo, defendem que Deus escolheu pessoas fieis de outras religiões cristãs. O termo “remanescente” tem origem no Velho Testamento para descrever as gerações sucessoras entre os israelitas e que estavam na linha do povo escolhido de Deus. Herdeiro das promessas de Deus feitas inicialmente com Abraão (ENCICLOPÉDIA IASD, 2010).

Ismael Fuckner (2012) antropólogo e historiador já realizou diversos estudos sobre a IASD afirma que os adventistas foram capazes de criar um “corpus doutrinário” bastante particularista. Segundo o autor, eles se entendem como “portadores de uma verdade exclusiva”, (p. 160) que apresentam singularidades em sua teologia denominacional. Se reconhecendo como a “Igreja Remanescente” que tem a missão de propagar a mensagem final para as últimas gerações. O autor afirma ainda que o “corpus doutrinário” iasidiano é marcado por um “exclusivismo religioso” elaborado por seus fundadores para se opor ao secularismo da época. Tal exclusivismo, acabou se fundindo como marca identitária da IASD. Se destacando entre as demais denominações protestantes por suas particularidades doutrinárias.

Além das crenças acima mencionadas, os adventistas, se diferenciam das demais denominações por outras expressões de identidade como a preocupação com o viver saudável. Essa doutrina fora implementada através das “visões de reforma” da Sra. Ellen White. A Mensagem de Saúde Adventista, surge em um contexto social e histórico de reformas nos EUA, cujas mudanças pretendiam melhorar a qualidade de vida dos americanos. Segundo Schwarz e Greenlaff (2009) nesse período o descaso para com as leis de saúde, era comparado pelos iasidianos a uma transgressão do sexto mandamento.

Em razão da importância desse tema para esta pesquisa tal assunto será melhor discutido nos próximos tópicos, considerando o protagonismo da Sra. Ellen White na realização da Reforma de Saúde e na constituição do chamado “estilo de vida adventista”.

2.4 “Os campos estão brancos para a ceifa”: a inserção do adventismo no Brasil e a chegada da IASD em Alagoas

A mensagem adventista alcançou o Brasil há pelo o menos 120 anos com a chegada de imigrantes alemães nas regiões sul-sudeste, sobretudo nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Nos quais estabeleceram várias colônias europeias, sendo as primeiras delas constituída ainda no século XIX. (TIM, 2005; SCHUNEMANN, 2003). O Centro Apologético de Pesquisas Adventistas (2010) afirma que os primeiros adventistas missionários chegaram ao Porto de Itajaí para a cidade de Brusque, localizada no Estado de Santa Catarina. No entanto, foi em abril de 1895 que foi realizado o primeiro batismo na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, sendo o primeiro converso com Guilherme Stein Junior. Já a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia fundada em solo nacional foi estabelecida na região de Gaspar, em Santa Catarina, pelo Pastor Frank Westphal aos 15 de junho de 1896.

Seguida por congregações no Rio de Janeiro e em Santa Maria do Jetibá, no Espírito Santo, todas no mesmo ano. (CENTRO APOLOGÉTICO DE PESQUISAS ADVENTISTAS, 2010, p. 8).

Resumidamente a Tabela 1 descreve em ordem cronológica os principais acontecimentos que marcaram a história da Igreja Adventista no Brasil, conforme Borges (2007, p. 1).

Tabela 1 - Ordem cronológica dos principais acontecimentos da história do adventismo no Brasil

Ano	Evento
1884	O pacote contendo dez revistas Arauto da Verdade, em alemão, chega a Brusque, SC.
1890	Surgem os primeiros observadores do sábado em Gaspar Alto, SC. Guilherme Belz é o pioneiro.
1893	Albert B. Stauffer, primeiro missionário enviado ao Brasil pela Associação Geral, chega ao País.
1894	Albert Bachmeier encontra observadores do sábado em Brusque e em Gaspar Alto; (2) W. H. Thurston chega ao Rio de Janeiro com dois caixotes de livros, estabelecendo naquela cidade um depósito de livros
1895	Pastor Frank H. Westphal chega ao Rio de Janeiro em fevereiro. Acompanhado por Albert Stauffer, inicia uma viagem realizando batismos em São Paulo e terminando com a cerimônia batismal de Gaspar Alto, em junho; (2) no mesmo mês, a primeira igreja adventista do Brasil é organizada em Gaspar Alto; (3) no mês de julho, os irmãos Berger chegam ao Brasil para colportar; (4) Pastor H. F. Graf chega ao Brasil em agosto e, em dezembro, realiza o batismo em Santa Maria do Jetibá, no Espírito Santo; (5) é criada a Missão Brasileira da IASD
1896	Pastor Spies chega ao Brasil e batiza 19 pessoas em Teófilo Otoni, Minas Gerais; (2) em julho começa a funcionar o Colégio Internacional de Curitiba, PR, a primeira escola particular adventista.
1900	Além da escola paroquial já existente em Gaspar Alto, começa a funcionar a escola missionária, sob a direção do Pastor John Lipke; (2) começa a ser publicada a revista O Arauto da Verdade, em português, mas ainda em tipografia secular. Guilherme Stein foi seu primeiro editor.
1903	Em agosto, o Colégio Superior de Gaspar Alto é transferido para Taquari, RS. A escola paroquial da igreja de Gaspar Alto, entretanto, continuou funcionando.
1904	O Pastor Ernesto Schwantes visita o comerciante José Lourenço Mendes, em Santo Antônio da Patrulha, RS. Surgem as igrejas de Campestre e Rolante e inicia-se a transição do adventismo das colônias alemãs para todo o Brasil; (2) Pastor Lipke consegue, nos EUA, a doação de um prelo para o Brasil.
1905	– O prelo é montado no colégio de Taquari, RS. A Sociedade Internacional de Tratados no Brasil (embrião da Casa Publicadora Brasileira) inicia suas atividades gráficas.
1907	A Casa Publicadora Brasileira (então conhecida como Tipografia Adventista de Taquari) é transferida de Taquari para São Bernardo do Campo, São Paulo.
1911	José Amador dos Reis, da igreja de Rolante, ingressa na colportagem, passando depois à obra bíblica, na qual foi ordenado ao ministério, tornando-se o primeiro pastor adventista brasileiro ordenado (em 1920); (2) é organizada a União Brasileira, com sete campos, 68 igrejas e 1.550 membros.

Fonte: BORGES, Michelson. **A Chegada da Igreja Adventista no Brasil**. 31 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.adventismo.criacionismo.com.br/2007/08/desenvolvimento-cronolgico.html>> Acesso em 15 mar. 2017

Segundo Schunemann (2003) o adventismo chega ao Brasil como um empreendimento missionário através da pessoa de Albert Stauffer, que estava a caminho da Argentina, Uruguai e Brasil para trabalhar. O autor explica que foi dentro dessas colônias que a mensagem

adventista passou a ser propagada em terras brasileiras. Para Schunemann (2003, p.33) “A Igreja Adventista do Sétimo Dia chega ao Brasil como um projeto missionário. No entanto, esta missão foi feita quase exclusivamente nas comunidades alemãs. Assim, embora o Adventismo não tenha sido trazido pelos imigrantes, esteve intimamente ligada à imigração alemã que ocorria em direção ao Brasil. ”

Schunemann (2003; 2009) afirma que os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil no início da República vieram ocupar regiões do interior brasileiro, as quais eram praticamente inabitadas e acabaram formando verdadeiras colônias agrícolas no país. Eram comunidades com suas próprias escolas, igrejas, etc. que ainda guardavam muito elementos culturais dos alemães como língua, costumes que acabaram os isolando de outras regiões mais dinâmicas do Brasil. Seyerferth (2000) apud Schunemann (2009) aponta como uma das principais hipóteses para isolamento da população alemã do resto do Brasil seria muito mais omissão do Estado para atender as necessidades sociais da população e muito menos por um pertencimento étnico. Ou ainda, algum tipo de racismo. Dreher (1984) apud Schunemann (2003) afirma que até aquela época entre os alemães, não haviam motivos para a existência de sentimentos nacionalistas. Já que, a Unificação Alemã somente veio a ocorrer em 1871, tampouco vivam em situação socioeconômica que os tornasse mais preconceituosos.

Schunemann (2009; 2003) aponta outra causa que pode explicar o isolamento dos alemães é o fato de sua maioria serem protestantes. Predominantemente luteranos com muitos seguidores do movimento Pietista⁴⁷, logo seriam muito mal vistos em um país colonizado e fundado por católicos. Além disso, os imigrantes alemães, com o decorrer do tempo passaram a construir sua própria escola e usavam a sua própria língua, o que contribuiu ainda mais para seu isolamento. Contudo, apesar desse contexto de isolamento cultural os adventistas conseguem chegar ao Brasil a partir das comunidades alemãs. Segundo o autor, a expansão da mensagem adventista no Brasil entre esses grupos foi uma característica da inserção do adventismo em território brasileiro. Algo, que não foi verificado em outros países da América do Sul. Tal como é o caso do Chile, Argentina ou Uruguai, países em que os adventistas também prosperaram no final do século XIX.

Sobre esse assunto Borges (2007, p. 126) afirma que:

Foi entre os alemães que a mensagem adventista inicialmente encontrou guarida e fincou raízes no Brasil. Gradualmente o adventismo começou a se expandir

⁴⁷ Pietismo é um movimento originário do século XVIII no Luteranismo, mas que ainda no século XIX tinha muita influência na religiosidade popular alemã. A marca do Pietismo é, justamente, a piedade pessoal, experiência religiosa subjetiva em que se volta para o lado mais pessoal da fé. Acrescenta ainda que, devido à falta de liderança religiosa, principalmente entre as comunidades protestantes, esta tradição pietista se firmou na prática de religião familiar, centralizada, normalmente, no culto familiar. Tanto (SCHUNEMANN, 2003, p.29-30)

alcançando os brasileiros de origem latina. Fundamental para isso foi o início da publicação de *O Arauto da Verdade*, em 1900, na língua portuguesa. Tanto que E. H. Meyers chegou a considerar este fato como —uma nova era para nossa obra na região de fala portuguesa da América do Sull.

É preciso salientar que a literatura adventista disponível nessa época nos primeiros dez anos de sua chegada era totalmente em alemão. Já que, os colonos falavam a língua germânica em seu cotidiano. Apenas tempos depois é que consegue alcançar outras regiões do país.

Neste sentido, é importante destacar o perfil dos primeiros conversos adventistas nesse período de inserção:

O perfil destes primeiros conversos era formado por uma camada simples da sociedade rural. É interessante que as colônias alemãs no sul do país ou no Espírito Santo composta de protestantes e pequenos proprietários rurais eram semelhantes ao perfil do Adventismo do sétimo dia nos Estados Unidos, por ocasião de sua formação. Há uma cultura bíblica que mantém boa parte destas comunidades de imigrantes. Embora nem todos alemães fossem protestantes, é entre estes que o Adventismo faz sua inserção e expansão (SCHUNEMANN, 2009, p. 32).

Um fator que contribuiu bastante para adesão dos alemães aos adventismo foi a proximidade cultural e religiosa da IASD com os ideais luteranos pietistas que eram compartilhados pelos colonos. Segundo Schunemann (2009), uma parte dos alemães que imigraram para o Brasil eram pietistas que enfatizam práticas religiosas pessoais, cuja abordagem também era enfatizada pela IASD. “A aceitação da IASD pode ser vista como uma oportunidade de revigorar aqueles ideais. Vemos que a pregação da IASD era próxima à mentalidade desses primeiros conversos, não representando uma ruptura, mas aceitação de uma mensagem que revivia os ideais comuns.” (p. 159)

Portanto, para o autor, as pregações adventistas não eram compreendidas como uma nova religião, mas sim como um reavivamento de práticas e valores religiosos comuns. Tendo em vista, que os colonos alemães eram protestantes, facilitando a aceitação da mensagem. Além de contribuir para a sua propagação. Convém ressaltar, que a mensagem adventista fazia crítica ao protestantismo da época, igualmente acreditavam que teriam sido eleitos para serem continuadores da Reforma Protestante.

Schunemann (2009), afirma que na história de expansão da IASD o “fator imigração” contribui imensamente para alcançar outros países, sobretudo, a América Latina. Muitos desses imigrantes partiam em busca de sobrevivência. Na esperança de uma vida melhor em outros países, por diversos fatores que podem ser de perseguição política, guerras, expulsão e até intolerância religiosa. Cada fator estava relacionado ao momento histórico e social no contexto em que essas populações se encontram inseridas.

O autor afirma que no caso específico da IASD, o fator imigração, está ligado primeiramente aos grandes fluxos migratórios de europeus para os EUA nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Assim, houve grande número populações vindas a Alemanha e regiões da Escandinávia para a América do Norte, principalmente na Região dos Grandes Lagos onde a Igreja Adventista se organizou. Para Schunemann (2009), isso facilitou a conversão de muitos imigrantes ao adventismo. Nesses fluxos migratórios alguns convertidos acabaram voltando para sua terra natal. Ou indo propagar a mensagem adventista em países onde haviam imigrantes alemães, tal como no caso do Brasil.⁴⁸

Na verdade, a chegada dos missionários da IASD ao Brasil a fim de propagar a mensagem entre os alemães ocorre concomitantemente ao movimento de expansão missionária estadunidense pela América do Sul. Trazendo diversos grupos protestantes como presbiterianos, metodista, batistas, etc. O projeto de expansão missionária norte-americano que ocorreu no século XIX caracterizou a terceira fase (ou categoria) da inserção do protestantismo ao Brasil⁴⁹. Segundo Souza Cardoso (2003, p. 3), a missão protestante, foi impulsionada pelo projeto “evangelizador, expansionista e civilizador” dos EUA para a América Latina. O plano missionário americano era resultado de um sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos (MENDONÇA, 2008). O autor acrescenta ainda que durante todo o século XIX era recorrente entre os religiosos a ideia de que os americanos eram o povo escolhido por Deus para conduzir a construção de uma sociedade grandiosa, digna e próspera. Assim, o protestantismo americano mediante empresa educacional e religiosa parte para a América do Sul a fim de preparar o expansionismo político e econômico dos EUA.

É neste contexto que primeiros missionários adventistas chegam ao Brasil inicialmente em colônias europeias facilitado, segundo Schunemann (2003), pela proximidade cultural

⁴⁸ Segundo Schunemann (2009) o fator imigração também é destaque no avanço do adventismo em outras regiões brasileiras, tal como caso de São Paulo em que foi marcada pela presença de estrangeiros, sobretudo italianos, portugueses, espanhóis e japoneses. Assim, entre os primeiros anos do século XX, Schunemann (2009), explica que há um intenso crescimento do adventismo em São Paulo fazendo dela um grande núcleo de conversão nesse período e há uma forte presença de italianos entre os conversos. No ano de 1930 quando é erguida uma igreja no bairro do Lapão autor informa que há um grande número de húngaros. Para o autor a presença de imigrantes entre os novos IASDs é marcante pela própria dinâmica da capital paulista que estava recebendo um fluxo de imigrantes bastante alto nessa para trabalhar nas lavouras de café

⁴⁹ As outras categorias ao protestantismo que chega são Brasil são: Protestantismo de invasão ocorrido no período do Brasil-Colônia com a chegada dos holandeses e franceses. A segunda categoria refere-se ao Protestantismo de imigração no início do século XIX, após a vinda da Família Real para o Brasil devido a implantação de tratados de Amizade e Abertura dos Portos, o qual possibilitou a entrada de imigrantes e estrangeiros europeus. Já a Terceira categoria refere-se ao Protestantismo de missão do qual vieram grupos como os Batistas, Assembleia de Deus, congregacionalistas (MENDONÇA, 2008).

dessas comunidades com o norte dos EUA. No entanto, o autor acrescenta que embora inicialmente tal proximidade fosse vantajosa, aos poucos, foi se mostrando bastante limitante para o Adventismo se expandir no território brasileiro. “Em primeiro lugar, a comunidade alemã não era numerosa e de um modo geral as mais antigas colônias, por onde o Adventismo começou estavam longe do eixo produtivo do País e em regiões de pouca expressão econômica e política.” (SCHUNEMANN, 2003, p. 33).

Michelson Borges (2013) salienta que mesmo antes que qualquer colportor⁵⁰ ou pastor chegasse a essas terras, já haviam disponibilizados entre os imigrantes alemães livros, revistas e folhetos que ajudaram a disseminar as principais crenças adventistas. Isso acabou chegando até a Associação Geral (AG). Localizada nos EUA que enviou até o país obreiros que exercem algum ofício (sustento próprio) para se estabelecer e enviar informações a AG sobre melhores métodos para realizar o trabalho adventista

O trabalho de divulgação da mensagem adventista através de publicações e distribuição de literatura se parecia bastante com as ações da “empresa missionária protestante⁵¹” que chegou ao Brasil no século XIX, trazendo religiosos de diversas denominações. Segundo Mendonça (2008), o protestantismo de missão utilizou a educação como instrumento para a propagação do evangelho. Isso ocorreu mediante a construção de escolas, seminários e colégios e estava relacionado ao projeto missionário americano de uma América Cristã.

Um dos mais importantes subprodutos da Era da Bondade Desinteressada foi a paixão pela educação. Denominações importantes nos Estado Unidos reconheceram que a educação era pré-requisito para uma América Cristã. Só uma cidadania adequadamente preparada podia desenvolver sua divina missão no mundo. Logo, entre 1780 e 1860, o número de instituições educativas subiu de nove para quase duzentas. Grande parte dessas escolas, principalmente presbiterianas, congregacionais e episcopais, possuíam cursos para a formação de seus ministros, mas acima de tudo eram elas sinal de uma grande preocupação com o reforço dos ideais de vida protestante, especialmente diante do grande incremento da população católica, com a migração nas décadas de 1830 e 1840 (MENDONÇA, 2008, p. 99).

A implantação de escolas e colégios pelos Adventistas do Sétimo Dia também foi uma ferramenta que colaborou imensamente para a expansão de sua doutrina em outros estados.

⁵⁰ **COLPORTOR.** Membro da Igreja que regularmente vende livros denominacionais ao público de casa-em-casa. Ele é considerado um obreiro evangélico cujos esforços são coordenados com os do evangelista. Sua obra sagrada e participa da obra do ministro, professor e vendedor. Indo diretamente aos lares de todas as classes de pessoas, ele mostra aos seus clientes o caminho da salvação e ora com eles, esperando que Deus impressione para que leiam e estudem os livros que são deixados em seus lares (ENCICLOPLÉDIA ADVENTISTA, 2010, p. 257).

⁵¹ Empresa missionária protestante é um termo que Mendonça (2008) se utiliza para se referir ao trabalho dos missionários protestantes que chegam ao Brasil no século XIX para propagação do evangelho.

A primeira Escola Adventista no Brasil surgiu em 1896 na cidade de Curitiba. Em 2005 somam-se 393 escolas de ensino fundamental e 118 do ensino médio com o total de 111.453 alunos e seis instituições de Ensino Superior (IES) com mais de cinco mil alunos que tem no Centro Universitário Adventista de São Paulo, sua matriz educacional. O UNASP como é conhecida está IES, surgiu em 1915, em Capão Redondo, SP e hoje conta com três campi: na cidade de São Paulo, em Engenheiro Coelho e Hortolândia. Em 1960, surge o primeiro Clube de Desbravadores (departamento juvenil da IASD) na cidade de Ribeirão Preto (CENTRO APOLOGÉTICO DE PESQUISAS ADVENTISTAS, 2010, p. 8).

Mendonça (2008) afirma que o projeto missionário protestante norte-americano, além da educação utilizou outros instrumentos de propagação da doutrina como a distribuição de bíblias. Isso ocorreu não somente pela população urbana das cidades, - onde o número de pessoas alfabetizadas era significativamente maior -, mas também entre as populações rurais⁵². Ao contrário do que se possa pensar, a insignificante parcela letrada não foi empecilho para obtenção de bons resultados. Ademais, embora ao longo de todo século XX os protestantes não tenham representado significativa parcela da população sempre foi um segmento religioso em expansão no Brasil.

Em Alagoas, a missão adventista também se utilizou bastante do trabalho de colportagem para evangelização. Os IASDs chegaram no Estado em princípios do ano de 1907 com a pessoa do irmão Celso de Mello Costa, enfermeiro da Marinha Brasileira que tinha sido transferido do Rio de Janeiro à essas terras. Assim, tendo conhecido a mensagem no Sul do Brasil, passou então a disseminá-la para outras pessoas em pouco tempo já tinha um grupo de conversos, formando a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia no Estado. O artigo de John Lipke para a Revista Adventista de setembro de 1911 afirma que o “Irmão” Costa trabalhava como colportor em uma cidade em que muitos habitantes não sabiam ler nem escrever. Logo, havia muita dificuldade de vender livros para a população. Ainda assim, os relatos apontam que o missionário obteve bons resultados e que foram vendidos alguns livros e assinaturas do *Arautos do Rei* na época.

Um artigo do Pr. Spies, publicado na Revista Adventista em 1908 destaca a imensa pobreza vivida pelos habitantes do Estado de Alagoas “Ha aqui muita pobreza e alguns de nossos irmãos têm de lutar com muitas dificuldades, se, porém, confiarem no Senhor, não

⁵² Outro aspecto importante relacionado a chegada da IASD no Brasil refere-se ao perfil dos primeiros conversos que conforme dito em parágrafos anteriores eram formados por uma população livre, rural e pobre. Algo também percebido entre os conversos protestantismo de missão. Mendonça (2008) explica que durante o Império, a população brasileira pobre e rural viva sob condições sociais e culturais que favorecia aos protestantes propagação da sua mensagem. Já que a influência da religião dominante (catolicismo) estava bastante distante dessa camada da sociedade, diferentemente da realidade das cidades, que apresentou uma situação nada tranquila aos missionários, tendo em vista que a presença católica era bem maior.

serão confundidos. Regosijamo-nos por ter o Senhor assim implantado a verdade num novo campo sem que, para assim dizer, tivéssemos contribuído para esse fim. “ (SPIES, 1908, p. 6). Na edição de março de 1924 do referido periódico apresenta informações que nos permite inferir que foi através do trabalho de colportagem que a mensagem adventista foi propagada em Alagoas. No artigo ressalta que realidade socioeconômica da população era uma das grandes dificuldades da penetração do adventismo nessas terras. “Esta região do paiz sempre tem sido considerada um lugar muito difficil para trabalhar, onde existe pobreza em abundância. ” (OLIVEIRA, 1924, p. 12).

Conforme relata o Pr. F. W. Spies no artigo para a Revista Adventista de novembro de 1908 havia pouca receptividade dos alagoanos com a nova religião, fazendo os missionários passar por muitas dificuldades nesse período. Spies conta que um certo bairro da cidade (do qual não revela o nome) batistas já tinha tentado evangelizar os moradores, mas foram expulsos do local. Segundo descreve o Pr. Spies o trabalho do irmão Costa com os doentes nas horas vagas foi útil para diminuir a animosidade do contra a mensagem adventista, conquistando novos adeptos e ajudando a fundar a primeira IASD em Alagoas.

A questão da liberdade e intolerância religiosa durante o século XIX foi uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos protestantes nesse período. Segundo Mendonça (2008), a religião católica era reconhecidamente a religião oficial do Império embora a Constituinte definia o Brasil como uma nação cristã em todas as suas expressões gozavam de privilégios. Contudo, na prática havia muitas restrições aos protestantes, quanto a lugares de culto, construção de templo e ao proselitismo. Segundo o autor, isso causavam muitas dificuldades aos protestantes que tinham que enfrentar a força e presença da religião dominante, cuja influência se estendia as esferas política e ideológica.

Mendonça (2008), explica que o catolicismo estava instalado em nossa cultura, desde os primeiros anos da colônia e tinha fundado junto com o Estado português “a nação brasileira”. Portanto, seus procedimentos, símbolos, rituais costumes já estavam profundamente arraigados em nossa sociedade, desde os tempos coloniais. O que significou um grande obstáculo para os protestantes na disseminação da sua mensagem na disputa pela “clientela” religiosa. Portanto, para vencer esse “inimigo respeitável” (p. 121), os missionários norte-americanos tiveram que adotar estratégias proselitistas bastante polêmicas que acusava a Igreja de não estar dentro dos verdadeiros fundamentos do Cristianismo. Além de ser uma instituição mais próxima dos ricos, distante de suas origens cristãs e das necessidades da população mais pobre. Isso ocasionou diversos confrontos com os católicos e intolerâncias da parte dos católicos para com a nova religião (MENDONÇA, 2008).

É em meio todas essas dificuldades somadas as condições sociais e política do Brasil do século XIX que o protestantismo de missão vai se formar no Brasil. Segundo Mendonça (2008), é um protestantismo com características distintas: sectário, moralista e anticatólico, cujas normas e regras religiosas significavam no Brasil uma espécie de contracultura. Já que, exigia dos conversos hábitos e posturas na vida cotidiana bastante diferenciados das normas culturalmente mais aceitas.

A ética protestante restritiva e severa em todos os aspectos da vida concorria como elementos fortemente diferenciados e identificador do grupo abrangente [...]. No contexto da mensagem protestante, a sua ética surge como normas do provisório, como modo de vida da espera e da recusa, da desqualificação do mundo (MENDONÇA, 2008, p. 119).

Portanto, a chegada dos adventistas no Brasil ocorre simultaneamente a chegada da empresa missionária norte-americana, obedecendo aos mesmos passos de inserção de seus compatriotas: cristãos missionários, que acreditavam ter a missão de salvar os pobres de sua miséria, levando uma mensagem de salvação. Uma nova religião, cuja moral extremamente rígida estava mais adequada aos padrões europeus do que as populações dos trópicos. Todavia, se deparou com um país com um catolicismo já incrustado na cultura brasileira, desde a sua fundação. Os modos de ser e de viver católico já estavam impregnados na vida cotidiana, logo, não é de se estranhar que tenha sentido grande rejeição da parte da população. Para vencer esses “obstáculos”, os protestantes foram capazes de criar estratégias proselitistas agressivas que atingiam diretamente aquele que chamou de “inimigo” (Igreja Católica). Segundo Mendonça (2008), na verdade, o protestantismo no Brasil sempre foi desde a sua chegada bastante polêmico, quer seja em suas estratégias, quer seja na sua mentalidade, além de extremamente conservador na sua moral. E embora ao longo do século XX nunca tenha alcançado expressão religiosa considerável, esteve sempre em expansão pelo Brasil inteiro.

Nesse primeiro capítulo procuramos aprofundar na gênese da IASD desde suas origens nos EUA do século XIX, observando como sua história de expansão no Brasil encontra-se profundamente conectada com a chegada do protestantismo da terceira categoria (protestante de missão), obedecendo os mesmos moldes de inserção dos protestantes missionários americanos. Enquanto uma denominação cristã, a IASD, vai constituindo uma identidade bastante singular e que antropológicamente chama bastante atenção.

3 O CAMINHO DA SANTIDADE: O ESTILO DE VIDA ADVENTISTA

O segundo capítulo trata sobre o estilo de vida adventista (EVA), entendendo-o como marca identitária denominacional e pelo qual a IASD é reconhecida. Assim, para aprofundar no tema foi necessário primeiramente falar sobre o protagonismo de Ellen White na constituição da Mensagem de Saúde Adventista. Para tanto, foi desenvolvido um breve apanhado histórico da época em que a Sra. White vivia e das limitações sociais que regulavam a ação feminina e sob a qual estava submetida. Em seguida será apresentada a concepção de corpo observada na obra da autora a partir de estudos de teólogos que desenvolveram artigos e pesquisas sobre o tema. Demonstrando a importância de reconhecer um “corpo” no adventismo para então falar de uma agência dos seus membros na construção de sua corporeidade. Em seguida será apresentado e discutido os principais pontos que envolvem o Estilo de vida Adventista, relacionando com as ideais de santidade e moralidade desse confessionalidade.

3.1 Ellen White, uma senhora vitoriana

Ellen Hermon White nasceu Ellen Gould Harmon em 26 de novembro de 1827 na cidade de Gorham no Maine, EUA e morreu em 1915 aos 87 anos de idade em Santa Helena, Califórnia. Filha de pais metodistas, Ellen, começou a participar das reuniões do Movimento Millerita ainda aos 16 anos de idade, quando se tornou uma missionária ativa do grupo. No ano de 1846, então com 17 anos, casou-se com Thiago White, um dos fundadores da IASD e juntos tiveram quatro filhos e uma relação que durou cerca de 35 anos, quando Thiago morreu em 1881 (CENTRO WHITE DE PESQUISAS, 2016, p 1; COLLINS, 2009). A Sra. White ou Irmã White, como é chamada entre os adventistas, foi uma pregadora, missionária e escritora cristã influente e sua atuação como escritora e profeta foi decisiva na organização da IASD e na construção de suas bases doutrinárias. Ao longo de sua vida escreveu cerca de 5.000 artigos e 24 livros, que foram traduzidos para mais 140 idiomas. É considerada uma das escritoras de língua inglesa mais traduzida da história da Literatura anglo-saxônica. Seus milhares de manuscritos após compilados chegaram a formar 100 livros, dos quais 96 estão disponíveis em português (CENTRO WHITE DE PESQUISAS, 2016, p 1).

Seus escritos abrangem vários temas que vão de educação, família, religião, saúde e relações sociais, evangelismo, música, casamento, dentre outros que tratam sobre a vida prática

cristã. Muitos deles baseadas em visões proféticas que alegava receber de Deus. É a principal responsável pela construção do “estilo de vida adventista”, considerado uma das particularidades da identidade denominacional da IASD. O apologeta adventista Sr. Herbert E. Douglass (2009), biógrafo de White, afirma que os pensamentos de Ellen W. ao longo do tempo se tornaram uma filosofia para milhões de adventistas, influenciando enormemente na construção da identidade da IASD.

Entre os adventistas, Ellen White, é considerada a “Mensageira do Senhor”, pois acreditam possuir o chamado “Dom da Profecia”. Segundo seus biógrafos, suas visões começaram a aparecer quando tinha apenas 17 anos. Douglass (2009) afirma, as primeiras delas foram sobre o Grande Desapontamento, no entanto, tinha muito receio em levá-las ao público por medo de desconfiarem de sua veracidade. Contudo, ao contrário do que acreditava todos ficaram animados com sua mensagem por haver uma explicação para o fato de Jesus não ter voltado. Já as visões sobre a Reforma da Saúde começaram a surgir em junho de 1863 e todas elas foram extremamente importantes para a construção do universo simbólico adventista (CENTRO WHITE DE PESQUISAS, 2016, p 1; COLLINS, 2009).

Imagem 2 - Ellen Hermon White (1827 – 1915)



Fonte: The Ellen G. White Estate, Inc.

Ellen White viveu durante o apogeu da Era vitoriana, época que se refere ao reinado da Rainha Vitória (1837- 1901), que governou a Inglaterra por mais de 60 anos. O historiador britânico Eric Hobsbawm (2009), afirma que em meados de 1848, a Inglaterra, era vista como a nação mais poderosa do mundo e a única nação europeia, de fato, industrializada. Segundo o autor, o desenvolvimento industrial nesse período foi acompanhado por um processo de urbanização sempre precedentes. Mas que junto trouxe diversos problemas sociais, como poluição, pobreza e miséria, os quais passaram a fazer parte da paisagem urbana londrina. Os efeitos da industrialização na estrutura da sociedade foram vários, desde a criação de novos ricos até uma massa de proletariado miserável, que estavam submetidos a uma rigorosa disciplina do sistema industrial, usufruindo de poucos direitos sociais e trabalhistas. É também um período marcado por um moralismo rígido e puritano que influenciou nos modos de vida da população, ajudando a delimitar espaços e funções sociais da sociedade oitocentista.

A antropóloga Maria Conceição Monteiro (1998) afirma que no período vitoriano o progresso das ciências, cultura, economia e tecnologia criaram um ambiente social e histórico que favoreceu o surgimento de um perfil feminino bastante difundido nessa época. Segundo a autora, nessa época, a família, passou a ser vista como núcleo fundamental da sociedade. O lar, era a instituição sagrada, que tinha na mulher o seu mais legítimo representante, a quem, por suas qualidades de “guardião da moral e da castidade” (p. 61) cabia as funções de cuidadora do lar e educação dos filhos. Tal função, era concebida como um papel social de extrema relevância para a manutenção da ordem social.

A mulher com o perfil assim delineado tinha todo apoio da rainha Vitória, que atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica. [...]. Tal situação, obviamente, viria a repercutir, ainda que de forma silenciosa, na vida privada, onde a repressão, principalmente a sexual, se agrava e se intensifica incrivelmente (MONTEIRO, 1998, p. 61).

Na educação feminina vitoriana, a moça, deveria ser preparada para o casamento, sem o qual jamais estaria completa ou suficientemente feliz. Sua vida era restringida aos cuidados dos filhos e do lar. Por outro lado, ao homem, a sociedade lhes concedeu maior liberdade para atuar na vida pública e o direito de adquirir patrimônio e de dominar sua esposa e filhos.

Seus homens personificavam o dinheiro, que provava seu direito de dominar o mundo; suas mulheres, que o dinheiro dos maridos privava até da satisfação de realmente executar o trabalho doméstico, personificavam a virtude da classe: ignorantes ("seja boa, doce donzela, e deixe quem quiser ser inteligente"), sem instrução, pouco práticas, teoricamente assexuadas, sem patrimônio e protegidas, tias foram o único luxo a que se permitiu a era da frugalidade e do cada um por si (HOBSBAWM, 2009, p. 219).

Portanto, a “boa mulher” seria aquele doce, donzela, prendada (devem saber cozinhar, costurar e cuidar dos filhos) e de pouca educação formal ou simplesmente nenhuma. Contudo, é preciso ressaltar que esse “ideal de boa mulher” era mais favorável para as jovens de famílias ricas, “as boas famílias”, cujas condições lhes proporcionavam uma vida ociosa e de futilidades.

Excluída do mundo público dos negócios e recolhida ao mundo privado do lar, por injunções de uma estratificação social fundada na diferença dos sexos, era de se esperar que as jovens de ‘boa família’ recebessem uma educação ou (i) lustração destinada apenas a fazê-las reluzir nas salas de visita e a cativar com o seu brilho o olhar de algum pretendente (MONTEIRO, 1998, p. 63).

Monteiro (1998) afirma que em relação a sexualidade feminina predominava imagem da mulher passiva e reprodutora que deveria se submeter ao homem para satisfazer seus prazeres. Era uma visão defendida pela medicina da época, que se justificava através de discursos científicos e psiquiátricos, conforme afirma Monteiro, (1998, p. 62) “Em 1857, William Aston (1813-1875), em *The Functions and Disorders of the Reproductive Organs*, corroborava a ideologia predominante, ao assegurar a seus leitores que a única paixão sentida pelas mulheres deveria ser pelo lar, filhos e deveres domésticos. ”. Surge então, a imagem da “mulher assexuada” defendida pela medicina, que postulava que para a felicidade e saúde feminina essas deveriam ser indiferentes as questões sexuais. Contrariamente ao homem, para quem os especialistas da época acreditavam possuir um forte impulso sexual, cuja negação ou interrupção poderia prejudicar a sua saúde.

Michel Foucault (2015) em *A História da Sexualidade – Vontade do Saber* mostra que na era vitoriana, a sexualidade, foi controlada pela família monogâmica que passa a ser o modelo familiar por excelência, o mais adequado para os interesses de uma burguesia emergente. Através dele se impõe um padrão de normalidade sexual, (heterossexual), a partir do qual toda e qualquer manifestação sexual fora desse padrão passa a ser considerado pervertido. Tal como ocorria com o sádico-perverso, pedófilo e o sodomita. “O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. ” (FOUCAULT, 2015, p. 8). Tratava-se de condutas consideradas subversivas que eram negadas e interditadas pela sociedade.

Em sua obra, Foucault (2015), apresenta o conceito de dispositivo da sexualidade, entendidos como técnicas de saber, procedimentos discursivos, estratégias de poder, tecnologias, etc. que tinham por objetivo gerenciar e controlar os corpos, normatizando-os. O dispositivo da sexualidade operava mediante quatro grandes conjuntos estratégicos, que são: a

histerização do corpo da mulher; pedagogização do sexo da criança; controle de natalidade e psiquiatrização dos perversos sexuais. Dentre esses, destaca-se o primeiro através do qual o corpo feminino foi submetido ao controle médico-psiquiátrico, valorizando apenas uma sexualidade reprodutora, cuja fecundidade deveria ser regulada. Na Era vitoriana foi desenvolvido discursos, técnicas, saberes e poderes que confinavam a mulher ao espaço familiar.

[...] tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elementos substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, por meio de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constitui a forma mais visível dessa histerização (FOUCAULT, 2015, p. 113).

Segundo Foucault (2015, p. 134), o dispositivo da sexualidade serviu também para autoafirmação “ uma defesa”, “ uma proteção”, “ um reforço”; “ uma exaltação” da classe burguesa. Essa passa utilizar o corpo e a sexualidade como elementos de distinção de classe social. Na época, a burguesia, encontrava-se em ascensão e constrói sua própria noção de corpo, que se distancia bastante das camadas mais pobres, marcando e definindo sua posição social. Assim, Foucault (2015), fala que a burguesia tal como a aristocracia que utilizou o “ sangue azul”, a titulação e a ascendência para se afirmar enquanto classe, utilizam técnicas para maximizar a vida “ Ao invés de uma repressão do sexo das classes a serem exploradas, tratou-se primeiro do corpo, do vigor, da longevidade, da progenitura e da descendência das classes que ‘ dominavam’ “ (FOUCAULT, 2015, p. 134).

Ellen White viveu durante a Era Vitoriana e, portanto, sua obra recebe bastante influência desse período, a qual é possível verificar não somente nos seus escritos sobre saúde, mas também quando versa sobre vida em família, educação dos filhos, casamentos, relações sociais, etc. Segundo Douglass (2009), é possível perceber as manifestações do modelo vitoriano na utilização de eufemismos em toda a obra whiteana, especialmente, em momentos em que tece comentários sobre a sexualidade dos casais. Tal quando diz “privilégio das relações conjugais, ” “privilégios matrimoniais”, palavras que deveriam fazer parte do vocabulário de senhora vitoriana, que defendia a modéstia e moralidade cristã. (DOUGLASS, 2009).

Ademais, assim como as mulheres de sua época, Ellen White, também estava submetida aos padrões normalizadores, quer seja por imposição da sociedade ou por vontade própria. Douglass (2009), afirma que no início da carreira de Ellen White havia muita relutância da parte da mesma em aceitar uma posição de liderança em sua comunidade de fé muito maior do

que o padrão feminino de “profetisa” religiosa que era imposto na época “Era um padrão que atendia a necessidade de as mulheres serem mais servas do que mestras, e servia para reforçar a percepção confortável das mulheres como vasos passivos por meio dos quais Deus e os homens realizam grandes obras.” (DOUGLASS, 2009, p. 105). Portanto, segundo o autor, White, adota o padrão imposto às mulheres nessa época, até porque, era aquilo que uma sociedade como os EUA oitocentista conseguiria aceitar.

Todavia, Ellen White, nem sempre se adequava aos padrões vitorianos. Douglass (2009), aponta que embora seja uma típica senhora vitoriana a Sra. White, não se contentava somente com as obrigações que a sociedade reservou a mulher. Sua responsabilidade enquanto escritora e pregadora estava acima da sua posição de esposa e de administradora do lar. Procurava mostrar aos membros de sua comunidade religiosa que poderia facilmente se dedicar as suas responsabilidades na Igreja, sem que isso afetasse suas atividades domésticas. A postura da Sra. White foram bastante peculiares para uma sociedade em que as responsabilidades do lar deveriam ser sua prioridade (DOUGLASS, 2009).

Conforme dito anteriormente, para as mulheres da época vitoriana, era somente reservado o espaço do lar no qual deveria se realizar como mãe e esposa. Mesmo aquelas que não queria ou não poderiam se submeter a tais condições e trabalhar fora - como no caso das mulheres pertencentes as classes baixas - as dificuldades também se faziam presentes. Segundo Monteiro (1998), não eram todas as profissões que as mulheres poderiam exercer. Mas somente aqueles consideradas “distintas” para uma “senhora”, como a de preceptora, governanta e em alguns casos de escritora, tal como a Sra. White. Também poderiam trabalhar nas fábricas na criadagem de famílias ricas, ou ainda, na agricultura. Eram atividades ocupadas por mulheres pobres que não podiam se dar ao luxo de usufruir de uma vida reservada apenas ao lar.

Desse modo, em um contexto histórico em que a existência feminina se restringia somente para cuidados com o lar, maternidade e responsabilidade de esposa, Ellen White, foi uma mulher bastante ativa. Já que, além de desempenhar suas atividades de profetisa, era também escritora ativa com mais 100 mil páginas de escritos em seus setenta anos de ministério. Na sua morte, em 1915, foram catalogados cerca de 24 livros publicados e mais dois nas mãos dos editores. Isso tudo para uma senhora com pouca educação formal, sem nenhum título universitário. E que mesmo diante das restrições impostas a mulher desse período consegue desenvolver um trabalho, cujo legado se reverbera até os dias atuais (DOUGLASS, 1999).

Dentre os seus escritos mais importantes encontram-se a *Ciência do Bem Viver*, *Conselhos Sobre Saúde* e *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, nos quais estão contidos diversos aconselhamentos e prescrições sobre a importância da adoção de hábitos saudáveis

para um bom desenvolvimento da saúde física e mental. O apologete J. N. Loughborough, (2014), afirma que os escritos desenvolvidos pela autora compõe a “Mensagem de Saúde” que passou a ser incorporada pela doutrina da IASD, tornando-se parte importante para a construção do chamado “estilo de vida adventista”.

Ellen White, como muitas mulheres de sua época estava submetida aos regramentos ditados sobre a vida e corpo feminino. Embora tenha uma carreira de escritora reconhecida, Ellen, se submeteu e se conformou em ser um “profeta menor” por sua condição de mulher. Todavia, diferentemente do que foram muitas mulheres de sua época ela soube fazer desse lugar um espaço de prestígio e de autonomia, além de ser capaz de elaborar discursos que incentivam outras mulheres a seguirem seu caminho.

Mulheres cristãs inteligentes podem usar os seus talentos com o maior proveito. Podem mostrar por sua vida de abnegação e por sua disposição de trabalhar ao máximo de sua capacidade, que creem na verdade e que estão sendo santificadas por seu intermédio. Muitos necessitam de um trabalho dessa espécie para desenvolver as faculdades que possuem. Esposas e mães não devem em caso algum negligenciar o marido e os filhos, mas podem fazer muito sem negligenciar os deveres do lar; e nem todas têm essas responsabilidades (WHITE, 2013, p. 12).

Isso não significa afirmar que White poderia ser enquadrada em alguma vertente do feminismo ou que, na igreja, lutou pela emancipação das mulheres. Pelo contrário, a autora, acreditava na “complementariedade dos sexos” e por diversos momentos em sua obra reproduz um discurso dominante que reforça o “ideal da boa mulher” propagado em sua época. O que se observa nas passagens escritas por White é que a autora convida as mulheres a tomarem uma posição ativa dentro da congregação. E tal como ela, utilizarem seus talentos para trabalhar na igreja e não se reservando apenas as atividades do lar. Ademais, Ellen White, conseguiu fazer de sua posição dentro da religião um espaço de prestígio e reconhecimento. Na medida em que obteve conquistas numa época em que os espaços de poder eram apenas reservados aos homens.

3.2 O corpo e a alma: a concepção de corpo na obra whiteana

Para compreensão da Mensagem de Saúde iasidiana é fundamental entender o lugar e o conceito de corpo dentro do adventismo, especificamente na obra de Ellen White, uma vez que fundamenta toda a corporeidade adventista. Trata-se de um conceito que, segundo o teólogo Fabio Darius (2014), foi construído em um contexto histórico-cultural caracterizado pela forte religiosidade e pelo grande desenvolvimento social e econômico do período

vitoriano, quando o disciplinamento dos corpos e da sexualidade passou a ser uma preocupação da sociedade. De acordo, com o autor foi nesse ambiente que Ellen White desenvolve uma concepção de corpo físico, cujos cuidados (sobretudo comer e beber) devem ocorrer de forma equilibrada e sadia.

O antropólogo Ismael Fuckner (2015) em um estudo sobre a dieta alimentar adventista, afirma que para Ellen White, o corpo, deve estar sujeito ao controle da mente e da racionalidade e não as paixões, inconstâncias e a intemperança dos desejos. O autor fala de um corpo racional, cujos excessos devem ser controlados para alcançar o equilíbrio moral e da mente, dando ao indivíduo maior discernimento para tomar suas decisões. Em *Conselhos Sobre Saúde*, White, incentiva o uso responsável do corpo. Isto é, fala da importância do fiel “governar-se” a partir de uma alimentação e práticas regradas de saúde. Conservando suas faculdades físicas e mentais, com o objetivo de fazer melhor uso dos dons que possui (WHITE, 2007b). Para a mensageira é o mau uso do corpo que leva a doença e a degeneração moral, encurtando o período de vida. Assim, White chama a atenção para a “Temperança” (equilíbrio, moderação). Entendido pela mesma como princípio básico que deve guiar a vida do cristão, bem como da maneira que utiliza seu corpo.

Portanto, o corpo no adventismo, é um corpo racional, que deve procurar alcançar o equilíbrio através da adoção de práticas corporais adequadas à moralidade da denominação. O objetivo é obter um melhor desenvolvimento físico e mental. Essas práticas não somente encontram-se debaixo das ordens da instituição, mas também estão sob a ação do fiel. Na medida em que cabe ao mesmo controlar sua alimentação e saúde, norteados pela “lei da temperança” (WHITE, 2007b).

Para White, o corpo humano é uma obra divina, que deve estar sujeito a princípios e ordenanças de Deus, objetivando a restauração corporal, da saúde e da mente. “O organismo vivo é propriedade de Deus. A Ele pertence pela criação e pela redenção; e pelo mau uso de qualquer de nossas faculdades roubamos a Deus da honra que Lhe é devida.” (WHITE, 2007, p. 17). Na visão whiteana para que o corpo possa manter suas funções em harmonia é preciso que se mantenha em condições saudáveis e isso evitará entregar as paixões que controlam a razão e levam a degradação moral. (WHITE, 2007). Nessa perspectiva, o corpo é um “Templo de Deus”, ao mesmo tempo que é corruptível, logo deve ser controlado, dando lugar aos valores do espírito, anti-mundanos que aproximem o homem à Deus e o afastam das paixões do mundo.

Fuckner (2015) afirma que melhor entendimento do corpo no pensamento whiteano é preciso também saber que diferentemente das demais denominações cristãs, os adventistas, não acreditam na dualidade entre corpo e alma. Também, na doutrina iasidiana, não existem a ideia

de imortalidade da alma. Para eles, a noção de “alma imortal” é uma criação pagã que não tem relação com os ensinamentos dos primeiros cristãos da Igreja Primitiva. Para fundamentação dessa noção de alma recorrem ao entendimento de Gênesis (Gen. 2: 7) que diz “*E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito **alma vivente**.*” (Grifo meu). Entendendo que a expressão “alma vivente” - na tradução de Ferreira de Almeida – não se refere a “alma” propriamente dita, mas a ideia de pessoa total originada da cultura hebraica. Segundo os adventistas, não existe uma “alma imortal”. O homem é formado de corpo e alma e ambas categorias atuam como um só.

Darius (2014) afirma que ao entender que o corpo e a alma são indissociáveis, compreende que uma ofensa ao corpo físico é também uma transgressão contra a alma. Logo, as práticas corporais recomendados por White, podem ser entendidas como uma técnica espiritual. Portanto, é clara que no pensamento whiteano há uma relação entre cuidado com o corpo e santificação “Todo verdadeiro cristão controlará o apetite e as paixões. A menos que ele esteja livre da servidão do apetite, não pode ser um genuíno e obediente servo de Cristo” (WHITE, 2007, p. 368). Na teologia do corpo whiteana, a preservação da saúde para garantir que os indivíduos façam uso legítimo de suas potencialidades mentais e do corpo, levando à sua eficiência máxima. O objetivo é atingir um melhor relacionamento com o Deus. Sobre esse assunto Darius (2014, p. 69), afirma que: “Ora, para White, é o corpo o limite e limitador do mundo e pelo cuidado deste corpo neste mundo, com este corpo atingiremos o mundo porvir”.

Na teologia do corpo whiteana, os homens, devem ser zelosos para com sua saúde, aplicando determinados práticas corporais e evitando excessos como dito anteriormente “Todos os nossos hábitos, gostos e inclinações devem ser educados em harmonia com as leis da vida e da saúde. Dessa forma, podemos garantir as melhores condições físicas, e teremos clareza mental para discernir entre o mau e o bom.” (WHITE, 2007, p. 29). Desse modo, a noção de corpo e saúde entre os adventistas não se define tão somente através do cuidado com a parte física, mas também envolve a mente para alcançar o pleno desenvolvimento das capacidades morais do fiel. Nessa perspectiva, passa a ser importante o controle sobre os hábitos alimentares, preferências e inclinações, evitando excessos e subjugando os desejos à razão para alcançar vigor mental e moral, os quais são necessários a uma vida equilibrada. Na teologia whiteana, a alimentação inadequada interfere na mente e conseqüentemente degenera o discernimento moral, levando o indivíduo ao pecado e conseqüentemente ao adoecimento.

Portanto, o pensamento whiteano revela a íntima relação entre corpo e religião que enquanto um sistema cultural e simbólico exerce influência na formação da corporeidade cotidiana dos fiéis. Isso, na medida em que define e inscreve comportamentos, símbolos, modos

de ser e de viver para o homem. O teólogo José Comblin (1995), afirma que a religião faz do corpo do homem lugar de inscrição de suas crenças, valores e símbolos. Além de expressar disposições religiosas como: “ adoração, penitência, petição, pedido de perdão, expiação, o que se faz por meio de palavras, olhares, movimentos do corpo, da cabeça, das mãos, dos pés, pelas posições do corpo” (COMBLIN, 1995, p. 9). Seu valor dentro da religião é simbólico, logo, pode ser até mesmo violentado, tal como ocorre com as mutilações, circuncisões, penitências flagelos, jejuns, privações, dietas rigorosas, cujas regras e proibições não pretendem atingir fins biológicos ou físicos, mas tão somente o efeito simbólico. “ Na religião, o corpo está subordinado ao simbolismo e serve para criar símbolos religiosos” (COMBLIN, 1995, p. 9)

Portanto, neste sentido, o corpo é utilizado como instrumento para atingir determinados fins aos quais as religiões se propõe. Tanto naqueles sistemas mais rígidos, conservadores e moralizadoras, ou em outras que permitem maior expressão corporal. Contudo, seja por um lado ou pelo o outro o corpo estar sempre submetido ao universo simbólico e teológico religioso. Dessa forma, quer seja através das indumentárias, gestos, movimentos, danças e expressões o corpo é convidado a expressar a realidade simbólica de um universo religioso (COMBLIN, 1995).

Segundo Comblin (1995), a justificativa que as religiões, (fala-se apenas no caso do Cristianismo) apresentam para tanta submissão está relacionado a própria ideia cristã de conceber o corpo enquanto algo sujeito a corruptibilidade e imoralidade. Logo, é preciso que seja submetido a disciplinas, controles e até mesmo privações. É essa visão sobre o corpo que fundamenta a construção de determinados padrões de condutas das diversas denominações protestantes. Como é o caso dos adventistas, cujo estilo de vida detém normas que visam não somente santificar o corpo, mas também incentivar ao fiel o desenvolvimento máximo de suas capacidades mentais e morais.

A instrumentalização do corpo na religião afeta de tal maneira o indivíduo que sua simbologia fica marcada na cultura corporal do grupo, capaz de reconhecer os religiosos através de suas vestes ou comportamentos. Tal como o caso dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia em que a imagem de crente tradicional é mais visível. Já que, os valores religiosos atravessam não somente o ambiente da religião, seus rituais e ritos, mas também a vida cotidiana dos conversos, operando sobre seus comportamentos. Desse modo, o corpo é entendido como um instrumento, cuja obrigação é prestar serviços a religião e nada além do que seja necessário importa para ele. É de acordo com essa perspectiva que vão ser constituída as asceses monásticas e protestantes.

Porém, seria muito reducionista e simplista entender o corpo e sua relação com o sagrado apenas como instrumento ou utilitarismos da religião, visto que, o corpo não é algo estático, simples reproduzidor de convenções sociais de um grupo social. O corpo é plural e complexo e existem infinitas possibilidades de vivê-lo. Com ele, é possível criar, inventar, transformar, mudar e também refletir. Segundo o educador Leonardo Martins (2003), mesmo na religião há espaço para o corpo se inventar e reinventar, visto que, as religiões (que aqui são entendidas como uma dimensão da vida humana, experiência vivenciada, formadora de valores, vidas, ideais e visões de mundo), tanto pode ser um instrumento de controle e dominação, quanto espaço para a ação transformadora e criativa do homem. Tanto pode ser usada para justificar genocídios e atrocidades, como servir de fonte inspiração para criação de grandes obras de arte. Como no Cristianismo que inspirou a criação dos afrescos de Michelangelo, da Divina Comédia de Dante Alighieri ou da literatura dostoievskiana. Ou ainda, com exemplos de vida de um São Francisco de Assis ou um Gandhi, etc. Assim, quer a religião seja como espaço de dominação ou de libertação, todas essas ações passam, refletem e se realizam no corpo.

Marcel Mauss (2013) foi um dos primeiros antropólogos a pensar sobre a imensa pluralidade de usos do corpo na cultura. O autor é pioneiro dos estudos de corpo e responsável por formular o conceito de técnicas corporais, sobre o qual afirma: “Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere não do mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição.” (MAUSS, 2013, p. 405). As técnicas, portanto, seriam os usos, práticas, cuidados e comportamentos corporais aceitos socialmente e transmitidos pela tradição. Segundo o autor, é através do corpo que o homem cria e expressa comportamentos, símbolos e ações que correspondem a uma determinada cultura, nos ajudando a compreender suas formas de viver e pensar sobre o corpo. Ademais, o corpo, segundo Mauss (2013), não é somente instrumento para servir a determinados fins, mas pode ser meio para produzir cultura “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo.” (MAUSS, 2013, p. 405).

David Le Breton (2013), entende que o corpo é um elemento identificador do indivíduo. O autor afirma que sem ele o homem não teria condições de existir, haja vista que somente a sua materialidade dentro de um corpo social é insuficiente para definir o homem enquanto sujeito. Portanto, é através dele que o ser humano define sua existência no mundo. É também através do corpo que enquanto objeto de análise permite a Antropologia, por exemplo,

compreender melhor a realidade social e suas nuances. Segundo o autor, cada sociedade traz consigo um “saber singular” sobre o corpo. Suas concepções sentidos e valores produzem suas representações e lhe determinam uma posição no mundo.

Le Breton (2007) afirma que o corpo como um mediador entre o homem e a realidade ao passo que permite ao mesmo viver e também atribuir sentidos ao mundo. Na percepção de Le Breton (2007, p. 8), o corpo é uma construção social e exprime a cultura. No qual o sujeito encontra-se inserido e não tem sentido por si mesmo.

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem.

Contudo, para Le Breton (2007, p. 8), o corpo não é simplesmente um suporte da cultura. Ele pode ser produtor de sentidos, experiências, ideias e valores.

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais implicando a adesão dos outros. Pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural

Portanto, o corpo, enquanto um constructo social não se pode reduzi-lo a um simples instrumento ou objeto, posto que, o mesmo oferece infinitas diversidades de usos, sentidos e significados dentro de uma sociedade. O corpo possibilita ao homem não somente meio de produção de cultura, mas também de transformação e ação ativa no mundo.

Michel Foucault (2015; 1987) entende a sociedade como um sistema disciplinar que assujeita o corpo às estruturas sociais, formatando os sujeitos e suas subjetividades. Segundo o antropólogo Claudio Lucio Mendes (2006), o corpo para Foucault é ao mesmo tempo uma massa física, formada de carne e ossos, mas inerte. Uma superfície que pode ser modulada, moldada e remodelada por técnicas disciplinares que irá controlá-los. É nele que se inscreve as relações de poder. É sobre essa “massa física” que o sujeito e as subjetividades irão ser

formatadas “Ao contrário do sujeito - que não existe *a priori*, mas é uma invenção pautada em discursos e relações de poder-saber que o constituem -, o corpo em Foucault preexiste como superfície.” (MENDES, 2006, p. 168).

As análises foucaultianas sobre poder e corpo apontam que durante séculos o Ocidente, foi capaz de criar discursos, saberes e poderes que produziram certas normatizações e disciplinarizações sobre os indivíduos e seus corpos. Tal como observado pelo autor em *Vigiar e Punir* (1987), obra na qual o autor investiga a formação dos sistemas penitenciários modernos, como resultado das reformas operadas pelo Estado e pela sociedade a partir dos séculos XVII - XVIII. Em “corpos dóceis”, mostra que é na Idade Moderna – que denominou de “clássica” - que o corpo passa a ser visto como “objeto e alvo de poder” (p.163). É quando a sociedade passa a ser dedicar e investir poderes e saberes sobre os corpos não de forma coercitiva, utilizando a força para discipliná-los, mas sim através de técnicas e normalização, disciplinando-os de acordo com as circunstâncias históricas da época.

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Dois registros bem distintos, pois tratava-se ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Segundo Foucault (1987, p. 29) o corpo encontra-se submetido as normatizações e disciplinamentos que são inscritos através das relações de poder.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de as vencer: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo.

Portanto, nas análises foucaultianas, o corpo da sociedade disciplinar é formado de matéria física e biológica, modelado e remodelado por poderes e saberes que constituem as tecnologias políticas. Suas análises sobre corpo foram tão influentes que atualmente é impossível falar sobre o tema sem citar as obras de Foucault.

Anthony Giddens (2002), entende que na modernidade, o indivíduo, tem capacidade de ação mesmo diante da influência das “tendências globalizantes da modernidade”, o sujeito realiza escolhas (GIDDENS, 2002 p. 27). O corpo no pensamento giddensiano tem agência e a ação dos atores tem espaço privilegiado em sua obra, conforme se observa nessa citação “A ação é um processo contínuo, um fluxo, em que a monitoração reflexiva que o indivíduo mantém é fundamental para o controle do corpo que os atores ordinariamente sustentam até o fim de suas vidas no dia -a- dia (GIDDENS, 1989, p. 7). Essa “reflexividade” surge a partir do momento em que o ator age nas estruturas quer seja interagindo, se apropriando ou reapropriando dos seus elementos frente a realidade social e nas situações cotidianas.

Contudo, se faz necessário frisar que o corpo em Giddens (2002) não pode ser entendido apenas como um local para a ação, posto que, é também um organismo vivo. O que nos permite entender que o autor não nega a parte físico-biológica do corpo em favor da visão mais culturalista. Giddens (2002), reconhece que o corpo deve receber os cuidados necessários para sua manutenção e existência “E um organismo físico que deve ser cuidado por seu possuidor; é sexuado; e é uma fonte de prazer e de dor.” (GIDDENS, 2002, p. 62). Nisso, implica adotar determinadas práticas como, por exemplo a adoção de regimes alimentares. Para o autor, o regime assume importância determinante para a formação do auto identidade, visto que, relaciona esses hábitos com “aspectos visíveis da aparência do corpo” (GIDDENS, 2002 p. 63). No entanto, isso não significa afirmar que o autor é um defensor das dietas ou que é um crítico da obesidade. Mas sim que reconhece isso como um dado na sociedade contemporânea, que faz parte da forma de pensar e viver o corpo.

Retomando os pensamentos whiteano, percebe-se que o corpo ocupa um lugar central na obra de White, haja vista, que através dele o indivíduo deve buscar santificar-se e purificar-se e disso depende o desenvolvimento de sua espiritualidade. Contudo, não se pode dizer que se trata de um mero instrumento para o alcance da salvação, uma vez que, também exige ação do indivíduo para saber quais melhores escolhas adotar para alcance e manutenção desse equilíbrio (DARIUS, 2014). É possível, dizer que existe uma certa agência no conceito de corpo whiteano, no que tange a administração para cuidar da saúde. Todavia, não se pode conceber tal agenciamento como plena liberdade do indivíduo, visto que, os membros se encontram submetidos as normas da moral desta denominação.

É preciso igualmente entender essa “ agência” não sob uma perspectiva de resistência, de transformação, mas sim de uma ação reflexiva que se revela na vida cotidiana dos sujeitos. Assim, de um lado há a moral religiosa que constrange o ator e de outro a liberdade que os agentes dispõem que os ajudam na construção de sua identidade de forma mais autônoma e reflexiva.

Darius (2014), afirma que no “ reino do corpo” de White a partir do momento em que o homem é entendido como um ser integral e cuidar do corpo implica também cuidar do espírito. Tal cuidado está debaixo das melhores escolhas do indivíduo em relação a sua saúde. O objetivo é alcançar um equilíbrio moral em toda as situações de sua vida e ter condições possíveis de explorar ao máximo as potencialidades do indivíduo. Esse equilíbrio os ajudam a discernir o certo e o errado, fortalecendo seu vigor moral.

Importa salientar que essa racionalidade do corpo engloba não somente nas práticas de saúde, mas também no controle das emoções durante o culto, nas recomendações sobre vestuário e estética corporal e na forma de viver a sexualidade.

3.3 O Estilo de vida adventista: sobre a relação saúde e corpo

No ano de 1863, a Irmã Ellen White com então 36 anos de idade vivia na cidade de Otsego localizada no Estado de Michigan, EUA, quando afirmou ter recebido uma visão através da qual Deus lhe mostrou a importância de uma Reforma de Saúde para a igreja. Douglass (2003), afirma que o entendimento de White sobre a relação entre mente e corpo permitiu que a autora percebesse que os humanos eram mais do que “ agentes morais livres” (p. 278). Mas que são seres formados por “[...] componentes interativos e integrativos do corpo, mente e espírito exigiam a saúde de cada componente para que todos pudessem funcionar eficientemente. ” (DOUGLASS, 2003, p. 278). Assim, se ” essa sinergia” (p. 278) não estiver em plena saúde, as consequências poderiam ser danosas para o homem.

Douglass (2003, p. 283) apresenta os princípios que compõe a Mensagem de Saúde Adventista:

- Os que não controlam o apetite alimentar são culpados de intemperança.
- A carne de porco não deve ser comida em nenhuma circunstância.
- O fumo, em qualquer de suas formas, é um veneno lento.
- A estrita limpeza do corpo e da casa e seus arredores é importante.
- À semelhança do fumo, chá e café são venenos lentos.
- Bolos, tortas e pudins muito substanciosos são prejudiciais.
- Comer entre as refeições prejudica o estômago e o processo digestivo.

- Deve-se estabelecer horários adequados entre as refeições, dando ao estômago tempo para descansar.
- Se houver uma terceira refeição, esta deve ser leve e várias horas antes de dormir.
- As pessoas acostumadas a comer carne, molho de carne e pastelarias não sentem prazer imediato em um regime alimentar simples e integral.
- O apetite glutônico contribui para a condescendência com as paixões corruptas.
- Adotar um regime alimentar simples e nutritivo pode superar um dano físico provocado por um regime alimentar errado.
- Reformas alimentares poupam gastos e trabalho.
- Crianças que comem alimento cárneo e comidas picantes apresentam forte tendência para a condescendência sexual.
- As drogas venenosas prescritas pelo médico matam mais pessoas do que todas as outras causas de morte combinadas.
- A água pura deve ser usada abundantemente na conservação da saúde e cura de doenças.
- Somente a Natureza tem poderes curativos.
- Os remédios mais comuns, como a estricnina, o ópio, o calomelano, o mercúrio e a quinina, são venenos.
- Os pais transmitem suas debilidades para os filhos; as influências pré-natais são enormes.
- Obedecer às leis de saúde prevenirá muitas enfermidades.
- Deus é com demasiada freqüência acusado de mortes provocadas pela violação das leis naturais.
- Precisa-se de luz solar e ar puro, principalmente nos quartos de dormir.
- O banho, mesmo o banho de esponja, será benéfico no início da manhã.
- Deus não realizará milagres em favor daqueles que vivem violando as leis de saúde.
- Muitos doentes não apresentam causa orgânica para sua enfermidade; seu problema é uma imaginação doentia.
- O trabalho físico, feito com alegria, ajudará a criar uma disposição saudável e jovial.
- A força de vontade tem muito que ver com a resistência à doença e é calmante dos nervos.
- O exercício feito ao ar livre é importantíssimo para a saúde física e mental.
- O excesso de trabalho provoca colapso tanto na mente como no corpo; é necessário um repouso da rotina diária.
- Muitos morrem de doença provocada inteiramente pelo comer alimento cárneo.
- Cuidar da saúde é uma questão espiritual, e reflete o comprometimento da pessoa com Deus.
- Um corpo e mente saudáveis afetam diretamente a moral e a capacidade de discernir a verdade.
- Todas as promessas de Deus são feitas sob condição de obediência.

A mensagem de saúde proposta por Ellen White se caracteriza pela preocupação com o aspecto físico, mas também mental, compreendendo a saúde corporal como elemento fundamental para a constituição de uma vida religiosa sadia. (LOUGHBOROUGH, 2014). É um discurso de saúde em que o corpo é entendido como “templo do Espírito Santo”. Logo, deve receber os cuidados necessários para proteger-se das contaminações do pecado. Tal como revela a profetisa em suas recomendações sobre saúde.

É preciso salientar que na obra whiteana, bem como a doutrina adventista como um todo, o corpo, é entendido como “Templo do Espírito Santo”, “habitação do altíssimo”. Um espaço e instrumento de adoração. Desta feita, deve ser cuidado e tratado de maneira que

contribua para o crescimento espiritual do fiel, mantendo-o purificado e saudável e obedecendo hábitos e práticas de saúde determinados por Deus. No documento *Estilo de Vida e Conduta Cristã*, disponibilizado pelo site Oficial da IASD apresenta algumas orientações de conduta, cujo propósito é regular o comportamento cristão dos iasidianos

Tal documento define o corpo como:

O corpo humano é o templo do Espírito Santo e o cristão deve glorificar a Deus em seu corpo [...] O cuidado do corpo e da saúde faz parte da restauração da imagem de Deus no homem: “Deus deseja que alcancemos a norma de perfeição que o dom de Cristo nos tornou possível. Ele nos convida a fazer nossa escolha do direito, para nos ligarmos com os instrumentos celestes, adotarmos princípios que hão de restaurar em nós a imagem divina. Na sua palavra escrita e no grande livro da natureza, Ele revelou os princípios da vida. É nossa obra obter conhecimento desses princípios e, pela obediência, cooperar com Ele na restauração da saúde do corpo bem como da alma”) (ESTILO DE VIDA E CONDUTA CRISTÃ, 2011, p. 14).

Para White (2007b), os hábitos alimentares adotados pelos crentes exercem influência sobre a espiritualidade. Neste sentido, excessos, inconstâncias e enfermidades estariam associadas a transgressão da Lei Divina. Assim, o controle do corpo dos excessos e gulodices é fundamental para uma vida física e espiritual sadia.

Muitos me tem perguntado: “Que procedimento devo seguir para preservar minha saúde? Minha resposta e: Deixai de transgredir as leis de vosso ser; deixai de condescender com o apetite depravado; ingeri alimentos simples; vesti-vos saudavelmente, o que requerera modéstia e simplicidade; trabalhai de maneira saudável; e não adoecereis (WHITE, 2007b, p. 52).

White também acreditava que a Reforma de Saúde⁵³ tratava-se de uma ordenança divina que visava a preparação para o “segundo advento” e que estaria associada as três mensagens angélicas. Conforme descrito em Apocalipse, capítulo 14. Segundo Schünemann (2008), dentro das três mensagens angélicas estaria não somente o dever de exaltar a Deus como Criador, bem como a adoção de práticas corporais e hábitos alimentares saudáveis, que prepararam o corpo, purificando-o e o santificando-o. De acordo com o autor, a IASD, apresenta uma proposta de medicina naturalista que engloba dieta vegana, hidroterapia e geoterapia e os

⁵³ “A reforma da saúde e um dos ramos da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela está tão estreitamente relacionada com a mensagem do terceiro anjo quanto a mão o está com o corpo. A lei dos Dez Mandamentos tem sido considerada levemente pelo homem; todavia o Senhor não irá punir os transgressores dessa lei sem primeiro enviar-lhes uma mensagem de advertência. Os homens e as mulheres não podem violar as leis naturais ao serem condescendentes para com o apetite depravado e paixões licenciosas, sem violarem a lei de Deus. Portanto Ele permitiu que a luz da reforma da saúde brilhe sobre nós, para que possamos compreender a pecaminosidade da transgressão das leis que Ele estabeleceu em nosso próprio ser. (WHITE, 2013, p. 25)

chamados “oito remédios naturais” os quais são: beber bastante água limpa, alimentação saudável, ar puro, exercícios físicos, descanso, luz solar, abstinência de bebidas alcoólicas e confiança em Deus. São práticas corporais fundamentados pelas orientações das Escrituras que fornecem ao crente um governo cuidadoso, equilibrado e temperante sobre seu corpo.⁵⁴ Assim, os adventistas se destacam em meio as demais denominações por suas particularidades relacionadas as práticas corporais e ideias sobre saúde.

Schünemann (2008, p. 2), em relação aos cuidados com a saúde entre os adventistas sintetiza algumas de suas recomendações:

Pode-se sintetizar essas recomendações como proibições alimentares à carne (embora se faça uma distinção entre carnes limpas e imundas), condimentos e bebidas como chá preto e café. Ainda na área alimentar faz críticas a terceira refeição do dia, ao comer entre as refeições e relaciona a condescendência alimentar como estímulo a comportamento sexualmente não virtuoso. Além disso, combate as drogas usadas pela Medicina como venenos, insistindo que o tratamento deveria utilizar apenas elementos naturais. Recomenda de positivo, o banho, a ventilação do ambiente e permitir que a luz solar entrasse nas residências. Estabelece também alguns conceitos como a alimentação carnea traz muitas enfermidades, que os pais transmitem suas fraquezas morais aos filhos, de modo que quando os pais não cuidam de sua alimentação, os seus descendentes herdam essas fraquezas.

Foucault (2015), ao discutir sobre o dispositivo da sexualidade afirma que esses enquanto uma rede heterogênea de elementos que controlavam os corpos, produzindo subjetividades, foi capaz de elaborar a chamada “teoria de degenerescência.” Tal teoria, defende que uma pessoa em que a ascendência familiar encontra-se carregada de doenças (funcionais, psíquicas ou orgânicas) poderia gerar um perverso sexual (homossexual, sádico, exibicionista, etc.). Do mesmo modo, a teoria da degenerescência explica que um pervertido como um homossexual poderia gerar filhos raquíticos ou doentes. Segundo o autor, “O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constituiu o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo” (FOUCAULT, 2015, p.129), ou seja, foi fundamental para formatação do tipo de sexualidade construída nessa época. Foucault (2015), acrescenta ainda que não se tratava apenas de uma teoria médico-científica de caráter moralizante. Já que, não se restringiu a esses meios, mas se estendeu profundamente na sociedade em todas as suas esferas. “A psiquiatria, mais a jurisprudência, a medicina legal, as instâncias de controle social, a vigilância das crianças perigosas, ou em perigo, funcionaram durante muito tempo ‘pela degenerescência’, pelo sistema hereditariedade-perversão” (FOUCAULT, 2015, p. 129).

⁵⁴ É interessante falar sobre o “conceito de natural” entre os adventistas, haja vista que “natural” em uma cultura ou grupo social pode tanto se referir ao biológico quanto tratar-se de uma construção cultural. No caso dos adventistas ao que parece o sentido de “natural” estaria relacionado a pertencer a natureza, criados por Deus, logo são saudáveis, que não ofendem ao corpo e são fonte de qualidade de vida.

Teoria da degenerescência-hereditariedade é constituída a partir da relação entre biologia e moral. Pereira (2008) citando Serpa Jr. (1998) afirma que o termo “degenerescência” no latim refere-se a *genus, generis* que significa raça, cujo sentido remete-se a uma degradação da descendência, família, genealogia, etc. O autor ainda apresenta outros significados como degradação de costumes. Contudo, Pereira (2008), afirma que a ideia de degenerescência (formulada por Morel)⁵⁵, trata-se das degenerações biológicas morais, comportamentais (vícios e viciados), as quais são transmitidas biologicamente para as gerações seguintes. Repousa sobre a concepção cristã de “perfeição da criação divina”⁵⁶. Isto é, Deus teria criado o homem perfeito (sem doenças, defeitos, vícios) no Éden. Contudo, seu pecado deu origem a doenças e o corpo humano começou a degenerar física e moralmente. Acreditava-se que desde o pecado original todo tipo de iniquidade humana (pecados, males, vícios) vinha sendo transmitida de geração em geração. “Assim, uma linhagem acometida pela degeneração tenderia a acumular e acentuar seus desvios, o que, em seu extremo, acarretaria na sua esterilidade e extinção. Tratar-se-ia, portanto, de uma forma encontrada pela natureza para eliminar os vícios desenvolvidos e acumulados por uma geração.” (PEREIRA, 2008, p. 492).

Pereira (2008, p. 493) afirma que os especialistas da época apontavam diversas causas para a degenerescência, tais como: “alimentação deficiente, vícios em álcool, pobreza, imoralidade dos costumes, conduta sexual desregrada, doenças da infância e também a carga de degenerescência de origem familiar”. O peso da hereditariedade genética sobre a criança desempenhava uma função primordial dentro dessas teorias para formação da pessoa humana. Foucault (2006) *apud* Pereira (2008, p. 493) lembra que “[..]será chamada de ‘degenerada’ a criança sobre a qual pesam, a título de estigmas e de marcas, os restos da loucura dos pais e dos antecedentes”.

⁵⁵ Benedict-Augustin Morel (1809 – 1873), foi um psiquiatra franco-austriaco que publicou o Tratado da Degenerescência onde defendia a tese de que as doenças mentais eram causadas por degeneração moral e biológica transmitidas hereditariamente. Seus pensamentos influenciaram bastante a medicina de sua época. Suas perspectivas eram alimentadas por forte religiosidade católica segundo a qual a degeneração biológica, moral, e mental estaria associada ao pecado original. (PEREIRA, 2008)

⁵⁶ Em sua obra a Sra. White aponta que o plano de Deus para o homem contemplava também uma alimentação distante das intemperanças e dos excessos alimentares que existia no seu tempo. Essas práticas de saúde eram constituídas, principalmente pela ingestão modesta de alimentos simples. Para a autora, a adoção de hábitos alimentares nocivos à saúde começou ainda no Éden, quando o homem desobedece a Deus, sendo expulso do Paraíso, conforme descrito em Gênesis (Gn.3: 1-24). O consumo de carne, para White, é decorrente da Queda do Homem, que segundo a profetisa, até então, era vegetariano, mas passa a incorporar hábitos alimentares que destoam do propósito de Deus, insultando contra seu corpo e a sua mente. Dessa forma, na visão whiteana, os excessos alimentares seriam resultado da desobediência do homem para com a Lei Divina instituída no Éden.

É possível perceber a presença de elementos da “teoria da degenerescência-hereditariedade” na obra de White, quando afirma que “Os pais transmitem suas debilidades para os filhos; as influências pré-natais são enormes.” (DOUGLASS, 2003, p. 284). Ou ainda, quando advoga que um indivíduo que se sujeita as paixões, instintos e desejos do corpo acarreta adoecimento e enfraquece seu vigor moral e mental. O que demonstra a relação entre medicina e moralidade religiosa que marcou bastante o século XIX, permeando muito dos discursos sobre sexualidade e corpo no período vitoriano.

Igualmente demonstra que a Sra. White, enquanto uma senhora vitoriana era informada sobre os discursos de saúde e sexualidade de sua época, ao falar que “Crianças que comem alimento cárneo comidas picantes apresentam forte tendência para a condescendência sexual.” (DOUGLASS, 2003, p. 284). Possivelmente essa passagem refere-se a criança masturbadora sobre a qual Foucault (2015) afirma que a medicina e a psiquiatria investiram um controle e vigilância sobre os supostos riscos à saúde que a masturbação poderia ocasionar, empreendendo uma verdadeira “guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente”, (p. 114). Segundo o autor, houve toda uma mobilização da parte da família e da medicina que se passaram a ver as manifestações e curiosidades sexuais infantis como algo perigoso. Desse modo, o corpo da criança passa ser assujeitado ao controle e o olhar do adulto que reconhecem a manifestação da sexualidade infantil como algo natural e ao mesmo tempo é inadequada diante de sua pouca idade.

Foucault (2015), afirma que no século XIX predominou um tipo de moralidade sexual heterossexual e reprodutora em que considerava perversão todo aquele que não se encaixassem nesse padrão. É o que o autor chama de “psiquiatrização do prazer perverso”. Estratégia que faz parte do dispositivo histórico da sexualidade para gerenciamento dos corpos e do sexo. É também quando surge as figuras do homossexual, onanista, sádico, etc., vistos como anomalias sexuais que deveriam ser controladas. Para religiosos como Ellen White, tratava-se de resultados da degradação moral e também dos maus hábitos de saúde e alimentação da sociedade.

O comer e beber seria levado ao excesso, e o mundo se entregaria ao prazer. Esse estado de coisas existe presentemente. O mundo está em grande medida entregue a satisfação do apetite; e a disposição de seguir os costumes do mundo nos tornara cativos de hábitos pervertidos — hábitos que nos farão cada vez mais semelhantes aos condenados habitantes de Sodoma. Tenho-me admirado de que os habitantes da Terra não tenham sido destruídos como o povo de Sodoma e Gomorra. Vejo razão suficiente para o presente estado de degeneração e mortalidade no mundo. Cegas paixões controlam a razão, e toda consideração superior e em muitos casos sacrificada a luxuria (WHITE, 2007, p. 18).

Portanto, em muito dos escritos de Ellen White percebe-se que existe ideias que mostram semelhança com a Teoria da Degenerescência- Hereditariedade. A menção à Sodoma e Gomorra podem facilmente ser interpretada como uma referência a comportamentos homossexuais observados na época em que vivia. A autora fala ainda “A maioria das enfermidades que a família humana tem padecido e continua padecendo tem sua origem na ignorância das próprias leis orgânicas. ” (WHITE, 2007, p. 20), acreditando que uma hereditariedade corrompida por doenças e hábitos desregrados poderia produzir um doente, raquítico, ideias sobre saúde, doença e corpo tão comuns nessa época.

Contudo, as ideias e pensamentos que influenciaram White em suas obras não se restringiram apenas ao período vitoriano e sua medicina, mas também as prescrições bíblicas no contidas no Levítico 11: 1-47. Sobre o qual Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (1991) realiza uma análise que se distanciam bastante daquelas que costumam ser percebidas no meio evangélico. Já que, procura analisar as restrições dietéticas verificadas na cultura judaica a partir da ordem social vigente entre esse grupo.

Em Levítico 11: 1-47 é apresentada uma relação de animais classificados como “puros” e outros como “impuros”. Isto é, aqueles que são proibidos e os não-proibidos, para alimentação dos judeus. Segundo Douglas (1991), a ideia de impureza/pureza contida no texto do Levítico estaria relacionada a cosmologia judaica, mais precisamente aos conceitos de ordem e desordem estabelecidos pela moralidade social dessa cultura. Assim, os animais que eram considerados “puros”, seriam somente aqueles que ruminam e tem unhas fendidas, cuja a fenda se divide em duas, bem como os peixes que contém barbatana e escamas. Já os classificados como “impuros”, seriam inadequados a alimentação. São aqueles que não tem unhas fendidas e não ruminam como o porco, o coelho, lebre, camelo, assim como aqueles que não tem barbatanas nem escamas como crustáceos, moluscos, peixes de couro, insetos que voam e os répteis. Dessa forma, esses animais dentro da ordem moral-social dos judeus estariam associados a ideia de “sujeira”, desordem, impureza e sobre aquilo que é considerado imoral. Isto é, fora do padrão de normalidade do grupo. Por sua vez, os “puros” diz respeito aquilo que é lícito dentro dessa sociedade. Remete-se a ideia de santidade, ao sagrado. Aquilo que é moralmente aceito entre os judeus.

Se a interpretação proposta dos animais interditos estiver correcta, então as prescrições alimentares eram como sinais que a cada momento inspiravam a meditação na unicidade, na pureza e na plenitude de Deus. Estas regras de evitamento permitiam aos Homens exprimir materialmente a santidade em cada encontro com o reino animal e a cada refeição. A observância das prescrições alimentares seria, assim, uma parte significativa do grande acto litúrgico que era o reconhecimento de Deus e

a sua adoração, acto que culminava no sacrifício no Templo (DOUGLAS, 1991, p. 46).

Com isso, Douglas (1991), pretende mostrar que em todas as sociedades há critérios que definem os conceitos de puro e impuro com o objetivo de coagir socialmente os grupos a adotarem padrões morais legitimamente aceitos. Ao analisar as abominações do Levítico do Antigo Testamento, a autora, demonstra que a importância de estabelecer algo como “puro” é materializada na imposição de instrumentos coercitivos. O objetivo é a manutenção da pureza que, por sua vez garante a ordem e harmonia desse grupo.

Na interpretação de Douglas (1991), os interditos, não são simplesmente regras religiosas, mas tem relação com a ideia do “ser santo” e aquelas posições consideradas dúbias, imprecisas, equívocas, incontroláveis, contraditórias não são aceitas pelo grupo. Serão, portanto, reprovadas pela sociedade, considerada anormal, ilícito, depravado, impuro e entendida como perigoso. Para o antropólogo José Rodrigues (1991), é perigoso porque deforma, destrutura, desestabiliza, contamina, corrompe, vicia e está fora do controle, do entendimento e do alcance daqueles que estão dentro da ordem, logo, deve ser interdito.

Nos escritos de Ellen White, as restrições alimentares, também se encontram relacionadas as ideias de pureza e santidade analisadas por Mary Douglas. Na medida em que propõe aos fiéis a adoção de hábitos alimentares saudáveis como forma de prevenção à saúde e um ato de adoração. Ou seja, trata-se de prescrições que mantém relação com o padrão de santidade e pureza corporal determinado pela moral religiosa. Na ideia de moralidade whiteana, fortemente influenciada pela rígida moral vitoriana, tudo aquilo que levava ao desequilíbrio moral, a corrupção, degenerescência deveria ser afastado do grupo com vistas a manter a sua pureza.

Segundo o antropólogo Paulo Barrera Rivera (2006), as instituições religiosas como um todo constroem uma doutrina, desenvolvendo mecanismos que cuidam de preservar a sua pureza, sobretudo, quando estão em contato com outras culturas e religiões. O objetivo é proteger da contaminação de doutrinas impuras. Isso não somente ajuda a conservação da pureza do grupo, como acaba demarcando o lugar desses grupos.

Portanto, a relação entre saúde e corpo é bastante evidente dentro da doutrina adventista, entendendo esse último como instrumento para o alcance da salvação. Um espaço de disciplinamento, normatização, cuidado e regulação de condutas, as quais irão ser essenciais para a formatação de um comportamento comprometido com o cuidado não somente com uma saúde física em todo seu vigor, mas também com a espiritual. Desse modo, ao estabelecer que

o cuidado com a alimentação tem relação com a santidade corporal e espiritual, os adventistas, criam um estilo de vida que os definem diante de outros grupos de denominação protestante. É o “estilo de vida adventista”.

O teólogo Isaac Malheiros Meira Júnior (2015), define o Estilo de Vida Adventista pode como um modo de vida cristão que contempla as dimensões social, espiritual, física e pessoal. Seus fundamentos são encontrados nas Escrituras, tendo o exemplo de Cristo como um ideal a ser imitado. No entendimento adventista, não deve haver distinção entre fé e comportamento social, ambos devem caminhar juntos. O “estilo de vida adventista” engloba não somente o aspecto da saúde, mas também “Vida de Santificação”; “Crescimento Espiritual”; “Pureza Moral” “Recreação e Mídia”; “Vestuário”; “Joias e Ornamentos” e “Sexualidade Humana”. Suas recomendações encontram-se dispostas no documento oficial da denominação intitulado *Estilo de Vida Cristã Adventista*.

3.3.1 Vida de santificação

Vida de santificação entre os adventistas não se refere somente ao aspecto espiritual, mas contempla todas as dimensões da vida do crente, abrangendo também as suas obrigações no âmbito social. Trata-se do que entre os evangélicos chama de “testemunho”, ou seja, a partir de suas ações e seus comportamentos que o crente procura ser reconhecido socialmente como “cristão”. O que implica, consequentemente, em uma mudança de postura e uso do corpo que visa purificá-lo e controlá-lo sob as normas religiosas. Já que, a “vida santificação” está relacionada a toda uma mudança de hábitos, comportamentos, valores, ideias e visão de mundo que devem ser adotados após a conversão. Refere-se a um amoldamento a doutrina adventista que deve ser adquirida a partir do momento da conversão.

Rubens Alves em *Religião e Repressão* (2014), entende a conversão como um processo através do qual o crente irá absorver a linguagem que o protestantismo define como doutrina, liturgia, conversação que estrutura a realidade “[...] vida e a morte, o passado, presente e o futuro, o aqui e o além, o corpo e a alma, o tempo e a eternidade, o proibido e o permitido, os amigos e os inimigos, tudo é rigorosamente definido.” (ALVES, 2014, p. 66). Para o autor, a conversão consiste basicamente em abandonar uma linguagem e adotar outra. Essa, por sua vez, é definida por Alves (2014) como uma mediação entre o indivíduo e sua realidade e que nos permite conhecer o mundo e interpretá-lo. Alves (2014), explica que conversão consiste em uma reestruturação de esquemas interpretativos da realidade, mas que se encontra sujeita a

necessidade emocionais do indivíduo. Portanto, não se trata de uma linguagem absorvida de uma única vez, mas que atravessa um processo emocional e gradual.

A conversão trata-se de um ajuste religioso ao qual o crente se submete que deve adaptar sua realidade a doutrina, passando a interpretá-la e vivê-la de acordo com as normas religiosas e adequando-se a cosmovisão da religião. No caso dos iasidianos, tal adequação também implica um ajustamento por toda a sua rotina social e cultural, uma vez que a IASD tem o sábado por dia santo⁵⁷. O que obriga uma readaptação de seu cotidiano de trabalho e atividades sociais, diferenciando-se de boa parte da população brasileira.

3.3.2 Crescimento espiritual

De acordo com o documento oficial *Estilo de vida Cristã Adventista* a santificação é um processo contínuo relacionado ao crescimento espiritual do fiel, a qual somente poderá ocorrer mediante aplicação prática da oração, estudo das Escrituras e testemunho pessoal. Isso demanda uma dedicação e zelo diário do crente para com sua espiritualidade que pode chocar com a sua realidade secular. Alves (2014), afirma que o processo de conversão implica em uma nova estruturação de valores que devem ser articulados com a personalidade individuais e também com a vida social. Desse modo, muitos paradigmas da “nova vida” podem se revelar inadequados. Segundo o autor, é o momento em que crises emocionais podem surgir decorrente desse “ajustamento” para organizar sua realidade.

Ocorre que a conversão implica não somente em uma adaptação do homem com o mundo com o qual se relaciona, mas também envolve questões relacionadas ao sentido da vida e do destino. “A nova síntese da conversão é uma indicação de que a personalidade passou por uma metamorfose, instaura-se uma nova atitude axiológica diante da vida: um valor distinto é assimilado à matriz emocional da consciência.” (ALVES, 2014, p. 74). Portanto, a conversão é uma organização/reorganização da realidade a partir da qual será construída uma nova identidade. Uma nova forma de ver e conceber o corpo, ajustadas as exigências tanto da religião, quanto das necessidades do indivíduo. O resultado disso é que podem se originar diversos impactos emocionais e psicológicos na personalidade dos crentes.

Por outro lado, conforme discutido anteriormente, os indivíduos, procuram meios de ajustar as suas crenças as necessidades cotidianas. Moldando, remoldando e reajustando-as.

⁵⁷ A questão da sacralidade do sábado será melhor discutida no terceiro capítulo, contudo, não de forma abrangente, tendo em vista as limitações metodológicas dessa pesquisa.

Portanto, tal “ajustamento” não se trata de um processo neutro, mas também considera a agência do crente que deve orientar suas convicções religiosas à sua rotina cotidiana.

3.3.3 Pureza moral

No documento denominacional *Estilo de Vida Adventista* toma o conceito “pureza moral” como norte para o cristão, que deve procurar rejeitar tudo aquilo que não se enquadre dentro das concepções cristã de certo ou errado. Cabendo ao crente optar pelas melhores escolhas, não se afastando da moralidade religiosa. Alves (2014), afirma que o protestantismo tem um elemento moralista muito forte e que a conversão conjuntamente com a submissão às normas estabelecidas pela instituição são condições essenciais para que o indivíduo pertença a uma comunidade. Contudo, a visão de Rubens Alves sobre a moralidade protestante é bastante negativa e permite entender que o crente é apenas aquele que obedece às regras, cuja consciência estar à mercê das instituições. Acontece que tais regras não são determinadas arbitrariamente e, o fiel, conscientemente e individualmente opta por se submeter a tais normatizações.

Julien Freund (1986), afirma que Max Weber dividiu os grandes sistemas religiosos mundiais em duas categorias distintas: as religiões de salvação e as religiões ritualísticas. No caso da segunda, seriam aquelas formadas por rituais que aceita o mundo e tenta se conformar a ele, adequando-se as normas socialmente impostas. Como exemplo, temos o confucionismo chinês. Já as de salvação seriam as religiões que estabelecem normatizações, uma moral cotidiana para o indivíduo, impondo regras, valores, normas que orientam a sua vida cotidiana de tal forma que determinam comportamentos. Chegando ao ponto de criar estereótipos como é o caso do judeu ortodoxo, do budista, do muçulmano e do protestante pentecostal. Entre os religiosos de salvação, costumam sistematizar a vida cotidiana, levando a uma separação rigorosa de tudo aquilo que seja considerado homem (profano), diante daquilo que é considerado religioso. Resultando em grande influência na conduta moral do indivíduo (FREUND, 1986).

Nesse sentido, o adventismo dentro da tipologia weberiana seria considerada uma religião de salvação. Já que, estabelece uma ética moral aos conversos, a qual abrange não apenas a esfera espiritual, mas regulamenta sua rotina cotidiana. Pretendendo afastá-lo da moral secular, ou mais precisamente daquilo que se convencionou chamar de “profano” dentro da instituição.

3.3.4 Recreação e Mídia

No documento denominacional *Estilo de vida Cristã Adventista*, orienta os fiéis sobre a escolha de atividades recreativas e também acesso as mídias como rádio, televisão e internet e até mesmo a leitura de livros. Segundo o documento, os membros em atividades de lazer devem se pautarem no princípio de “pureza moral” para escolher o que deve ser consumido por um cristão. Neste sentido, materiais relacionados a pornografia, linguagem obscena, adultério e que promovam a violência devem ser evitados. No entanto, como se trata de conceitos vagos, muitas vezes, acaba sendo submetida a interpretação do próprio fiel, a quem cabe “escolher” o que pode apreciar, controlando o conteúdo ao qual tem acesso. Por sua vez, a diversão em lugares públicos como teatros, cinemas e estádios de futebol são considerados inadequados para um adventista. Um dos motivos é que não há controle sobre o conteúdo apresentado (ESTILO DE VIDA CRISTÃ ADVENTISTA, 2012).

Durante um tempo entre os protestantes em denominações moralmente mais rígidas era proibido ver televisão e dispor de aparelho de TV em casa era considerado pecado. Contudo, aos poucos começaram a perceber o potencial proselitista desses produtos audiovisuais, mais precisamente por volta da década de 1960/70, quando começa a haver um grande crescimento de programas religiosos nas emissoras de televisão. Diante deste novo cenário, a IASD, passou a investir em tecnologias de comunicação, tendo em vista um projeto de evangelização de alcance global, sendo uma das primeiras denominações a utilizar a TV como instrumento evangelístico, isso por volta de 1950 (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009).

No Brasil a TV Novo Tempo foi instalada na década de 1990 por meio do sistema Adventista de Comunicação possui uma programação bastante diversificada. Inclui não somente programas religiosos e evangelísticos, mas também científicos, telejornais, com notícias sobre a economia e política. Além de musicais, estudos bíblicos, destinados a família, jovens e crianças. Dentre os que mais chama a atenção é o Vida & Saúde que possui uma programação voltada para falar sobre cuidados com a saúde, corpo e alimentação. São apresentadas receitas veganas de pães, bolos, tortas, sucos, saladas, energéticos etc. Também são recebidos convidados profissionais da saúde, psicologia para tratar de temas relacionados ao corpo. O programa encontra-se dividido em quadros que falam sobre beleza, maternidade, envelhecimento, saúde mental, exercícios físicos e aconselhamento psicológico.

Um dos mais destacados é o quadro “saúde espiritual” que procura dar aconselhamentos para o cristão desenvolver sua vida religiosa mais saudável. Tudo isso a partir de um ponto de vista cristão-adventista. O objetivo é oferecer dicas e ensinamentos aos fiéis, fortalecendo a sua

fé. Uma proposta que se encontra em conformidade com o ideário de saúde adventista, a qual engloba diversos aspectos da vida humana. Neste sentido, o que poderia ser “vida saudável” para os adventistas? Uma pessoa saudável seria aquela com capacidade e equilíbrio moral de conseguir discernir o certo e o errado à luz da moral cristã. Uma pessoa, cujas faculdades moral, intelectuais e físicas estão em pleno vigor, que detém equilíbrio tanto moral quanto espiritual.

Outro quadro que se destaca é o “Sua beleza” pelo conteúdo, posto que, se concentra mais em questões que tratam sobre asseio e higiene corporal como limpeza capilar, cuidados de varizes, proteção da pele contra o sol, dentre outros. Não costuma apresentar dicas de maquiagem, beleza dos cabelos e vestuário, os quais são temas recorrentes em programas deste gênero disponíveis na mídia secular. Mas obedece aos mesmos padrões daqueles exibidos em canais abertos, que ensinam os telespectadores a como cuidar do corpo e da saúde, incentivando-os a adotarem hábitos diários mais saudáveis. Porém, seus ensinamentos estariam fundamentados em uma visão cristã-adventista de homem, saúde e moral, isso logicamente teria uma finalidade espiritual, mas também o cuidado com a parte física do corpo.

No tocante ao cinema - embora durante décadas tenha havido grande preconceito dos crentes em relação a esse tipo de mídia - tem sido possível perceber um crescimento de produções religiosas audiovisuais nos últimos anos, que defendem os valores cristãos. Grande parte tem origem norte-americana e algumas produções são custeadas pelas próprias igrejas. A IASD também tem produzido filmes, como é caso de *O Resgate: Salvação ao Extremo*, um longa-metragem lançado em 8 de abril de 2017. É um filme que faz parte do programa de evangelismo dessa denominação que ocorreu durante a Semana Santa.

Portanto, o que se observa é que essas denominações elaboram estratégias para utilizar os meios audiovisuais como televisão, cinema, rádio para propagar as suas mensagens, ensinamentos e reflexões. Adequando seus produtos as necessidades da religião, do seu público, bem como para seus fins evangelizadores.

3.3.5 Vestuário

A preocupação com o vestuário entre os adventistas está condicionada aos princípios de modéstia e simplicidade cristã, conforme exposta no documento denominacional *Estilo de Vida e Conduta Cristã*. A principal recomendação trata de a importância do membro vestir-se de acordo com normas de recato e discrição. Ou seja, nada de roupas extravagantes, sensual ou

que deixem partes do corpo à mostra. Tais princípios, também se estendem para o uso de joias e enfeites e tudo que envolve a aparência pessoal.

O vestuário cristão é claramente orientado nas Escrituras pelo princípio da modéstia e da beleza interior que implicam bom gosto com decoro. Os Adventistas do Sétimo Dia creem que os princípios acerca do vestuário que aparecem em 1 Timóteo 2:9 e 10 e 1 Pedro 3:3 e 4, em relação às mulheres cristãs, se aplicam tanto a homens como a mulheres. O cristão deve se vestir com modéstia, decência, bom-senso, evitando a sensualidade provocativa tão comum da moda, e sem ostentação de “ouro, pérolas ou pedras preciosas, ou vestuário dispendioso” (1Tm 2:9). [...] esse princípio deve aplicar-se não apenas a roupas, mas a todas as questões que envolvem a aparência pessoal e seus enfeites. Tudo deve evidenciar a riqueza do “homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1Pe 3:4). “O caráter de uma pessoa é julgado pelo aspecto de seu vestuário. (ESTILO DE VIDA E CONDUTA CRISTA, 2011, p. 10).

A norma relacionada ao vestuário é de ordem moral e conforme dito anteriormente devem obedecer aos princípios de modéstia cristã. Condenando a ostentação, exibição do corpo e adesão excessiva a tendências da moda. Sobretudo, aquelas que atenta contra as leis da modéstia (MANUAL IASD, 2010). Portanto, sugerem aos fiéis que ao invés de se preocuparem somente na aparência da peça, privilegiem a modéstia e simplicidade das roupas (ESTILO DE VIDA CRISTÃ ADVENTISTA, 2012). Muitas destas normas costumam atingir mais os jovens, principalmente as meninas. No entanto, quando questionadas sobre o tema afirmaram acreditar que este era o modo adequado de vestuário;

Eu sou totalmente a favor, pois a gente como cristão a gente tem que estar apresentável, chamar atenção do outro não para o nosso corpo em si, mas sim para aquilo que eu sou. [...]. Em relação a isso sobre roupa de homem de mulher, geralmente quando falam isso, falam sobre a calça. Mas algumas pessoas que não tem esse conhecimento, tem esse pensamento de que calça é para homem e de que saia é para mulher, mas não é assim. A igreja em si não tem esse pensamento. É uma questão muito cultural (MARIA, 34 anos)⁵⁸.

A “ questão cultural” diz respeito a importância que a IASD atribui em relação aos costumes de vestuários de cada cultura. Assim, no caso do Brasil, segundo eles, há um padrão de vestimenta para homem e para a mulher que devem ser seguidos, mas obedecendo os princípios de modéstia e decência. Portanto, não há uma regra clara “ isso pode”; “ isso não pode”.

[...] assim, seu eu vier com uma saia curtinha para igreja eu não estou bem vestida. No entanto, seu eu vier com uma calça, estou mais bem vestida que muitas moças que usam certos tipos de saia. Então [.] Ela (a igreja) só pede o quê? Que você procure

⁵⁸ Maria tem 34 anos, solteira e tem cerca de 22 anos de adventismo. (Ver mais capítulo 3)

usar quer seja saia e quer seja calça que não venha delinear muito seu corpo, mas se você botar uma saia bem coladinha fica justo aqui na frente (ela mostra para mim) e aparece o tamanho de tudo. Como da mesma forma é a calça. Mas tem mulher que está muito mais bem vestida com calça do que com saia (MARIA, 34 anos).

Curiosamente, percebi nas falas das mulheres sejam jovens, solteiras ou casadas essa educação do corpo em relação ao vestuário é vista como importante elemento de reconhecimento e pertencimento. Como a modéstia e a decência das roupas servisse para evidenciar seu caráter cristão, a “identidade de crente”.

É importante destacar que as recomendações sobre o vestuário também se estendem aos cuidados com a saúde. Ellen White em *A Ciência do Bom Viver* também traz algumas sugestões relacionadas ao vestuário do crente. Para quem esse deve investir também na saúde física e espiritual. Segundo a Sra. White, utilizar roupas apertadas não é sadio, posto que, impede a circulação sanguínea, “força o sangue” (p. 203) e evita de chegar aos órgãos vitais. Sendo, portanto, não recomendado para os fiéis. Roupas limpas e asseadas são recomendadas para obtenção de uma boa saúde, complementa White (2013, p. 203) “Nosso vestuário deve ser asseado. O desasseio neste sentido é nocivo à saúde, e, portanto, contaminador para o corpo e a alma. ‘Sois o templo de Deus. ... Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá.’ 1 Coríntios 3:16-17. “Na cosmovisão de saúde da Sra. White, as roupas, também devem contribuir para a saúde tanto do corpo quanto da mente. Para a autora, as roupas ao invés de servirem como enfeites e ostentação devem atender às ideias de conforto e a saúde, as quais devem ser almejados pelos crentes.

Mas nossas roupas, conquanto modestas e simples, devem ser de boa qualidade, de cores próprias, e adequadas ao uso. Devem ser escolhidas mais com vistas a durabilidade do que a aparência. Devem proporcionar agasalho e a devida proteção. A mulher prudente descrita nos Provérbios “não temera por causa da neve, porque toda a sua casa anda forrada de roupa dobrada”. Provérbios 31:21 (WHITE, 2013, p. 203).

Essas normatizações morais revelam ajudam a entender as várias formas que a IASD utiliza do corpo para seus fins religiosos. No caso do vestuário, White (2013), evidencia com mais ênfase a importância dos usos funcionais da roupa do que sua dimensão estética de maneira a formatar uma imagem corporal pela qual acreditam que devem ser reconhecidos socialmente.

No entanto, embora haja aconselhamentos para não seguirem modismos, ainda assim, os evangélicos, foram capazes de criar um segmento da moda voltado exclusivamente para atender as suas demandas. É a chamada “moda evangélica”, que antropológicamente pode ser entendida como um marcador da identidade evangélica e que ajuda a compor o *ethos* cristão na

contemporaneidade. Ademais, como se trata de uma moda voltada quase que exclusivamente para as mulheres os ideais de “feminilidade cristã” se refletem nos modelos.

É um estilo quem tem alcançado espaço no mercado da moda e se popularizado entre as cristãs, tendo até publicações editoriais que tratam sobre o tema, como é o caso da Revista ElleGancia, representado pela Imagem 3:

Imagem 3 - Revista Elegância, publicação evangélica voltada ao público feminino



Fonte: Site da Revista ElleGancia

A Revista ElleGancia⁵⁹, que tem por slogan “a moda da mulher cristã”, é uma publicação voltada para o público feminino cristão e aborda assuntos como maternidade, casamento e imagem. Uma das inovações do periódico é disponibilizar espaço para falar da mulher não somente na vida doméstica e na igreja, mas também no trabalho e nas lideranças eclesiais. O que é uma novidade nesse meio, pois, a literatura feminina evangélica recebe diversas críticas justamente por se ater a assuntos que envolve apenas a vida de esposa e mãe. Interessante notar, que a proposta da revista é falar de mulheres cristãs líderes e influentes no meio evangélico, mostrando que é possível ser bela e elegante, sem aderir aos modelos de beleza da mídia secular. Entretanto, boa parte de suas capas de revista obedecem um padrão tipicamente europeu: branca, cabelos longos, lisos e corpo bem delineado.

⁵⁹ A Revista Ellegancia é um trabalho editorial recente. Sua primeira publicação ocorreu no início de 2017 Disponível em: <http://www.revistaellegancia.com.br/a-revista-ellegancia/>

O diferencial está na forma de representação desse corpo, conforme os padrões da “moda evangélica”, que ajuda a desenhar, formatar e educar o “ideal feminino evangélico” na mídia. Assim, elabora-se uma representação visual do corpo da mulher evangélica nos meios de comunicação, ajudando a construir uma identidade feminina cristã com seus próprios signos, valores e estética e pelo qual pretende ser reconhecida. Assim, em uma época em que o corpo está cada vez mais à mostra, vestidos com ousadias de minissaias, microshorts e calças apertadas, a “moda evangélica” investe em padrões estéticos mais conservadores. São modelos que prezam pelo recato e sobriedade, refletindo os conceitos de santidade protestante. A plástica dessa “moda” é recatada, discreta e comportada. Em sua maioria são saias mais alongadas ou em comprimento um pouco acima dos joelhos. Já as blusas, no geral, de mangas curtas ou compridas, além de abusarem de vestidos ao estilo evasês, clássicos e longos. É desenhada com poucos decotes, e com cortes que não destacam as formas do corpo, mas ao contrário devem escondê-las. Já as cores variam, porém, observei predominância de tons claros, pasteis, ou então, em estampas florais, evocando docilidade, castidade e pureza. Conjunto de características do que abrange o “ser feminino” da religião cristã. No qual, a figura da mulher recatada é valorizada e cuja vida e felicidade deve ser encontrado nos cuidados da casa e dos filhos. É a figura da “mulher sábia” do Livro de Provérbios (14: 1). A força maternal, acolhedora e cheia de virtudes que junto com o marido, a “autoridade da casa”, fornece o suporte essencial para que juntos construam um lar. É um conceito de feminilidade tradicional, fundado na divisão de papéis de gênero, algo já considerado ultrapassado em nossa sociedade, mas que ainda define o “ser mulher” dentro de grupos tradicionais cristãos.

Embora sejam um tipo de moda mais comportada se comparada aos microshorts, minissaias tão comuns na moda secular, não significa algo desprovido de graça e beleza, ao contrário, é um tipo de vestuário que pretende exaltar a feminilidade. Há diversas páginas e sites disponíveis sobre “moda evangélica”, que oferecem dicas sobre a maneira mais adequada para uma jovem/ mulher cristã se vestir, dentre as quais há uma cujo o slogan diz “É possível modernizar, sem mundanizar”⁶⁰, revelando suas intenções estéticas e religiosas. É um estilo que objetiva inserir a evangélica na moda, tornando-a mais moderna e atraente, abandonando a imagem de “crente” ascético de roupas largas, cabelos longos e sem vaidade, mas estando em harmonia com sua moralidade e concepção de corpo.

Durante a etnografia foi possível perceber este tipo de negociações e estratégias de, geralmente entre moças jovens, procurando ser recatada, mas feminina. A forma de trajar para

⁶⁰ Página sobre dicas de moda evangélica. Disponível em;< <https://www.facebook.com/GarotaComportada/>> Acesso em 20 ago. 2017

ir ao culto são tão particulares que tornava bastante fácil distinguir somente através da indumentária quem era membro ou não da igreja. Os não-crentes geralmente estavam com bastante maquiagem, roupas mais sensuais e esportivas, contrastando radicalmente com a indumentária comportada e formal dos adventistas.

3.3.6 Joias e ornamentos

A disciplina moral adventista sobre os corpos se estende também a questões voltadas para o embelezamento feminino, como, por exemplo, o uso de joias e ornamentos. Assim, diferentemente das ordenanças em relação ao vestuário em que se pede apenas para seguir os princípios de modéstia e simplicidade, neste caso, a disciplina é clara ao ensinar que o uso de adornos é contrário a Bíblia. Portanto, deve ser evitado entre os adventistas, permitindo apenas o uso da aliança entre noivos e casados.

Mendonça (2008), afirma que o protestantismo brasileiro é totalmente influenciado pelos protestantes puritanos da América do Norte, dos quais importaram comportamentos ascéticos puritanos, produzindo uma religião bastante legalista e moralmente rígida. Segundo o teólogo Antônio Maspoli Gomes (2006), esses paradigmas produziram estereótipos religiosos caracterizado por um ascetismo que não permitia beber, fumar, jogar, além de uma rejeição total a manifestações culturais como, por exemplo, o carnaval, por sua relação com a superexposição do corpo e forte sensualidade, características culturais de nossa sociedade. As mesmas observações se estendem para as questões relacionadas ao vestuário.

Quanto a maquiagem as recomendações determinam aos fiéis obedecer aos princípios de modéstia e simplicidade cristãs, que até permitem usar uma maquiagem corretiva, sem que altere a “beleza natural do rosto”. Ou seja, nada de ornamentar o corpo trazendo objetos ou cores artificiais, visto que, fugiria dos princípios de discrição e modéstia, sobre os quais devem se pautar. É possível encontrar blogs e sites dedicados ao público evangélico feminino que ensinam que a maquiagem da mulher cristã⁶¹ deve ser discreta e sóbria, servindo apenas para disfarçar as imperfeições e “realçar sua beleza natural”. Deixa claro que as cores devem ser suaves, tons claros e neutros e que deveriam ser usados somente em ocasiões especiais com “equilíbrio e moderação”.

⁶¹ Há diversos blogs, sites e páginas voltados para atender o público feminino evangélico com dicas para moda, maquiagens, feminilidade cristã, maternidade, casamento e trabalho na igreja. Dentre os principais destaca o Bonita Adventista <http://bonitaadventista.com.br/>

Contudo, a pesquisa de campo demonstrou que tais regras nem sempre são fielmente obedecidas entre as adventistas, até porque, o significado sobre o que pode ser considerado “discreto” e “sóbrio” passa pelo entendimento de cada um. O embelezamento e ornamento corporal é uma ação que resulta da forma como pensam e cuidam do corpo. Ainda assim percebi que a maioria não maquiava o rosto. As próprias irmãs revelaram não haver problema em utilizar maquiagens, desde que seja com moderação. No entanto, quanto as joias já se mostraram mais reservadas.

Eu gosto de às vezes usar, mas para mim não é uma coisa que ‘tem que ser’ está entendendo? Mas também não sou contra desde que você não use para não chamar atenção. Não seja uma coisa assim, extravagante. A questão joias é muito complicada porque quando a gente vai analisar o contexto bíblico a Bíblia mesmo diz [...] fala da questão de você se ataviar, aquilo que você vai usar. Quer dizer, o que vai lhe beneficiar, o que vai lhe deixar bonito, o que você quer mostrar Essa questão de...” se enfeitar”. Está entendendo? A joia em si ela chama unicamente a atenção para você. Se você for olhar direitinho (se refere a estudar a bíblia) os certos tipos de pessoas que usavam (na bíblia, no geral as joias estavam associadas a prostituição) (MARIA, 34 anos).

No geral, nas falas das interlocutoras demonstrava preocupação com a exposição do corpo, procurando evitar que apenas ele fosse um objeto de atenção do outro. Esse tipo de argumento foi recorrente entre as solteiras que ainda disputam pela atenção masculina.

[...] chamar atenção do outro não para o nosso corpo em si, mas sim para aquilo que eu sou. Para o meu caráter, então, assim se as minhas vestimentas... se eu estou com muito decote, se eu estou com roupa muito curta dificilmente eu vou chamar a atenção principalmente de um homem para o meu valor como mulher (MARIA, 34 anos).

O que se observa é que as evangélicas fazem negociações em assuntos como embelezamento, vestuário e práticas corporais em geral. Sobretudo as mulheres, para quem, essas regras morais sobre o corpo se mostram mais evidentes, uma vez que em nossa sociedade a feminilidade se encontra associada ao uso de joias e ornamentos. Com isso, percebe-se que no seu cotidiano, as moças, acabam gerando outros modos de utilizar seu corpo, visando se adequar as novas modernidades ao passo que procuram se manter nas regras da religião.

3.3.7 Sexualidade adventista

Manual IASD define a sexualidade humana como uma criação de Deus e como tal deve ser experimentada dentro do casamento e vivida entre um homem e uma mulher.⁶² Há diversos

⁶² Os adventistas, mantém uma lista acerca da proibição de determinados comportamentos sexuais como sexo extraconjugal, a prostituição, feminina ou masculina, pedofilia, incesto homossexualismo, lesbianismo,

interditos com relação a questões envolvendo o sexo, como, por exemplo a proibição da masturbação e do consumo de materiais pornográficos. Segundo o Manual IASD (2010), as restrições de determinadas práticas sexuais entre os adventistas concorrem para manutenção da pureza moral e santidade, partindo da concepção de que o corpo é o Templo do Espírito Santo. Portanto, suas ações devem ser voltadas para afastar-se de práticas mundanas que poluam a mente e levem o humano a degeneração moral.

Logicamente que essas interdições sobre a sexualidade também passam pela visão cristã do corpo em que o enxergam como sendo um espaço propício para a corrupção moral, devendo ser submetido a regras de santidade e de abstinência sexual. Dessa forma, sendo o corpo corruptível deve ser santificado. Isto é, submetido as leis morais religiosas, que o disciplinem, o policiem e o controlem para que se torne um lugar de morada do Transcendente. Para Gomes (2006), a sexualidade no protestantismo é ascética, cujos preceitos estão voltados para a defesa do matrimônio e da família. Neste sentido, o corpo se torna apenas um “[...] Objeto que não tem existência em si mesmo; ele deve funcionar a partir de princípios externos e alheios ao sujeito.” (GOMES, 2006, p. 29-30). Segundo o autor, a moral sexual entre os protestantes é fundamentada na proibição do que se praticar, excluindo diversas formas de manifestação corporal que exponha certa sensualidade.

Michel Foucault em *História da Sexualidade* (2015) demonstra que historicamente é impossível compreender a formação da sexualidade em nossa cultura sem considerar a participação da religião cristã na construção do corpo. Foucault (2015), fala que no Ocidente, a confissão e a penitência foram utilizados para controlar a vida sexual dos indivíduos, e que tais instrumentos serviram de parâmetros ao desenvolvimento de “tecnologias” que regularam a sexualidade na Era Vitoriana:

A cronologia das técnicas vem de mais longe. Deve-se buscar seu ponto de formação nas práticas de penitência do Cristianismo medieval, ou antes na dupla série constituída pela confissão obrigatória, exaustiva, e periódica imposta a todos os fiéis pelo Concílio de Latrão pelos métodos do ascetismo, do exercício espiritual e do misticismo desenvolvido com particular intensidade a partir do século XIV. A Reforma em primeiro lugar, em seguida, o catolicismo tridentino, marcam uma mutação importante e uma cisão no que se poderia chamar “tecnologia tradicional da carne”. Cisão cuja profundidade não deve ser desconhecida; mas não exclui um certo paralelismo nos métodos católicos e protestantes do exame de consciência e da direção pastoral: lá como aqui se fixam, com sutilezas diversas, procedimentos de análise e de colocação em discurso da “concupiscência”. Técnica rica, refinada, que se desenvolve desde o século XVI através de longas elaborações teóricas e que se cristaliza, no fim do século XVIII em formulas, que pode simbolizar o rigorismo

travestismo, zoofilia e vícios sexuais. E também condenam assédio sexual, exibicionismo sexual e violência sexual e doméstica. (ESTILO DE VIDA CRISTÃ ADVENTISTA, 2012)

mitigado de Alphonse de Liguori, por um lado, e a pedagogia de Wesley por outro lado (FOUCAULT, 2015, p. 126).

Segundo o autor, a construção da sexualidade no mundo moderno data do século XVIII e se define por uma “ tecnologia do sexo”, mas que não chegava se distanciar completamente da economia moral cristã. Ademais, estabelecia novos poderes e saberes relacionados a medicina, psiquiatria, pedagogia e economia, que remontavam a sua origem na pedagogia sexual do Cristianismo. Foucault (2015), afirma que essas “tecnologias do sexo” se orientam em torno da instituição médica, da exigência e normalidade para controle dos corpos. É diferente da religião que utilizava o castigo e a morte eterna para submissão dos indivíduos e controle das relações conjugais.

Alves (2014), ao falar sobre a moralidade evangélica, destaca que entre os protestantes o sexo foi sempre matéria de silêncio e interdição, atuando sobre os corpos a partir da lógica da proibição e da concessão. “ Parece-me que a hipótese mais provável para a explicação do silêncio é que a ética protestante, realmente, só faz lugar para o sexo como concessão e como permissão” (ALVES, 2014, p. 213). As relações sexuais somente são permitidas dentro dos limites do casamento e tudo aquilo fora desse espaço será proibido. O sexo é visto como perigo e tentação. Desse modo, condutas que façam alusão ao ato sexual deve ser expressamente proibida. Tais proibições são compreendidas no meio protestante como medida preventiva e disciplinar para que assim evite o pecado e a perversão.

Contudo, mesmo reconhecendo a importância das análises de Rubens Alves para a compreensão da moral sexual protestante, se faz necessário salientar que tais discussões remontam aos anos 70 (setenta). De fato, nessa época, os protestantes eram mais silenciosos sobre temas envolvendo a sexualidade, conforme fala o autor “ O silêncio protestante sobre o sexo é a expressão da vergonha, no nível da linguagem. O sexo se diz no escuro e em segredo como pedido de perdão” (ALVES, 2014, p. 216). No entanto, já são passados 40 (quarenta) anos desde a publicação da primeira edição de *Religião e Repressão* e até então muitas mudanças foram operadas no seio protestante.

É possível dizer que em relação há quatro décadas atrás, os evangélicos, são bem mais abertos para falar de questões que envolvem o corpo e a sexualidade. Há uma vasta literatura denominacional, bem como publicações na internet, vídeos, blogs, páginas, livros e sites que tratam sobre o tema. Entre os adventistas, existem produtos audiovisuais que discutem

abertamente sobre questões que envolvem corpo e sexo. Tal como o Programa *Sem Tabus*⁶³, exibido pela Rede Novo Tempo, cujo slogan é “Para falar de sexo sem medo e sem vergonha”. O programa é apresentado semanalmente às quartas-feiras com reprise pelas madrugadas. É conduzido por uma apresentadora que juntamente com especialistas na área de saúde e psicologia (ginecologistas, sexólogos, psicólogos, etc.) discute temas sobre relacionamentos e sexualidade de casais, jovens e também idosos. São discussões que objetivam tirar as dúvidas de telespectadores sobre sexo/vida sexual. Além de informar sobre cuidados com o corpo, higiene íntima, bem como prevenção de doenças.

Surge com uma proposta de ampliar questões e informações que dizem respeito a vida sexual do crente. Procurando, segundo eles, a desconstruir pensamentos de que por ser cristão o sexo será algo negado, proibido em favor de uma vida de santidade e pudicícia. São discussões conduzidas a partir de uma visão cristã-adventista, portanto, condena a pornografia, valoriza a castidade e o sexo dentro do casamento. O que não significa afirmar que se restringem apenas a dizer o que é certo ou errado, ou a proibições e restrições, visto que, todas as discussões são acompanhadas de reflexões sobre o sentido e a importância do sexo na vida do cristão e também sobre o corpo. Especial atenção é dada para a sexualidade das mulheres com programas dedicados a falar sobre o corpo e o prazer feminino. Não nega a importância do desejo da mulher, pelo contrário, até incentiva-o, mas obedecendo os limites da moral sexual adventista. Durante um dos programas uma convidada expõe que o sexo entre cristãos não pode ser visto como um simples ato físico, mas sim de um ser integral, envolvendo aspectos psicológicos, de corpo e alma. Uma relação humana que envolve valores, sentimentos, crenças e ideias.

Ademais, mesmo que o sexo entre os protestantes ainda seja operado a partir de dispositivos de “ concessão” e “ permissão”, autorizado apenas dentro do casamento, a sexualidade, não é vista a partir do ponto de vista reprodutivo. Mas sim, como uma “ dádiva divina”, “uma dimensão da pessoa”, que não interfere somente no corpo, mas também na vida interior das pessoas. Tal como afirma João Paulo II em *A Teologia do Corpo* (2014), um tratado sobre o corpo na Bíblia, escrito a partir de encíclicas papais, as quais falam da sexualidade humana do ponto de vista cristão. Recomendando que o sexo deve ser um ato experimentado entre um homem e uma mulher dentro do casamento, exaltando a importância da castidade, pureza do corpo e da completude entre os sexos.

Essas dimensões de completude entre homem e mulher estão diretamente vinculadas “ sexualidade porque essa é definida como uma dimensão da pessoa que permite uma relação interpessoal específica. Há cinco relações: relações entre homens e mulheres,

⁶³ O Programa Sem Tabus é uma atração da TV Novo Tempo emissora pertencente a Igreja Adventista, apresentada sempre as quartas-feiras por volta das 23:30

conjugais, entre pais e filhos e entre amigos. É importante perceber que o ato encerra apenas 20% da sexualidade. Por isso que supervalorizar essa dimensão é perder coisas como o aprendizado sobre a masculinidade, a paternidade, a filiação e amizade. A união carnal a que se refere o Genesis está a serviço do aprofundamento e não do serviço da satisfação intuitiva do casal (SANTOS, 2015, p. 19).

Não é preciso ir muito longe que também essas novas mudanças de perspectivas em relação ao sexo dentro do seio protestante podem estar envolvidas com as transformações pelas quais a sociedade vem experimentando nos últimos 40 anos. As mudanças promovidas pela Revolução Sexual impuseram as igrejas evangélicas novas responsabilidades, com o intuito de evitar liberação sexual entre os crentes a níveis extremos. Na verdade, é possível entender como uma reação as novas ideias de sexualidade moderna, pautada pela liberalização dos corpos e de um prazer mais individual e hedonista.

Neste sentido, no “estilo de vida adventista”, o corpo é um instrumento a partir do qual se absorve e se inscreve os valores, crenças e normas da instituição, bem como a forma que os fiéis se identificam e se posicionam no mundo. Pode ser entendido como uso do corpo, cujo sentido é somente percebido dentro do contexto social em que foram inscritos. Já que, tais manifestações são expressão da simbologia do grupo. Portanto, o Estilo de Vida Adventista são práticas, conselhos e regras que ajudam a definir o comportamento de um iasidiano, as quais atravessam e se realizam sobre o corpo, marcando a identidade da instituição. Contudo, tal como foi observado até o momento, o corpo entre os adventistas, não é apenas um receptáculo. Um depósito em que são colocados ideias e símbolos. Pelo contrário, os atores, tem papel ativo na medida em que ao mesmo tempo que reproduz também é produtor de ideias e valores em seu cotidiano, construindo sua individualidade.

Além de expressar socialmente a cosmovisão iasidiana, o estilo de vida adventista também atua como mecanismo para aperfeiçoamento da santidade. A ideia de santificação adventista encontra-se profundamente conectada com a ideia de preparação para a Segunda Volta de Cristo. Neste sentido, tal preparação implica em uma formação de caráter no qual a Reforma de Saúde e o Estilo de Vida Adventista devem atuar como instrumento fundamental. Dessa forma, percebe-se que o corpo é o lugar em que a preparação para a Segunda Vinda e a renovação do caráter deve ser concretizada. Será a partir da submissão as leis naturais e a regulação do corpo, bem como na separação de coisas, as quais considera mundanas. Como por exemplo, abstinência de bebidas alcoólicas, café, adoção de hábitos alimentares saudáveis e resistência aos costumes modernos libertinos. A ideia de santidade é essencial para compreender a corporeidade na religião cristã, sobretudo no adventismo.

Conforme afirma Vauchez (1987) “santidade” pode ser caracterizada basicamente a partir da relação do homem comum com o Transcendente. No Cristianismo, as histórias da vida dos santos demonstram que as pessoas buscavam se igualar a Cristo a partir de uma vida ascética e elevação espiritual “Cada santo ou santa dignos desse nome procurou em vida, se não se identificar com a pessoa do filho de Deus, pelo menos, aproximar-se ao máximo dessa norma absoluta.” (VAUCHEZ, 1987, p. 221). Do ponto de vista do protestantismo, a santidade, está relacionada a um modo de vida ético que deve ser realizado na vida cotidiana. Um caminho pelo qual o fiel deve procurar a perfeição moral e espiritual.

É na busca por esse “ideal de santidade” que passa a ser racionalizado entre os protestantes, sobretudo, entre os puritanos calvinistas, um sistema de vida ascético, analisado pelo sociólogo alemão Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2004). Segundo Weber (2004), os protestantes racionalizaram um modo de vida cujo objetivo é afastar o indivíduo da moralidade mundana, livrando o homem de seus impulsos e paixões irracionais, disto depende a adoção de práticas religiosas de punição e abstinência:

Numerosas formas de punição e de abstinência em relação à dieta, sono, relações sexuais despertam ou pelo o menos facilitam o carisma estático, visionário, histórico (...) sua produção, portanto, constitui objeto de ascetismo mágico. O prestígio dessas punições resultou nas noções que certos tipos de sofrimento e estado anormais provocados pela punição são caminhos para alcançar prazeres supra-humanos (WEBER, 1982, p. 314).

São normatizações impostas que vão incidir e se revelar no corpo dos conversos, precisamente nos usos e significados atribuídos a ele dentro desses grupos. É impossível compreender os sentidos e os símbolos corporais desses grupos protestantes, tal como os adventistas sem entender a importância da moral religiosa, posto que será ela que irá organizar os “modos de ser e de viver” dos conversos, sua visão de mundo e sua rotina cotidiana.

Freund (1986), afirma que segundo Weber as normas, regras e valores administrados pelo protestantismo ascético conduzem a uma separação de tudo aquilo que seja considerado sagrado sobre o que seja considerado mundano (hábitos do homem). Desenvolvendo um comportamento moral virtuoso que influenciam fortemente na vida cotidiana. Freund (1986), afirma que a influência desse tipo de ética moral, muitas vezes, pode ultrapassar os limites da vida cotidiana, influenciando na formação das culturas de determinadas sociedades, tal como no caso do protestantismo ascético e do muçulmano.

Ao falar sobre o ascetismo calvinista, Weber (2004), afirma que a consequência da sistematização religiosa das condutas humanas foi a “cristianização total da vida”. Exercendo

grande influência na vida prática e orientando os homens a agir e explicar a realidade segundo a sua cosmovisão religiosa.

A cristianização total da vida completa era consequência dessa qualidade metódica da conduta ética, à qual, diferentemente do luteranismo, o calvinismo obrigava os homens. Sempre deve se ter em mente que uma tal racionalidade teve influência decisiva na vida prática, para entendermos corretamente a influência do calvinismo. De um lado podemos ver que ele usou este elemento para exercer de qualquer modo tal influência. Entretanto, outros credos também exerceram necessariamente uma influência semelhante quando seus motivos éticos fossem os mesmos no ponto decisivo, ou seja, a doutrina da prova. (WEBER, 2004, p. 96)

Weber (2004), afirma que a sistematização de uma conduta racional orientada por valores religiosos objetivava subjugar os impulsos racionais, desejos, excessos e paixões humanas à valores religiosos. O que se aproxima bastante das reflexões sobre corpo na obra whiteana já explicitadas anteriormente, uma vez que Ellen White, segundo Darius (2014) e Douglass (2009) viveu em um contexto histórico-social marcado pelo moralismo religioso rígido que refletiu bastante em sua obra. Na teologia whiteana, há uma preocupação em submeter os corpos a crenças, práticas e princípios religiosos por acreditar que é no corpo que os desejos e idolatrias humanas se manifestam.

A preocupação dos adventistas com os cuidados com a saúde não se restringem apenas em recomendações e admoestações dos seus líderes. Mas há grandes investimentos da parte da instituição para disseminar o ideal de saúde iasidiano. Desse modo, anualmente são distribuídos nas igrejas materiais denominacionais. Além da realização de palestras, oficinas e feiras sobre questões de saúde como instrumento para incentivar o fiel a adotar hábitos alimentares mais saudáveis e cuidar melhor do corpo. Na igreja, essas ações são promovidas pelo Ministério de Saúde⁶⁴ IASD.

A IASD também dispõe de publicações sobre o tema, tal como é o caso da Revista *Vida & Saúde*⁶⁵ que mensalmente publica reportagens e editoriais que estão relacionados a promoção de uma vida mais saudável, baseando-se nos oito remédios naturais.

⁶⁴ O Ministério da Saúde é um departamento da IASD que tem o objetivo de promover melhores níveis de saúde mental e física entre os membros. Na igreja tem a obrigação de elaborar ações, projetos que não somente incentivem a membresia a adotar hábitos e cuidados com a saúde mais salubres, mas também levar o evangelho para todos. (MANUAL, 2010)

⁶⁵ Veja em: <http://www.revistavidaesaude.com.br/historia-da-revista/>

Imagem 4 - Revista Vida & Saúde



Fonte: Adventista.Org

Imagem 5 - Revista Vida & Saúde

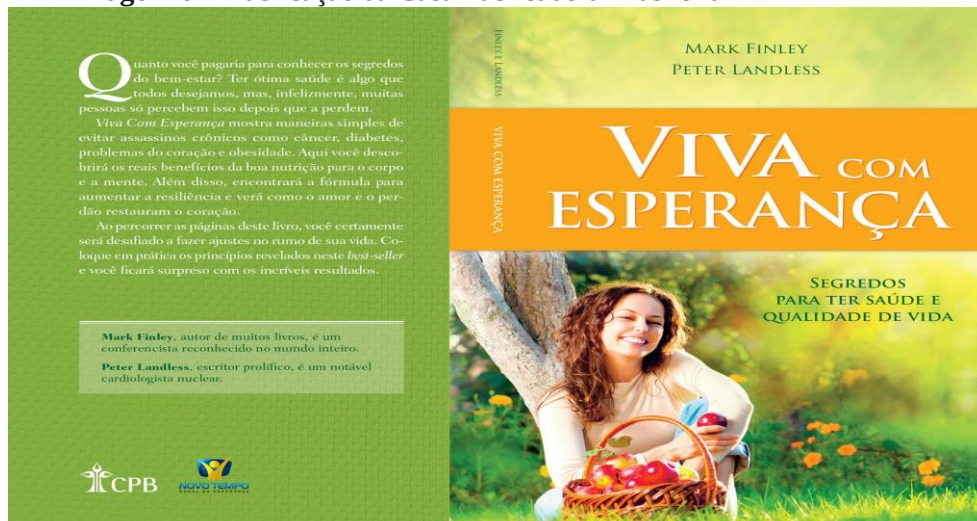


Fonte: Adventista. Org

A Revista Vida & Saúde é uma publicação adventista que circula no Brasil desde 1939. É composta por 17 seções fixas e 52 páginas e visa promover uma saúde preventiva a partir de uma reeducação alimentar e promoção de atividades físicas. Isso sob uma perspectiva adventista de saúde. É comum aparecer reportagens editoriais que alia uma visão da ciência sobre saúde com princípios bíblicos.

É um periódico que segue os padrões das publicações seculares, com mudanças verificadas apenas em seus conteúdos e linha editorial. No que tange a representação visual do corpo nas capas e reportagens não se diferencia muito em relação as outras revistas desse mesmo nicho. Ou seja, em sua maioria obedece ao padrão eurocêntrico comum na mídia tradicional: modelos magras, jovens, brancas e de aparência saudável.

Imagem 6 - Publicação da Casa Publicadora Brasileira



Fonte: Adventista. Org

Conforme dito em tópicos anteriores, as publicações adventistas, sempre foram poderosos instrumentos para a disseminação da mensagem iasidiana. Por isso, apresentam um caráter bastante proselitista. São utilizadas como ferramenta de evangelização. É o caso do livreto “Viva com Esperança”, que é distribuído gratuitamente para as pessoas com o intuito de evangelizá-las a partir dos princípios de saúde.

Imagem 7 - Cartaz de divulgação da Feira de Saúde



Fonte: Adventistas. Org

As feiras de saúde é um dos programas de saúde mais importantes da IASD organizado pelo Ministério da Saúde da IASD. É uma atividade que leva até as comunidades teste de glicemia e aferição de pressão arterial. Além, claro, de atender as necessidades dos doentes da igreja e da comunidade, através da promoção e prevenção do adoecimento. Educando-os para os livrar do fumo, uso de álcool, drogas e também de uma alimentação desregrada.

Contudo, esse programa assume também um caráter proselitista na medida em que seus interesses não se estendem apenas para a membresia da igreja, mas também para a comunidade na qual a instituição encontra-se inserida. Grellman (1996) afirma a que esta mensagem se relaciona com a preparação para a “Volta de Cristo”, e como tal deveria ser utilizada como instrumento de evangelização.

Imagem 8 - Cartaz de divulgação (2016) do projeto “ Mexa-se pela Vida! ”



Fonte: Adventistas. Org

Imagem 9 - Cartaz de divulgação do Projeto Zika



Fonte: Adventistas. Org

Além da “feira de saúde” existem outros programas de grande impacto como o “#MexaSePelaVida”, “Saúde com Esperança”; “Escola de Culinária”; “Projeto Zika” são projetos de saúde sem fins lucrativos que tem motivos sociais e evangélicos. São Iniciativas implementadas pelo Ministério da Saúde da IASD e que visam educar a população. Suas propostas e objetivos são fundamentados na literatura whiteana, tais como a *Ciência do Bom Viver*, *Conselhos de Saúde* e *Conselhos sobre Regime Alimentar*.

A relevância da Mensagem de Saúde enquanto marca identitária denominacional foi o eixo central desse capítulo, considerando o protagonismo de Ellen White na construção do Estilo de Vida Adventista. Procurou-se demonstrar a relação entre as normas religiosas de saúde e comportamento que incidem sobre o corpo, demarcando-o cultural e religiosamente. Ora fazendo dele um suporte, instrumento e receptáculo reprodutor, ou permitindo que uma agencia, ação dos indivíduos se revelem. Isso acontece em diversos momentos, conforme mostrado ao longo do capítulo, especialmente em questões relacionadas a sexualidade, embelezamento do corpo, vestuário e usos do corpo de um modo geral.

4 CORPO, SANTIDADE E REFLEXIVIDADE: O QUE PENSAM OS ADVENTISTAS SOBRE VIDA SAUDÁVEL

Neste capítulo, a etnografia ganha maior corpo com a descrição dos cultos e da disposição dos corpos nos rituais e atividades da igreja. Também apresenta a descrição do bairro do Benedito Bentes e da sua história, procurando contextualizar os hábitos e práticas corporais e seus tabus alimentares à realidade socioeconômica da população entrevistada. Igualmente será apresentada a análise dos dados e entrevistas realizadas com os interlocutores, demonstrando através de suas falas práticas, experiências e discursos produzidos sobre os corpos. É neste momento que irão ser identificadas as negociações, conciliações e estratégias produzidas pelos membros da igreja adventista para viver o discurso de saúde, conformando com outras práticas corporais, mas dentro dos limites da religião.

4.1 Celebrando o santo sia: o culto, o corpo e a disciplina adventista

A guarda do sábado é uma doutrina adventista praticada desde os tempos dos pioneiros, ocupando lugar fundamental dentro da teologia iasidiana e cujas bases se relaciona com seu ideal de santificação.⁶⁶ A celebração do Sétimo Dia entre os iasidianos é considerada uma ordenança divina, conforme determinada pelos mandamentos bíblicos. Assim, desde o pôr-do-sol da sexta feira e durante todo o dia de sábado, os adventistas, costumam ir à igreja celebrar o Santo Dia. É um dia dedicado à prática religiosa. A “guarda do sábado” está relacionada ao ato da Criação, sendo definida pela Enciclopédia Adventista (2010, p. 1287) como um “memorial do poder criativo divino”. Assim, serviria como um dia para lembrar e celebrar a obra do Criador. Além disso, a tradição adventista, afirma que o sábado, seria considerado um dia descanso, conforme dita as leituras do livro do Gênesis (Gn. 2: 3) “O Senhor trabalhou até o sexto dia e ao sétimo descansou”, portanto, é um dia que está intrinsecamente relacionado ao ato da Criação.

Nas Escrituras, o mandamento para observar o sétimo dia como o sábado é, dessa forma, ligado inseparavelmente ao ato da Criação, sendo a instituição do sábado e o mandamento para observá-lo uma consequência direta do ato da Criação. Além disso, a família humana inteira deve sua existência ao ato divino da Criação, tornando-o assim um memorial; portanto, a obrigação de submeter-se ao

⁶⁶ Reflexões fundamentadas no Documento Oficial da IASD sobre a guarda do sábado. Disponível em: <<http://novotempo.com/estaescrito/documento-oficial-da-iasd-sobre-a-guarda-do-sabado/>> Acesso em 08 nov. 2017.

mandamento do poder criativo de Deus compete a toda a raça humana. (ENCICLOPÉDIA ADVENTISTA, 2010, p. 1287)

A observância do sábado na IASD é fundamentada nas determinações contidas nas Escrituras Sagradas, precisamente no livro de Êxodo (20: 10)⁶⁷. Portanto, para os adventistas, trata-se de uma determinação divina que deve ser estritamente obedecida, pautando-se na prerrogativa que Deus investiu o Sétimo Dia como dia distintivo dos demais. Logo, enquanto um dos dez mandamentos, contidos nas Tábuas da Lei, jamais poderá ser anulado, devendo ser santificado e exaltado.

A Enciclopédia Adventista (2010, p. 1287) define o sábado como um mandamento universal “em tempo e perspectiva”, portanto, “É vigente enquanto as obras das quais ele é memorial existirem, e vigora sobre todos os que foram criados e sobre seus descendentes. ” Neste sentido, para os iasidianos o sábado surge como uma ordem divina que busca aproximar o homem de Deus, aprimorando seu relacionamento com o Criador. O sábado surge também para suprir uma necessidade fundamental do homem que seria o descanso. Desse modo, o Criador estaria demonstrando a sua suprema preocupação para se desligar periodicamente o círculo de trabalho semanal (ENCICLOPÉDIA ADVENTISTA, 2010, p. 1287).

O Sábado é, portanto, um dia que os adventistas dedicam para ir à Igreja realizar a obra religiosas, celebrar a Criação, praticar oração, evangelização, bem como obras de caridade, ações humanitárias e até mesmo projetos de saúde organizados pela Igreja. É também o dia em que os cultos costumam a ser melhores frequentados, cujas sociabilidades entre os fiéis podem ser melhor observadas e também vivenciadas. É o momento mais proveitoso para observar os rituais, práticas, movimentos, assim como os valores, regras e códigos culturais que são compartilhados entre os mesmos.

4.1.1 Culto do divino

Sábado é dia do Culto do Divino⁶⁸ na IASD localizada no bairro do Benedito Bentes. É uma igreja que pode ser considerada de pequeno porte em relação aos megatemplos de outras denominações que tem sido construído no bairro nestes últimos anos. No geral, os templos da IASD no distrito Benedito Bentes são pequenos. No entanto, a igreja-central se

⁶⁷Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.

⁶⁸ A descrição dos cultos e dos encontros com os adventistas apresentada para esse trabalho foram desenvolvidas com base em notas etnográficas realizadas na igreja IASD-Benedito Bentes a partir de visitas ao local durante o período de dezembro de 2015 a dezembro de 2016.

destaca pelas comodidades que oferece aos fiéis e por dispor de um espaço amplo para a realização de atividades fora das acomodações da congregação.

Na parte de trás do templo há os banheiros dos homens e mulheres, ambos são pequenos. Além de três salas que são usadas para a administração/secretaria da Igreja. É também onde fica localizada o chamado “Centro White” que se trata de uma pequena biblioteca adventista, onde estão guardadas diversas publicações sobre a doutrina dessa denominação, bem como os escritos de Ellen White, chamados pelos iasidianos de “livros de profecia”.

Imagem 10 - Ala interna da IASD do Benedito Bentes



Fonte: Arquivo da autora

Assim, logo na entrada fui saudada pelos recepcionistas com um “Feliz Sábado”, uma saudação adventista, comumente utilizada pelos féis após o pôr-do-sol da sexta-feira e até o pôr-do-sol do sábado. Um rapaz de terno e gravata pretos ao lado de uma moça vestida formalmente e com uma maquiagem leve, me deu boas-vindas. Ao entrar no templo observei a

presença de poucas pessoas. Ainda era muito cedo, cerca 8:30 e os fiéis costumam a chegar a partir das 9:00 da manhã. Nesse momento, percebi que havia alguns membros conversando, outros orando e outros sentados lendo ou escrevendo. Assim aos poucos, iam chegando e se acomodando nos bancos. Aqueles que chegavam sentavam-se, ou então, se acomodavam na posição de oração. Ou seja, joelhos com o braço apoiado nos bancos, de cabeças baixas e olhos fechados na maneira de um orante. As orações seguiam em silêncio. Em voz baixa ou apenas em pensamentos. Sem expressões corporais ou emocionais mais intensas. Segundo Miranda (2002), no geral, nas denominações cristãs as orações são realizadas de pé, pois tal posição evoca através do corpo respeito, diligência, alerta e disponibilidade. Por outro lado, estar de pé pode significar acolhida “[...] como quando levantamos para receber um amigo que chega e alegria, como quando nos erguemos num estádio para festejar uma vitória” (MIRANDA, 2002, p. 86). Contudo, entre os adventistas as orações costumam ser realizadas de joelhos. O que pode denotar respeito, reverência e submissão com todo o corpo do orante diante de Deus, cujas prédicas devem ser feitas em silêncio, sobriedade e equilíbrio em sua expressividade. (MIRANDA, 2002).

A igreja enquanto uma instituição social possui regras internas que exigem do crente determinadas disposições e posturas corporais. São normas que constroem e educam o corpo adotarem técnicas corporais comuns naquele lugar. Tal como a posição de orante, ou ainda, quando os fiéis se levantam para leitura oficial da palavra. A maneira de ficar sentado defronte ao púlpito numa atitude de respeito, quando a palavra está sendo ministrada pelo pregador. Nos momentos de louvores, quando o cantante pede aos membros para ficarem de pé e acompanharem a letra da música em uma demonstração de reverência. Igualmente nos momentos de oração em grupo quando os ministros pedem para os membros se juntarem entre quatro ou cinco pessoas para fazerem orações em comum. Esses constrangimentos também se refletem na forma de vestir dos conversos, visto que, conforme dito anteriormente a doutrina impõe modos de vestimenta a sua membresia.

O padrão de vestuário observado entre os iasidianos, lembra bastante das igrejas pentecostais clássicas. Seguem um estilo que claramente definem o masculino o feminino através da indumentária. Carregam consigo o “estereótipo do crente”, ascético, puritano e conservador. Desse modo, a estrutura do vestuário dos crentes na IASD- Central não se diferencia muito do que já foi descrito em outros estudos: mulheres sempre com saias e blusas e homens, com calças e camisas. No entanto, o diferencial aparece na ornamentação, nos enfeites, no arrumar dos cabelos e na combinação complexa de cores, estampas e tecidos, resultante daquilo que o filósofo Gilles Lipovetsky (2009) chama de “individualismo estético”

(p. 49), formatado pelas preferências pessoais, modismos, valores morais e autonomia individual. Assim, como a moda atinge preferencialmente as mulheres, sejam moças ou senhoras, essas demonstravam maior variedade estética, quer seja nos penteados (trançados, coques, chapeados ou escovados) ou nas vestes (saías midi, longas, rodadas, cintura alta, lápis e vestidos evasês, longos e clássicos). Já os homens obedeciam ao estilo clássico de vestimenta masculina, logo, mais discretos no trajar com pouca variedade de cores e combinações.

Esse padrão de vestimenta masculino/feminino adotado pelos IASD, segundo Lipovetsky (2009) ajuda a reforçar as diferenças de gênero e também a informar as posições sociais de cada sexo. Assim, no caso masculino a sobriedade dos ternos escuros (cinza, azul marinho ou preto) informa a seriedade do homem que como provedor e protetor da família deve aparentar autoridade, logo pouco dado as futilidades, coisa essas que fica à cargo das mulheres. Essas, por sua vez, mais caprichosas com a aparência, as roupas, são também instrumentos de sedução, uma vez que sexualiza seus corpos, evidenciando suas formas, quer seja mediante saias que marcam os quadris; vestidos que delineiam o corpo e sapato de salto que evidencia a postura corporal, dando maior altivez a mulher, podendo também aparentar poder e segurança. Portanto, o padrão de vestuário adotado pela IASD delimita também os espaços de atuação dentro das relações de homem e mulher e igualmente na sociedade e até na igreja. Tal como no caso dos ministros, (pastores, pregadores e anciãos) que durante os cultos, geralmente se encontravam de terno, fazendo da roupa um elemento de *status* religioso, haja vista que são membros da liderança oficial da instituição. Ademais, essa característica dos líderes é comumente observada entre protestantes tradicionais. Durante período que frequentei as Assembleia de Deus era obrigatório obreiros (pastores, presbíteros e diáconos) irem ao culto de terno e gravata, correndo o risco de serem advertidos caso desobedecesse a norma.

Entretanto, a formalidade da indumentária é maior observada nos cultos sabáticos, posto que, no cotidiano notei maior adesão ao uso das calças jeans (da parte das meninas), bermudas, shorts e regatas. Ocorre que os adventistas não determinam proibições a determinado tipo de trajes, pedem que os princípios de modéstia, saúde e decência sejam seguidos, bem como o padrão masculino e feminino de vestimenta determinados culturalmente. Do mesmo modo, em relação aos cabelos, posto que, entre os iasidianos não existem determinações rígidas sobre essa questão. Assim, é possível encontrar moças de cabelos longos, tamanho médio ou corte chanel e até senhoras de cabelos curtos. Já os homens o estilo tradicional de corte masculino era predominante e também sem barbas longas ou por fazer.

Após entrar no templo procurei me acomodar em um dos bancos para observar o início culto. Inicialmente notei que os ministros haviam começado o introito, pois estava sendo dadas

as saudações iniciais aos membros. Neste momento, os fiéis fazem genuflexão diante dos bancos para realizar suas preces e na sequência tem início o momento de louvor. Porém, antes disso foi passado um vídeo relatando a história de um converso. É um tipo de apresentação comum entre os adventistas que costumam dar testemunhos de conversão de outras pessoas como forma de comprovar e exaltar as mudanças que a fé provoca na vida das pessoas. Após o final das apresentações, foi então realizado o momento do ofertório. É quando dois diáconos passam por toda nave da igreja através dos bancos com uma salva⁶⁹ para que sejam depositados os dízimos e as ofertas. Em seguida é feita uma oração em agradecimento pelas doações em que hinos adventistas são entoados por um vocal formado por moças e rapazes.

Na IASD, assim como em diversas denominações cristãs, a música, possui um lugar especial dentro do culto. Esse momento colabora e serve aos propósitos da adoração, despertando as funções emocionais e culturais e também mobilizando o corpo, mesmo que seja para momentos de introspecção. No entanto, a cultura musical adventista apresenta particularidades em relação as demais denominações. No documento oficial da IASD, intitulado *Filosofia Adventista em Relação a Música* (2004), traz consigo algumas exigências sobre os musicais dentro da igreja, que apresenta técnicas corporais específicas. Dentre as quais, recomenda que o cantar deve ser feito em “entoação clara, pronúncia correta e perfeita enunciação.” (IASD, 2004, p. 1). Sem sons estridentes e “distorções das vozes” (p. 1), tal como os cantores de rock, por exemplo. Prezam pelo estilo de música sacra. Além disso, exige que os cantores cuidem de sua aparência pessoal, aconselhando vestir-se com “modéstia e decência”. A intenção é evitar que sua imagem chame maior atenção que a mensagem passada pela letra da música. Percebi que nos vocais as entonações das vozes iam do soprano, passando pelo contralto até o tenor. Vozes agudas, suaves que lembram uma apresentação de coral e sem grandes malabarismos vocais, bem como movimentos do corpo. Portanto, observa-se claramente que há uma relação direta entre música e corpo no adventismo, quer seja na forma de apresentação e até mesmo na qualidade e melodia dos louvores. As músicas não podem incentivar movimentos, balanços, tampouco manifestações corporais mais exaltadas.

A música se caracteriza pela qualidade, equilíbrio, adequação e autenticidade. A música favorece nossa sensibilidade espiritual, psicológica e social, como também o nosso crescimento intelectual. [...]. Não segue tendências populares que abrem a mente para pensamentos impuros, que levam a comportamentos pecaminosos ou que destroem a apreciação pelo que é santo e puro. “A música profana ou a que seja de natureza duvidosa ou questionável, nunca deve ser introduzida em nossos cultos. (IASD, 2004, p. 1).

⁶⁹ “Salva de ofertório” refere-se a um pequeno prato ou tigela utilizado nas igrejas para recolher as ofertas durante os cultos pelos diáconos ou auxiliares

Em seus louvores dão preferência ao seu hinário, cujos hinos se destacam pelas letras que sempre tratam sobre o sacrifício e amor de Cristo, bem como pela leveza da melodia. Na igreja do Benedito Bentes não havia instrumentos como guitarra e bateria, predominando a apresentação de grupos vocais, solistas e de música instrumental, como piano e o saxofone. Tampouco, permitiam o uso de gêneros musicais como rock, samba ou jazz, por considerarem profanos e dançantes.

Ademais, os adventistas são exigentes em relação a liturgia sabática, conforme demonstra o *Documento Oficial sobre a Liturgia do Sábado* (2011), o qual condena posturas impróprias dos ministros no espaço do púlpito como cruzar as pernas ou qualquer gesto desleixado, exigindo das oficiais vestimentas decorosas que prezem pelo bom gosto, decência e de modo apropriado ao ambiente da igreja. Na verdade, os iasidianos adotam o “estilo de culto litúrgico” (*idem*, p. 29) que valoriza a reverência, ordem e o planejamento cultíco. Tais exigências, ajudam a inibir expressões do corpo mais emotivas e extravagantes dos seus pregadores. Portanto, não se trata de um culto do “tipo avivado” visto nas igrejas pentecostais com pastores clamando em voz alta. Não há danças, gritos de glórias ou aleluias, êxtases espirituais, explosões emocionais ou qualquer tipo de manifestação espiritual. No culto litúrgico a espontaneidade do corpo dá lugar a emoções contidas e atenção as letras e as melodias.

A moral do corpo no adventismo incentiva a controlar e equilibrar gestos e expressões emocionais durante os momentos de adoração. Ellen White, incita o uso racional e equilibrado da música, pois segundo ela, o objetivo do louvor é elevar os pensamentos a centralidade da mensagem evangélica. White, exige também disciplina corporal no momento de louvor, sem excitação do corpo e sem música dançante. A intenção é promover um culto racional e harmônico, exigindo parcimônia do corpo e da mente dos crentes. Portanto, é uma cultura musical que passa pelo controle corporal tanto dos membros quanto dos músicos. Esse controle sobre o corpo ajuda a definir e a configurar a corporeidade e a identidade iasidiana. No documento *Filosofia Adventista em Relação a Música* (2004), a adoração e o louvor são momentos que devem ser recebidos de maneira reflexiva, racional e equilibrada. Exige reverência do corpo. Uma disposição corporal para o ouvir e para o falar.

Ellen White em uma de suas obras afirma que tudo aquilo que esteja ligado ao culto deve ser feito de forma “solene e impressiva” (WHITE, 2013c, p. 30). Neste sentido, qualquer ato excêntrico e manifestações tidas como anormais, exageradas ou grotescas fere o caráter sagrado do culto, que deve prezar pela sobriedade e equilíbrio. O controle das emoções e gestualidade que perpassa por todos os rituais adventistas mantém relação com a concepção de corpo racional whiteana (já tratada anteriormente), segundo a qual o crente deve se abster das

paixões, excessos e desejos com o objetivo de buscar a santidade e a pureza. Para a Sra. White (2013c), excessos de emoções, fanatismos e gestos grotescos não contribuí para o crescimento espirituais do crente. Segundo a autora, tanto a música, quanto a pregação e a adoração devem procurar estimular o intelecto e favorecer a sensibilidade espiritual, de forma a afetar o corpo positivamente.

Após esse primeiro momento de louvor uma jovem subiu ao púlpito para dar início a “Adoração Infantil”. É um momento em que as crianças são chamadas até o púlpito para sentar-se e ouvir mensagem dirigida apenas a elas. Ao final, desse momento é realizada uma pequena oração juntamente com todas as crianças para que depois voltem a se sentar nos seus lugares. Na sequência, foi cantado mais um hino. Após terminado esse pequeno momento de louvor entrou uma senhora que pediu para todos ficarem de joelhos com a intenção de realizar uma oração. Assim, ao final da oração, é passada então a palavra para o pregador que tinha a obrigação de ministrar a palavra do dia. Um jovem vestindo formalmente com terno e gravata realiza a leitura bíblica oficial do culto a partir do livro de *Genesis (2:2)*⁷⁰. Nesse dia, a pregação tratou sobre o lugar do sábado na doutrina adventista. Após realizado o sermão o pregador pede para todos se levantarem e cantarem em louvor à criação do Sétimo Dia.

É preciso salientar os formalismos em que os cultos são ministrados, os quais vão desde o início até seus momentos finais. A preocupação da Sra. White com a realização de um culto racional e equilibrado, perpassa a ideia de que é a mensagem da pregação seja enfatizada e não as apresentações dos pregadores ou músicos. A centralidade da mensagem da palavra é vital no culto adventista. Na verdade, entre os protestantes em geral, a palavra, assume um papel importante dentro do culto. Alves (2014), afirma que o protestantismo privilegia a palavra em oposição a contemplação, centrando-se na leitura das Escrituras, herança da Reforma Protestante que entre os adventistas é fortalecida pelas obras de Ellen White. Todos os livros da profetiza encontram-se disponíveis gratuitamente ao público na Web para que possam ter contato com seus escritos.

Para o antropólogo Paulo Barrera Rivera (2006), a moral protestante construiu um ambiente marcado pela sobriedade, cuja a espontaneidade é reprimida pela moralidade religiosa. Essa moralidade atravessa o corpo, modelando seus gestos, padrões e condutas e desenvolvendo uma noção própria de corporeidade e identidade corporal. Segundo Rivera (2006), a concepção de Deus construída pelo protestantismo clássico é de “um Deus certinho” (p. 26), que condena a

⁷⁰ “E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. (Gênesis 2:2)

desordem e as demasias humanas. O que, por sua vez, diminui bastante a espontaneidade corporal. O autor complementa ainda que entre os evangélicos as revelações divinas para o homem ocorrem somente através da Bíblia, mediante o labor intelectual, reflexivo, racional e sem contemplação. Não existindo espaço para manifestações emocionais.

Porque, se o centro do culto é a Palavra e a Bíblia, como é no protestantismo, se um texto a ser lido e estudado é o centro do culto, então se reduz a liberdade do corpo. Não há forma de tratar com um texto sem colocar o corpo preso, rígido; e a mente ocupada em entender o conteúdo do texto, em refletir (RIVERA, 2006, p. 29).

Portanto, o protestantismo, cria uma mentalidade bastante controladora sobre o corpo, em todos os seus níveis. Sem deixar espaço para manifestações espontâneas e sensoriais, sobretudo durante os cultos e execução dos rituais. Há entre os protestantes maior disciplina e vigilância sobre o corpo em praticamente todas as esferas da vida cotidiana. O adventismo carrega do protestantismo histórico a disciplina e vigilância sobre o corpo nos rituais, evitando a manifestações físicas, apresentações exageradas e sentimentos exacerbados, que por acaso tirem do fiel a atenção da mensagem. Isso ajuda a compor e entender a corporeidade adventista como reflexo de seus valores e pensamentos sobre o corpo e a santidade, identificando o lugar desses mecanismos na construção das subjetividades dos fiéis.

Apesar de toda essa austeridade corporal na condução do culto, há diversos momentos de dispersão e movimentos dos membros. Grande parte deles não ficam dentro da igreja, mas aos arredores, nas dependências externas. Há pessoas em pé, sentadas nos bancos externos, em conversas paralelas, preparando alguma apresentação ou em ensaios. Há pessoas coordenando o culto, organizando a entrada e saída de alguma exposição, ou ainda, na cabine de som controlando o trabalho de som. Diáconos que estão sempre em atividades, posto que são eles responsáveis pela manutenção e suporte do culto. Recepcionistas (homens e mulheres) recebendo os visitantes ou os membros da igreja que chegam. Anciãos que dirigem o culto naquele dia. Jovens que estão apenas em conversas descontraídas. Enfim, toda uma disposição e movimentação dos corpos que demonstra que a disciplina corporal nem sempre é rigidamente seguida pelos fiéis, mesmo dentro da igreja há espaço para uma “quebra” de decoro.

Os diversos usos do corpo dentro da doutrina adventista perpassa também aplicação de dons e talentos para a obra, relacionado àquilo que os fiéis chamam de “mordomia cristã”⁷¹, a

⁷¹ **“MORDOMIA.** Responsabilidade conferida a alguém de cuidar das possessões de outrem. Usada pelos cristãos com um sentido mais amplo, a palavra se refere à responsabilidade do homem pelo uso de tudo que a ele foi confiado por *Deus vida, ser físico, tempo, talentos e habilidades, possessões materiais, oportunidades para servir a outros e seu conhecimento da verdade. Os ASDs concebem a ideia de que esta vida é uma oportunidade

partir do qual os membros, entendem o seu corpo como propriedade de Deus, portanto, deve zelar por ele de forma integral, servindo com vigor da sua saúde e utilizando a potencialidade máxima dos seus talentos e habilidades para a obra religiosa. Desse modo, implica não apenas o cuidado, mas também práticas e usos corporais voltadas para fins religiosos. Entende-se, por conseguinte, que a ideia de “mordomia” entre os IASDs é importante para compreensão da corporeidade adventista. Sua forma de ver e conceber o corpo e suas riquezas (talentos e habilidades) como algo dado por Deus, cuja aplicação deve servir para o bem e a influência benigna daqueles com os quais se relaciona. Uma relação extrema entre espiritualidade e corporalidade em que o corpo deve ser utilizado de forma benéfica, conforme diz a Sra. White⁷²

A força e um talento, e deve ser usada para glorificar a Deus. Nosso corpo lhe pertence. Ele pagou o preço da redenção tanto pelo corpo como pela alma. [...] Melhor podemos servir a Deus no vigor da saúde do que na apatia da doença; portanto, deveríamos cooperar com Deus no cuidado de nosso corpo. O amor de Deus e indispensável a vida e a saúde. A fé em Deus é necessária para que tenhamos saúde. A fim de que tenhamos saúde perfeita, deve nosso coração estar cheio de amor, esperança e alegria no Senhor. [...] A influência e um talento, e um poder para o bem quando penetra em nosso trabalho o fogo sagrado aceso por Deus. A influência de uma vida santa tanto é sentida no lar como em toda parte. A beneficência pratica, a abnegação e o sacrifício próprio que assinalam a vida de um homem exercem influência para o bem sobre aqueles com quem este se associa. [...] (WHITE, 2013d, p. 83).

Após o final do sermão é então iniciada Escola Sabatina (ES)⁷³, que é um momento de estudo bíblico realizada em todas as IASDs, mas antes é feita uma oração para os professores que irão ministrar as aulas neste dia. Na IASD que serviu de campo de pesquisa o culto tem dois momentos: um pela manhã (iniciado às 8:30) e outro depois da ES por volta de 10:30 do dia.

A ES encontra-se dividida por diferença de idade, dessa forma temos classes para os adultos (a partir dos 18 anos em diante), adolescentes (14 a 17 anos), juvenis (de 11 a 13 anos), primários (de 7 a 10 anos), Jardim de infância (de 4 a 6 anos) e berçário (até 3 anos). Tais turmas se acomodavam nas dependências externas da igreja. No entanto, na IASD que serviu de campo de pesquisa havia também outras turmas que ficavam no interior da igreja que eram as classes

divinamente apontada para os homens de aprenderem a serem fiéis mordomos, qualificando-se assim para a mordomia mais elevada das coisas eternas na vida futura” (ENCICLOPÉDIA IASD, 2010, p. 1038)

⁷² As reflexões desse parágrafo são fundamentadas a partir dos escritos de White na obra *Conselhos sobre Mordomia* (2013) e na *Enciclopédia Adventista*.

⁷³ Foi em 1852, oito anos após o primeiro grupo de Adventistas guardadores do Sábado ser formado (em Washington, New Hampshire), que o trabalho da Escola Sabatina se iniciou. Naquele ano, os grupos dispersos que estavam se desenvolvendo na IASD tinham um total de —1000 membros! no estado de Nova Iorque, —muitas centenas nos Estados do Oeste, e além de um —bom número! no Canadá (*Revide and Herald*, 06 de maio 1852). (ENCICLOPÉDIA ADVENTISTA, 2010, p. 492-493)

dos Pequenos Grupos (PGs)⁷⁴. Quanto aos professores até onde pude conseguir informações não são qualificados na área, quer dizer, não possuem nenhuma formação em Teologia. Na turma que frequentei (acima de 18 anos) as discussões giravam em torno da Lição da Escola Sabatina⁷⁵ revista que orienta os estudos bíblicos da semana.⁷⁶ É também um momento em que é feito um acompanhamento das atividades que foram realizadas pelos membros ao longo da semana. Havia “caderneta” em que são controladas tais atividades que os fiéis são incentivados a fazer ao longo da semana. Tais como: culto da família, estudo bíblico, leitura de algum livro de profecia, passeios com os grupos, evangelização, dentre outros.

Durante um ano de pesquisa de campo houve poucos momentos em que temas envolvendo saúde foram abordados. A maior parte das vezes os debates, envolviam questões relacionadas a vida prática cristã ou a doutrina adventista. A ES dura cerca 40 (quarenta minutos) e ao fim das atividades é realizada uma oração entre os membros que se despedem e voltam novamente para dar continuidade ao culto de sábado e o encerramento dos trabalhos.

Dessa forma, os membros se acomodam nos bancos, para então ser realizado o que eles chamam de “segundo culto” da manhã. É nesse momento que é realizado o “Informativo Mundial das Missões⁷⁷” pelo diretor do Ministério da Comunicação. Assim, são apresentados primeiramente os aniversariantes e em seguida informações relativas as atividades da igreja que serão realizadas ao longo de toda a semana. Neste dia, em especial, trouxeram um aviso a respeito de uma palestra sobre alimentação que seria ministrada por uma nutricionista a respeito da importância da adoção de hábitos alimentares mais saudáveis.

Logo depois, é realizada uma oração e em seguida são entoados hinos para na sequência fazer uma oração final feita pelo pregador do dia, que também dá as palavras finais. É a conclusão do culto (ou pós-lúdio). Neste momento dois diáconos ficam posicionados na entrada das fileiras dos bancos para dar sinal organizando a saída dos irmãos. É também costume na IASD do Benedito Bentes cantar ao final do culto o hino “Dia de Esperança”. Um hino tradicional iasidiano que celebra a chegada do Sétimo Dia, definindo o sábado como um

⁷⁴ Pequenos Grupos são grupos de adventistas que se reúnem semanalmente que tem objetivos de crescimento espiritual, relacional e também fins evangelísticos.

⁷⁵ As Lições da Escola Sabatina são revistas editadas pela Casa Publicadora Brasileira – CAB, (editora pertencente a IASD) trimestralmente e adquiridas pelos membros. Trata-se de estudos bíblicos e da doutrina adventista que são aplicados semanalmente para os fiéis de acordo com a idade.

⁷⁶ Conforme informação disponibilizada no *Documento Oficial sobre a liturgia do Sábado* (2011), mas que também foi observada em campo, o que demonstra como os rituais da IASD e suas atividades, são reguladas formalmente, tendo controle absoluto de sua liturgia.

⁷⁷ Informativo Mundial das Missões é um momento no culto de sábado em que são apresentados vídeos que contam história de conversões e dos missionários adventistas em seu trabalho de evangelização em outros países.

memorial da Criação Divina, isso conforme frisa os versos “[...] dia lindo escolhido como verdadeiro memorial. Pra lembramos constantemente que o Grande Deus é o Criador”. Tais versos sintetizam exatamente a importância do sábado para os adventistas e o lugar que ocupa dentro da doutrina dessa denominação.

4.2 Do templo à rua: a comida e o bairro

Loïc Wacquant em *De corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz* afirma que ao longo de três anos participando ativamente dos treinamentos ao lado de boxeadores em academias de boxe na cidade de Chicago, submeteu-se a todas as fases da preparação para ser um boxeador. Wacquant (2004), realizou um trabalho etnográfico intensivo que o possibilitou uma imersão densa no campo de pesquisa, envolvendo-se profundamente com esse universo. Seu envolvimento não se restringiu apenas a as rotinas na academia, mas também se estendeu para as vivências cotidianas. Segundo Wacquant (2004), o universo do boxe não pode ser compreendido fora do contexto humano e social no qual ele se apoia e das possibilidades sociais que ele oferece. Do mesmo modo, entendi que não poderia compreender como os adventistas vivenciavam a Mensagem de Saúde somente participando dos cultos e atividades da igreja. Também seria importante participar de suas vivências cotidianas, sociabilizar e interagir, conhecê-los além do templo da igreja, possibilitando uma maior reflexão sobre como os interlocutores vivenciam cotidianamente os tabus sobre o corpo e a saúde. Igualmente seria importante para compreender o agenciamento dos atores em relação aos usos do corpo e suas reflexões sobre religião, corporeidade e alimentação.

Ao longo de 18 (doze) meses de trabalho de campo estive em dois musicais adventistas, passeios na praia, festinha de aniversários, lanches coletivos, encontros de Pequenos Grupos (PGs) e bate-papos. Além de participar junto com os membros de projetos e feiras de saúde implementados pela Congregação, isso ao longo dos anos de 2015/16/17. Esses momentos possibilitaram um olhar mais atento sobre o comportamento dos membros fora do ambiente de formalismos do culto para espaços. Em que as pessoas fossem mais espontâneas, sociáveis e em que os conflitos e os estilos de vida aparecessem de maneira mais evidente.

Todavia, empreender tal discussão implica também um conhecimento do espaço social em que a comunidade se encontra inserida, de modo que possa contextualizar melhor as formas de vida e relação dos sujeitos com o seu corpo. Conforme dito anteriormente a pesquisa

de campo foi realizada em uma IASD localizada no Benedito Bentes⁷⁸, considerado um dos mais populosos bairros de Maceió.

O bairro do Benedito Bentes foi inaugurado em maio de 1986, quando ainda era um conjunto residencial de casas populares. Localiza-se a cerca de 13 km de distância do Centro da cidade e é considerado o maior em extensão territorial (cerca de 24.627 Km²)⁷⁹ e atualmente conta com uma população estimada em mais de 200 mil habitantes⁸⁰, os quais encontram-se distribuídas por diversos conjuntos habitacionais (80 logradouros)⁸¹ que compõem o bairro. A maior parte da população é de baixa renda, pertencentes as classes C, D e E. Sendo que uma boa parcela habita as grotas e encostas, consideradas as áreas mais problemáticas desta região, devido aos baixos índices de qualidade de vida (SILVA, 2011).

Imagem 11 - Bairro Benedito Bentes



Fonte: Bairros de Maceió/Internet

⁷⁸ A origem do nome Benedito Bentes vem de Benedito Geraldo do Vale Bentes, figura política que durante alguns anos exerceu a presidência da CEAL entre as décadas de 60/70, além disso também foi presidente do SESC/SENAC e Diretor da Confederação Nacional do Comércio dentre outros cargos importantes dentro do cenário político alagoano.

⁷⁹ Informações disponíveis em <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php?Canal=Bairros&Id=11> > Acesso em 29 mai. 2017.

⁷⁹ Informações disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/al/maceio/localizacao.htm> > Acesso em 29 mai. 2017.

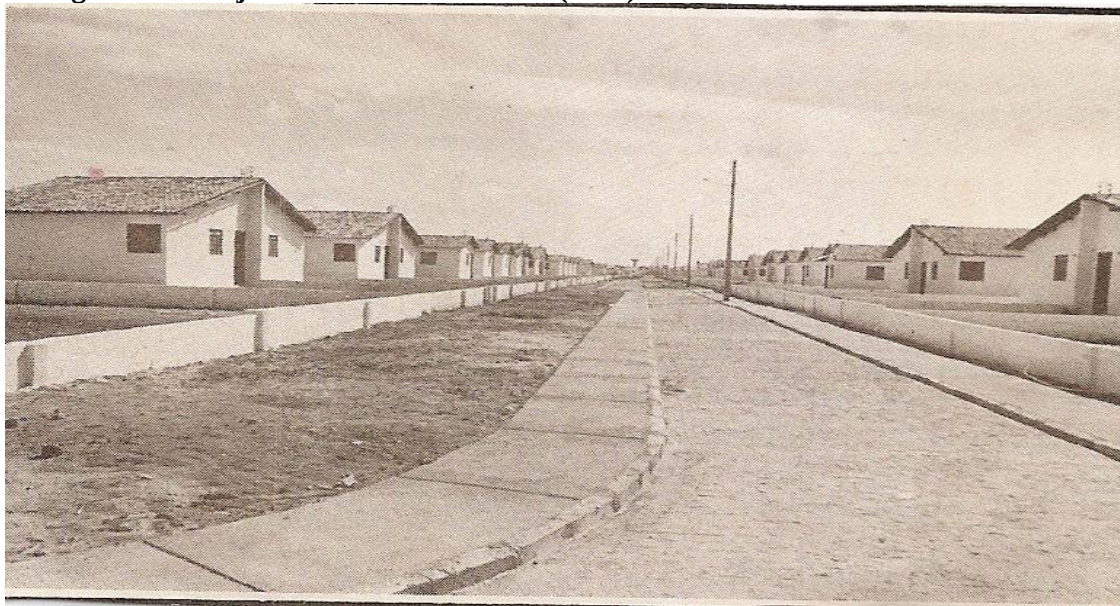
⁸¹ Bispo e Levino (2011)

Nos primeiros anos de sua história, o bairro do Benedito Bentes era praticamente inabitado. Havia poucas residências ocupadas, bem como uma grande área rural formada por plantações de cana de açúcar, matas fechadas e grotas completamente despovoadas. Os moradores sofriam com a longa distância em relação ao bairro do Centro da cidade, bem como a falta de diversos equipamentos urbanos úteis a vida cotidiana, tais como: linhas de telefone, prontos socorros, bancos, casas lotéricas e até supermercados com condições de abastecer integralmente a população. No entanto, com o passar do tempo, o número de habitantes foi aumentando. Novos conjuntos foram sendo construídos e o bairro foi equipado com terminal integrado de ônibus, que aumentou o número das linhas, além de trazer novas escolas e novos postos de saúde. Por último, foi instalado um novo shopping e uma empresa italiana de telemarketing, o que tornou o local bastante movimentado, com grande fluxo diário de veículos e pessoas de várias procedências do Estado. A construção de novas rodovias possibilitou a passagem de automóveis, ônibus, caminhões de grande porte de diversas regiões de Alagoas, transformando o bairro em espaço de intensas atividades comerciais.

Assim, após 30 (trinta) anos de sua inauguração, o Benedito Bentes, apesar de ser um bairro residencial, também pode ser considerado um centro comercial e industrial local. Já que, além dos equipamentos urbanos já mencionados possui também indústrias, fábricas, hipermercados, grandes casas comerciais, feiras livres, mercados, escolas (públicas e particulares), empresas de diversos ramos comerciais, pequenas lojas comerciais e um campus do IFAL – Instituto Federal de Alagoas.

Embora a presença de muitos desses elementos faltasse na vida cotidiana dos moradores nos primeiros anos da história do bairro, no entanto, o Benedito Bentes, desde a sua inauguração já vinha equipado com escolas públicas, um posto de saúde, mercado e local para uma feira livre, além de um distrito policial. As ruas eram pavimentadas, com iluminação pública e um sistema de esgotamento bastante moderno para a época. O bairro, inicialmente, tinha cara de conjunto popular (Ver imagem 12) com todas as casas um mesmo formato. Todavia, na medida em que os moradores foram tomando posse de suas propriedades foram dando forma própria a sua residência. Assim, foi realizando reformas e fazendo novas construções e aos poucos, o bairro, foi adquirindo sua identidade local. Novas residências também foram surgindo ao seu entorno (grotas e encostas); igrejas foram sendo implantadas; espaços de lazer foram sendo construídos e também mais e mais moradores foram chegando, a ponto de se tornar o mais populoso da capital.

Imagem 12 - Conjunto do Benedito Bentes (1986)



Fonte: Maceió Antiga/ Facebook

No que se refere a dimensão do lazer há uma praça central, localizada próximo ao Terminal de Ônibus dotada de equipamentos para exercícios, uma ciclovia e também quadras de basquete, vôlei, skate, etc. Os moradores do bairro se dirigem até o local para praticar exercícios, fazer caminhada, ou ainda, para encontros, eventos e conversas. É um espaço de divertimento e sociabilidades. Além desse, existem apenas campos de futebol, quadras e pizzarias e lanchonetes que geralmente funcionam a noite. Portanto, é um bairro em que se misturam a vida urbana, econômica, social e cultural junto ao cotidiano dos moradores.

A Igreja IASD do Benedito Bentes presenciou todas essas transformações que o bairro sofrera. Tendo em vista que foi inaugurada há pelo o menos 28 anos, mais precisamente aos 19 de maio de 1989. Os membros mais antigos contam que atravessaram todas as fases da igreja. Desde um pequeno grupo formado por 70 pessoas, que sequer tinham disponível um espaço físico para realizar suas atividades até as atuais reformas. A Igreja, fica localizada próximo às unidades de saúde local que existem no bairro há quase 30 (trinta) anos. De frente à igreja encontra-se um campo de futebol, bem como a feirinha do bairro e o mercado público que abastece a região com produtos diversos que vão de verduras até móveis e carros. Ao lado, encontra-se um ginásio de esportes que pertencem a uma das maiores escolas particulares do bairro. É formado por uma ampla quadra poliesportiva, uma piscina para a realização de atividades dos alunos e também um pátio largo alugado para eventos e festas, inclusive da própria IASD que costuma locar o espaço para realização de seus musicais.

Imagem 13 - Fachada da Igreja Adventista Central do Benedito Bentes



Fonte: Arquivo da autora

As reuniões geralmente ocorriam na casa de um dos membros da igreja no bairro do Benedito Bentes. As ruas dessa parte do bairro são longas, estreitas e não muito limpas. As casas geralmente são cercadas por muros altos de portões grandes e fechados, protegidos por cercas elétricas, alarmes ou câmeras de vigilância. Durante a noite a movimentação de pessoas é bem reduzida. Especialmente a partir das 21:00, quando é notável que o fluxo de pedestres começa a diminuir. Talvez por medo de assaltos ou qualquer outro tipo de violência. Já que, o Benedito Bentes é considerado um dos bairros mais violentos de Maceió⁸². Os encontros geralmente ocorriam eram entre 10 (dez) a 15 (quinze) pessoas na casa de uma irmã adventista que cedia o local. Sua residência localizava-se defronte ao Terminal Integrado do Benedito Bentes, em que há uma intensa movimentação de coletivos urbanos em qualquer horário e sob qualquer condição do dia. Ao lado, há a Praça Padre Cicero um espaço de lazer e sociabilidade do bairro, mas que também é utilizada para diversos usos cotidianos por parte da população. É um ponto de encontros da juventude do bairro, lanches, diversão, prática de exercícios físicos, eventos, shows, comícios, etc.

Esses encontros (entre os adventistas) eram voltados para estudo da palavra, discussões sobre questões da vida prática cristã, mas também eram momentos de sociabilidades,

⁸² De acordo com informações divulgadas pela própria Secretaria de Segurança Pública do Estado de Alagoas até julho de 2016 o bairro do Benedito Bentes liderava o ranking de bairros mais violentos da cidade de Maceió. Informações disponível em :< <http://www.tnh1.com.br/noticias/noticias-detalle/alagoas/ranking-mostra-bairros-de-maceio-com-maior-e-menor-reducao-da-violencia/?cHash=6cc2d2c6698c9ec03e5dde03>> Acesso em 13 jul. 2017

confraternizações e conversas informais. Eram ocasiões mais espontâneas, abertas às palavras dos participantes que poderiam contribuir com a discussão a qualquer momento, manifestando sua opinião sobre o tema em questão. Havia apenas uma pessoa (o líder do PG) que direcionava as discussões para que elas não fugissem muito da temática abordada. Assim, as discussões fluíam com maior naturalidade. No geral, as confraternizações vinham acompanhadas de bastante comida. Momento importante para observar os hábitos alimentares dos membros nessas experiências cotidianas.

Pode-se dizer que em tais momentos as refeições não seguiam o cardápio vegetariano, mas obedeciam às restrições alimentares contidas no Levítico, as quais são obrigatórias entre os adventistas. Nesse caso, nada de carne de porco, crustáceos ou peixes de couro, mas havia bastante carne de frango e até mesmo carne bovina. Também havia tortas, sejam elas doces ou salgadas, preparadas com legumes, frango, queijo ou presunto. Além de cereais básicos como arroz e feijão. Nunca vi nenhum tipo de cereal que não seja comum na mesa do brasileiro. Já para as sobremesas as tortas de abacaxi ou banana, ou ainda bolos de trigo ou chocolate. Poucas saladas, sementes, verduras e molhos. Nada de comida vegetariana, haja vista, que os membros presentes nenhum era vegano. No tocante as bebidas, nunca vi refrigerantes, tampouco refrescos instantâneos ou daqueles concentrados de caixinhas. Era geralmente suco natural feitos da polpa da fruta. Havia sucos de goiaba, manga, laranja em grandes quantidades e com quase nada de açúcar. Além de sucos é comum entre eles tomarem bastante chá, uma vez que não tomam café. Certa vez enquanto estávamos conversando na sala sentíamos o cheiro suave e doce do chá de cidreira sendo preparado na cozinha. Neste dia, tomamos chá acompanhando de torradas feitas de pão de trigo, após os irmãos terem compartilhado uma sopa de carne com bastante verdura.

Embora bebam chá, Ellen White, adverte que tanto o café, quanto o chá são prejudiciais à saúde. Em sua obra ela não especifica o nome dos chás, mas os adventistas, em geral, não bebem chá preto e chá mate. “O hábito de beber chá e café é maior mal do que muitas vezes se suspeita. Muitos que se habituaram ao uso de bebidas estimulantes, sofrem de dor de cabeça e prostração nervosa, e perdem muito tempo em consequência de enfermidades.” (WHITE, 2007 p. 363). A autora também adverte sobre a mistura dos diversos tipos de sobremesas como tortas, bolos pudins, pastelarias, geleias e diversos tipos de guloseimas, sobretudo, aqueles que carregam muito leite e ovos. Porque, segundo ela, tal mistura torna a digestão mais difícil, além disso, são preparados com bastante açúcar, o que segundo White (2007) “abarrota o organismo” e “Entrava o trabalho da máquina viva.” (p. 280) afetando os órgãos digestivos e consequentemente suas faculdades intelectuais. Para White (2007), o uso demasiado do açúcar

poderia ser pior do que o consumo de carne. Do mesmo modo pensa que leite e açúcar juntos também não deveriam ser consumidos, pois são prejudiciais ao corpo. Ademais, White (2007) orientava que alimentos cujos ingredientes fossem leite, açúcar e ovos devem ser evitados.

Em muitos dos seus escritos, a autora adverte sobre o consumo de leite e ovos por carregarem consigo impurezas transmitidas por animais que, muitas vezes, não são sadios aos corpo humano. Contudo, há momentos que tolera o consumo de leite, desde que os crentes conheçam a sua procedência. Isto é, saibam que vem de um animal saudável ou que seja esterilizado “[...] o leite que se usa deve ser perfeitamente esterilizado; com esta precaução, há menos perigo de contrair doenças por seu uso. ” (WHITE, 2007, p. 212). Igualmente tolera o consumo de sobremesas desde que sejam leves de açúcar e consumidas de forma moderada “[...] torta simples pode servir como sobremesa, mas quando uma pessoa come dois ou três pedaços meramente para satisfazer a um apetite desordenado, desqualifica-se para o serviço de Deus. ” (p.334).

Diversos alimentos, como carne, leite, ovos, açúcar, condimentos (mostarda, pimenta, especiarias, pickles, excesso de sal e semelhantes), além de trigo, massas em geral, pães fermentados, bicabornato de sódio, fumo, café, bebidas alcoólicas, estimulantes artificiais são desaconselhados por White. As justificativas utilizadas pela autora para evitar o consumo de alimentos geralmente apontam como não somente prejudiciais ao organismo, mas também as atividades intelectuais.

Alimentos cárneos, manteiga, queijo, rica pastelaria, alimentos requintados e condimentos são usados livremente, por velhos e jovens. Esses artigos fazem sua obra em perturbar o estômago, excitando os nervos e enfraquecendo o intelecto. Os órgãos produtores do sangue não podem converter esses artigos em bom sangue. A gordura cozida com o alimento torna-o de digestão difícil (WHITE, 2007, p. 302).

É possível observar nas palavras de White a relação entre comida e a Teoria da Degenerescência, ou seja, do quanto uma alimentação carregada de massas, açúcares e leite afetava o funcionamento do organismo e por consequência influenciava no seu equilíbrio moral. “Os que condescendem com o comer carne, beber chá e a glotonaria, estão semeando para uma colheita de dor e morte. A comida prejudicial introduzida no estômago fortalece os apetites que combatem contra a alma, desenvolvendo as propensões inferiores. ” (WHITE, 2007, p. 326). No caso da carne especificamente a autora justificava sua proibição, pois tal hábito além de ser responsável por tirar a vida das criaturas de Deus, tornava os homens condescendentes com os desejos sexuais. “Um regime de carne tende a desenvolver a sensualidade. O desenvolvimento da sensualidade diminui a espiritualidade, tornando a mente incapaz de compreender a verdade.

” (WHITE, 2007, p. 326). Percebe-se na sua obra uma relação entre moralidade, saúde e religião que condicionava os hábitos alimentares dos adventistas no século XIX.

Embora o adventismo do sétimo dia levante a bandeira da alimentação saudável muitos membros afirmaram não seguir suas recomendações por diversas razões. As explicações variavam, desde a falta de conhecimento das sugestões de saúde de Ellen White, até mesmo, a dificuldades em largar hábitos tão arraigados no seu cotidiano:

Se eu tivesse desde cedo na igreja eu acho que como muito eu teria uma educação para me alimentar melhor do que eu tenho hoje, mas assim eu entendo que o que está ali é bom de seguir. Agora para pôr em prática hoje não é tão fácil. A gente já vem a vida inteira se alimentando principalmente de carne e mudar isso do dia para a noite não é fácil (JOSIMAR, 26 anos).

Observa-se que nas falas de Josimar ele apresenta bastante dificuldade em seguir uma alimentação natural na sua rotina diária, embora reconheça que exista melhorias em uma mudança de hábitos alimentares. É interessante notar que as falas remetem a importância de se educar para viver um estilo de vida saudável. Isto é, de possuir conhecimentos, regras, normas e valores para investir em uma reeducação alimentar. É fato comum que adotar uma alimentação mais saudável implica também ter acesso às informações sobre corpo, atividades físicas, alimentos com valor nutricional adequado, etc. Entretanto, embora detenham um rico conhecimento sobre o “viver saudável” a pesquisa de campo revelou que os fiéis pouco conheciam (e praticavam)⁸³. Gilberto⁸⁴, foi um dos adventistas vegetarianos dessa comunidade que descreveu alguns de seus hábitos alimentares.

Pela manhã a gente procura comer uma banana, mamão, pão integral, tem umas granolas, as vezes faço vitamina e coloco junto umas granola. Tem castanha. Amendoim, às vezes uma linhaça. [...]. O açúcar é o mascavo que bota para fazer o bolo, mas eu procuro botar menos o possível. Tirar o açúcar de modo que não tenha açúcar quase nenhum. Já no almoço é o feijão comum, as vezes grãos de bico, as vezes o feijão de soja porque fazemos intercalado. Tem dia que cozinhamos um grão de bico, daí comemos domingo e segunda, o restante da semana a gente come feijão comum que é a carioquinha. Tem o arroz integral, o macarrão integral (GILBERTO, 52 anos).

⁸³ Contudo, é preciso revelar que isso não é dado novo. A dissertação de mestrado de Sandra Simone Pacheco, intitulada **Alimentação e religião: a influência da orientação religiosa na formação de hábitos alimentares de adventistas do sétimo dia.** (2001), pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, conclui que os adventistas pertencentes as camadas mais baixas da população geralmente se restringem as proibições do Levítico ao passo que aqueles de camada mais abastadas costumam adotar o regime alimentar vegetariano, variando a dieta com outras recomendações nutricionais

⁸⁴ Gilberto é casado, funcionário público e se tornou adventista em 1999 quando ele e a esposa passou a frequentar a igreja e lá conheceu a mensagem de saúde. Conta que paulatinamente começou a adotar uma alimentação natural no seu dia a dia. Atualmente é vegetariano ovolacto juntamente com sua esposa.

Contudo, entre aqueles que seguem apenas as restrições levíticas e os vegetarianos da congregação há um grupo pouco falado que não podem ser considerados vegetarianos, visto que consomem carne, todavia não se restringem apenas aos mandamentos do Levítico. São aqueles que tomam maiores cuidados com a alimentação, como, por exemplo, não comem carne vermelha, praticam exercícios e enriquecem a sua alimentação com cereais e costumam ingerir mais frutas, líquidos e verduras. São casos como de Suzana.

Bem eu me preocupo em comer esses cereais, que é muito importante para o corpo. Faço caminhada todos os dias. Todos os dias eu faço uma hora de caminhada. Tomo dois litros de água por dia. Acrescento verdura cozida, sucos, frutas. Sempre que eu posso estou sempre acrescentando frutas na minha alimentação manhã, tarde e noite (SUZANA, 41 anos).

Segundo Suzana como está com mais de 40 (quarenta) anos de idade afirmou que era é importante cuidar da saúde, fazer caminhadas e ter uma alimentação adequada para evitar adoecimento. O que demonstra que mesmo se tratando de populações de baixa renda, apresentam conhecimento e cuidados com a alimentação, mas o vivem conforme suas necessidades e condições sociais e econômicas.

Portanto, fica assim dividido: os adventistas vegetarianos que são aqueles que vivem a Mensagem de saúde whiteana de modo integral; os adventistas que seguem apenas as restrições do Levítico e não se ocupam com maiores cuidados com a saúde e, por último, aqueles que não se restringem as recomendações bíblicas, variando segundo suas necessidades (doença, idade, emagrecimento) e suas condições sociais, tal como o caso da adventista Suzana (41 anos)

Entre o grupo observado, o fator econômico, pouco apareceu como causa que interfere na adoção de hábitos saudáveis. Porém, por vezes apareceu na conversa, mas não de forma que incapacitava o indivíduo ter condições de se alimentar e sim como conquista.

Outro dia a minha filha disse ‘pai eu não sei o que vou comer’[não conseguia escolher] eu disse Graças à Deus minha filha, porque na minha época com a sua idade eu só tinha ovo para comer e você hoje pode escolher o que quer comer (CLAUDIO, 45 anos).⁸⁵

Apesar de ser um grupo pertencente as camadas populares, boa parte dos membros com os quais conversei tem emprego fixo ou são donos de estabelecimentos comerciais no

⁸⁵ Claudio é adventistas, tem por volta de 45 anos de idade é dono de um estabelecimento comercial localizado no bairro.

bairro. Logo, supõe-se que dispõem de um certo capital econômico que não os colocam entre os grupos miseráveis dessa região.

Por outro lado, estudos realizados na área da Antropologia da Alimentação como o de Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky, sobre os hábitos alimentares das pessoas de baixa renda (especificamente pessoas que moram em favelas) apontam que as populações mais pobres apresentam gastos significativos com a alimentação. Segundo a autora, além disso, apresentam maiores preocupações com a variação de preço e não costumam se preocupar com o valor nutricional do alimento. Possuem uma dieta pobre e com pouca diversidade de alimentos (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2006).

A autora constatou que os alimentos mais consumidos são fubá, arroz, feijão, pão, leite em caixinha. Há pouco consumo de frutas e verduras, além de pouca carne, mas muito açúcar e gordura. “Não existe uma refeição ‘completa’, ou seja, com arroz, feijão, carne e salada juntos” (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2006, p. 124). Seguindo esse padrão alimentar o “comer bem” entre esse grupo é comer aquilo que sustenta o dia todo e não tem haver com o valor nutricional dos alimentos. Já o critério de satisfação do paladar entre os indivíduos de baixa renda observado pela autora é a “abundância”. Isto é, não é a qualidade do que se consome, mas sim a quantidade de comida. “[...] um dos prazeres, quando se tem um mínimo de dinheiro, será procurar a quantidade, e não a qualidade.” (SAGLIO-YATZIMIRSKY, 2006, p. 129). No entanto, é importante ressaltar que nos últimos quinze anos as populações de baixa por conta do desenvolvimento de políticas sociais e econômicas tem aumentado bastante seu poder de consumo, variando sua dietética com produtos alimentícios industrializados (*junk food*) antes eram restritos a membros das classes média e alta⁸⁶

É preciso acrescentar que a comensalidade dessa classe social também pode variar segundo as influências regionais. Como estamos na Região Nordeste alimentos como macaxeira, batata-doce e inhame, geralmente acompanhada de carne seca, charque, linguiça ou simplesmente com manteiga são servidos na mesa. Além de outros quitutes como tapioca, beiju, pé-de-moleque também fazem parte do cardápio nordestino, especificamente, da população pobre dessa região. Durante as visitas nas residências de meus interlocutores pude observar alguns desses alimentos serem oferecidos no café da noite, conforme é comum encontrar entre as populações de baixa renda.

⁸⁶ Em uma reportagem publicada pelo *The New York Times* apresenta uma pesquisa que demonstra o crescimento do consumo de produtos alimentícios industrializados (*junk food*) entre populações pobres de países em desenvolvimento como o Brasil. Isso por conta de investimentos de grandes conglomerados, diversificando a dieta desses grupos, mas trazendo sérios problemas de saúde como obesidade, diabetes e outros Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/09/16/health/brasil-junk-food.html>> Acesso em 17 set. 2017.

Pierre Bourdieu (2007), afirma que gostos dos indivíduos, quer seja para música, arte, modos de se vestir, recreação e até para alimentação trata-se de práticas sociais que se encontram sujeitos as condições materiais do espaço ao qual os indivíduos pertencem. Isto é, com a sua classe social. Segundo o autor “A análise das correspondências permite isolar, por divisões sucessivas, diferentes conjuntos coerentes de *preferencias*, cuja origem se encontra nos sistemas de disposições distintos e distintivos, definidos tanto pela relação estabelecida entre si quanto pela relação que os une as suas condições sociais de produção.” (BOURDIEU, 2007 p. 242). Portanto, o gosto alimentar está relacionado ao *habitus*, definido pelo autor como “[...] sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agente.” (BOURDIEU, 2007). O autor em diversas obras deixa claro que o pertencimento social do indivíduo define seu modo de ser e de viver.

O corpo é um dado em que traz consigo diversos valores, posturas, afetos, gostos, hábitos, vivências, comportamentos. Assim diz o autor numa alusão as noções de Marcel Mauss sobre o corpo: “A propósito, é preciso admitir que as técnicas corporais constituem verdadeiros sistemas, solidários a todo um contexto cultural.” (BOURDIEU, 2005, p. 84). O autor afirma que existem uma relação do corpo com o universo social no qual o indivíduo encontra-se inserido, expressando corporalmente tal universo. O corpo na perspectiva bourdiesiana é um portador de um *habitus*. Portanto, portador de práticas sociais construídas de acordo com as condições socioeconômicas e culturais em que os indivíduos se encontram inseridos. As quais são assimiladas e reproduzidas por eles. É a incorporação do *habitus* que define o homem enquanto ser social.

Neste sentido, tomando como ponto de partida o conceito de *habitus* de Bourdieu e suas ideias sobre distinção é possível afirmar que os gostos alimentares desse grupo em particular são norteados não somente por fatores econômicos, sociais, culturais, regionais, mas também religiosos, além claro, dos seus gostos pessoais.

Observou-se, portanto, que entre o grupo pesquisado há maior preocupação em obedecer às regras do Levítico 11. Contudo, não se privam de degustar certos alimentos mesmo que recebam advertência de serem prejudiciais à saúde como doces, bolos e certos tipos de carnes. Observou-se que tal como nos estudos apresentados sobre dieta alimentar entre populações de baixa renda a dietética desse grupo obedece aos mesmos padrões. É uma prática alimentar mais preocupada com a quantidade da comida do que com a qualidade. Contudo, embora tenham uma alimentação um pouco desregrada o fato de adotarem restrições alimentares, como não ingerir bebidas alcoólicas, café e refrigerante, além de demonstrarem cuidado com comidas

com alto teor de colesterol demonstra que há conhecimentos sobre a importância de uma alimentação saudável.

Nós adventistas não comemos carne de porco, nenhum tipo de “comidas imundas” porque se Deus deixou bíblico, escrito, eu acho que o correto é seguir, né?! Como você vê os Testemunhas de Jeová, um exemplo, eles não comem sangue. Está também na mesma lei. Interessante, né? Porque a gente (refere-se aos adventistas) guarda essa parte dessa lei que não come molusco, a gente não come crustáceos, a gente não come peixe de couro, carne de porco. Eles nem doa, nem consome sangue nenhum. Até na galinha, essas coisas. Então, eu acho correto e até hoje desde que eu entrei na igreja adventista que eu sigo. Não é para se salvar, mas para você ter uma vida mais saudável. Está entendendo? Porque a maioria das doenças hoje é por conta da alimentação errada. E isso quer mudar, né?! A mensagem da Ellen White os hábitos para que as pessoas venham viver mais e tenha mais saúde e não como salvação (SUZANA, 41 anos).

Neste sentido, por se tratar de um bairro, cuja maior parte da população pertencem as camadas mais pobres, sobretudo a Classe C foi necessário problematizar como o chamado “estilo de vida adventista” tem sido adotado por pessoas dessa classe, considerando suas limitações econômicas e culturais. Já que, tornou-se senso comum afirmar que o vegetarianismo é um estilo de vida caro, que somente as classes sociais mais abastadas é que dispõem de um capital econômico e cultural adequado para investir em uma alimentação sadia. Portanto, o recorte de classe social, somado a outros fatores como gênero e nível de escolaridade é um dos elementos que nortearam os rumos dessa pesquisa e logicamente influenciaram nos seus resultados.

4.2.1 A obra de saúde adventista do sétimo dia

As ações de saúde entre os adventistas não se restringem apenas em transmitir os ensinamentos de Ellen White, mas também envolve iniciativas sociais como palestras, distribuição de folheto informativos, trabalhos de prevenção e educação contra doenças. Também abarca campanhas nacionais de saúde como o Outubro Rosa⁸⁷, alertando aos fiéis a importância desses exames para evitar adoecimento. Além de procurar informar os membros sobre questões relacionadas a depressão, ansiedade e obesidade, dentre outras coisas, de maneira que possa melhorar a qualidade de vida dos crentes através da purificação corporal.

⁸⁷ Outubro Rosa trata-se uma campanha de saúde que tem por objetivo conscientizar mulheres acerca da importância de prevenção do câncer da mama, incentivando-as a fazerem exames e também procurarem médicos para obter informações sobre a doença. Durante o período em que estive no campo, mais especificamente em um dos sábados houve uma palestra sobre o Outubro Rosa e o câncer de mama. Neste dia, além da palestra também foi entregue a todos lacinhos rosa (símbolo da campanha) para demonstrar apoio a causa.

Durante a pesquisa de campo participei de algumas palestras realizadas na congregação por uma profissional de nutrição sobre temas relacionados a importância da alimentação natural. Essas palestras faziam parte da Semana de Saúde IASD que compunham o “Projeto Menos é Mais”. Trata-se de uma atividade idealizada e promovida pelo Ministério da Saúde da igreja, que consiste em ações que visam incentivar os fiéis a prática de exercícios físicos e a adoção de hábitos alimentares mais saudáveis, conforme as recomendações de Ellen White. É um trabalho realizado por profissionais adventistas que atuam na área da saúde, tais como nutricionistas e educadores físico, os quais dedicavam determinada hora do dia na semana para levar voluntariamente seus serviços a esse grupo.

Imagem 14 - Cartaz do projeto Menos é Mais da IASD do Distrito do Benedito Bentes



Fonte: Distrito do Benedito Bentes/ Facebook

As ações do projeto também englobavam palestras relacionadas a depressão, obesidade que eram realizadas por profissionais de suas respectivas áreas como, por exemplo, psiquiatra que falou sobre saúde mental, nutricionistas, enfermeiros, educador físico dentre outros. Era uma iniciativa da congregação que visava não somente contribuir para a saúde do corpo, mas também para que os fiéis posam levar uma vida espiritual mais sadia

Na palestra, a nutricionista, enfatizou que os discurso de saúde de Ellen White estava em consonância com os padrões de alimentação saudável tão difundidos na sociedade contemporânea. Comprovando isso através da apresentação de uma pirâmide alimentar criada por órgãos de saúde da Organização das Nações Unidas – ONU, no qual condena o consumo de açúcares, leite e seus derivados, tal qual os conselhos da Mensageira em a *Ciência do Bom Viver*.

Imagem 15 - Palestra de saúde com a nutricionista



Fonte: Distrito do Benedito Bentes/ Facebook

A nutricionista também condenou o consumo de leite comprados em padarias e supermercados, que segundo ela é manipulado pela indústria alimentícia, logo não pode ser saudável. Do mesmo modo em relação ao trigo, posto que, em razão dos diversos processos químicos aos quais foi submetido ao longo dos anos, perdeu as suas características naturais, tornando-se um produto puramente industrial. Ressaltou a importância da hidroterapia, que é uma recomendação parte da lista dos “oito remédios naturais”. Igualmente condenou o consumo de refrigerantes e a importância de ter um café da manhã nutritivo, bem como do perigo de um jantar com muita comida.

Imagem 16 - Banquete que faz referência aos alimentos saudáveis que foram indicados na Semana de saúde da Igreja realizada em abril de 2016



Fonte: Distrito do Benedito Bentes/ Facebook

Durante a palestra também foi ressaltada a importância de ter equilíbrio nas refeições e maior consumo de frutas, verduras, tubérculos, grãos, de acordo com as recomendações de Ellen White. O que foi possível observar é que a palestrante procurava reforçar o discurso de saúde da IASD a partir de uma base científica, de maneira que pudesse respaldar cientificamente tais orientações.

Já os adventistas ensinam um regime simples rico em cereais e vegetais que deem maior importância a produtos naturais do que industrializados. Na doutrina de saúde adventista, o indivíduo tem a responsabilidade e arbítrio para cuidar de seu corpo, procurando fazer as melhores escolhas e evitando alimentos nocivos à saúde, sobretudo os mais gordurosos. Em uma das palestras sobre obesidade a palestrante destacou que a gordura seriam resultado do pecado, da gula, isto é, de uma alimentação desregrada e pouco saudável. Neste sentido, recai sobre o indivíduo a culpa sobre a gordura vista em seu corpo. Percebe-se que a visão do “gordo” é bastante parecida com aquela veiculada pela mídia secular e também pelo discurso biomédico difundido em nossa sociedade. Francisco Ortega (2003) trata dessa aversão a gordura em nossa sociedade, afirmando que a ideologia do corpo perfeito acabou patologizando a gordura, configurando-a como fracasso social, por estar fora dos padrões de beleza e saúde contemporâneo. Isso gera efeitos estigmatizantes que reverberam na vida pessoas produzindo preconceitos, *bullies* e adoecimento psicológico, cujas sequelas podem se reproduzir para a vida inteira. Portanto, no que tange a obesidade o discurso adventista de saúde não se afasta do discurso moderno, pelo contrário, até reforça a ideia que associa gordura a doença e à feiura. Vemos, portanto, o papel da religião que junto com outras áreas como a mídia e a biomedicina ajudarem a reproduzir um padrão estético e de corpo que valoriza a magreza.

Nesta semana pude participar das aulas de educação física do “Projeto Menos é Mais” que consistia em pelo o menos 2 (duas) horas de atividades funcionais realizadas por um educador físico. Tais atividades eram sempre realizadas durante os sábados à noite. Todo o trabalho era desenvolvido no pátio da congregação que é um espaço de convivência da igreja. Observei que neste primeiro sábado do projeto o número de pessoas interessadas foi bastante alto. No entanto, com o decorrer do ano o mesmo fluxo de participantes foi decaindo, por conta de diversos fatores.

Imagem 17 - Atividades físicas do projeto Menos é Mais



Fonte: Página do Projeto Menos é Mais/ Facebook

Imagem 18 - Atividades físicas do projeto Menos é Mais



Fonte: Página do Projeto Menos é mais/ Facebook

Imagem 20 - Atividades físicas do projeto



Fonte: Página do Projeto Menos e Mais/ Facebook

Imagem 21 - Atividades físicas do projeto



Fonte: Página do Projeto Menos é mais/ Facebook

Além de atividades físicas o projeto também incluía ações de saúde que visavam realizar acompanhamento nutricional dos fiéis através de uma profissional da área de nutrição. Os trabalhos eram realizados sempre aos domingos pela manhã e consistia em ações básicas de atendimento como medição de peso, altura, glicemia e pressão arterial apenas para aqueles que estavam sob treinamento funcional.

É preciso salientar que o Ministério de Saúde da IASD é formado por pessoas devidamente qualificadas para atuar na área de saúde, o que demonstra que não existe rejeição do conhecimento científico da parte dos ASDs, pelo contrário, eles se utilizam bastante da ciência para respaldar seus projetos e iniciativas de saúde. No entanto, Schunemann (2008) em um artigo sobre a Mensagem de Saúde e sua relação com o conhecimento científico afirma que apropriação dos adventistas dos estudos de saúde e corpo ocorre de forma bastante seletiva. De acordo com o autor, os IASDs, procuraram confirmar o discurso religioso mediante estudos científicos, visando atender seus interesses evangelísticos. “A dificuldade em conciliar o conhecimento de saúde a partir de fontes diferentes tem sido articulada de formas diversas

dentro do movimento [...] e o objetivo de que o discurso de saúde possa ter uma função proselitista é ainda muito evidente. “ (SCHUNEMANN, 2008, p. 9). Essa seletividade revela também a forma pela qual as religiões tem procurado se adaptar as demandas modernas, haja vista que o discursos científico detém muita importância em nossa sociedade.

O projeto também possui páginas⁸⁸ nas redes sociais, onde são publicadas dicas de saúde e receitas vegetarianas como tortas, vitaminas de frutas, bolos veganos, sem glúten, açúcar e pratos diversos. Visando incentivar os fiéis a adotarem uma alimentação natural, que esteja de acordo com os princípios de saúde dessa confessionalidade. Ademais, se preocupam em trazer reportagens e notícias que estejam relacionadas ao cuidado com o corpo, vídeos com exercícios físicos e também documentários sobre maus tratos com animais.

Em um culto de sábado no dia 09 de julho de 2016 foi dedicado para falar sobre a Mensagem de Saúde da IASD. Neste dia, o culto do sábado teve a presença de um pregador externo, cujo sermão enfatizou a Reforma de Saúde “como um braço para a terceira mensagem angélica”, destacando o pioneirismo de Ellen White para pensar a relação entre mente e corpo como forma de se preparar para o Segundo Advento. Durante a pregação, o evangelista fez questão de ressaltar que a mensagem de White não era algo resultado de uma mente humana, mas obra divina. Uma ordenança de Deus para o seu povo. Segundo ele, as orientações de saúde do mundo secular somente vieram a ser estudadas 100 (cem) anos depois que a Sra. White recebeu suas visões. Logo, para o pregador, a mensageira foi divina e pioneira.

Neste mesmo dia, houve a apresentação de uma peça que metaforizava a relação entre o corpo humano e uma casa. Apontando que o morador deve se preocupar em preservar a estrutura do seu lar, tomando certos cuidados para evitar problemas futuros. Do mesmo modo acontecia com corpo humano. É uma metáfora para tratar da importância da mensagem de saúde dos adventistas. Foi um momento lúdico e interativo, os quais são bastante recorrentes nessa congregação, já que costumam utilizar outros instrumentos para transmitir sua mensagem ao público que vai além das palavras usadas no púlpito. No culto da tarde, o qual acontece por volta das 16:30h (dezesesseis e trinta) foram realizadas palestras sobre a importância dos exercícios físicos para a saúde espiritual do crente.

Embora seja possível perceber que o discurso de saúde adventistas é bastante parecido com o discurso moderno de corpo, quer seja em seus procedimentos e códigos é preciso salientar que os objetivos reservados as práticas corporais adotadas por cada um desses

⁸⁸ Pagina do Projeto “Menos é Mais” em uma rede social. Disponível em< <https://www.facebook.com/menosemaisbb/?fref=ts> > Acesso em 14 de nov. 2016.

discursos (religioso e secular) são bastante díspares. Já que, as asceses contemporâneas objetivam alcançar um padrão de corpo e beleza idealizados.

Francisco Ortega (2003) afirma que a contemporaneidade se caracteriza principalmente pelo chamado “culto ao corpo”, a qual o autor chama de “cultura somática” constituídas por práticas que visam modificar e controlar o corpo a fim de atinja padrão ideal de corporalidade. Ortega (2003), denomina tais práticas de “bioasceses”, definindo-as como formas de sujeição e disciplinamento diferentemente do ascetismo da Antiguidade que tinha como base a liberdade e como objetivo a “transcendência do corpo e o bem comum” (p. 59). Segundo o autor, as asceses modernas são individualistas, apolíticas e hedonistas centradas em técnicas corporais, higiênicos, médicos e estéticos. Ortega (2003), afirma que a constituições desses processos tiveram origem no desenvolvimento de novos conceitos sobre saúde, doença e corpo, que conjuntamente com as construções de novos paradigmas atingiram a medicina e a clínica proporcionando novas visões de humano. Trata-se de práticas estéticas e de cuidado em que o sujeito ocupa papel central, se autocontrolando e se autovigiando. Investindo na obtenção de um tipo ideal de corpo, magro, trabalhado, de formas perfeitas, desejável e que esteja dentro dos padrões de saúde estabelecidos socialmente. São técnicas de disciplina que englobam atividades físicas e alimentação controlada, reprimindo todo e qualquer desejo que venha prejudicar a saúde e a busca pelo corpo perfeito.

Miriam Goldenberg (2007), afirma que na sociedade contemporânea, sobretudo a mídia tem disseminado um padrão estético de corpo chamado de “boa forma”, que exalta medidas corporais perfeitas, trabalhadas, com coxas bem torneadas, bumbum delineado, abdome e músculos definidos. Tudo resultado de práticas de exercícios físico, suplementos alimentares, cirurgias plásticas, implantes de silicone e uma infinidade de investimentos e tratamento estéticos disponibilizada pelo mercado da beleza. Portanto, investe-se na construção de um corpo malhado, sem celulites, manchas, gorduras e flacidez. Um corpo que pode ser exibido e ostentado, pois, segundo Goldenberg (2007), somente este tem a ousadia e também “uma permissão social” de se superexpor em trajes minúsculos.

A autora afirma que essa superexposição do corpo começou a alcançar maior evidência entre o final século XX e o início do século XXI, devido ao maior afrouxamento da moral e dos costumes. Desde então, o corpo tem recebido uma grande visibilidade pública, logo aquilo que antes era escondido em roupas comportadas passou a ser superexposto por uma nova moralidade mais liberalizante que passou a adotar como padrão de vestuário trajes mais sensuais e provocante. Contudo, para exibir um bonito corpo sem constrangimentos é importante que o indivíduo realize determinados investimentos corporais. A autodisciplina, é

vital para obtenção de uma aparência física bela e jovem, que implica na submissão uma rotina de atividades diárias que englobe exercícios físicos, idas a academia e dieta alimentar adequada “Promete-se, entre outras benesses, um abdômen cheio de gomos salientes ou nádegas duras e livres de celulites caso o indivíduo se dedique a tal propósito e receba todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações” (GOLDENBERG, 2007, p. 27).

Vivemos, portanto, em uma sociedade em que a beleza estética tem recebido extrema valorização da parte dos indivíduos. Criando um sistema de valores em que o corpo assume um lugar vital, pois é nele que são feitos investimentos de embelezamento, rejuvenescimento e saúde. Há uma diversidade de tecnologias, produtos e técnicas disponível no mercado de cosméticos, moda, terapias e biotecnologias que prometem beleza e juventude eterna. Nas propagandas de revistas e televisão um corpo perfeito e uma boa aparência estética são apresentados como sinônimo de felicidade. Tentando provar que ninguém pode ser suficientemente feliz sem estar belo, jovem e na moda. É uma época em que beleza é sinônimo de saúde e, para alcançar esse “ideal de saúde” de diversos tipos de cuidados corporais são práticas obrigatórias.

Le Breton (2013) fala que os valores da Modernidade disseminados pela publicidade são “os da saúde, da juventude, da sedução, da flexibilidade, da higiene” (p. 212), os quais revelam bastante sobre a relação do indivíduo com seu corpo na contemporaneidade. O autor, acrescenta que os modelos de corpos veiculados pela publicidade na verdade trata-se de uma ilusão, pois raramente correspondem à realidade, mas seria justamente por tal motivo que se deve o seu sucesso. Daí o autor explica porque tantas pessoas recorrem a cirurgias estéticas e reparadoras, técnicas de emagrecimento e dos milhões que são gastos anualmente no mercado de cosméticos, tratamento de cabelos, etc.

Nesta nova definição de corporeidade não há lugar para o envelhecer, o adoecer e o engordar. Segundo Ortega (2003) o modelo biomédico dominante de ajudar a marginalizar a velhice ao mesmo tempo em que constrói um estilo de vida que retratam os idosos como pessoas joviais e ativas. Mas que, na verdade, escondem sua própria idade, a fim de parecerem mais jovens. É a “ideologia do corpo perfeito” que definem o que é normal, saudável e patológico, responsabilizando o indivíduo pela forma como cuidado do seu corpo, saúde e beleza.

Jurandir Freire Costa (2004) afirma que durante séculos as virtudes e ideais morais era quem definia o que as noções de bom e mal na sociedade. Segundo o autor, os cuidados de si, tinha como fim alcançar um desenvolvimento moral da alma. Porém, atualmente, tais cuidados voltam-se para questões de aparência pessoal como juventude, saúde e beleza. São virtudes e a serem conquistadas e sem as quais ninguém pode ser feliz ou bem-sucedido. Se

antes o corpo era visto como um meio através do qual o indivíduo agia sobre a realidade, agora parece tomar existência própria.

Sobre esse assunto o autor afirma que;

O desempenho corporal foi posto no mesmo patamar do aperfeiçoamento sentimental ou das finalidades cívicas. A alteração nos costumes, à primeira vista, é mínima. Olhada de perto, porém, impressiona. O interesse pelos corpos exacerbou a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade, e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados. (COSTA, 2004, p. 192)

Essa responsabilidade com o corpo é compreendida por Giddens (2002) como resultado do avanço da Globalização⁸⁹. O autor defende que na vida moderna a identidade corporal é organizada reflexivamente. Portanto, tal responsabilidade pode ser entendida como um projeto individual que está adaptada às necessidades e demandas pessoais e não que simplesmente reproduz os valores e ideias. Tal como ocorre em sociedades tradicionais, onde a expressão de uma identidade individual não existia.

Para Giddens (2002) o indivíduo na sociedade moderna tem capacidade de escolha em sua vida cotidiana. Trata-se de um componente fundamental das atividades diárias, da qual nenhuma cultura ou grupo social está livre nas suas rotinas. Na perspectiva giddensiana, todos são obrigados a fazer escolhas em meio a uma gama de variedade de opções que são oferecidas. As escolhas, a nível individual, são entendidas pelo autor como ações reflexivas realizadas cotidianamente, as quais são formuladas e reformuladas, conforme suas demandas utilitárias, construindo a sua auto-identidade, definida por Giddens (2002, p. 54) como “como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo.” Giddens (2002) afirma ainda que a auto-identidade não se trata de um traço ou uma pluralidade de traços distintivos, mas sim “o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia.” (p. 54). Logo, necessita de uma ação reflexiva do agente sobre si mesmo. Partindo dessa perspectiva, no “projeto do *self*” em Giddens (2002) o indivíduo tem a permissão de construir seu próprio corpo, bem como sua identidade, conforme os conhecimentos, situações e atividades as quais se submete na sua rotina cotidiana.

⁸⁹ Define-se Globalização segundo a perspectiva giddensiana que a entende como “[...] a interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais “à distância” com contextualidades locais.” (2002, p. 27). Giddens (2002) entende a Globalização como um fenômeno dialético, constituída pela relação do local e do global.

Em *Modernidade e Identidade*, o autor ao falar sobre o fenômeno das dietas alimentares afirma que o cultivo de regimes alimentares (estendendo-se para os cuidados com o corpo de modo geral) é uma postura reflexiva que irá atuar de forma fundamental na construção do projeto do eu. “ ‘Estar de dieta’ no sentido estrito da expressão é apenas uma versão particular de um fenômeno muito mais geral — o cultivo de regimes corporais como meio de influenciar reflexivamente o projeto do eu” (GIDDENS, 2002, p. 101). Nesse sentido, Giddens (2002) afirma que a anorexia do mesmo modo que as obesidades seriam consideradas “ acidentes da necessidade e responsabilidade” (p.102) para criação e manutenção de sua auto-identidade.

Para o autor, os regimes são importantes porque o hábito de comer encontra-se relacionados com a aparência do corpo:

Hábitos de comer são exhibições rituais em si mesmos, mas também afetam a forma do corpo, talvez indicando alguma coisa sobre a origem do indivíduo e sobre uma certa autoimagem que ele ou ela cultiva. Regimes alimentares também têm suas patologias, e se ligam a vários tipos persistentes de acentuações positivas da disciplina corporal (GIDDENS, 2002, p. 63).

Na percepção giddensiana os cuidados corporais se tornaram parte da reflexividade da vida moderna, posto que, conforme dito anteriormente, Giddens (2002) não entende o corpo como simples receptáculo do social. Apenas como reprodutor de normas, ideias, valores, hábitos e costumes, mas como algo que tem ação e sua experiência determina a construção do *self*.

Regimes corporais e a organização da sensualidade na alta modernidade se abrem à atenção reflexiva contínua, contra o pano de fundo da pluralidade da escolha. Tanto o planejamento da vida quanto a adoção de opções de estilo de vida se integram (em princípio) aos regimes corporais. Seria muita miopia ver esse fenômeno apenas em termos dos' novos ideais de aparência corporal (como a esbelteza ou a juventude), ou apenas como produzido pela influência mercantilizada da propaganda. Tornamo-nos responsáveis pelo desenho de nossos próprios corpos, e em certo sentido, indicado acima, somos forçados a fazê-lo quanto mais pós-tradicionais forem os contextos sociais em que vivemos (GIDDENS, 2002, p. 64).

Igualmente faz parte da construção do *self* a adoção de estilos de vida, que para Giddens (2002) passou a ser uma condição fundamental da vida moderna, haja vista que segundo o autor seguir um estilo de vida é praticamente uma obrigação na contemporaneidade. Assim, Giddens (2002, p. 79) define os estilos de vida como “[...] um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade. ” Podem ser entendidos como práticas rotineiras caracterizadas pela maneira de vestir-se, alimentar-se, hábitos cotidianos, mas que estão abertos reflexivamente as mudanças “ à luz da

natureza móvel da auto-identidade” (p. 80). Os estilos de vida englobam decisões cotidianas realizadas pelos indivíduos que não se referem apenas sobre o agir do sujeito, mas também sobre quem deseja ser, ou seja, sobre sua identidade, a qual, conforme dito, vive sob constante mutações.

Portanto, os estilos de vida são práticos reflexivos, realizadas pela ação do indivíduo que investe sobre seu corpo, desenhando modos de ser que são próprios desses “estilos”. Tais “estilos”, por sua vez definem e identificam os sujeitos na sua realidade mediante os comportamentos e valores estéticos e morais que carregam consigo. Neste sentido, pode-se facilmente falar que “o culto ao corpo”, ou seja, os investimentos corporais através das academias, cirurgias plásticas, dietas alimentares, aparência corporal de modo geral é um “estilo de vida” que define o significado do que seja “viver saudável” na contemporaneidade.

4.3 Corpo e reflexão: o cuidado corporal e as dietas entre os adventistas do sétimo dia

Foi dito ao longo do trabalho que a relação entre corpo e religião não pode ser simplificada apenas como um instrumento, simples reproduzidor de convenções sociais, visto que, mesmo em um ambiente das religiões há espaço para se inventar, renovar, transformar, elaborar e reelaborar novas práticas e relações com o corpo. Martins (2003) citando Callois (1963) afirma que pensando o corpo e sua relação com o sagrado, além das tradicionais como modo e espaço de prazer e emoção pode ser também um espaço reservado à liberdade de expressão.

Na contemporaneidade, a liberdade do indivíduo na relação entre corpo e religião tem sido uma característica da religiosidade contemporânea, essa relação mais livre permite a construção de novos percursos de crenças. Já que, conforme afirma Hervieu-Leger (2008, p. 64) a construção das subjetividades religiosas não se reduz apenas nos percursos tradicionais das crenças “Envolvem, também, tudo aquilo que constitui a substância de crer, práticas, pertencimentos anteriores, maneiras de conceber o mundo e de inserir-se ativamente nas diferentes esferas de ação que compõem o mundo, etc. sua orientação cristaliza, por um lado, as disposições, interesses e aspirações individuais”. Contudo, a autora acrescenta que a construção das subjetividades religiosas igualmente depende “ [...] das condições objetivas – institucionais, sociais, econômicas, políticas, culturais – dentro das quais esse percurso acontece. ” (p. 64).

Além disso, vivemos em tempos modernos, uma época em que o homem é visto como indivíduo autônomo, capaz de construir própria história e identidade, realizando suas próprias escolhas e também de refletindo sobre si mesmo e sobre a realidade. No entanto, em relação

ao indivíduo religioso, sobretudo entre aqueles que pertencem a grupos cuja orientação moral interfere na vida prática e no cotidiano das pessoas a autonomia do corpo pode se revelar bastante limitada.

Os antropólogos Emerson Giumbelli e Fátima Tavares (2015) falam que estudar processos e fluxos relacionados aos agenciamentos religiosos do cuidado é uma oportunidade de conhecer universos mais heterogêneos do que aqueles seus itinerários e experiências já conhecidos. Possibilita ir além do que a religião tem sido vista tradicionalmente, configurando amplas possibilidades de ação e transformação dentro dos contextos religiosos. Igualmente possibilita problematizar a relação entre secular e religioso, modernidade e tradição, dentre outras dualidades que nos permite melhor compreender sobre o ser religioso no mundo contemporâneo.

Durante a realização das entrevistas as restrições impostas pela moral religiosa sobre a ação do corpo, foi bastante observada, o que exigia dos fiéis negociações, articulações e estratégias de forma a conciliar seus usos do corpo com a religião. Neste sentido, a aplicação das entrevistas entre os membros da igreja possibilita compreender como tal relação reflete na compreensão sobre sua corporeidade e nas técnicas que investem em seu corpo. Igualmente é importante analisar como os membros dessa denominação tem lidado com os discursos modernos sobre o corpo que confrontam as suas concepções de saúde e seu ideal de santidade.

Cahet tem 37 anos é educador físico e se converteu a IASD há 3 (três) anos quando participou de um acampamento de adventistas, passando a conhecer a mensagem e frequentar a igreja logo depois. Segundo ele, não gostava quando membros da igreja vinham até sua casa dar estudos a sua mãe. Se incomodava. Mas o contato maior com os membros acabou lhe influenciando e levando a converter-se ao adventismo. Segundo Cahet, é dentro da igreja, já convertido, que ele passa a se interessar pela mensagem de saúde. Assim, passou a estudá-la, e sendo educador físico, portanto, alguém que se preocupa com a saúde, corpo e alimentação passou a adotar os princípios de alimentação natural adventista. Cahet, acredita tanto quanto os demais adventistas que os conselhos de saúde de Ellen White são divinamente inspirados, posto que, segundo ele os livros que já leu sobre os assuntos na faculdade corroboram com as teses whiteanas escritas há mais de 100 anos por uma pessoa que jamais enfrentou universidade ou teve ensino regular. “O que eu entendo e penso dela? Realmente ela foi inspirada por Deus porque outras pessoas tentaram encontrar nos livros algo que venha desmentir que tudo é interligado com a Bíblia. “ (CAHET, 37 anos, vegetariano).

Ao serem questionados sobre o conhecimento acerca da alimentação natural e cuidados com a saúde, o grupo dos vegetarianos se destacam em relação aos não-vegetarianos, (que

costumam guardar apenas as prescrições levíticas), pela capacidade de reflexão e profundidade teórica sobre o tema. É caso de Laura, 38 anos, (sendo 4 anos de adventismo e 3 de vegetarianismo) funcionária pública, nível superior completo que junto com seu esposo se converteu a IASD, depois de participar de alguns estudos bíblicos. Laura e seu marido após conhecer diversas outras denominações se tornaram membros da Igreja Adventista por acreditar que sua doutrina era a mais coerente e verdadeira. “Eu comecei a estudar a bíblia e aí eu fui descobrindo as verdades e pedi a Deus para me mostrar qual era a mensagem verdadeira e essas respostas vieram muito precisas [...] Muitas coisas que a gente buscava e não encontrava resposta e na igreja adventista a mensagem sempre foi coerente” (LAURA, 38 anos, vegetariana) Segundo Laura, tanto ela quanto marido tinham formação cristã. No caso do marido, era católico e ela tinha irmã e mãe adventista e ambos estavam à procura de uma igreja para congregarem. Frequentaram várias (Batista, Assembleia de Deus, etc.) até ter a certeza de que deveriam se firmar na IASD. Lá, então, tiveram conhecimento da mensagem de saúde adventista e decidiram aplicar seus princípios a sua rotina diária.

Daniel, 37 anos, autônomo, nível superior completo, se converteu ao adventismo já fazem 4 (quatro) anos e há cerca de 3 (três) anos adotou o vegetarianismo como estilo de vida. É bastante ativo na igreja, onde faz parte do Ministério da Saúde, realizando palestras, trabalhos, projetos, etc. Também participa de um clube de ciclistas de Maceió, mas afirmou que mesmo antes de se converter sempre teve preocupação com a saúde, pois fazia musculação, exercícios físicos, etc., mas apenas para ter melhor qualidade de vida e um corpo malhado. Depois de ter se tornando membro da IASD conheceu a Mensagem de Saúde e percebeu que além de benefícios para a saúde física, seus princípios proporcionaram um diferencial em sua vida espiritual.

Geisy, é uma jovem adventista, tem 21 anos e cursa veterinária na Universidade Federal de Alagoas. Participa das reuniões da IASD desde os 5 anos de idade, quando seus pais se converterem a essa religião. Mas afirma que se decidiu por sua fé realmente aos 10 anos de idade, quando se batizou. Não é vegetariana. Também não pratica nenhum tipo de atividade física, tampouco segue os oito remédios naturais. Na verdade, “Alguns”, diz ela. Apenas segue as restrições bíblicas do Levítico. Além disso, toma café e, segundo ela recentemente deixou de tomar refrigerante. Quando a questionei sobre o conhecimento das obras whiteanas me falou que nunca tinha lido nada sobre questões voltadas para uma alimentação natural, mas acredita na importância de seus conselhos para a vida espiritual “ [...] quando você segue um regime alimentar que é saudável, você se sente mais leve e a sua mente é mais aberta não só para as

questões espirituais e para estudo, questão de faculdade ou qualquer outra coisa. É bem melhor.
” (GEISY, 21 anos)

Algo comum entre os entrevistados, sobretudo, entre os vegetarianos, é que todos afirmam que os ensinamentos sobre saúde da Sra. White estão comprovados cientificamente. Logo, são verdadeiros e, de fato, foram inspirados por Deus

[...] a ciência comprova (né?) Como é importante um estilo de vida saudável. Porque tipo, você vai ter uma longevidade bem melhor de vida. Você pode ver muitos idosos que tiveram uma vida saudável, que comeram bem. Eles são bem ativos, né? As pessoas se tornam mais ativas e mais dispostas, né? Tem menos problemas de saúde (GEISY, 21 anos).

Olhe, porque os estudos comprovam. Hoje a ciência está comprovando o que os adventistas já pregam há muitos anos. Escritos de Ellen White já tem mais de 100 anos. Os escritos, eles são uma luz menor que aponta para a luz maior que é a Bíblia (LAURA, 38 anos, vegetariana).

Hoje a ciência já comprova que a maioria das doenças não transmissíveis como diabetes, a pressão arterial elevada, tudo é originada de uma má alimentação. Então inicialmente você vai ter o benefício de uma melhor qualidade de vida e segundo que em decorrência disso: você bem, com saúde, mas transparente, você tem uma melhor comunhão com Deus e você vai está buscando fazer a vontade de Deus, pois nosso corpo é Templo do Espírito Santo (DANIEL, 36 anos, vegetariana).

É fácil perceber não somente entre interlocutores, mas nas palestras, atividades, projetos de saúde e até na fala dos nutricionistas e profissionais da saúde há uma apropriação da parte da instituição do discurso de corpo contemporâneo. Especificamente estudos científicos que comprovam os benefícios de uma alimentação natural, adequando-os e ordenando-os aos princípios da Cosmovisão de Saúde whiteana. Enfatizando a importância de viver saudável e incentivando os fiéis a terem um maior senso de responsabilidade pelo corpo individual, enquanto um dever cristão⁹⁰. No entanto, condena o uso de técnicas corporais que afastem o fiel do objetivo de uma vida saudável cristã. Aqueles que incentivam práticas hedonistas, estimulando a busca por um corpo belo, jovem e saudável e não a santificação do corpo.

Laura, assim como Cahet e Daniel, que são ovolactovegetarianos, demonstram conhecimento maior em relação que Geisy, Josimar e Maria sobre a mensagem de saúde. Não restringindo suas informações apenas as prescrições do Levítico, que é uma norma a qual todos adventistas encontram-se submetidos. Ademais, denotam também que foi o acesso ao conhecimento da Mensagem de Saúde, isto é, aos escritos de Ellen White que os levou a aderir a um estilo de vida saudável.

⁹⁰ Enciclopédia Adventista (2010, p.1358)

Olhe os livros que li de Ellen White todos eles têm embasamento bíblico. [...] E eu ainda li poucos porque estou na caminhada. Esse ano estou começando assim: eu vou ler uns quatro a cinco. Comecei por Ciência do Bom viver, que são conselhos para a nossa vida para a gente viver bem. Não é só de alimentação. Ele fala sobre a gente como lidar uns com os outros. Como a gente é. (Pausa) no aspecto de ser mãe, ser pai, ser filho. Então é uma abrangência gera. (LAURA, 38 anos, vegetariana).

Tampouco costumam restringir o conhecimento a essas questões de saúde apenas nos livros de White. Particularmente os vegetarianos afirmaram que procuram informações sobre questões de saúde a alimentação saudável em publicações seculares. Chegam a citar nomes de profissionais que trabalham com este tema. Contudo, o uso desse material tem restrições, já que não aceitam aquilo que vai de encontro as crenças e seus princípios, mesmo que seja comprovado cientificamente.

Eu procuro ler assim, mas se é algo que foge dos princípios principais de Deus, eu só uso mesmo como exemplo. Como eu estava até falando do Dr. (refere-se a uma conversa que tivemos antes), que falou uma coisa, mas não foi a fundo naquilo porque ele ia se contradizer naquilo que ele acreditava (CAHET, 37 anos, vegetariano).

Eu busco muito, mas logicamente que eu preciso buscar mais. Eu até esses dias, eu estou assim me sentindo incomodada no sentido de buscar mais. Eu preciso, além do que já busco. Eu tenho uma assinatura da Revista Vida e Saúde que é uma revista muito boa que explica isso porque de cada coisa, o que deve seguir, o que não deve seguir e assisto vídeos na Internet. Assisto programações de saúde e culinária. Culinária saudável sobre o que a gente pode fazer (LAURA, 38 anos, vegetariana).

Ah sim, sim nós temos [...] nós temos hoje uma sumidade no tema que é o Dr. Lair Ribeiro que é cardiologista e tem especialização [...] assim tem vários materiais e várias publicações, falando hoje da importância de se ter uma boa alimentação para uma melhor qualidade de vida. Então, tem muitos conselhos, muitas informações que a gente começa a pesquisar, que a gente vê que hoje realmente a ciência ela está buscando entrando em harmonia com o que foi deixado pela palavra de Deus (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Isso não significa afirmar que os não-vegetarianos não tem acesso a informações sobre alimentação saudável. Segundo eles há interesse, mas recorrem a Internet e as publicações seculares. Logicamente que não são todos que veem importância no tema como é o caso de Josimar, 26 anos, solteiro, nível superior completo que segundo contou se converteu a IASD em 2010 através da TV Novo Tempo. Segundo ele, antes mesmo de se tornar um adventista ele e sua família já havia sido membros de outras igrejas (Quadrangular, Batista e Igreja Maranata), pois desde a infância sempre frequentaram igrejas evangélicas. No entanto, foi somente na IASD que conseguiram se firmar, há pelo o menos 7 anos. Josimar, não é vegetariano. Frequenta academia, mas afirma nunca ter lido nada dos escritos de Ellen White sobre saúde, embora já tenha ouvido palestras sobre o tema. Igualmente não segue os oito remédios naturais, porém, segundo ele, “Todos são importantes, mas não vou dizer que faço os oito”. Ao longo da entrevista demonstrou conhecimento apenas das restrições levíticas.

Afirmou que não procura se informar sobre essas questões com frequência e tudo que conhece apenas se restringe ao conhecimento básicos de saúde da IASD “O meu conhecimento sobre o tema é o básico mesmo, por exemplo a gente está aqui no shopping eu sei que não poderia está comendo coisa gordurosa como um pastel, que é gorduroso, um refrigerante nem um camarão que tem ali perto, nem uma pizza também que é gordurosa. O básico assim eu sei agora, mas avançado não.” (JOSIMAR, 26 anos).

Maria, tem 34 anos, é solteira, possui apenas o nível médio e quando a entrevistei se dizia desempregada. É da cidade de União dos Palmares, interior de Alagoas. Contou-me que se converteu ao Adventismo com 12 anos de idade. Portanto, conta com 21/22 anos de IASD, mas mesmo tendo anos vivendo a doutrina adventista afirmou que nunca aderiu ao vegetarianismo. Segue apenas as restrições do Levítico. Informou que não segue todos os oito remédios naturais “A risca não. Eu procuro tomar bastante água, eu procuro tomar sol à tardinha, mas seguir à risca todos os oito remédios não.” Segundo ela, não come carne suína, crustáceos, moluscos, carne de peixe de todo tipo, comidas gordurosas, tampouco café. Porém, ainda bebe refrigerante, embora não Coca-Cola, “porque dentre todos o que tem parece ser o mais prejudicial”. Não pratica nenhum tipo de atividade física atualmente e pouco se informa sobre o tema, mas acredita na sua eficácia e na sua divina inspiração.

Porque tipo, se você ler a bíblia ela não diz que açúcar faz mal à saúde. Lá em Levítico não tem dizendo que você deve se abster de açúcar, mas quando você vê o nutricionista falando...E com relação a alimentos como “muito sal”, eu procuro evitar. Quando eu cozinho eu não coloco tanto sal. Eu me abstenho tanto do açúcar. Não porque a igreja diz, mas porque a gente vê os nutricionistas falando que não é saudável (MARIA, 34 anos).

Nas falas de Maria, percebe que existe conhecimento sobre certos tipos de alimentos que podem fazer mal à sua saúde. Nos quais acredita não somente porque a igreja fala, mas também porque é sustentado por um discurso de saúde defendido e propagado por profissionais da nutrição. Percebe-se que há uma conciliação, diálogo, combinação de discurso religioso e o discurso médico sobre saúde.

Entre os adventistas a adesão a um estilo de vida vegetariano está relacionada a trajetória de vida, suas experiências religiosas e conhecimento alcançados sobre o tema. Diferente da prática vegana secular que em alguns casos tem um caráter político e ético. Ou ainda, associado ao gosto de classes, que revelariam um pertencimento social e cultural dos sujeitos. Ademais, o vegetarianismo adventista, além do caráter religioso é um tipo de prática cujos sentidos e significados são perpassados pelo significado do corpo para a religião e para o fiel.

E a mensagem que eu descobri na bíblia e nos escritos de Ellen White é que cuidando da minha saúde eu estou cuidando do meu corpo que é templo do espírito santo e que

por sua vez eu estou adorando a Deus através do meu corpo, porque tudo que eu faço, tudo que eu me alimento, tudo tem que ser para a honra e glória de Deus. Então foi através da mensagem de saúde que eu realmente.... Não foi ela que me levou (só ela), mas ela foi uma mensagem que me despertou para essa realidade do vegetarianismo (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

O vegetarianismo adventista implica uma reflexão sobre o sentido e o lugar do corpo para a religião e também para o indivíduo, visto que, é entendido pelos membros como forma de adoração que influencia em seu relacionamento com Deus. São práticas alimentares reguladas pela moral religiosa, o que não significa afirmar que estão alheias a reflexão, agenciamento e escolhas pessoais. Já que implica da parte dos adeptos conhecimentos específicos para saber escolher os alimentos adequados que não atentem contra seus princípios religiosos. Também abrange conhecimento da Cosmovisão de Saúde whiteana, cuidados com o corpo (exercícios, oração, etc.) e apresentação pessoal. Trata-se de um conjunto de técnicas corporais que não somente reflete os sentidos e significados da corporeidade adventista, mas também pertencimento cultural-religioso.

Conforme visto anteriormente, Ellen White, em seus escritos fala que o fiel deve ser responsabilizar sobre seu corpo. Logicamente considera que os membros devem procurar melhores escolhas para os cuidados da saúde. Tais escolhas, não se restringem apenas nas recomendações whiteanas, mas também leva o sujeito religioso a refletir sobre diversas questões que envolve suas rotinas alimentares e sobre seu corpo.

Porque assim, a gente pensa que para comer saudável precisa estar bem condimentado. “Ah para viver saudável você precisa gastar muito você tem que fazer uma academia.” Para viver saudável você tem que ter muita disponibilidade. Não é? É organização, de tempo. Porque se você tiver um tênis ou um sapato para você andar, você já está fazendo um exercício físico. Se você ao invés de ficar andando de ônibus dar uma caminhada no sol, você também já está adquirindo vitamina D. Água você andando constantemente com ela e tomando. [...]então assim é tudo muito simples. Não existem nenhum mistério (LAURA, 36 anos, vegetariana).

Observa-se, portanto, que para Laura “o viver saudável” impõe formas de organizar e rearranjar reflexivamente sua vida cotidiana para se ajustar as demandas da prática vegetariana ao mesmo tempo religiosa. São ações que exigem negociações e renegociações da parte dos fiéis a fim de adequar seus princípios de saúde com a as situações vivenciadas na sua vida diária. Isso fica ainda mais evidente quando questionados sobre a sua rotina alimentar diária, mesmo na compra de produtos, alimentos, etc.

Eu me acordo pela manhã. Tomo minha água cítrica (água com limão, água morna), desse modo eu já estou limpando meu sangue. Estou também fazendo uma limpeza do meu sistema digestivo. Daí depois de uma meia hora começo a fazer o desjejum, pois é o tempo que a água já tem circulado no meu corpo. Meu desjejum é frutas eu como pelo o menos três tipos de frutas pela manhã. Nada de pão. Porque pão tem o tipo refinado, glúten. Não que eu não coma pão, eu como, mas eventualmente. Mas assiduamente, diariamente, não. Também como raízes inhame, uma batata-doce. Eu

como macaxeira. Faço um cuscuz de massa puba ou de arroz. Evito o milho porque o milho hoje é transgênico, pois está comprovado que isso dá câncer. Daí eu faço um molho de verduras. Eu faço primeiro um molho de tomate. Essa é a base para minha alimentação. Tanto no almoço como no jantar, quanto no desjejum. Nisso pego esse molho coloca nas verduras e jogo por cima das raízes. Como castanhas também pela manhã. Como grãos, chia, linhaça, kinua. No café da manhã a terceira fruta costumo colocar alguns desses grãos. Geralmente eu começo pela banana, depois uma uva ou manga ou um mamão. Depois de cinco horas para aproxima refeição. Passo de duas horas a três para tomar líquido, porque? Porque, o líquido dificulta a digestão e incha o organismo, dilata nosso estomago (LAURA, 36 anos, vegetariana).

Não é caro (refere-se ao vegetarianismo), ele se torna caro, quando você procura essas fontes de alimentos em supermercado, mas quando você vai para ir a uma feira que você pode negociar com um feirante é diferente. Porque é aquela coisa, se você tem dois reais no bolso. Se você for para a feira você traz alguma coisa (CAHET, 37 anos, vegetariano).

Assim, quer seja na escolha dos alimentos por seu valor nutricional, técnicas de limpeza estomacal, conhecimento acerca dos seus componentes e perigos sobre alimentos industrializados. Ou ainda, saber como conseguir alimentos na feira ao menor preço sem pesar tanto no orçamento da casa, os adventistas, agem e fazem escolhas reflexivas. Com isso também, elaboram negociações, conjecturando seus conhecimentos da Mensagem de Saúde com informações obtidas no dia a dia. Cabe sublinhar que ter um conhecimento nutricional é uma prática que os vegetarianos seculares também costumam utilizar. No entanto, no que se refere ao adventismo a questão religiosa, o sentido da pureza corporal, o conceito de Temperança também perpassa essas escolhas.

Então, inicialmente, você vai ter o benefício de uma melhor qualidade de vida e segundo que em decorrência você bem com saúde, mais transparente você tem uma melhor comunhão com Deus e você vai está buscando fazer a vontade de Deus, pois nosso corpo é Templo do Espírito Santo (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Eu ainda sou ovolactovegetariano, eu deixei completamente o queijo e questões assim do leite eu estou já me afastando, tirando realmente. E o ovo eu já estou pensando em como vou fazer. Porque justamente tem nos livros dela (Ellen White) falando que iria chegar um tempo em que o ovo já não seria mais um alimento ideal para a gente (CAHET, 37 anos, vegetariano).

Ademais, o estilo de vida vegetariano devido as suas particularidades exigem que seus adeptos elaborem estratégias e negociações nas suas relações diárias, como, por exemplo, fazer refeições fora de casa. No entanto, em Maceió existem poucos restaurantes que atendem a esse público, dentre os quais há um deles que é conhecido dos adventistas-vegetarianos por ser propriedade de um membro da IASD. É um restaurante *sel-service* vegano que fica localizado no bairro da Ponta Verde, que além de oferecer refeições também é loja de alimentos naturais e lanchonete. É um espaço com oferta de alimentação natural, venda de produtos naturais como cereais e suplementos nutricionais. Há ricas ofertas de doces, salgados, tortas, bolos, doces, tortas e integrais. Produtos sem glúten, lactose e veganos. Outro são *lights* e *diets*, além dos

congelados. No cardápio, oferece almoço vegetariano com variedade de saladas e cereais, além disso, oferece cursos de culinária vegetariana, dos quais muitos adventistas que conheci afirmaram ter participado. É um local bastante conhecido entre os iasidiano da capital e também frequentados por eles.⁹¹

Assim, como lugares como restaurantes de comida natural conhecido e frequentado entre os adventistas são poucos - além disso, muito afastado de outros bairros da parte alta da cidade - sobra para os vegetarianos recorrer aos restaurantes *self-service*. Por outro lado, apesar de não oferecer comida natural há diversas opções no cardápio que permitem preparar um prato vegano.

Geralmente fora de casa hoje em Maceió nós temos [...] assim uns dois ou três restaurantes vegetarianos, mas por exemplo, se for comer em um restaurante self – service, geralmente tem salada, tem feijão, tem arroz. Mas se o feijão tiver carne ou outros produtos cárneos que geralmente se coloca, como no caso do feijão caseiro, eu não como. Mas você tem o feijão verde (alternativa) que você pode fazer uma utilização, um arroz, que dependendo da situação as vezes ele não é integral. Mas hoje em dia tem muitos self-service que disponibiliza essas opções (arroz integral e comum). Então, dá para você manter uma alimentação natural ou dar para você se alimentar ali de saladas e tals. Tem muito mais opções (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Giddens (2002), afirma que em parte os regimes alimentares são regulados segundo as convenções socioculturais e também individualmente, cujas práticas apreendidas objetivam controlar as necessidades fisiológicas do corpo. São também através deles que o indivíduo constrói seus hábitos, valores e comportamentos que condicionarão a sua conduta diária. Assim como ajudarão na construção das identidades individuais. “Regimes são maneiras de autodisciplina, mas não são constituídos apenas pelos ordenamentos das convenções do cotidiano; são hábitos pessoais, organizados em parte segundo as convenções sociais, mas também formados pelas inclinações e disposições pessoais.” (GIDDENS, 2002, p. 63). O autor afirma que os regimes alimentares são importantes para a formação das auto-identidade porque trata-se de hábitos que estão relacionados a aparência corporal. Ou seja, são práticas que afetam a forma do corpo e como são exibidos. No entanto, conforme enfatizamos ao longo do trabalho embora haja um agenciamento do corpo entre os adventistas no que tange a alimentação e práticas de embelezamento, essas são reguladas pela moralidade religiosa. Logo, há uma reflexividade individual, mas é atravessada pelos discursos religiosos, que exerce grande força na formação dos comportamentos e identidades.

Giddens (2002), evidencia que na contemporaneidade mesmo que existam hábitos fixados e organizados socioculturais que ordenam a vida cotidianamente, a modernidade tardia confronta o indivíduo oferecendo ao mesmo tempo uma diversidade de opções a partir das

⁹¹ Informações disponibilizadas em < <https://www.facebook.com/naturezavivamaceio/> > Acesso em: 16 set. 2017

quais, de uma forma de outra os sujeitos devem escolher. Contudo, pode-se argumentar que uma família pobre, negra e favelada, cujos membros vivem com recursos limitados há poucas ou nenhuma escolha dada as suas condições sociais. No entanto, Giddens (2002), afirma que os fundamentos institucionais da modernidade são universais. Não há como viver alheio a sua superioridade. Dessa forma, em situação de privações socioculturais as escolhas serão vividas segundo as situações em que os sujeitos se encontram inseridos. Ou seja, as possibilidades de opções oferecidas serão diferentes e vivenciadas de maneira distinta conforme a classe social do sujeito. Consequentemente isso resultará na construção de “estilos de vida” particulares de cada classe social, que os identificam. Tal como as práticas de resistências verificadas em bairros menos abastadas como, por exemplo, os coletivos culturais formados por jovens negros, feministas da periferia, entre outros. Giddens (2002), argumenta que mesmo nessas situações de escassez de recursos socioeconômicos, a reflexividade, aparece como aspecto norteador da construção do self e do corpo.

O vegetarianismo mesmo considerado a priori uma prática elitista é possível encontrar membros das classes populares que adotam uma dieta saudável. Já que, na perspectiva giddensiana os regimes como aspecto fundamental na construção da identidade compreende a vida na modernidade tardia. Todos podem se submeter ou estão submissas as suas regras, rede de informações, discursos, valores e ideais. No entanto, obedecendo tal perspectiva os regimes e autocuidado com o corpo estão desenhados pelas situações vivenciadas pelos sujeitos.

Ellen White, em seus escritos sobre saúde aponta que as alimentações das pessoas devem variar conforme a sua rotina diária de atividades. Desse modo, os regimes devem estar de acordo com o esforço físico dispensado pelos indivíduos em seu dia de trabalho. Da mesma forma, em relação a situação socioeconômicas dos fiéis, aconselhando que os pobres devem optar por alimentos que sejam mais nutritivos. White, igualmente alerta para as questões de diferenças culturais. Segundo a autora, existem alimentos, cereais e vegetais em determinadas culturas e não em outras de alto valor nutritivo que devem ser incorporadas a dieta alimentar natural.

Neste sentido, cabe aos membros orientar sua dietética de acordo com suas necessidades do dia a dia e econômica, bem como suas opções culturais. O que sugere tomar as escolhas adequadas para suas atender suas demandas. Além disso, é preciso salientar que os regimes adotados pelos interlocutores não são simplesmente dietas, mas sim uma reeducação alimentar que implica mudanças de hábitos e rotinas alimentares no cotidiano. Contudo, essas rotinas e hábitos são direcionadas pela moral e a doutrina de saúde adventista, mas que carregam consigo uma agência, a qual pode ser percebida nas falas dos interlocutores

Embora os regimes e autocuidado corporal sejam hábitos e práticas destinados a todos os grupos sociais, os mais diversos estudos realizados no âmbito da Antropologia do Corpo revelam que se trata de um fenômeno que atinge muito mais as mulheres que os homens. Isso justifica os diversos investimentos disponíveis ao corpo feminino, que vão desde tratamentos estéticos, cosméticos, saúde, alimentação, vestuário, os quais impressionam pela enorme variedade ao público consumidor. Um público que não economiza para deixar seu corpo mais bonito e se adequar ao “ideal de beleza” praticamente inatingível. Além disso, pesa ainda o fato de que vivemos em uma sociedade em que exige que as mulheres sejam seres sempre belas, sensuais e jovens. Por conseguinte, sua preocupação com o corpo e a estética torna sempre um tema constante.

O antropólogo francês Stephane Malysse (2007) observou que no Brasil é impossível compreender a corporeidade e a concepção de beleza sem atentar para o fator classe social. Já que, embora as revistas, academias e programas de televisão defendem que para ter um corpo perfeito é preciso esforço, contudo se trata de um corpo de consumo. Logo, seriam as mulheres de classe abastadas, que teriam condições socioeconômicas de realizar investimentos corporais para alcançar um corpo de “alto padrão.” Tal padrão, reproduzem nas capas de revistas mulheres de cabelos longos, bem tratados, maquiagens caras e corpo esbelto de formas perfeitas. Segundo o autor, os comportamentos corporais estão relacionados com a sua posição na escala social, a qual encontra-se inscrita no próprio corpo. E isto se expressa não somente no autocuidado, mas também na construção da aparência pessoal, do vestuário, de alimentação, saúde, dietética, bem como na forma de exibir o corpo.

Para Malysse (2007), o marcador de gênero é fator fundamental para entender comportamentos corporais, aparência pessoal e vestuário na sociedade brasileira. O que nos leva a entender como os sentidos de masculinidade e feminilidade são elementos fortes nas práticas e representações da nossa corporeidade, mais ainda em contexto cristãos-evangélicos em que tais elementos aparecem bem demarcados.

Aspectos relacionadas à aparência pessoal dizem respeito, sobretudo, as práticas corporais adotadas por cada cultura. Desse modo, tais questões perpassam pelos conceitos de masculinidade e feminilidade verificados em nossa sociedade, demarcando os usos corporais que os atores adotam. Conforme visto anteriormente, não há regras no tocante ao vestuário, o Manual IASD, exige tão somente que os fiéis sigam os princípios de modéstia, discrição e simplicidade. Em relação a recomendação de “roupas femininas”; “roupas masculinas”, não significa dizer que há determinado tipo de roupa que está proibido para homem ou mulher, mas que esses princípios devem ser observados na escolha da vestimenta.

Portanto, entre os adventistas, o cuidado com a aparência pessoal entre homens e mulheres implica em conformidade aos padrões de gêneros (masculino e feminino). Aquele que condiciona as mulheres a adotarem determinadas condutas no seu vestuário e aparência pessoal. Expondo no corpo o “ ser feminino”, e no homem o “ ser masculino”, os quais padronizados em nossa sociedade. O que torna mais variado o vestir feminino que pode abranger calças, regatas e blusas de manga comprida, por exemplo desde que apresentem uma modelagem feminina, possibilitando maior agenciamento do corpo, quanto as práticas de embelezamento.

Ao serem questionados sobre as formas de apresentação pessoal e vestuário para ambos os sexos, e em alguns casos há o entendimento de que a vestimenta compreende um universo de práticas corporais que envolve a “ adoração”, bem como, identidade e formas de reconhecimento social.

Eu não vejo somente a questão da vestimenta feminina, mas também vamos falar da vestimenta masculina. Hoje nós somos tentados a ter um corpo bonito e esbelto e isso faz com que a maioria das pessoas achem tem que mostrar (o corpo). Eu não vejo essa necessidade. Eu penso que tanto homem quanto mulher tem que ter uma vestimenta adequada. Ter uma vestimenta que as pessoas possam olhar e não ver a pessoa propriamente dita, mas que aquela pessoa respondesse a uma luz divina. Para que as pessoas olhem para ele e de uma certa forma as pessoas vejam Jesus e não a pessoa, beleza física. Então nesse sentido que eu vejo a vestimenta. Ela faz parte do aspecto de adoração (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Na realidade essa questão de vestimenta é o que Deus realmente quer, né?! Ele não..., ele não... não que ele obrigue, mas ele diz realmente que mulher deve vestir roupas femininas não tem que vestir roupas masculinas, né?! E o que é que acontece a questão da vestimenta, além de identificar o seu, o seu gênero, né? Masculino ou feminino ele também diz muito da pessoa. Porque a palavra de Deus diz que a mulher ela deve ser formosa, bonita ou nas suas obras (LAURA, 38 anos, vegetariana).

As justificativas são diversas, desde as mais sexistas que associam o caráter da mulher as suas vestimentas, até aquelas que envolvem a promoção da saúde física.

Eu concordo porque assim as pessoas de fora elas visam muito a aparência, né? Elas olham mais para isso do que para o caráter. É como dizem “ ações falam mais do que palavras” então quando você se veste de uma maneira mais adequada, mais comportada, as pessoas elas observam isso. E também questão de valorização, né?! Por exemplo, a mulher vestir uma roupa composta que valorize menos o corpo não fique uma coisa muito explícita. Você acha que não é adequado para o cristão? Eu acho que não só para crente. Eu acho que uma mulher que se valoriza ela vai querer se vestir não para mostrar o corpo, né? (GEISY, 21 anos).

De acordo com Ellen White ela fala que tem certas roupas que podem prejudicar a circulação, uma roupa muito apertada. Ela fala esse paralelo entre roupa e saúde é neste sentido. Há roupas que podem atrapalhar a saúde. Prejudicar a saúde. Não é nada místico e tal. Se você anda toda apertada, agoniada. Por exemplo, uma mulher que teve filho e aquele negócio todo, daí ela compra uma cinta e aperta seus órgãos uma noite inteira. Será que não prejudica apertando os órgãos? Então quando ela fala,

refere-se a esse sentido. Quando ela traça esse paralelo, quer dizer neste sentido. Daí vem também o salto alto, que dá varizes. Prejudica a coluna, então é isso roupa-saúde. Ela quer dizer que tem roupas que prejudicam a saúde neste sentido. (PASTOR IASD).

Porém, na Antropologia, o vestuário, é mais que uma simples forma de se vestir, pois ajuda a entender comportamentos, valores, além de ser uma forma de lidar e se expressar através do corpo. É também entendido como referenciais estéticos e culturais de um dado grupo social. A vestimenta entre os interlocutores é identificada como elemento de identidade religiosa e reconhecimento social por meio da qual os fiéis “testemunham” sua conduta. Nisto consiste a negação das coisas mundanas e valorização de virtudes espirituais. Assim, conforme já dito anteriormente as ordenanças adventistas em torno do vestuário estão em conformidade com normas tradicionais que atribuem função social a mulher e ao homem na família, sendo a este último considerada a autoridade da casa, provedor do lar.

Como percebido “viver saudável” entre os adventistas tem relação intrínseca com suas ideias de santidade, adoração e também moralidade. Talvez seja essa a característica mais particular e também um grande diferencial em relação ao vegetarianismo político e secular. Também é bastante distinto das bioasceses contemporâneas de caráter hedonista, individualistas, apolíticas e narcísica. Caracterizadas por práticas de sujeição e disciplinamento a um discurso de corpo que objetiva a obtenção de uma melhor forma física e prolongamento da juventude.

Os adventistas vegetarianos são aqueles que demonstraram maior conhecimento da mensagem de saúde, aprofundados no que diz respeito aos seus objetivos, sentidos e significados. Indiretamente também demonstraram mais conhecimento sobre o sentido do corpo como “templo do espírito”, com o discurso de saúde. Ao mesmo tempo se mostraram mais engajados em atividades voltadas para questões do cuidado com o corpo na sua congregação. Por exemplo, Laura, além de atuar dentro do Ministério de Mordomia, também auxilia o Ministério da Saúde. Do mesmo modo, Daniel que o conheci em uma tarde sobre saúde na IASD do Benedito Bentes. Gilberto, é um dos anciãos da igreja e cuida do Ministério de Saúde. Já Cahet, formado em Educação Física ministrava semanalmente aulas de exercícios físicos na igreja para a membresia. Também demonstraram que são aqueles que tem utilizado com frequência estratégias, negociações e construções diárias para se adequar as exigências sociais seculares que muitas vezes confrontam suas crenças religiosas, sobretudo no campo da alimentação e dos usos e valores do corpo.

Assim, ao serem confrontados sobre seus conhecimentos a respeito dos discursos modernos de “corpo perfeito e saudável” ficou demonstrado uma preponderância maior da visão ético-religiosa sobre tais temas:

Olhe, isso daí vai sair um pouco da modéstia porque exaltação só a Deus. A gente não deve exaltar homens. Corpo perfeito eu creio que assim foge do que Deus quer para mim. Deus quer um corpo saudável. Consequentemente o seu corpo saudável, se você seguir os padrões das leis de saúde você não vai ser uma pessoa obesa, você não vai viver doente, você não ter essas doenças que hoje assolam o mundo como depressão, hipertensão, diabetes (LAURA, 36 anos, vegetariana).

Enfim, eu tinha essa proposta inicial, sendo que eu hoje que já tive oportunidade de conhecer (refere-se a mensagem de saúde adventista) hoje a atividade física, o exercício a questão do corpo bonito para mim hoje ela é consequência de um resultado, de um, de um tempo que você vai ter para ter praticando alguma atividade. Eu hoje busco atividade física para ter qualidade de vida, para ter saúde, principalmente para ter uma melhor comunhão com Deus. Ter mais qualidade de vida e isso favorecer a minha comunhão com Deus (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Eu penso assim, que não é o corpo bonito que vai deixar você melhor ou pior. Para você querer chamar a atenção fisicamente não. A alimentação... deve ser saudável para a gente viver um “período melhor de saúde”. De evitar problemas que está acontecendo, né?! No nosso dia a dia. Como diabete, colesterol, pressão. O discurso de alimentação de Ellen White tem a ver com espiritualidade, não é? É porque quando a gente está bem (JANE, 33 anos).

A maioria dos interlocutores apontaram que cuidar do corpo voltando para aspectos estéticos e hedonistas seria fugir do propósito da mensagem de saúde. O que demonstra que a religião é um aspecto fundante na maneira de pensar o corpo particularmente entre os membros da IASD. Ao que parece, os discursos hegemônicos sobre o corpo colidem com os ideais de modéstia e simplicidade cristãs. Assim como os ideais de corpo defendidos pelo iasidianos que o entendem como instrumento de adoração. Opiniões sobre o tema evidenciaram, ao menos no discurso, que padrões corporais que impõe um ideal de beleza e juventude não são discursos muito bem recebidos entre membros. O que não significa afirmar que eles não se preocupam com a aparência pessoal. Tal como observado nas falas de Daniel, para o qual melhorar a aparência não é um problema, mas não deve ser uma prioridade a ser almejada.

Hoje é uma questão (a busca por um corpo perfeito) é o que a sociedade nos coloca. A sociedade diz. Tem a questão do consumismo. Tem a questão da busca pelo o corpo perfeito de ter um corpo sarado, chamar a atenção das pessoas, ser bonito. Ter um certo padrão de beleza. Hoje realmente e isso não é o mais importante. Isso é consequência. Isso acontece com naturalidade, mas o mais importante é ter a saúde e a qualidade de vida. Um estilo de vida. E isso te trazer um melhor benefício na sua comunhão com Deus. Então é dessa forma que a mensagem de saúde ela é passada. (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

É reconhecido o fato de que a proposta de Ellen White se distancia dos discursos de corpo que exalta um ideal estético e de saúde em detrimento de outras. Entretanto, igualmente aponta que desleixo com aparência pessoal não é algo saudável “O verdadeiro filho de Deus

deve ser asseado e limpo. Ao mesmo tempo em que devemos guardar-nos contra adornos e ostentação desnecessários, de modo algum devemos ser descuidados e indiferentes no que tange a aparência exterior. Tudo o que se relaciona com nossa pessoa e nossos lares deve ser limpo e atrativo. ” (WHITE, 2007b, p 103).

Desse modo, entendendo cuidados corporais como um meio de oferta, adoração e santidade, os adventistas, demonstraram ser bastante avessos as cirurgias plásticas, conforme apontado nas falas:

Olhe, eu não faria. Embora exista as cirurgias plásticas corretivas diante de um acidente. Assim, eu não julgo, né, mas nesse caso talvez (caso de acidentes) diante de umas certas circunstancias seja necessário, daí seja necessário um corretivo e seja sua vontade para ter uma melhor qualidade de vida. Talvez seja necessário fazer algum enxerto, alguma coisa. Agora fazer uma cirurgia plástica para simplesmente melhorar a minha beleza física ela vai se enquadrar dentro daquele mesmo padrão; de você buscar fazer uma atividade física para ter uma beleza física, daí foge do proposito (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

Se for uma cirurgia no sentido de corrigir uma doença, alguma coisa ou alguma enfermidade, né? [...] agora se for uma questão de uma doença, uma criança que nasce com um lábio leporino, que precisa de uma cirurgia, aí que creio que não tenha problema. A cirurgia plástica ela não é só para vaidade porque hoje atualmente é utilizado para isso. Para você alinhar seu corpo, para aumentar o que você não tem, aquilo tudo... colocar o que você não tem. Eu creio que isso não é a vontade de Deus, daí você não está se contentando com o que Deus lhe deu, mas assim, logicamente. Além disso, existe uma vaidade no ser humano. Agora você se vestir, você se arrumar bem, se aparentar cheiroso, bonito, isso aí não. Isso aí é questão de limpeza (LAURA, 38 anos, vegetariana).

A pessoa para chegar numa cirurgia plástica principalmente voltada para o lado da estética por conta de querer manter um corpo, uma aparência de um corpo sem procurar fazer realmente o que é correto (refere-se a fazer exercícios e adotar alimentação saudável) eu não concordo...” (CAHET, 37 anos, vegetariano).

Na verdade, não há qualquer proibição da parte dos adventistas para a realização de cirurgias plásticas, mas a opinião geral defendia apenas em situações corretivas. No caso de Jane, 33 anos, vendedora externa foi ainda mais categórica ao dizer que mesmo nestas situações não seria correto ao cristão.

Eu acho que a gente não tem que modificar o que Deus fez não. [...] . Eu aprendi com uma colega minha, uma cliente que a partir do momento que a gente começa a amar a Deus e a se amar as pessoas vão aprender a amar a gente da maneira que a gente é. Porque se você se acha feio você vai passar para aquelas pessoas que você é feia. Se você se acha bem... pensa eu sou bonita do jeito que eu sou independentemente de você ter a orelha grande ou for gorda ou for magra. Se você tiver uma autoestima, confiar em Deus, amar a Deus e se amar as pessoas não vão ter força de te deixar para baixo. Elas mesmo vão se tocar e vão parar de mexer com você (JANE, 33 anos).

As falas demonstram que cirurgias estéticas não seriam algo adequado ao cristão, mesmo porque no Cristianismo há um discurso de aceitação do corpo, pois sendo obra de Deus não pode ser modificado. Ademais, conforme observado nas falas dos interlocutores melhor do

que uma cirurgia estética seria adotar regimes de saúde, pois acreditam que uma alimentação natural, adequada, somados a prática de exercícios físicos e os oito remédios naturais, além de evitar problemas de saúde corrigiria defeitos estéticos. Nesse caso, gorduras, estrias, celulites, etc.

Giorgio Agamben (2005) ao falar sobre o conceito de dispositivo entende-o como um conceito técnico importante dentro do pensamento foucaultiano. É compreendido pelo autor como uma série de práticas e mecanismo “ [...] ao mesmo tempo linguísticos e neolinguísticas, jurídicos, técnicos e militares). Com o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito. ” (p. 11). Diante dessa perspectiva, a preocupação contemporânea em se adequar a um tipo idealizado de corpo poderia ser compreendida como um dispositivo de controle dotados de uma série de saberes e poderes que assujeitam os indivíduos, produzindo as subjetividades. Há todo um conjunto de técnicas, práticas e mecanismos, articulando poderes e saberes que configuram e disciplinam o corpo e os sujeitos segundo determinados ideais estéticos. Diante dos quais é praticamente impossível não se submeter ou passar indiferente. Os iasidianos também estão sujeitos ao controle do discurso do corpo do mesmo modo que ao controle do discurso religioso e em meio a esse conflito procuram se ajustar a moral evangélica, elaborando estratégias ou conciliações.

As estratégias utilizadas pelos interlocutores para negar/aceitar as cirurgias estéticas apontaram como as mais apropriadas aquelas que corrigisse imperfeições que afetassem sua vida cotidiano ou autoestima, e não simplesmente uma correção puramente estética. Desse modo, percebe-se que o ideal contemporâneo de corporeidade não se mostra bem receptivo entre os adventistas. Isso foi percebido não somente nas falas dos interlocutores, mas também nas palestras realizadas dentro da congregação. Do contrário ocorre, ocorre em relação dos diversos tipos dietas alimentares disseminados pela mídia, cujas críticas foram evidentes. Já que, acreditam que é a Mensagem de Saúde seria o regime mais correto, justamente por seu valor religioso e nutricional. Por acreditarem ser uma indicação divina, consequentemente entendem como a forma mais correta de cuidar do corpo.

Olhe, minha amiga já fiz várias dietas [...] só que eu não conhecia a mensagem de saúde. Eram dietas feitas totalmente fora do que Deus quer. E eu ficava assim pensando “ meu Deus, ” eu me sacrificava muito. A gente olhando a dieta que é prescrita a gente se sacrifica mais do que fazendo uma dieta segundo os moldes do Senhor. Porque as coisas do Senhor as dietas (dietas eu digo assim uma reeducação alimentar que Deus quer para a gente) são coisas simples como eu já disse a você. Então assim, quando eu conhecia a mensagem que eu fui fazer uma reeducação alimentar vi que são coisas tão simples que foge de todo esse padrão de que o povo impõe (refere-se as dietas do mundo secular). É muita coisa industrializada. É muita coisa que energiza seu corpo. E você termina assim perdendo gordura, mas ganhando sei lá distúrbio mental. Entendeu? (LAURA, 36 anos, vegetariana).

Assim, vale a pena a gente tentar fazer. Se as pessoas (eu estava até conversando com uma aluna minha) se a gente aceita tantos modelos de dieta porque a gente não tenta a vegetariana de acordo com os princípios de Deus para ver o que seria mudado dentro do corpo da gente no organismo. Para as pessoas que estudam a palavra de Deus tem uma história que é belíssima de Daniel. Ele pediu só dez dias e não foi nos dez dias e não foi só nos dez dias “ah ele fazia as coisas erradas e em dez dias fazia o que era correto” não ele fazia e ali Deus mostrou que ele poderia ser daquilo para melhor e tanto é que saiu honrando ele. A mesma coisa da gente. Se a gente quer ter saúde porque a gente não pode optar por um estilo de vida diferente, livre de um monte de coisas. (CAHET, 37anos, vegetariano).

A crítica as dietas alimentares disseminadas pela mídia e pela medicina foi sentida entre os adventistas vegetarianos, que demonstraram ter maior conhecimento da Mensagem de Saúde. Portanto, justificam suas críticas, por acreditar que o correto seria uma reeducação alimentar natural que fornecesse todos os tipos de nutrientes necessários para o corpo. Para esses adventistas o mais adequado, portanto, seria a adoção de um estilo de vida saudável não somente em relação a alimentação, mas também que envolva o corpo, a mente e também o comportamento social. Se afastando do uso de drogas como álcool, cigarro, refrigerantes, assim como abandonando o consumo de alimentos cárneos, comidas extremamente condimentadas, bebidas estimulantes e industrializados.

Eu já adotei essas dietas alimentares (que são oferecidas na mídia) e até hoje digo o seguinte existe uma diferença de estilo de vida, reeducação alimentar para dieta [...] a reeducação alimentar é um estilo de vida. Você muda porque você ver, assim como um médico diz olha tu vais evitar carne e certos alimentos porque você está passando por esse problema e depois você vai voltar então não vejo sentido. Se aquilo não vai ajudar a melhorar a sua saúde porque depois que você atinge aquele resultado você vai voltar a utilizar aquilo novamente. Então eu vejo a dieta como algo assim muito superficial. A pessoa precisa realmente mudar, trabalhar, pedir a Deus nessa orientação é uma reeducação alimentar. Ter um novo estilo de vida (DANIEL, 36 anos, vegetariano).

As opiniões manifestadas pelos vegetarianos se mostraram bastante distintas do não-vegetarianos. Já que, esses últimos demonstraram pouca informação sobre ambos discursos de saúde (secular e adventista) e particularmente indiferente ao seu conteúdo. Obviamente que isto faz nos fazer notar que o conhecimento sobre Mensagem de Saúde dos adventistas-vegetarianos é um marcador fundamental nas suas concepções, ideias, valores e práticas sobre o corpo. E que os fazem desconfiarem do ideal contemporâneo de corporeidade, tal como de suas facilidades.

Eu acho válido. Se for para ajudar as pessoas. Algumas pessoas que tem obesidade são boas porque pode causar alguns problemas. Se for para dieta (referindo-se a saúde) tranquilo contanto que não peça para você comer coisa que não deve aí eu já não recomendo, mas seguir uma dieta eu não vejo problema. É uma questão de saúde, né? (JOSIMAR, 26 anos).

Para mim elas são parecidas (refere-se a mensagem de saúde adventista com o discurso de saúde secular), mas questão de preferência eu não tenho preferência por nenhuma não. Eu tenho preferência pelo que vai me fazer bem. Se eu vejo que o

alimento ele vai me fazer bem e não vai causar nenhum problema a minha saúde aí eu sigo, mas questão de um ser melhor que o outro não (GEISY, 21 anos).

É possível perceber que para os adventistas não-vegetarianos não havia critérios para diferenciar ambos discursos de saúde, tampouco refletiram sobre se essas “modas de dietas” se adequava aos seus princípios de saúde. De modo geral, demonstravam indiferença a essas questões. Porém, já os vegetarianos desenvolviam estratégias e justificativas para se afastar das mesmas e adequar-se aquelas que não afetam seus princípios, conforme enfatiza uma das lideranças da Igreja.

Se você pega uma dieta dessa e compara com a Ellen White ou com uma nutricionista uma profissional está falando você segue não há problema nenhum. Agora de que você tenha cuidado de onde veio. Quem fez isso? Qual é a fonte? Ah foi uma nutricionista renomada, profissional reconhecida que fez trabalho maravilhoso na área? Ok. Mas não é só o fato de estar ali na Internet ou em um programa de TV que você deve fazer. [...] pegar e passar em um crivo. Olha se está dentro desse padrão, beleza? E o padrão é o quê? É que o que está escrito nos escritos de Ellen White e também dos profissionais (PASTOR IASD).

Para a adesão a esses padrões implica necessariamente uma concordância com os seus princípios religiosos e de saúde. Esse posicionamento mais crítico dos interlocutores em negociar, elaborar justificativas e impor limites aquilo que vão de encontro aos seus princípios demonstram uma prática de cuidado com o corpo e alimentação orientada segundo suas questões éticas e teológicas. Isso logicamente acaba refletindo nos seus hábitos diários, nas suas rotinas cotidianas que, por sua vez, influi na construção de sua identidade. Há todo um planejamento estratégico nas escolhas de produtos, bens e serviços, a fim de sejam filtradas para que não afrontem seus princípios religiosos. Suas escolhas são condicionadas pelas suas crenças religiosas de modo voluntário dentro de uma variedade de possibilidades que são oferecidas.

As falas dos interlocutores evidenciavam que sua dieta alimentar não poderia ser pensada apenas como uma prática saudável que visa buscar melhor qualidade de vida, mas que estavam envolvidas com a sua religiosidade e crenças espirituais. Passa pelo entendimento de que o corpo enquanto “Templo do Espírito Santo” é um espaço de adoração, oferta e conflitos. Dessa forma, atividades tão cotidianas como comer passam a ser um elemento importante não somente no seu relacionamento com Deus, mas também sua posição no mundo. Percebe-se ainda mais que quando o fiel tem conhecimento do significado e sentido do seu corpo para a religião, seus hábitos, comportamentos, e valores esse passa receber maior atenção. Igualmente calha a ser prática de reflexão mesmo que indiretamente.

É possível notar que entre os vegetarianos, ter acesso ao conhecimento aprofundado da mensagem foi fundamental para a adoção de um estilo de vida saudável. Não somente como

fonte de informação, mas também para oferecer meios que pudesse sustentar esse estilo de vida. Do mesmo modo, se pode notar que aqueles que se mantêm seguindo apenas as restrições bíblicas do Levítico, embora reconheçam a importância e alguns pratiquem atividades físicas, seja na academia ou na praça pouco se aprofundaram no conhecimento da Mensagem de Saúde.

Portanto, as falas identificam que uma forte predominância da moral religiosa, no que diz respeito aos cuidados e posturas corporais, mas que não significa que os atores desconsideram os saberes e práticas do mundo secular. Nota-se, que há negociações, concessões e reflexões de uma forma que possa conformar o discurso de saúde e do corpo com sua moral religiosa. Há também uma preocupação dos fiéis em defender a legitimidade de sua doutrina de saúde, demarcando seu espaço e sua identidade

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a Mensagem de Saúde adventista implica necessariamente um conhecimento sobre os sentidos e significados do corpo para essa confessionalidade. Implica também um conhecimento sobre as próprias origens da instituição, haja vista que, por trás de seu surgimento há um contexto histórico e social que explica a constituição de muito das doutrinas, moral e conceitos, dos quais advém sua noção de corporeidade. A noção de corpo racional que deve ser submetido a razão a fim de conter os excessos, paixões e perversões, de modo a alcançar um equilíbrio moral capaz de discernir o certo e o errado. Trata-se de discursos que mantêm bastante similaridade com as ideias sobre saúde muito difundidas na Era Vitoriana, daí a importância de levantar esse histórico.

O corpo entre os adventistas é entendido como templo do Espírito Santo, um instrumento por meio do qual se relacionam com Deus e também por ele se expressa sua religiosidade, seus valores e sua identidade enquanto ser religioso. No entanto, se trata de uma definição oficial apresentada nos documentos e demais publicações da instituição. Entre os membros, o corpo, adquire outros significados como, por exemplo, o de instrumento de adoração e consagração, utilizando seus dons e talentos para a obra. Ou então, como forma de expressar sua identidade e signos de pertença religiosa através de comportamentos e posturas éticas que o identifiquem como um cristão.

Contudo, também foi observado ao longo do trabalho que mesmo dentro da religião o corpo não pode ser reduzido apenas a um simples instrumento, reproduzidor de crenças e valores. Há espaço para o agenciamento dos atores que podem atribuir diversos usos ao seu corpo, isto é, inventar, criar, transformar, resistir e não somente restringir ao o controle e ao assujeitamento.

O agenciamento do corpo na religião fornece parâmetros para pensar as diversas possibilidades e experiências religiosas no mundo contemporâneos. Os quais possibilitam ir além dos itinerários já conhecidos e tão pesquisados no âmbito das Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia.

Permite também entender e refletir sobre as novas configurações de corpo, e processos de construção de identidades, especialmente em um contexto social de novas configurações de religiosidade desenvolvidas no contemporâneo. Uma religiosidade em que o crente detém maior autonomia sobre suas trajetórias e formas de expressão, ampliando os cenários das manifestações religiosas da sociedade atual.

Também compreender os agenciamentos religiosos na formatação das subjetividades é importante para, juntamente com outros estudos sobre agenciamento, procurar entender as tendências dos grupos religiosos no contemporâneo. Sobretudo no que diz respeito a questões envolvendo corpo e construção das identidades religiosas.

Nesse sentido, nada melhor que entender esses agenciamentos a partir do cuidado com o corpo, seus investimentos e como adequam os discursos médicos, nutricionais, estéticos e educacionais sobre o corpo à moral religiosa. E indo além, observando como essas intervenções se refletem na sua corporeidade cotidiana, na sua forma de alimentar-se, de cuidar da saúde e de sua aparência pessoal

Desse modo, ao procurar conhecer como os fiéis adventistas pensam a relação entre discursos secular e sua doutrina de saúde, sobretudo quando certos conceitos confrontam sua ideal de corpo e santidade, levava a conhecer os fiéis e os usos e práticas corporais. Até porque, entre os adventistas “ser saudável” e “ser santo” são categorias que andam de mãos dadas. Sua mensagem de saúde compreende uma visão holística de saúde em que corpo, mente e espírito encontram-se interligados.

Também foi necessária a imersão no cotidiano da igreja e na literatura adventista, de maneira a tomar conhecimento sobre as disciplinas, usos, práticas e posturas corporais, assim como o trabalho de saúde desenvolvido pela igreja. A etnografia nesse caso foi extremamente importante, porque possibilitou um aprofundamento no cotidiano dessa confessionalidade, além de aproximação e interação com os fiéis, aumentando a rede de contato e consequentemente o conhecimento sobre o grupo.

Assim, é importante destacar que apesar da sujeição a moralidade religiosa, assim como as determinações de aconselhamento de saúde foi observado através da etnografia e das entrevistas que há uma agência do corpo e no trato com a saúde. Contudo, é uma agência limitada pelos discursos religiosos que por sua vez, exerce grande influência na forma como os atores usam, dispõem e exibem seus corpos. O discurso religioso de santidade, pureza e salvação parece presente no que diz respeito ao cuidado com a saúde e alimentação. Assim, os fiéis elaboram negociações e transações de modo que possa adequar determinadas práticas corporais seculares com a moral religiosa.

É possível observar ao longo do trabalho que os atores aceitam determinadas práticas, técnicas, discursos, ideias sobre o corpo e saúde do mundo secular, desde que não contradigam suas crenças. Nota-se nas falas dos atores que procuram conformar as ideias sobre corpo s com os ideais da cosmovisão de saúde adventista, afastando algumas práticas e se aproximando daquelas que não confrontam suas concepções de corpo, moralidade e santidade.

Assim, os investimentos sobre o corpo, suas noções de saúde, estética, alimentação, vestuário, cuidados com aparência pessoal procuram se adequar aos parâmetros da modernidade, demarcando a identidade dos fiéis e atuando na construção de suas subjetividades. O que demonstra não somente ter a religião como único fator constituinte, mas que também as preferências e gostos individuais dos atores. Como grande exemplo, está a os seus interesses pelas cirurgias plásticas que foram unânimes ao afirmar que somente fariam em situações para corrigir pequenos defeitos que por ventura interferiam em sua qualidade de vida, uma vez que somente para fins estéticos seria afrontar seus princípios de modéstia e decência.

Da mesma maneira podemos pensar questões relacionadas a sexualidade e aos relacionamentos que delimitam a forma de pensar e construir a corporeidade dos atores. Desse modo, trata-se de uma forma de agenciar o corpo, inscrevendo a identidade evangélica, mas sintonizadas com os padrões de normalidade que são aceitos e legitimados socialmente.

Todavia, mesmo sendo capazes de elaborar essas adequações e negociações observou-se entre os agentes que a preferência consciente pela mensagem de saúde adventista não simplesmente por se tratar de um sistema de um sistema de reeducação alimentar de qualidade, mas principalmente pelo seu valor religioso. Os adventistas fazem questão de frisar a legitimidade de suas crenças sobre saúde e a importância dela para sua vida espiritual e também para o entendimento sobre o sentido de corpo e santidade.

Contudo, essas negociações, adequações, concessões, imposições de limites e justificativas mais elaborados sobre práticas corporais e alimentares foi melhor observado entre os adventistas vegetarianos. Ao passo que entre os não-vegetarianos havia uma maior condescendência com certos discursos; uma maior relativização das concepções de saúde e corporeidade secular com a religiosa. A distinção entre ambos em momentos foi bastante evidente, a ponto de ver que a Mensagem de Saúde whiteana entre seus adeptos pôde ser entendida como um marcador de hábitos, comportamentos, valores e também na noção de corporeidade. Isso não significa que os não-vegetarianos não refletem sobre seus hábitos alimentares e de saúde, pois somente fato de se abster de determinados alimentos demonstram uma certa reflexão e conhecimento sobre o que seja uma alimentação saudável.

A intenção deste trabalho não foi esgotar o tema da Mensagem de Saúde e sua relação com o corpo, tampouco realizar um tratado sobre a corporeidade dos adventistas, haja vista, que essa pesquisa apresenta diversas limitações. Pois faltou contemplar discussões que envolvem os cuidados com a saúde entre os idosos e adolescentes, assim como dar melhor atenção aos membros em locais fora do ambiente da instituição. Já que, conforme analisado é um espaço que exige posturas corporais mais formalizadas, maior seriedade e, logo, menos

espontaneidade nos discursos e nas atitudes. Também foi observado que existem vários temas que foram abordados ao longo do trabalho, com superficialidade, tal como questões envolvendo a relação entre mídia, corpo e saúde. Ou entre corpo feminino que mereciam maior atenção, mas que podem render outros estudos no âmbito da Antropologia.

Neste sentido, espera-se ter contribuído com este trabalho para melhor compreensão acerca não somente do discurso de saúde adventista, mas também sobre as diversas manifestações religiosas que existem em nossa sociedade. Ademais, estudos sobre o corpo no protestantismo poderiam ser melhor explorados na Antropologia, visto que, o “mundo evangélico” fornece diversos campos de investigação que merecem ser contemplados a partir de diversas perspectivas teórico-metodológicas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. **Religião e repressão**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo? Trad. Nilceia Valdati. **Outra Travessia**, n 5, jul/dez, p: 8-16, 2005. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso 14 ago. 2017.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2 ed., 1988.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Revista Novos Estudos**, n 98, p. 105-115, jul/2013. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008> Acesso em 06 mar. 2016.
- _____. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>> Acesso em 06 jun. 2017.
- _____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BERGER, Mirela. Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem. In: **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, outubro/2007. p.121-160. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufes.br/sinais/article/download/2849/2315>> Acesso em 06 mar. 2016.
- BISPO, Telma Cavalcanti; LEVINO, Natallya de Almeida. Impactos ambientais decorrentes do uso e ocupação desordenada do solo: um estudo da região da periferia de Maceió/AL. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 31, 2011. Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte: ENERGEP, 2011. Disponível em:< http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2011_tn_sto_143_901_18402.pdf> Acesso em 06 mai. 2017.
- CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR. Disponível em:< <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4640/3800>> Acesso em: 26 jun. 2017.
- COMBLIN, José. **Cristianismo e corporeidade**. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER. São Paulo: Paulinas, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garambond, 2004

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como um paradigma para a Antropologia. In: _____ **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DARIUS, Fábio Augusto. O “Reino do Corpo” na obra holística de Ellen White: genealogias e propostas. In: REBLIN, Iuri Andréas; SCHAPER, Valério Guilherme; BOBSIN, Oneide (Orgs). **Cartografias do sagrado e do profano [recurso eletrônico] religião, espaço e fronteira**. São Leopoldo: EST, 2014. Disponível em: <http://173.192.223.218/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1417986704660/Amostra.pdf> Acesso em 06 mai. 2017.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

DUNN, James D. G. **Unidade e diversidade no Novo Testamento**: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Santo André: Academia cristã, 2009.

DUTRA, Roberto. A esquerda e os evangélicos: o que aprender com a vitória de Crivella. **Jornal El País**. São Paulo. 7 nov 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/07/opinion/1478529639_292165.html> Acesso em 23 fev. 2017.

DELUMEAU, Jean. **De religiões e de homens**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ERICKSON, Milard J. **Dicionário popular de teologia**. Trad. Emirson Justino. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2001.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. **Revista de Antropologia**, vol.41, n.2, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200004> Acesso em 23 fev. 2017

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramalhete. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Gulhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa e Rev. Paulo Guimarães de Couto. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986

FUCKNER, Ismael. **Corpos Santos e Saudáveis: práticas espirituais/terapêuticas entre adventistas no bairro do Marco (Belém-Pará)**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

_____. **Igreja Adventista**: um movimento da modernidade. In: XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. Mai/Jun. 2012. São Luiz, 2012. Disponível em: <<https://www.google.com.ua/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=>>

8&ved=0ahUKEwiFgN2vn9DVAhXMPFAKHxzPA28QFggqMAE&url=http%3A%2F%2Fwww.abhr.org.br%2Fplura%2Ffojs%2Findex.php%2Fanais%2Farticle%2Fview%2F626&usg=AFQjCNH4dTrZ6J5cPNltYUr7QBHnj0cVwQ > Acesso em 06 mar. 2016.

_____. A igreja adventista do sétimo dia: entre a modernidade e a pós-modernidade. **Revista Mosaico**, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2012. Disponível em:< <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/2501/1556> > Acesso em 06 mar. 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

_____. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL FILHO, Silvio Fausto. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpx, 2008.

GILLES, Lipovetsky. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIUMBELLI, Emerson; TAVARES, Fátima. (Orgs.) **Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos**. Salvador: EDUFBA: ABA Publicações, 2015.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **O nu e o vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, n 1, pp. 1-38, 2006. Disponível em:< http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_gomes.pdf > Acesso em 20 jul. 2016.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções (1789-1848)**. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. **Antropologia do corpo e da modernidade**. Trad.de Fabio dos Santos Crede Lopes. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2013.

LAHAYE, Tim. **Enciclopédia popular de profecia bíblica**. Trad. James Monteiro dos Reis. 3 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleia de Deus, 2010.

LOPES, Edson. **Fundamentos da teologia escatológica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013 (Coleção Teologia Brasileira).

KNIGHT, George R. **Adventismo**. Itajaí: Casa Publicadora Brasileira, 2015

MACHADO, Maria das Dores Campo. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 13, n 387-396, maio-agosto/2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26891>>. Acesso em 23 fev. 2017.

MALYSSE, Stéphanie. Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corporatária carioca. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **O nu e o vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.66-107.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Revista Esboços**, v. 9, n. 9, p: 87- 101, 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563/9837>>. Acesso em 23 fev. 2017.

MAUSS, Marcel. Noção de técnica do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: COSACNAIFY, 2013.

MARTINS, Leonardo Tavares. **O corpo e o sagrado: o renascimento do sagrado através do discurso da corporeidade**. Campinas: UNICAMP, 2003.

MALHEIROS, Isaac. Os adventistas do sétimo dia e o fundamentalismo cristão: Uma avaliação histórica e teológica. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 7, n 2, 2016, p. 223-247. Disponível em: < <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/1188>>. Acesso em 23 mai. 2017.

MEIRA JÚNIOR, Isaac Malheiros. **Dicta probantia: análise da hermenêutica do estilo de vida do jovem adventista**. 2015. 91f Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2015. Disponível em: < <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/540?show=full&locale-attribute=en>>. Acesso em 23 mai. 2017.

MENDES, Claudio Lucio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, abr/ 2006. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993>>. Acesso em 23 mai. 2017.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo: território do sagrado**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras errantes na época vitoriana: a preceptora, a prostituta e a louca. **Fragmentos**, Florianópolis, vol. 8 n 1, p. 61-71 jul. / dez, 1998. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6038/5608> >. Acesso em 08 abr. 2017.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Trajetórias do sagrado. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 20, n. 2, p: 115-132. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/06.pdf>> Acesso em 2 mar. 2017.

_____. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf>> Acesso em 10 out. 2017.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300012> Acesso em 10 nov. 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. São Paulo: editora UNESP, 2000.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, volume 11, número 1, pp. 59-77, 2003.

PACHECO, Sandra Simone Queiroz Moraes. **Alimentação e religião**: a influência da orientação religiosa na formação de hábitos alimentares de adventistas do sétimo dia. 2001, 169f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PEIRANO, Mariza, **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Morel e a questão da degenerescência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia**. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 490-496, setembro 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v11n3/12.pdf>>. Acesso em 31 jul. 2016.

RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. **NUMEN**, Juiz de fora, v.8.n.2, 2005. pp. 11-37.

RODRIGUES, José. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-Caroline. A comida dos favelados. **Revista Estudos Avançados**, v. 20, n. 58, p. 123-132, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/12.pdf>>. Acesso em 17 mai. 2017.

SANCHIS, Pierre. Religiões no mundo contemporâneo convivência e conflitos. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 9-23, 2002. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15114/15568>>. Acesso em 20 jan. 2016.

SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. Interfaces entre religião e ciência no discurso de saúde no adventismo. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES – MIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DAS RELIGIÕES, 10. 2008, Assis. **Anais eletrônicos...** Assis: ABHR, 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/schunemannn-haller.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2016.

_____. A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, a. 3, n. 1, p. 27-40, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_schune.pdf>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. **"O Tempo do Fim": uma história social da Igreja Adventista do Sétimo dia no Brasil**. 2002 421f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Instituição de Ensino: Universidade Metodista De São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd **Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. São Paulo: UNASPRESS, 2009

SANTOS, Wagner Augusto Moraes do. **Comentário a teologia do corpo de São João Paulo II**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Ciências Religiosas, 2015.

SÃO JOÃO PAULO II. **Teologia do corpo: o amor humano no plano divino**. Campinas: CEDET, 2014.

SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA, 21, 1998. Illinois, **Anais...** Illinois: Latim American Studies Association, 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Sarti.pdf>>. Acesso em 11 ago. 2017.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio Janeiro: FGV, 2002

SILVA, Jordânia Dannyelly do Nascimento. **Urbanização e saúde em Maceió, AL: o caso dos bairros Vergel do Lago, Jacintinho e Benedito Bentes**. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/731/1/Dissertacao_JordannyaDannyellyDoNascimentoSilva_2011.pdf>. Acesso em 08 mar. 2016.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE - Cad Prog Pós-Grado CioInf**. v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2016.

VALLE DE ALMEIDA, Miguel (Org.). **Corpo presente treze reflexões antropológicas sobre o corpo**. Oieras: Celta Editora, 1996. Disponível em: <<http://miguelvaledalmeida.net/books/CorpoPresente.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2017.

VAUCHEZ, André. O santo. In: LE GOOF, Jacques (org). **O homem medieval**. Lisboa Editora Presença, 1987.

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo**. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940)**. 2016. 235f. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://up.mackenzie.br/stricto-sensu/educacao-arte-e-historia-da-cultura/teses-e-dissertacoes->

detalhada/artigo/um-olhar-de-genero-sobre-a-trajetoria-de-vida-de-frida-maria-strandberg-1891-1940/ >. Acesso em 08 mar. 2017.

WACQUANT, Loic J.D. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

WEBER, Marx. **Ensaio de sociologia**. Trad. Waltensir Dutra. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, Editora S.A., 1982.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. Pietro Nascimento. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Publicações denominacionais

BORGES, Michelson. Preservando a memória. In: **Blog Adventismo no Brasil**. 31 agosto de 2007. Disponível em: < <http://www.adventismo.criacionismo.com.br/>>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. A chegada do adventismo à América do Sul. Uma história de fé, consagração e muito trabalho. **Revista Adventista**, ano 108, n. 1266, p. 8-11, nov. 2013. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>. Acesso em 13 fev. 2017.

CENTRO APOLOGÉTICO CRISTÃO DE PESQUISAS. **Adventismo do sétimo dia**. São José do Rio Preto, SP: Curso de Apologética ON-LINE, 2008. Disponível em: < <http://www.mmgr.com.br/sge/elearning/publicacoes/adventismo.pdf> >. Acesso em 08 nov. 2016.

COLLINS, Norma J. **Retratos dos pioneiros**. Tradução: Eunice Scheffel do Prado. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009

DOUGLASS, Herbert E. **Mensageira do Senhor**. Tradução José Barbosa da Silva. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

ENCICLOPÉDIA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Biblioteca Virtual Adventista**. 2010. Disponível em: < http://www.4shared.com/office/CEvGHuvJ/Enciclopedia_IASD.html?>. Acesso em 08 nov. 2016.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Estilo de vida e conduta cristã. In: **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**, ed. Raoul Dederen. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. Disponível em: < <http://downloads.adventistas.org/pt/institucional/documentos-oficiais/documento-estilo-de-vida-e-conduta-crista/> >. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. 27 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. In: **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/iasd/crencas-fundamentais-dos-adventistas-do-setimo-dia/>>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. **Documento oficial da igreja adventista com relação à música**. (2004). Disponível em: <<http://downloads.adventistas.org/pt/institucional/documentos-oficiais/filosofia-adventista-do-setimo-dia-com-relacao-a-musica/>>. Acesso em 08 mai. 2017.

_____. **Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia**. Trad. Helio L., Grellmann. 7 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. Disponível em: <<http://www.verdadeonline.net/textos/nisto-cremos-adventista.pdf>>. Acesso em 08 mai. 2017.

_____. **Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Trad. Belo dos Santos. 18 ed. Sabugo/ Portugal: Publicadora SerVir, S. A, 2010.

_____. **Documento sobre a liturgia do sábado**. 2011. Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/recursos/arquivos/ministerio/liturgia_sabado.pdf>. Acesso em 31 ago. 2017.

GRELLMAN, Hélio. Evangelismo e saúde. **Revista Adventista**, n 1, ano 92, p.32-33, jan/1996. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=2228&s=8857044/>>. Acesso em 14 nov. 2016.

LIPKE, John. Missão Este –brasileira. **Revista Adventista**, São Bernardo, ano 5, vol. 6, n. 9 e 10, p. 12, set/out 1911. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>. Acesso em 14 fev. 2017.

LOUGHBOROUGH, J. N. **O grande movimento adventista**. Serie: Legado dos Pioneiros Adventistas. Centro de Pesquisas Ellen G. White – Brasil, 2014. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/apl/portugues/Loughborough/O%20Grande%20Movimento%20Adventista.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2016.

OLIVEIRA, S. M. A Colportagem em Paraná e Santa Catharina. **Revista Adventista**, São Bernardo, ano 18, vol. 19, n 3, 1924. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb#>>. Acesso em 14 fev. 2017.

SANTOS, Hildemar. **Companhia de alimentos**. 8 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://noticias.adventistas.org/pt/coluna/hildemar-santos/companhias-de-alimentos/>>. Acesso em 08 nov. 2016.

SPIES, Frank W. Missão norte-brasileira: viagem à Maceió. **Revista Adventista**, São Bernardo, ano 2, vol. 3, n. 11, p. 6, nov. 1908. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>. Acesso em 13 fev. 2017.

TIMM, Alberto R. História da Igreja: primórdios do adventismo no Brasil. **Revista Adventista**, São Bernardo, ano 100, n. 2, p. 14, fev. 2005. Disponível em: <

<http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1893&s=1996307466>>. Acesso em 13 fev. 2017.

WILHELM, John W. Os colpotores estudantes. **Revista Adventista**, São Bernardo, ano 19, vol 19, n. 3, p. 12, mar. 1924. Disponível em: <<http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>>. Acesso em 14 fev. 2017.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre o regime alimentar**. Centro de Pesquisas White.2007. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos%20sobre%20o%20Regime%20Alimentar.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. **Conselhos sobre saúde**. Centro de Pesquisas White.2007b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos%20sobre%20Sa%C3%BAde.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. **A ciência do bom viver**. Centro de Pesquisas White.2013. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A%20Ci%C3%Aancia%20do%20Bom%20Viver.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2016.

_____. **Filhas de deus**. Centro White de Pesquisas. 2013b. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/A%20Ci%C3%Aancia%20do%20Bom%20Viver.pdf>>. Acesso em 08 mai. 2017

_____. **Música e sua influência na vida do cristão**. Centro White de Pesquisas. 2013c. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/M%C3%BAsica%20%E2%80%93%20Sua%20Influ%C3%Aancia%20na%20Vida%20do%20Crist%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 08 mai. 2017.

_____. **Conselhos sobre Mordomia**. Centro White de Pesquisas. 2013d. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/M%C3%BAsica%20%E2%80%93%20Sua%20Influ%C3%Aancia%20na%20Vida%20do%20Crist%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 23 mai. 2017.

Sítios

Adventistas. Org.

Centro de Pesquisas White

Home Escola Sabatina

Igreja Adventista do Sétimo dia em Lavinia.com

Blog Reforma de Saúde

Ache tudo e região.com.br

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL



INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Dados gerais

Nome:

Nome para pesquisa:

Sexo:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Estado civil:

1. Por que você fez opção pela religião adventista. Fale sobre suas motivações.
2. Comente sobre as restrições alimentares difundidas pela doutrina da igreja baseadas em Levítico 11 Você as cumpre integralmente? Você as considera importantes? Por que?
3. O que você sabe sobre os conselhos de alimentação vegetariana ensinado pela Ellen White
4. Por que ter uma vida saudável é importante para o/a adventista?
5. Além do que é ensinado pela Igreja, gostaria de saber se você busca informações sobre alimentação saudável, dieta, exercícios físicos em outras fontes como internet, tv, revistas especializadas, etc.?
6. Você pratica atividades físicas? Com que frequência? Você já praticava antes de adentrar na igreja?
7. Comente sobre os cuidados com o corpo que são ensinados pela Igreja, isto é, os oito remédios naturais. Você os utiliza? Quais? Como?
8. Fale da importância do vestuário para os adventistas. Há regras no que diz respeito às vestimentas e a limpeza corporal?
9. Na igreja há diferenciações entre homens e mulheres no que diz respeito essas formas de apresentação em público?
10. O que você pensa sobre esses ensinamentos da tv/rádio/internet a respeito de a mulher/homem ter um corpo perfeito e saudável?
11. O que você pensa sobre pessoas que fazem cirurgias plásticas para corrigir possíveis imperfeições corporais?
12. Fale sobre a importância dos ensinamentos sobre dieta alimentar que passa na Tv/internet, mídia que incentiva as pessoas a terem uma vida saudável.